

"I love Merit!"—*USA Today*
Bestselling Author Julie Kenner

SOME THINGS ARE
BEST LEFT IN THE DARK.

FRIDAY NIGHT BITES

A CHICAGOLAND VAMPIRES NOVEL

CHLOE
NEILL

AUTHOR OF *SOME GIRLS BITE*







Série Chicagoland

Livro 2

*Friday Night
Bites*

Chloe Neill





Sinopse:

Dez meses após vampiros revelarem sua existência aos mortais de Chicago, estão desfrutando de um status de celebridade normalmente reservados para a elite de Hollywood. Mas se as pessoas aprendem sobre as festas Raves, alimentação em massa onde os vampiros escolhem os seres humanos como gado, os cidadãos começarão a evitar as suas participações.

Agora até a nova vampira Merit se reconecta com sua família de classe alta e atua como elo de ligação entre os seres humanos e vampiros, e mantém os aspectos mais desagradáveis da vida do vampiro para fora dos meios de comunicação. Mas alguém não quer a paz entre eles, alguém com um rancor antigo...



Capítulo 1

— *M*ais alto Merit. Traga esse chute mais para cima. Mmm-hmm. Melhor.

Chutei novamente desta vez mais alto, tentando me lembrar de esticar os dedos dos pés, de encolher a barriga, e agitar os dedos das minhas "mãos de jazz" como pediu incessantemente a nossa instrutora.

Ao meu lado, e consideravelmente menos entusiasmada, minha melhor amiga e em breve, minha "ex-companheira de quarto" Mallory, resmungou e deu outro chute. O grito era um peculiar acompanhamento para o equilíbrio do cabelo azul e a cara de beleza clássica, mas ela estava irritada o suficiente para tirá-la mais adiante.

— Lembre-me porque você me arrastou para isso?

Nossa instrutora, uma loira peituda com brilhantes unhas cor de rosa e bochechas afiadas; aplaudiu. Seus seios balançaram com a batida. Era impossível deixar de olhar.

— Com mais intensidade senhoritas! Queremos cada par de olhos no clube sobre os nossos corpos! Vamos lá, ao trabalho!

Mallory jogava facas pelos olhos na instrutora que demos o nome de "Barbie Aeróbica." *Mal*¹ fechou os punhos e deu um passo ameaçador para frente, mas enrolei um braço ao redor de sua cintura antes que ela pudesse dar uma facada na mulher que pagamos para que nos fizesse entrar nos jeans justos.

— Acalma o fogo. — adverti-lhe, usando um pouco da minha força de vampiro de dois meses de idade para mantê-la no lugar, apesar dos socos voadores.

Mallory resmungou, mas, finalmente, parou de lutar.

Ponto para a vampira novata, eu pensei.

— Que tal um golpezinho civilizado? — perguntou, soprando uma mecha de cabelo azul da testa.

¹ Abreviatura de Mallory.



Neguei com a cabeça, mas a deixei ir. — Bata na instrutora, isso vai te trazer mais atenção do que precisa *Mal*. Lembre-se do que Catcher disse.

Catcher era o bruto namorado de Mallory. E como meu comentário não merecia um resmungo, obtive um feio grunhido com olhos ferozes. Catcher amava Mallory e Mallory amava Catcher. Mas isso não significava que ele gostava dela todo o tempo, especialmente desde que ela estava lidando com uma perfeita tempestade sobrenatural centrada sobre nossa Chicago. No espaço de uma semana, eu fui transformada involuntariamente em vampiro, e descobrimos que Mallory era uma feiticeira ainda em formação. Algo como, poderes mágicos e gatos pretos e as Chaves superiores e inferiores, as divisões da magia.

Assim, minhas primeiras semanas como vampiro tinham sido extraordinariamente atarefadas. Como em "Young and the Restless"², mas com um pouco mais de gente morta.

Mal ainda estava se acostumando com a ideia de que possuía o seu próprio drama paranormal, e Catcher, já com problemas com a *Ordem* (a União Governamental dos Bruxos), estava seguindo-lhe o rastro bem de perto, sobre suas demonstrações de mágica. Deste modo Mallory estava sobrenaturalmente frustrada.

Inferno, nós éramos duas sobrenaturalmente frustradas, e Mallory não tem presas e nem um pretensioso Mestre com quem lidar. Então dado esse estado lamentável de coisas, por que estávamos deixando "Barbie Aeróbica" nos castigar, usando "mãos de jazz"? Em poucas palavras, era suposto este ser um tempo de qualidade, tempo de aproximação, para Mallory e para mim.

Porque eu estava me mudando.

— Bem. — Barbie continuou, — Adicionaremos essa combinação que aprendemos na semana passada. Um, dois, três e quatro, e cinco, seis, sete e oito. — A música alcançou uma palpitante batida, enquanto ela girava sobre seu eixo e chutava com o baixo e pesado ritmo. Imitamo-la o melhor que pudemos; com Mallory tendo um pouquinho mais de dificuldade para não pisar no próprio pé. Meus anos de aulas de balé - e a velocidade de pés que o vampirismo tinha me dado - estavam realmente servindo-me, apesar da humilhação de uma vampira de 28 anos fazendo "mãozinhas de jazz".

Deixando de lado o entusiasmo de Barbie, o fato de que nós estávamos fazendo as mãos de jazz em uma aula de dança hip hop não dizia muito sobre suas credenciais. Mas a aula ainda era uma melhoria em relação ao meu treinamento habitual. Minhas

² The **Young and the Restless** é uma ópera exibida nos EUA pelo canal CBS.



sessões de exercícios eram geralmente pesadas, porque só há poucos meses, havia sido nomeada *Sentinela* da minha Casa.

Para encurtar um pouco a história: Os vampiros americanos estavam divididos em Casas. Chicago tinha três, e eu havia sido iniciada na segunda mais antiga delas - Cadogan. Para surpresa de muitos, dado os meus antecedentes (pensem na universidade e literatura romântica medieval) tinha sido nomeada *Sentinela*. Mesmo que eu ainda estivesse aprendendo o ofício, ser *Sentinela* significa que eu devo agir como uma espécie de *Vampira Guardiã*. Resulta que, apesar de eu ter sido uma humana bastante nerd, era uma vampira consideravelmente forte. Ser *Sentinela* também significa treinar, enquanto os vampiros americanos negociam em veludo preto e lenços de Armani e iPhones. Eles são muitos da velha guarda em relação a um monte de coisas - feudais em uma grande quantidade de questões - incluindo as armas. Junte tudo isso e acaba que, eu passei a aprender como manejar a antiga *katana* que tinha sido entregue a mim para defender a Cadogan e seus vampiros. Coincidentemente, Catcher era um especialista na segunda das *Quatro Chaves* – armas - de forma que ele havia sido encarregado de me preparar para uma luta vampírica. Como uma vampira novata, ter Catcher como companheiro de luta não era exatamente grandioso para a confiança.

A Barbie Aeróbica lançou a si mesma em um frenesi de hip-hop, levando a aula para o fim com uma combinação múltipla de passos, que terminou com muitas de nós olhando descaradamente os espelhos que circulavam o estúdio de dança. Sessão concluída, ela aplaudiu e fez alguns anúncios sobre as futuras aulas nas quais Mallory e eu, seríamos arrastadas, gritando e esperneando, para fazer.

— Nunca mais, Merit. — disse ela, caminhando para o canto da sala onde havia colocado sua bolsa e uma garrafa de água antes da aula começar.

Eu não poderia estar mais de acordo com ela. Embora amasse muito dançar, o movimento de quadril sob as instruções da saltitante e jogadora de peitos envolvia pouca dança real e excessivo decote. Precisava respeitar a minha professora de dança, e respeito não era exatamente o tipo de emoção que a Barbie inspirava.

Nós nos sentamos no chão para nos preparar para o nosso regresso ao mundo real.

— Então, Sra. Vampira. — ela perguntou. — Você está nervosa com a mudança para a Casa?



Olhei em volta, não tendo certeza de quanta conversa deveria estar tendo sobre as questões vampíricas. Os vampiros de Chicago haviam anunciado sua existência para Chicago, ruidosamente, há 10 meses, e como podem imaginar, os humanos não ficaram inicialmente animados em saber que nós existíamos. Revoltas. Pânico. Investigações do Congresso. E então, as três Casas de Chicago se viram envolvidas na investigação de dois assassinatos, assassinatos supostamente cometidos por vampiros de Cadogan e Grey, as mais recentes Casas de Chicago. Os Mestres destas Casas, Ethan Sullivan e Scott Grey, temiam a atenção.

Mas o Mestre da Terceira Casa (Navarre) estava em convivência, era manipuladora e quem na realidade, tinha planejado tais assassinatos. Mesmo assim, ela era muito bonita, de fazer cair morto, sem intenção de trocadilho. Ela poderia muito bem ter saído de um editorial divulgado pela Vogue. Cabelos escuros e olhos azuis (como eu), mas com uma arrogância que deixava as celebridades e líderes culturais com vergonha.

Os humanos estavam encantados, fascinados por Celine Desaulniers.

Sua beleza, seu estilo e sua capacidade de manipular mentalmente aqueles ao seu redor era uma combinação irresistível. Os humanos queriam saber mais sobre ela, ver mais, ouvir mais de Celina.

Ela ter sido responsável pela morte de dois humanos; ter planejado os assassinatos e confessado, não tinha minimizado seu fascínio. Nem o fato de que ela tinha sido capturada (por Ethan e eu, claro) e extraditada para Londres para ficar presa no Presídio de Greenwich - o município que governava os vampiros da Europa Ocidental e Norte da América. E em troca disso, o resto de nós, a maioria absolvida, que não a havia ajudado a cometer estes crimes hediondos, tinham tornado-se muito mais interessantes.

Celina conseguiu o que queria, ela pôde jogar de “a pobre vítima torturada”, e nós tivemos um presente antecipado de Natal: demos um passo para o vazio de sua celebridade.

Camisetas, bonés e pingentes de Grey e Cadogan (e para os mais mórbidos, de Navarre) estavam disponíveis para venda nas lojas ao redor de Chicago. Havia sites oficiais de fãs das Casas, “Eu ♥ Cadogan” em etiquetas, e novas atualizações dos *Vampiros da Cidade*.

Ainda assim, notórios ou não, tentei não espalhar muitos detalhes sobre as Casas pela cidade. Como Sentinela, fazia parte do grupo de segurança da Casa. Então,



dei uma olhada no ginásio e me assegurei de que estivéssemos sozinhas, que intrometidos ouvidos humanos não estivessem sorrateiramente nos ouvindo.

— Se você está debatendo sobre o quanto você pode dizer. — disse Mallory, abrindo a tampa de uma garrafa de água. — Eu envio um toque mágico para que nenhum dos nossos amiguinhos humanos possa ouvir esta conversa.

— Sério? — virei à cabeça para olhá-la, tão rápido que meu pescoço estalou; a pontada de dor, fechando meus olhos.

Ela bufou. — Claro. Como se ele me deixasse usar M-A-G-I-A em torno das pessoas — murmurou e em seguida, tomou um grande gole de água.

Ignorei a referência ao Catcher, nós nunca teríamos uma conversa decente se eu levasse um tempo para reagir a todos elas, respondi a pergunta sobre a Grande Jogada.

— Estou um pouco nervosa. Ethan e eu, você sabe, temos a tendência de irritar um ao outro.

Mallory ingeriu sua água, depois enxugou a testa com as costas de sua mão. — Ah, sei lá. Vocês dois são “melhores amigos pós-morte”.

— Só porque nós conseguimos brincar de Mestre e Sentinela por duas semanas sem rasgarmos nossas gargantas não significa que somos “melhores amigos”.

Na verdade, eu havia tido um contato mínimo com o Mestre de Cadogan - o vampiro que havia me criado - durante essas duas últimas semanas, por opção. Mantive minha cabeça baixa e minhas presas guardadas enquanto observava e aprendia como as coisas funcionavam na Casa. A verdade é que eu havia tido problemas com Ethan no início - tinha sido transformada em vampira, sem o meu consentimento, minha vida humana despojada porque Celina tinha planejado que eu fosse a sua segunda vítima. Seus subordinados não tiveram êxito ao tentar me matar, mas ele tinha conseguido me transformar – no âmbito de salvar minha vida.

Francamente, a transição fedia. A adaptação de estudante universitária a guardiã vampira era, para dizer o mínimo, desconfortável. Como resultado, lancei um monte de palavrões na direção de Ethan. Finalmente decidi aceitar a minha nova vida como membro da comunidade dentuça de Chicago. E embora eu não tivesse certeza de ter me reconciliado com o fato de ser um vampiro, eu estava tentando.



Ethan, porém, era mais complicado. Nós compartilhamos um tipo de conexão, algum tipo de intensa química e irritação mútua um pelo outro. Ele agia como se eu fosse inferior a ele, eu normalmente achava que ele era um pretensioso pedaço de pau na bunda. Esse "geralmente" deve dar-lhes a ideia de meus sentimentos conflitantes. Ethan estava para cair morto de tão bonito que era e um beijador de primeira categoria. Enquanto eu não tivesse me reconciliado totalmente com os meus sentimentos por ele, não achava que iria continuar o odiando.

A evasão ajudava a estabilizar as emoções. Consideravelmente.

— Não. — Mallory concordou. — Mas o fato de que o cômodo eleve em dez graus a temperatura cada vez que vocês estão próximos, significa alguma coisa.

— Cale-se. — eu disse, abrindo minhas pernas e descendo meu nariz até os joelhos para me alongar. — Eu não estou admitindo nada.

— E nem tem que fazê-lo. Eu vi seus olhos ficarem prata só de ficar perto dele. Esta é a sua admissão.

— Não necessariamente. — eu disse, colocando um pé na minha frente e apoiando-me em outra posição. Os olhos dos vampiros viram prata quando experimentam fortes emoções: fome, raiva, ou como no meu caso; a proximidade do bom-bocado³ loiro, Ethan Sullivan. — Mas devo admitir que ele é algo absurdamente delicioso.

— Como o sal e o vinagre nas batatas fritas.

— Exatamente. — eu disse e depois me sentei novamente. — Aqui estou eu, uma vampira tensa que deve a sua lealdade a um senhor Liege que não suporta. E, como demonstrou ser, você é um tipo de bruxa latente que pode fazer com que as coisas aconteçam apenas as desejando. Somos as anormais extremas da livre vontade - eu não tenho nenhuma e você tem demais.

Ela me olhou, então piscou e colocou a mão sobre o coração. — Você *Mer*⁴, e estou dizendo isso com amor, você é realmente uma nerd. — ela parou e colocou a alça da bolsa sobre um ombro. Segui seu exemplo, e caminhamos em direção à porta.

— Sabe. — disse ela. — Você e Ethan deveriam arranjar esses colares onde a metade diz "melhor" e a outra metade diz "amigos" e usá-lo como símbolo de devoção eterna um pelo outro.

³ Doce feito de açúcar, gemas e leite de coco.

⁴ Abreviatura de Merit.



Joguei-lhe minha toalha suada. Ela fez um som de nojo por baixo, em seguida, jogou-a fora, virando o rosto com uma expressão de horror extremamente efeminado. — Você é tão imatura.

— Cabelo azul. Isso é tudo o que digo.

— Morda-me, menina morta.

Mostrei-lhe as presas e sorri de uma forma maléfica. — Não me tente, bruxa.

Uma hora depois, tomei banho e estava novamente no uniforme da Casa Cadogan, uma jaqueta ajustada na cintura, camiseta preta e apertadas calças pretas, e estava em meu “perto de ser” ex-quarto de Wicker Park, enchendo uma mochila com minhas roupas. Um copo de sangue proveniente de uma das bolsas medicinais colocadas em nossa cozinha estava na mesa de cabeceira ao meu lado, “meu lanche” depois de um treino. Mallory ficou em pé no batente da porta atrás de mim com seu cabelo azul emoldurando seu rosto, o resto do seu corpo coberto por boxers⁵ e uma enorme camiseta, certamente de Catcher, dizendo: *“Uma chave por vez”*.

— Você não tem que fazer isso. — disse ela. — Não tem que ir.

Eu balancei minha cabeça. — Eu tenho que fazer isso. Preciso fazê-lo para ser uma Sentinela. E vocês dois precisam de espaço. — Para ser precisa, Mallory e Catcher precisavam de quartos. Centenas deles. Frequentemente, com muito som, e geralmente nus, mesmo que isso não fosse uma exigência. Não haviam se conhecido há muito tempo e estavam perdidos um pelo outro em questão de dias. Mas no que precisavam de tempo haviam compensado com absoluto e exposto entusiasmo.

Como os coelhos. Como coelhos sobrenaturais, ridiculamente energéticos, e completamente inconscientes.

Mallory pegou uma segunda mochila vazia da cadeira ao lado da porta do meu quarto, deixou-a sobre a cama e agarrou três pares de preciosos sapatos - Puma Mihara (tênis que eu adorava, por muito que contrariasse a Ethan), pequenos e

⁵ <http://www.theultimatecatalogue.co.uk/calvin-klein-boxers-button-pi-16239.html?image=0>



vermelhos tipo bailarinas, e um par de Mary Janes⁶, que ela havia me dado - do meu armário. Os levou para a minha aprovação, e com o meu consentimento, colocou-os dentro. Mais dois pares vieram antes que ela se sentasse na cama ao lado da mochila e cruzasse as pernas, um pé balançando impacientemente.

— Eu não posso acreditar que você vai me deixar aqui sozinha com ele. O que vou fazer sem você?

Dei-lhe uma olhada.

Ela revirou os olhos. — Você só nos flagrou aquela vez.

— Só os flagrei na cozinha aquela única vez, Mallory. Eu como lá. Bebo lá. Poderia ter vivido satisfeita e eternamente feliz, sem nunca ter me deparado com a visão da bunda nua de Catcher no chão da cozinha. — Fingi ter um tremor dramático. “Fingi”, porque o cara era bonito - ombro largo, perfeitamente musculoso, cabeça raspada, olhos verdes, tatuado, “garoto mau”, bruxo que tinha arrastado do quarto a minha colega, de cabeça (e de costas, como se verificou).

— Não é que seja uma bunda bonita. — ela disse.

Dobrei um par de calças e as coloquei na minha mochila. — É uma grande bunda, e estou muito feliz por você. E só que não preciso vê-lo nu novamente. Nunca. De verdade.

Ela deu algumas risadinhas. — Mesmo se eu deixar?

— Mesmo assim. — meu estômago roncou de fome. Dei uma olhada em Mallory, então, levantei uma sobancelha em direção ao copo de sangue na minha mesa de cabeceira. Ela revirou os olhos e abanou a mão em sua direção.

— Beba, beba. — disse ela. — Finja que sou uma fã de Buffy com uma distorcida atração ao paranormal.

Eu consegui fazer os dois ao mesmo tempo, pegar o copo e dar-lhe um olhar irônico. — Isso é exatamente o que você é.

— Eu não disse que você tinha que fingir muito. — ressaltou.

Sorri, depois bebi do copo, o sangue rapidamente aquecido no microondas, o qual eu tinha temperado com tabasco e suco de tomate. Quero dizer, ainda se tratava

⁶ <http://maryjane.com.br/produtos/detalhe/2956-141-college-high>



de sangue, com o estranho toque ferroso e ligeiramente gosto de plástico, mas os extras o melhoravam. Lambi uma gota errante no meu lábio superior, e, em seguida, devolvi o copo para a mesa de cabeceira.

Vazio.

Huh. Devo ter estado mais faminta do que eu pensava. Culpo a Barbie Aeróbica. A fim de ter certeza que tivesse futuros lanches (pensando que uma reserva de comida real aumentaria as chances de que o meu dente e o pescoço de Ethan permaneçam separados), enfiei uma dúzia de barras de granola no meu bolso.

— E por falar em Catcher. — comecei; como já havia acalmado parte da minha fome. — Onde está o “Senhor Romance” esta noite?

— Trabalho. — ela disse. — Seu avô é quase o inventor do trabalho.

Eu tinha mencionado que Catcher trabalhava para o meu avô? Durante esta importante semana quando todo o drama sobrenatural caiu, eu também descobri que o meu avô, Chuck Merit, o homem que praticamente me criou, não foi afastado de seu serviço para o Departamento de Polícia de Chicago como tinha nos feito acreditar. Em vez disso, há quatro anos, tinham lhe convidado a ser o Provedor de Justiça, um elo entre a administração da cidade liderada pelo obscuramente atraente Prefeito Seth Tate e a população sobrenatural de todos os tipos. Vampiros, Bruxas, Metamorfo, Ninfas da água, Fadas e Demônios - todos dependiam de meu avô para ajudar. Bem, dele e de seu trio de assistentes, incluindo entre eles, Catcher Bell. Eu havia visitado o escritório de South Side do meu avô pouco depois que me tornei vampiro; conheci Catcher, então Mallory conheceu Catcher e o resto é história nua.

Mallory ficou em silêncio por um momento, e quando levantei minha cabeça para olhá-la, encontrei-a secando uma lágrima do rosto. — Você sabe que eu vou sentir sua falta, não é?

— Por favor. Você sentirá falta do fato de que possa me dar ao luxo de pagar o aluguel agora. Você estava acostumada a gastar o dinheiro de Ethan. — o salário de Cadogan era um dos benefícios de ter sido transformada em vampiro.

— O dinheiro sangrento, tal como é, foi um privilégio. É bom não ser a única escravizada pelos homens. — com o seu escritório de vidro na colorida Avenida Michigan, ela estava realmente exagerando. Enquanto eu estava na universidade lendo livros sobre histórias Medievais, Mallory estava trabalhando como executiva. Apenas recentemente descobrimos que seu trabalho tinha sido o seu primeiro sucesso como uma bruxa adolescente: ela na verdade tinha forçado através da sua vontade, o



qual não ajudava o seu ego como poderia ter sido se tivesse sido contratada por sua criatividade e habilidades. Ela estava tirando uma folga do trabalho agora, usando o tempo acumulado das suas semanas de férias para descobrir como ela lidaria com a sua magia recém-descoberta.

Eu adicionei algumas revistas e canetas na mistura. — Pense nisso desta maneira: não mais bolsa de sangue na geladeira e, você vai ter um tipo sexy e musculoso com o qual se agarrará à noite. Um negócio muito melhor para você.

— Ele continua sendo um narcisista.

— Por quem você está louca. — eu salientei enquanto verificava minha estante. Peguei um par de livros de referência, um desgastado livro com capa de couro de um conto de fadas que eu mantinha desde a infância, e o mais importante, a recente adição à minha coleção, o Canon das Casas do Norte da América, Referência de mesa. Tinha me sido dado por Helen, à ligação de Cadogan com a missão de me escoltar até a minha casa após a transformação, e era a leitura obrigatória para “vampiros novatos”. Eu li um monte de cinco centímetros de sólido texto, e rejeitei um bom pedaço do resto. O marcador estava metido em alguma parte do Capítulo Oito: Partindo toda Noite (os títulos dos capítulos foram, aparentemente, elaborados por uma criança de sete anos).

— E ele é seu maldito narcisista. — lhe recordei.

— Viva, eu! — respondeu secamente, girando um dedo no ar, como fazendo festa.

— Vocês dois vão ficar bem. Tenho certeza que você poderá planejar algo para manterem-se entretidos. — disse eu, pegando a figura de cabeça móvel de Ryne Sandberg⁷ da prateleira e colocando-a cuidadosamente na minha mochila. Embora minha nova alergia ao sol me impeça de desfrutar de um dia ensolarado no Campo Wrigley, até mesmo o vampirismo não poderia diminuir o meu amor pelos Cubs. Chequei meu quarto, pensando sobre todas as coisas, relacionadas ou não com os Cubs, que ficaria de fora. Não ia levar tudo comigo para Cadogan, em parte, pela preocupação de que no final acabe estrangulando Ethan e seja banida da Casa, e em parte por que deixar algumas de minhas coisas aqui significava que eu ainda tinha uma casa, um lugar para onde ir sem vampiros. Viver perto de Ethan estava se tornando um fardo pesado. Além disso, não é como se o seu novo companheiro de quarto tivesse necessidade do espaço, Catcher já tinha um monte de coisas de homens no quarto de *Mal*.

⁷ Jogador de Beisebol do Time Cubs.



Corri para fechar os bolsos, e com as mãos em meus quadris, olhei para Mallory. — Acho que estou pronta.

Ela me ofereceu um sorriso de incentivo, e eu consegui evitar que as lágrimas que estavam em meus cílios derramassem. Silenciosamente, ela se levantou e passou os braços ao meu redor. Eu a abracei também - minha melhor amiga, minha irmã.

— Eu te amo; você sabe. — disse ela.

— Eu também te amo.

Ela me soltou, e nós duas enxugamos as lágrimas. — Você me ligará, certo? Para me deixar saber que você está bem?

— Claro que vou. E simplesmente estou me mudando para o outro lado da cidade. Não é como eu estivesse indo para Miami — ergui uma das mochilas sobre meu ombro. — Sabe, sempre pensei que se eu me mudasse, seria porque teria conseguido um super trabalho como professora em alguma pequena cidade onde todo mundo é super inteligente.

— Eureka? — ela perguntou.

— Ou Stars Hollow.

Mallory fez um som de acordo e pegou a segunda mochila. — Achei que você iria logo estar grávida de um cara de vinte anos, tipo avançado e que os dois fugiriam para Bora-Bora para criar seu bebê nas ilhas.

Eu parei no meio do caminho para a porta e dei-lhe uma olhada. — Isso é bastante específico, *Mal*.

— Você estudou muito. — disse ela, passando por mim e saindo para o corredor. — E eu tive meu melhor momento.

Ouvi-a correr escada abaixo, mas parei na porta do quarto que tinha sido meu desde que eu havia voltado para Chicago há três anos. Dei uma última olhada nos móveis antigos, os gastos estofados, o desgastado papel de parede rosa, e apaguei a luz.



Capítulo 2

Casa é onde está seu coração... Não necessariamente onde você dorme.

Está bem, eu estava protelando. Minhas malas estavam amontoadas no assento traseiro de meu Volvo laranja, mas em lugar de me dirigir direto para a Casa Cadogan, eu passei de longe por minha futura residência no Hyde Park e continuei dirigindo para o sul. Eu não estava pronta para cruzar as portas de Cadogan como residente oficial. E mais importante, eu não tinha visto meu avô em cerca de uma semana, de maneira que optei por fazer as “coisas de netas” e fazer-lhe uma visita em seu escritório no South Side. Meus avôs tinham tudo, mas me criaram enquanto meus emergentes pais Joshua e Meredith Merit, cortejavam seu caminho através de Chicago. Por isso, uma visita ao meu avô era o mínimo que eu podia fazer.

O escritório do Defensor Público não era luxuoso, era um precário edifício de tijolos que se encontrava no meio de um bairro de classe operária, de pequenas e quadradas casas, prolixos⁸ quintais e cercas de metal. Estacionei o Volvo na rua em frente, saí e afivelei minha katana. Duvidava que fosse necessitá-la no escritório de meu avô, mas a palavra de que eu não havia estado diligentemente armada era exatamente o tipo de conversa que Catcher teria com Ethan. Não é que eles fossem exatamente amigos, mas falar sobre mim parecia ser o tipo de coisa que eles fariam.

Era quase onze horas, mas as poucas janelas do escritório estavam cheias de luz. O escritório do Ombudsman⁹, ou que meu avô acreditava, servia às criaturas da noite. Isso significava um terceiro turno para meu avô, sua secretária Marjorie, Catcher, e Jeff Christopher, o segundo homem de confiança de meu avô, um indeterminado Metamorfo e menino-gênio dos computadores. Que também tinha uma grande paixão por esta serva que lhes fala.

⁸ Enfadonho, fastidioso.

⁹ Defensor Público.



Bati na porta da frente fechada e esperei que alguém me deixasse entrar. Jeff deu a volta no canto e caminhou pelo corredor na minha direção, abrindo um sorriso em seu rosto. Ele era todo de constituição magra e cabelos castanhos bagunçados, e esta noite ele vestia seu usual uniforme, calças cáqui ajustadas e uma camisa de mangas longas, as mangas dobradas na metade do braço.

Quando alcançou a porta, digitou o código do alarme no teclado ao seu lado, depois virou a trava e abriu.

— Não pôde suportar ficar longe de mim?

— Estava um pouco deprimida. — eu disse, depois entrei enquanto ele mantinha a porta aberta. — Faz quanto tempo, quase uma semana?

— Seis dias, vinte e três horas e cerca de doze minutos. — ele voltou a digitar o código e trancou a porta, depois sorriu para mim. — Não que eu esteja contando.

— Oh, claro que não. — concordei enquanto ele me acompanhava pelo corredor ao escritório que ele compartilhava com Catcher. — Você é muito "suave" para este tipo de coisa.

— Muito. — ele concordou, depois entrou na sala e se posicionou atrás de uma das quatro mesas de metal da era atômica, que estavam distribuídos em duas fileiras na minúscula sala. A parte superior do escritório de Jess estava repleta por uma coleção “a la Frankstein”, de teclados e monitores, sobre o qual havia um bicho de pelúcia que descobri ser um modelo do Cthulhu de H. P. Love-craft¹⁰.

— Como foi sua aula de sapateado. — perguntou uma sarcástica voz do outro lado da sala. Dei uma olhada e achei Catcher sentado na mesa em frente a Jeff, as mãos cruzadas sobre a cabeça raspada, um laptop aberto ligado.

— Hip-hop. — eu corrigi. — Não sapateado. E foi simplesmente bizarro. Sua garota quase deixa a professora inconsciente a golpes, mas foi bastante normal apesar disso. — apoiei meu quadril em uma das mesas de metal vazias. Eu não estava completamente certa de por que havia quatro mesas no total. Catcher e Jeff eram os dois únicos no escritório; meu avô e Marjorie tinham mesas em outras salas. Meu avô tinha localizado um informante vampiro uma vez, já que Catcher e Jeff representavam as comunidades de Bruxos e Metamorfofos de Chicago, mas o vampiro secreto evitava o escritório a fim de evitar o drama das Casas, de modo que não precisava de nenhum

¹⁰ H. P. Love-craft: escritor americano do gênero horror, e, Cthulhu é uma poderosa entidade fictícia criada por ele.



escritório para ele. Ou ela. Ou isso, eu suponho. Ainda estava me esforçando para decifrar esta parte.

Catcher deu uma olhada em minha direção. — Ela quase deixa a professora inconsciente a golpes?

— Bom, ela queria deixar, não que eu a culpe. A Barbie Aeróbica é difícil de digerir por mais de cinco minutos. Mas graças a minhas excelentes habilidades de meditação e negociação, nenhum golpe de verdade foi dado. — o som de passos ecoou através do corredor, e olhei para a porta para falar com meu avô em sua usual camisa de flanela e calças suaves, seus pés em sapatos de solado grosso.

— E falando de excelentes habilidades para meditação e negociação. — eu disse, pulando da mesa. Meu avô estendeu seus braços e me acenou para um abraço. Entrei em seu abraço e apertei, com cuidado de não romper inadvertidamente sua coluna com minha amplificada força vampírica. — Oi, avozinho.

— Bebê. — disse ele, em seguida deu um beijo no topo de minha testa. — Como está passando minha favorita cidadã sobrenatural nesta linda noite de primavera?

— Isso doeu, Chuck. — disse Catcher, cruzando os braços.

— Na verdade. — Jeff disse; seus olhos alternando entre os monitores de computador. — Aqui nós somos escravos dia e noite...

— Tecnicamente. — Catcher interrompeu. — Só à noite.

— Noite. — Jeff delicadamente corrigiu. — Tratando de manter todos felizes na Cidade do Vento, tentando manter as Ninfas em ordem. — ele balançou sua cabeça para cima na direção dos cartazes de mulheres com pouca roupa que cobria as paredes do escritório.

Elas eram Ninfas dos rios, mulheres com seios pequenos, olhos salientes e cabelos longos, que controlavam as ramificações do Rio Chicago. Elas também eram; como observei na noite de meu vigésimo oitavo aniversário, muito dramáticas. Elas haviam aparecido em massa na casa de meu avô, todas falando de maneira agitada porque uma das líderes de beleza tinha sido enganada por outra Ninfa. Era uma briga de gatos de proporções monumentais, finalizada com lágrimas, insultos e arranhões. E foram detidas, surpreendentemente, por nosso Jeff (apesar de minha reticência, Jeff tem jeito com as mulheres).



— E todos nós sabemos o quão difícil pode ser isso. — eu disse, dando a Jeff uma piscadela. Ele ruborizou; o carmesim elevando-se em suas bochechas.

— O que te traz por aqui? — meu avô me perguntou.

— Espere, espere que eu tenho isso. — disse Catcher, pegando um envelope de sua mesa e pressionando-o contra a testa, olhos fechados, o perfeito Carnac. — Merit será submetida a uma alteração..., do código postal. — abriu seus olhos e voltou para cima da mesa. — Se você estava tentando chegar a Hyde Park, você foi um pouco além da conta para o sul.

— Estou enrolando. — admiti. Havia feito a mesma coisa na noite anterior à minha recomendação da Casa, em busca de conforto entre os amigos e a família, exatamente antes de me tornar parte de algo que eu sabia que mudaria para sempre minha vida. Igual a hoje.

A expressão de Catcher se suavizou. — Já empacotou tudo?

Eu assenti. — Está tudo no carro.

— Ela sentirá sua falta, você sabe.

Eu assenti. Não tinha dúvidas sobre isso, mas apreciava que ele tenha dito. Ele não era do tipo emocional, o que fazia o sentimento de algo muito mais significativo.

Meu avô colocou uma mão sobre meu ombro. — Ficar bem, bebê. Eu te conheço; o quão capaz e obstinada você é, e estas são qualidades que Ethan chegará a apreciar.

— Depois de algum tempo. — murmurou Catcher. — Muito, muito e muitíssimo tempo.

— Eras. — Jeff concordou.

— Imortal. — eu os lembrei, usando um dedo para apontar para mim mesma. — Nós temos tempo, além disso, não quero me fazer muito fácil.

— Eu não acho que será um problema. — meu avô disse, e depois me piscou um olho. — Você poderia fazer um favor a seu Pop-Pop e dar-lhe algo por nós?

Minhas bochechas enrubesceram ante a recordação do apelido que eu havia dado a meu avô quando pequena. Para mim, "avozinho" era muito difícil de dizer.



— Claro. — eu disse. — Eu ficaria encantada.

Vovô acenou com a cabeça para Catcher. Catcher abriu uma barulhenta gaveta, em seguida puxou um grosso envelope de papel pardo amarrado com um cordão vermelho. Não havia destinatário, mas as palavras, CONFIDENCIAL e NÍVEL UM estavam escritos em letras maiúsculas negras de um dos lados. "Nível Um" é a versão da defensoria para "Ultra-secreta". Era a única categoria de informação que meu avô não estava disposto a me deixar conhecer.

Catcher estendeu o envelope. — Segure isto com cuidado.

Assenti com a cabeça e peguei de sua mão. Era mais pesado do que eu imaginava, e tinha uns dois centímetros de espessura em um maço de papéis. — Suponho que não há nenhuma espiadela liberada para a menina da entrega?

— Agradeceríamos se não fizer isso. — meu avô disse.

— Desta forma. — Catcher interrompeu. — Não teríamos que recorrer à violência física, o que tornaria as coisas realmente estranhas entre nós, uma vez que você é a neta do Chuck.

— Acredito que podemos confiar nela. — meu avô disse; seu tom seco. — Mas aprecio sua dedicação.

— Apenas um dia na vida de Chuck. Apenas um dia.

Tarefa na mão; assumi que agora era um bom momento para deixar de adiar e realmente tomar meu caminho para a Casa. Tinha dado um primeiro olhar à minha nova residência à espera.

— Por este comentário. — eu disse. — Deixarei vocês três. — olhei para trás, para meu avô e mantive o envelope no alto. — Farei a entrega, mas provavelmente precisarei de algo para compensar meus esforços.

Ele sorriu indulgentemente. — Pão de carne?

Ele me conhecia tão bem.



Eles o chamavam de "perder o seu nome." Para se tornar um vampiro, para afiliar-se a uma Casa, para se tornar um membro em uma das mais organizadas (e anteriormente secretas) sociedades no mundo, você tem que primeiro renunciar sua identidade, entregar-se por completo. Renunciar a seu sobrenome para simbolizar o seu compromisso com seus irmãos e irmãs. A afiliação à Casa permanecerá no lugar de seu antigo sobrenome, a marca distinta de sua nova família. Suponho que fui uma rara exceção à regra: Merit era realmente meu sobrenome, mas eu usei Merit durante anos, de forma que eu mantive o nome depois da Recomendação.

De acordo com o *Canon* (capítulo quatro: "Vampiros – Quem está acima?"), renunciando seu sobrenome, você começa a aprender os valores comunitários da sociedade vampira. O sacrifício compartilhado. Liderança. Prestação de contas – não a sua família humana anterior, mas sim a sua nova com presas. Os Mestres Vampiros supostamente têm que tomar seus sobrenomes de volta. É por isso que era Ethan Sullivan – e não simplesmente Ethan – quem estava no controle da Casa Cadogan.

E falando de Sullivan, isso nos leva ao mais importante valor comunitário – ter que beijar os traseiros dos vampiros do alto escalão.

Eu estava na missão de beija- traseiros agora.

Bom, estava em uma missão de entrega. Mas dado o destinatário, beijar-traseiros vinha junto com o pacote.

O escritório de Ethan era no primeiro andar da Casa Cadogan. A porta estava fechada quando eu cheguei pós-adiamento, com as malas na mão. Eu me detive um instante antes de bater, sempre adiando o inevitável. Quando finalmente me engenhei para bater, um simples "entre" ecoou do escritório. Abri a porta e entrei.

O escritório de Ethan, como o resto da Casa Cadogan, estava elegantemente decorado, apenas este lado pretensioso, como convém a um endereço de Hyde Park. Havia uma mesa à direita, uma sala de estar à esquerda, e, no outro extremo, em frente a uma fileira de janelas com cortinas de veludo, uma enorme mesa de reuniões. As paredes estavam repletas de prateleiras embutidas, as quais estavam providas de antiguidades e recordações de Ethan e de seus trezentos e noventa e quatro anos de existência.

Ethan Sullivan, líder da Casa Cadogan e o Mestre que me converteu em um vampiro estava sentado atrás de sua mesa, um pequeno telefone celular em sua orelha, os olhos sobre os papéis espalhados diante dele. Sempre parecia ter documentos diante dele, ser Mestre era evidentemente pesado na papelada.



Ethan vestia um impecável terno preto sob medida, com uma imaculada camisa branca por baixo, os botões superiores abertos para revelar o medalhão dourado que os vampiros usavam para indicar a afiliação à sua Casa. Seu cabelo, de um louro dourado e comprido até os ombros, estava controlado hoje, escondido atrás de suas orelhas.

Embora me incomodasse ter que admitir, Ethan era bonito. Um rosto perfeitamente belo, maçãs do rosto absurdamente perfeitas, queixo talhado, olhos impressionantemente esmeralda. O rosto complementava o corpo, o qual a maior parte eu vi inadvertidamente enquanto Ethan entretinha Amber, a antiga Consorte da Casa Cadogan. Infelizmente descobrimos pouco depois que Amber estava ajudando à Celina em sua tentativa de assumir o controle das Casas de Chicago. Ele olhou para as malas em minhas mãos. — Se mudando para cá?

— Sim.

Ethan assentiu. — Bom, é uma boa jogada. — o tom não era elogioso, mas condescendente, como se estivesse decepcionado de que eu tivesse demorado tanto tempo com isso, nem sequer dois meses, de fazer da Casa Cadogan meu lar. Não era uma reação inesperada.

Eu assenti. Mantendo o comentário sagaz à luz de seu mau humor. Eu conhecia os limites para perturbar um Mestre vampiro de quatrocentos anos, mesmo que eu os pressionasse em certas ocasiões.

Deixei cair minhas malas, abri o zíper da bolsa, peguei o envelope confidencial, e o estendi para ele. — O Ombudsman me pediu para lhe entregar isto.

Ethan arqueou uma sobrancelha, depois pegou o envelope de minhas mãos. Desenrolou o cordão de seu envoltório plástico, deslizou um dedo sob a aba, e olhou para dentro. Algo em seu rosto relaxou. Eu não estava certa do que eu havia entregado do escritório do Defensor Público, mas Ethan parece ter gostado.

— Se não há algo mais. — eu disse, inclinando a cabeça em direção as malas no chão.

Não mereci nem sequer um olhar. — Pode se retirar. — ele disse de forma distante, pegando os papéis e folheando-os.

Eu não tinha visto muito Ethan nas primeiras semanas. No que se referia às reuniões, esta foi bastante, “dês dramatizada”. Eu podia lidar com isso.



Tendo cumprido meu dever familiar, me dirigi à suíte dos escritórios do primeiro piso reservado para o pessoal de Cadogan. Helen estava atrás de sua mesa quando cheguei. Vestia um pequeno terno rosa, ao que parece ela havia concedido para si uma exceção ao código de vestimenta de Cadogan, completamente preto. Seu escritório era simplesmente rosa. Os materiais estavam armazenados em pastas coloridas ao longo de prateleiras de madeira clara, e sua mesa estava cuidadosamente organizada, e repleta com mata-borrão, caneta, e agenda, eventos e compromissos claramente marcados com tinta colorida.

Ela estava ao telefone, o telefone sem fio estilo princesa colocado perfeitamente pelos cabelos prateados, os dedos cuidadosamente segurando ao redor do telefone.

— Obrigada Priscilla. Eu te agradeço. Adeus. — colocou de volta no receptor, juntou suas mãos e me sorriu. — Esta era Priscilla. — ela me explicou. — A Ligação da Casa Navarre. Estamos planejando um evento de verão entre as Casas. — ela deu um olhar cauteloso para a porta aberta, depois se inclinou para mim. — Francamente. — me confessou, — Esta relação entre você e Morgan está fazendo maravilhas para as relações entre as Casas.

Morgan Greer era meu aspirante a noivo e o novo Mestre Vampiro da Casa Navarre. Ele assumiu a posição quando Celina foi presa, elevando seu status de Segundo no Comando a Mestre. Pelo que eu tinha visto, Segundo era como o vice-presidente vampiro. Um homem chamado Malik era oficialmente o Segundo da Casa Cadogan. Ele parecia trabalhar principalmente nos bastidores, mas estava claro que Ethan dependia dele, confiava nele.

Pensando que eu devia à Helen ser educada, sorri e não corrigi sua avaliação de nosso "relacionamento".

— Ainda bem que pude ajudar. — eu disse, inclinando minha cabeça para as malas em minhas mãos. — Tenho minhas malas, se pudesse indicar meu quarto?

Ela sorriu com alegria. — Claro que sim. Seu quarto fica no segundo andar, a ala de trás.

A despeito da bagagem, meus ombros caíram em alívio. O segundo andar da Casa Cadogan continha a biblioteca, a sala de jantar e o salão de baile, entre outros quartos. Aqueles outros quartos “não” incluíam os apartamentos de Ethan, os quais estavam no terceiro andar. Isso significava que um piso completo, nos separava.



Helen me entregou uma pasta azul-marinho contendo o selo circular de Cadogan. — Estas são as regras da residência, mapas, informações sobre estacionamento, o cardápio da cafeteria, etc. A maior parte da informação está online agora, é claro, mas nós gostamos de ter algo que os vampiros novatos possam se fixar — ela parou e me olhou com expectativa. — Vamos.

Concordei, recolocando minhas malas e segui-a pelo corredor, em seguida por uma estreita escada. Quando chegamos ao segundo andar, viramos, depois viramos novamente, e de repente fomos confrontados por uma porta de madeira escura, com um quadro de anúncios de madeira pequeno pendurado nela.

MERIT, SENTINELA, lia-se em uma placa bem acima do quadro.

Helen buscou no bolso de seu casaco, pegou uma chave, e a inseriu na fechadura. Virou a maçaneta, abriu a porta e ficou de lado.

— Bem vinda à Casa, Sentinela.



Capítulo 3

O Próximo Monstro Top Da América.

Eu entrei no quarto, coloquei minhas malas no chão, e olhei ao redor.

O quarto era pequeno, quadrado e com uma decoração simples. Painéis de madeira que chegavam à altura das cadeiras, sua cor da mesma cor escura dos brilhosos pisos de madeira.

De cara para a porta estava uma janela coberta com persianas. Do lado esquerdo do quarto havia uma cama em uma armação de ferro forjado. Um pequeno criado-mudo estava do lado e uma cadeira localizada abaixo da janela. Do lado direito do quarto havia duas portas. Um espelho de corpo inteiro estava preso em uma das portas. Uma cômoda estava no meio delas e uma estante de livros ocupava a parede do lado direito da porta que dava para o corredor. Era basicamente um dormitório. Para uma vampira de vinte e oito anos.

— Há algo mais que você precisa?

Eu sorri para Helen. — Não, obrigada. Eu agradeço por ter me arrumado um quarto tão rápido. — minhas retinas, já chamuscadas pelas imagens dos encontros de Catcher e Mallory, também estavam agradecidas.

— Sem problemas, querida. A comida é servida na cafeteria ao anoitecer, meia noite e duas horas antes do amanhecer.

Ela me olhou.

— Não, obrigada. Eu comi no caminho para cá. — não só qualquer coisa, mas o melhor bolo de carne feito em casa deste lado de Chicago. Céus.



— Bem, se você precisar de qualquer coisa, as cozinhas de cada andar estão sempre com estoque cheio, e há sangue nos refrigeradores. Se você precisar de algo e você não conseguir achar na cozinha, avise a equipe de plantão.

— Claro. Obrigada novamente. — Helen deixou o quarto e fechou a porta atrás dela. Eu ri escandalosamente do que ela me revelou. Atrás da porta estava pendurado um pôster da Casa Navarre, uma imagem em tamanho real de Morgan em jeans e uma confortável camisa térmica, botas pretas em seus pés, seus braços cruzados, faixas de couro nos pulsos. Ele estava deixando seu cabelo crescer e estava bagunçado na foto, se balançando em torno do seu rosto rudemente lindo, bochechas cortadas e seu queixo rachado, seus olhos azuis marinho olhando ao longe, sobrancelhas escuras e cílios ridiculamente longos.

Aparentemente Helen havia coordenado mais com o contato de Navarre do que somente um piquenique no verão. Isto requeria uma boa tirada de sarro, então eu puxei meu celular do bolso e disquei o número do Morgan.

— Morgan.

Ele atendeu. — Sim?

Eu disse. — Eu gostaria de falar com alguém sobre um pedido de um pornô Navarre, por favor. Talvez um pôster de dois metros de altura com aquele lindo vampiro Mestre, aquele com os lindos olhos?

Ele riu. — Achou meu presente de boas vindas, não é?

— Não é um pouco estranho que um vampiro Navarre deixe um presente de boas vindas para um vampiro Cadogan? — eu perguntei, enquanto checava as portas do lado direito do quarto.

A primeira porta abria para um pequeno closet, dentro estava pendurados uma dúzia de cabides de madeira. A segunda abria para um pequeno banheiro — um banheiro com pés de garra, com um chuveiro e uma pia em formato de pedestal.

— Não se ela é a vampira Cadogan mais bonita.

Eu funguei e fechei a porta novamente, e então movi minhas malas para a cama.

— Você não pode achar que essa cantada vai funcionar.



— Nós acabamos com um prato fundo de torta sábado à noite?

— Isso é o que eu lembro.

— Então minhas cantadas funcionam. — eu fiz um som sarcástico, mas o menino tinha um ponto.

— Eu preciso ir. Eu tenho uma reunião daqui a pouco. — ele disse. — E o Mestre daqui é um verdadeiro bastardo administrativo.

— Aham. Eu aposto que ele é. Aproveite a reunião.

— Eu sempre aproveito. E em nome da Casa Navarre e do Registro Norte Americano dos Vampiros, nós desejamos que os seus dias na Casa Cadogan sejam muitos e frutíferos. Que a paz esteja com você. Vida longa e próspera.

— Tchau, Morgan. — eu falei com uma risada, desligando meu celular e deslizando-o novamente para o meu bolso.

Era discutível se o Morgan havia ou não me manipulado para o nosso primeiro encontro, que foi o resultado de um compromisso político (em frente a nada menos que cinquenta outros vampiros). Mas nós passamos deste encontro oficial há algumas semanas atrás, e como ele apontou, nós dividimos uma pizza ou duas desde então.

Eu claramente não fiz nada pra suprimir seu interesse; por outro lado, eu não tentei realmente o encorajar. Eu gostava de Morgan, claro. Ele era engraçado, charmoso, inteligente e ridiculamente bonito. Mas eu não podia me sacudir do sentimento que eu estava saindo com ele detrás de uma parede de indiferença, que eu não baixei totalmente minha guarda. Talvez fosse química. Talvez fosse questão de insegurança, o fato de que ele fosse Navarre e que, como uma Sentinela, supostamente eu teria que estar sempre de guarda, sempre de plantão, para a Casa Cadogan.

Talvez fosse o fato de ele ter conseguido o encontro número um por ter forçado minha mão na frente do Ethan, Scott Grey, Noah Beck (o líder dos vampiros independentes de Chicago), e metade da Casa Cadogan. Sim, poderia ser isso. Ou talvez fosse algo ainda mais fundamental: por mais irônico que fosse o pensamento de namorar um vampiro – com todas as complicações políticas e emocionais implicadas – não me animavam.

Eu acho que qualquer uma dessas razões poderia ser o motivo da estranheza, o motivo de eu gostar de sua companhia, mas não conseguia me envolver demais,



apesar do entusiasmo do Morgan. Como eu não conseguiria encontrar soluções hoje, eu tirei este pensamento da cabeça e voltei para as minhas malas, ainda fechadas em cima da pequena cama.

Eu as abri e comecei a trabalhar. Eu comecei tirando os livros, materiais de escrita e enfeites, e os organizei na estante. Artigos de higiene pessoal foram para o armário de remédios do banheiro, e roupas dobradas foram para a cômoda. Camisetas e calças foram penduradas nos cabides de madeira no closet, embaixo, sem cerimônia, joguei meus sapatos. Quando eu esvaziei as malas, eu comecei a fechá-las novamente, mas parei quando eu senti algo no interior da minha mala de tecido. Eu coloquei minha mão dentro do bolso e encontrei um pequeno pacote coberto em papel marrom.

Curiosa, eu cortei a fita e desdobrei o invólucro. Dentro havia uma peça de linho moldurada com uma cruz costurada que se lia: VAMPIROS SÃO PESSOAS TAMBÉM. Embora eu não tivesse certeza se acreditava na mensagem, no que concerne a presentes de boas vindas, não era dos piores. Eu com certeza apreciava a intenção, e fiz uma nota mental de agradecer *Mal* na próxima vez que eu a ver. Eu dobrei as malas e as guardei na última gaveta da cômoda quando o bip na minha cintura começou a vibrar. Bips é um instrumento necessário para os guardas Cadogan, o objetivo era garantir que nós pudéssemos responder rapidamente às emergências vampírescas.

Agora que eu era uma residente oficial da Casa – ao invés de ficar a vinte minutos ao norte – eu podia responder em tempo recorde. Eu desprendi o bip e chequei a tela. Nela lia-se: OPS RM¹¹ 190. Nenhuma poesia, mas a mensagem foi clara o bastante. Havia algum tipo de emergência, então teríamos que nos mover para a Sala de Operações, o QG dos guardas era no porão da Casa Cadogan. Eu preendi novamente meu bip, agarrei a bainha da katana, e segui escada abaixo.

— Eu não ligo se eles estão tirando sua foto, pedindo seu autógrafo, ou comprando suas bebidas! Isto. É. Completamente. Inaceitável. — Luc, o chefe dos guarda costas da Casa Cadogan, gritou para nós. Acabou que a emergência, apesar de discutivelmente ser nossa culpa, aconteceu durante as horas do dia. Este sermão foi infelizmente o resultado.

Lá estávamos, sentados ao redor da mesa de conferência super moderna, na igualmente supermoderna tirada de filme Sala de Operações – Peter, Juliet, Lindsey, Kelley e eu, os guardas (e Sentinelas) responsáveis por assegurar a saúde e o bem-estar dos vampiros Cadogan novatos. Todos nós sendo censurados por um caubói-que-

¹¹ Sala de Operações.



virou-vampiro meio loiro, com cabelos desgrenhados que estava nos repreendendo pela “atitude folgada”, nossa nova popularidade tinha se espalhado. Então sim. Nós não estávamos exatamente sentindo o amor.

— Nós estamos fazendo o melhor que podemos. — apontou Juliet, uma ruiva meio visionária que tinha mais anos como um vampiro do que eu tinha em anos de vida. — Os repórteres seguiram Lindsey semana passada. — ela disse, apontando para outra guarda.

Lindsey era loira, atentada e agradecidamente estava do meu lado.

— Sim. — Luc disse, levantando uma cópia da revista Chicago World Weekly da mesa de conferência. — Nós temos provas disso. Ele se virou para que todos nós pudéssemos dar uma olhada em Lindsey, quem tinha sido homenageada com uma fotografia de página inteira como capa. Ela estava com seu tradicional rabo de cavalo loiro, assim como, com seu par de jeans de marca, sapato de salto alto e grandes óculos de sol, seu corpo em movimento enquanto sorria para alguém fora de foco. Eu sabia que a pessoa para quem ela estava sorrindo era, assim como eu, um dos vampiros mais novos de Cadogan. Lindsey, para grande desgosto de Luc, tinha começado a encontrar Connor, justamente depois da cerimônia que iniciou a nós dois na Casa.

— Que não é exatamente o uniforme Cadogan aprovado. — Luc apontou.

— Mas estes jeans são lindos. — eu sussurrei.

— São não é? — ela sorriu de volta para mim. — Totalmente na liquidação.

— Ver seu lindo traseiro na capa de uma revista não é o caminho para o meu coração; loirinha. — Luc disse.

— Então meu plano funcionou.

Luc resmungou; sua paciência obviamente se esgotando. — Isto é realmente o melhor que você pode fazer pela sua Casa? — a irritação crônica de Lindsey pelo Luc era igualada somente pelo jeito que eu imaginei que seria sua paixão profunda por ele, apesar de que você não saberia dizer pelo seu olhar ameaçador. Ela ergueu seu dedo indicador e começou a contar.

— Primeiro de tudo, eu não pedi para ser fotografada. Segundo, eu não pedi para ser fotografada. Terceiro, eu não pedi para ser fotografada. — ela ergueu suas sobrancelhas para o Luc. — Estamos entendendo o principal aqui? Quero dizer, por



favor. Aquilo de não aparecer em fotos é totalmente um mito. — Luc murmurou algo sobre insubordinação e passou uma mão pelo cabelo.

— Senhores, nós estamos em uma encruzilhada aqui. Nós fomos expostos, nós fomos investigados pelo Congresso, e agora nós temos os paparazzi respirando no nosso pescoço. Nós também aprendemos que em algumas semanas, o cabeça da North American Central, Gabriel Keene em carne e osso, estará visitando nossa linda cidade.

— Keene está vindo para cá? — Peter perguntou. — Para Chicago? — se inclinou para frente, cotovelos na mesa de conferência. Peter era alto, de cabelo castanho, e magro, e aparentava ter trinta anos. Ele também teve o seu “Para Chicago,” confirmado pelo Luc.

— Humanos não sabem que metamorfos existem, mas nós sabemos, infelizmente para todos. — foram ouvidos alguns risos silenciosos entre os guardas. Vampiros e metamorfos não eram exatamente amigáveis, e aquelas tensões estavam aumentando - eu ouvi que Gabriel estava vindo à cidade para averiguá-la como um futuro local para as conferências dos seus metamorfos. Notícias relacionadas àquela visita e a possibilidade dos metamorfos se reunirem em massa em Chicago, chegou as notícias diárias – notícias diárias dos guardas Cadogan – mais de uma vez.

— Olhe, não vamos ser ingênuos e fingir que este negócio de celebridade é algo que vai durar para sempre, certo? Humanos, e sem ofensa a você Sentinela, já que você recentemente criou presas; são um bando inconstante. Nós já vimos o que acontece quando eles ficam nervosinhos conosco. — Luc quis dizer, o Esclarecimento, a versão vampírica da caça às bruxas. Houve duas na Europa, o Primeiro na Alemanha em 1611 e o Segundo na França de 1789. Milhares de vampiros, uma grande parte da nossa população européia, foram perdidas entre as duas – estacados, queimados, eviscerados e deixados para morrer.

Metamorfos sabiam sobre o Segundo Esclarecimento, mas não se intrometeram; por isso a animosidade entre as duas tribos.

— E aqui está o melhor. — Luc disse. — Nós descobrimos que a revista está planejando uma matéria expositora em várias partes sobre as atividades clandestinas dos vampiros.

— Clandestinas? — Kelly perguntou. — O que nós fazemos que seja clandestino?



— Isto é exatamente o que eu estou prestes a descobrir. — Luc disse, apontando para o teto. — Eu tenho uma reunião com seu Mestre e o meu dentro de alguns minutos. Mas até que nós tenhamos a chance de nos aliar ao grande cara do campus, deixe-me lembrá-los de algumas coisas que aparentemente vocês precisam se lembrar. Nós estamos aqui. — Luc continuou. — Para fazer nosso Mestre feliz.

Ela olhou para ele com um olhar que era ambos; maldoso e manhoso, mas conseguiu não fazer um comentário.

Aparentemente acreditando que ele mostrou seu ponto para ela, ele retornou seu olhar para o resto de nós.

— Qualquer ação que vocês tomarem lá fora, fora da Casa, reflete em todos nós, especialmente agora que nossos traseiros são, aparentemente, notícia. Isto significa que você será chamado para discutir assuntos vampirescos ou da Casa. — ele abriu uma pasta, e deslizou um maço de folhas, e então passou a pilha para Lindsey, que sentava perto dele. Ela pegou um papel, e então passou o restante.

— Pontos de discussão? — Kelly perguntou, repetindo o título estampado no topo do documento.

Kelly tinha um tipo de beleza exótica – pele pálida, cabelo negro carvão, olhos levemente inclinados para cima. Olhos que pareciam decididamente não impressionados com o papel que ela segurava cuidadosamente na ponta dos seus dedos.

— Pontos de discussão. — Luc disse com um aceno. — Estas são respostas que vocês estão autorizados – e quando eu digo autorizado, eu quero dizer obrigatório – para dar a um repórter se eles tentarem entrar em um diálogo político sensível. Leia isto, memorize-o e verbalize apropriadamente. Estamos entendidos?

— Sim, senhor. — nós respondemos um coro de obediência.

Luc não se preocupou em responder, mas se levantou e começou a mexer no resto dos materiais que estavam espalhados na mesa à sua frente. Pegando a dica – reunião encerrada – nós nos levantamos da cadeira. Eu levantei, dobrei a folha dos pontos de discussão, e me gesticulou para segui-lo com dois dedos tortos. Droga. Eu sabia o que estava vindo, e duas vezes em um dia também.

— Sentinela, você está comigo. — ele falou e soltou um lento suspiro, o começo da minha preparação mental para interagir com o vampiro mais teimoso do mundo.



— Senhor. — eu disse, colocando os pontos de discussão dentro do meu bolso e arrumando a katana presa na minha cintura. Lindsey me deu um sorriso simpático, o qual eu aceitei com um aceno, então eu o segui. Nós tomamos a escada de volta para o primeiro andar, e descemos no corredor para o escritório do Ethan, e encontramos a porta fechada. Luc, sem preliminares, abriu-a. Eu me arrotei na minha jaqueta preta e o segui. Ethan estava no telefone. Ele assentiu para o Luc, então para mim, e ergueu seu dedo indicador para indicar que a ligação não demoraria muito.

— Claro. — ele disse. — Eu entendo perfeitamente. — ele apontou para as duas cadeiras em frente a sua mesa. Obedientemente Luc pegou a da direita. Eu peguei a da esquerda. — Sim, criador. — ele disse. — A informação está diante de mim enquanto nos falamos. — como Mestre da Casa Cadogan, Ethan conseguiu o honroso “Liege”, mas “Criador” era um mistério. Eu olhei para o Luc. Ele se inclinou para mim.

— Darius. — ele sussurrou, e eu acenei em entendimento.

Este seria Darius West, chefe do Greenwich Presidium.

— Nós consideramos isso. — Ethan disse, acenando sua cabeça e escrevendo algo em um tablete na sua mesa. — Mas você sabe os riscos. Pessoalmente, eu aconselho contra. — houve outros acenos, então os ombros de Ethan se endureceram e ele olhou para cima. E olhou diretamente para mim. — Sim. — Ethan disse, com olhos assombrosamente verdes em mim. — Nós certamente podemos explorar essa possibilidade. — eu engoli reflexivamente, desconfortável pela possibilidade de que eu era a possibilidade para explorar.

— O que quer que isso seja. — Luc disse, se inclinando novamente. — Você não vai gostar.

— Eu realmente não vou gostar disso. — eu quietamente concordei.

Houve mais alguns minutos de acenos e validações antes que Ethan dissesse seu adeus. Ele colocou o telefone no gancho e olhou para nós, uma pequena linha entre seus olhos. Eu havia visto aquela linha antes. Geralmente, não era um bom sinal.

— O Chicago World Weekly. — ele começou. — Com seu aparente interesse nas atividades vampirescas, estará investigando as Raves. Eles publicarão uma série de três partes, uma história por semana, começando na próxima sexta-feira.

— Droga. — Luc disse antes de dividir um olhar pesado com Ethan que sugeria que ele sabia o porquê isso era um problema. Eu acho que esses eram os detalhes clandestinos que Luc estava esperando.



Infelizmente, eles não significavam muito para mim. Eu ouvi histórias sobre Raves de vampiros antes; Catcher havia mencionado elas antes, mas se recusou a dar mais detalhes sobre. Minha pesquisa subsequente no *Canon* foi igualmente improdutiva. O que quer que fossem; os vampiros não falavam muito sobre elas. Eu ergui a mão.

— Raves? Eles estão investigando festas?

— Não festas. — Luc disse. — Os humanos na verdade pegaram o termo de nós. Raves no mundo sobrenatural são definitivamente reuniões, mas elas são muito mais... — ele parou de falar, e se mexeu desconfortavelmente em sua cadeira e olhou para o Ethan, que olhou para mim.

— Mais sangrenta. — Ethan disse de uma vez. — Raves. — Ethan explicou. — São a versão vampiresca dos flash mobs¹². Elas eram essencialmente alimentação em massa. Vampiros eram informados (eletronicamente, claro) aonde e quando se encontrar, e esperando-os havia um grupo de humanos. Humanos que acreditavam em nós, antes mesmo de anunciarmos nossa existência para o mundo. Humanos que queriam estar perto de nós, para saborear o elemento da escuridão sombria. Claro, dado os adesivos e bandeirolas e a nova posição como a rainha vampira da capa. Eu não estava certa de quão elementos da escuridão nós éramos. Eles querem ser parte do nosso mundo, para ver e ser visto. — Ethan disse, — Mas eles não querem nossas presas dentro ou perto de suas carótidas. Mas é isto que acontece. Nós bebemos.

— Nos regozijamos. — Luc adicionou.

— Com certeza alguns humanos consentem ser mordidos. — eu sugeri, olhando de Luc para Ethan. — Quero dizer, eles entram por vontade própria na alimentação dos vampiros. Não é como se eles estivessem indo para uma festa no jardim. E todos nós já vimos Clandestinos. Eu tenho certeza que há humanos que acham esse tipo de coisa..., atraente.

Ethan concordou. — Alguns humanos consentem porque eles querem se tornar vampiros, porque eles acreditam que se posicionando para servirem como Renfield. — servos — ou porque eles encontram um apelo erótico nisso.

— Eles acham que isso é quente. — Luc simplificou.

¹² **Flash Mobs** são aglomerações instantâneas de pessoas em um local público para realizar determinada ação inusitada previamente combinada, estas se dispersando tão rapidamente quanto se reuniram. A expressão geralmente se aplica a reuniões organizadas através de e-mails ou meios de comunicação social.



— Eles acreditam que se meter no nosso mundo é quente. — Ethan sarcasticamente corrigiu. — Mas Raves acontecem fora do campo de visão do Mestre destes vampiros. Concordar em passar tempo em companhia de vampiros e consentir em participar em atividades desta natureza – atividades proibidas pelas Casas – ele ou ela é dificilmente capaz de parar de beber de um humano quando este pedir. — Ele olhou solenemente para mim. — E nós todos sabemos o quão crucial é o consentimento quando o sangue humano está em jogo. — Eu sabia sobre consentimento, em grande parte porque eu não pude dar nenhum. Porque Ethan me deu imortalidade em ordem de me salvar dos fiascos da Celina, e aquela decisão de último minuto não deixou a ele tempo para deliberação.

Eu entendia o senso de violação que vinha com a mordida não requisitada..., especialmente quando o vampiro não estava interessado em um gole ou dois.

— Depois de eles terem bebido um pouco de sangue. — Luc disse, — Com a habilidade de usar o glamour em um humano – para fazer um humano ficar no controle de um vampiro – era um indicador do poder psíquico do vampiro, o que era uma das três medidas para a força de um vampiro. Strat (alianças) e Phys (força física) sendo as outras duas.

Eu não podia usar o glamour, não pelo menos nas duas vezes que eu havia tentado fazer acontecer. Mas parecia que eu tinha alguma resistência ao glamour, o que era uma das muitas razões que Celina Desaulniers não gostava muito de mim. Ela era a rainha no glamour, e deve ter irritado ela em saber que eu não era suscetível ao seu controle. Então, para revisar, não só os humanos estavam servindo de petiscos involuntários para os vampiros, mas os meliantes nem eram muito bons vampiros. Nada disso se somaria a um quadro que muitos humanos achariam confortável.

Eu não achava confortável, e eu não era humana fazia dois meses. Humanos haviam concordado em conviver conosco com o entendimento que a maioria dos vampiros não bebiam das pessoas, mas utilizavam sangue doado, vendido ou entregue em plásticos estéreis por uma empresa chamada Blood4Y¹³. Somente quatro das doze Casas Americanas, incluindo Cadogan, ainda participavam do ritual de beber diretamente do gargalo. Mas aqueles que bebiam o faziam da maneira sancionada – dentro da Casa, depois de cuidadosa varredura e formulários de consentimento serem assinados e notados. Em três vias. (Pessoalmente, eu estava longe, tanto mental quanto emocionalmente preparada para tomar de qualquer coisa que não fosse plástico.)

¹³ Sangue para você.



Infelizmente, vampiros que bebiam de humanos eram considerados fora de sincronia, ou pelo menos essa era a imagem perpetuada pela Celina quando ela organizou a saída do armário dos vampiros. Já que os vampiros que escolheram beber dos humanos precisavam dessa salva-guarda, esse pesadelo de Relações Públicas que estava florescendo implorava por uma questão:

— Qual das Casas participa das Raves? — eu perguntei.

— Nenhuma delas teoricamente. — Luc murmurou, ganhando um aceno de simpatia de Ethan.

— Como você sabe, uma mão cheia de Casas continua pró-beber. — Ethan respondeu. — Mas nenhuma das casas aceita as Raves.

— Podem ser vampiros subservientes das Casas ou Rogues. — Luc acrescentou, se referindo aos vampiros que viviam fora dos sistemas de Casas.

— Talvez vampiros andarilhos de outras cidades, outros países. Junte todos esses grupos e você tem um ninho de vespas de vampiros sedentos e ingênuos, que querem ser humanos. Má combinação.

Eu cruzei meus braços e olhei para Ethan. — Eu entendo suas preocupações, mas há alguma razão da Sentinela da Casa estar ouvindo sobre estas Raves somente agora?

— Nós exatamente não a divulgamos. — Ethan suavemente replicou. — Entretanto, agora que você sabe, nós acreditamos que há serviços que você possa proporcionar. — ele puxou uma pasta cinza no topo da pilha de papéis em sua mesa, então a abriu, revelando documentos com uma pequena fotografia colorida. — Nós cremos que o repórter está atualmente fazendo sua pesquisa de conhecimento. — Ethan levantou a foto e a virou para me mostrar. — E eu acredito que vocês dois são conhecidos.

Eu estiquei minha mão, e cuidadosamente tirei a foto de Ethan, e encarei a imagem familiar.

— Olá, Jamie.



Capítulo 4

O comitê de planejamento da pré-festa.

— *E*le é o mais novo dos Breckenridge. — eu disse a Ethan e Luc, que girou em sua cadeira para me observar andando de um lado ao outro do escritório de Ethan. — O mais novo dos quatro. — parei de andar, encarei a foto entre meus dedos, e tentei lembrar a diferença de idade. — Nicholas é 3 anos mais velho, então Finley e Michael que é o mais novo de todos.

— Nicholas tem a sua idade? — Ethan perguntou.

Eu olhei para ele.

— Sim. 28.

— E por quanto tempo vocês dois saíram?

Eu resisti à vontade de perguntar como ele sabia que Nicholas e eu tínhamos sido um casal; percebendo que Ethan era tão bem conectado quanto meu pai “comedor de dinheiro” e igualmente um perspicaz provedor de informações. Eu já me perguntei se Ethan seria a fonte secreta do meu avô. Pelo menos, seu acesso de informações é tão profundo quanto.

— Aproximadamente 2 anos no colegial. — eu disse. Nicholas Etherell Arbuckle Breckenridge (e sim, tanto os meus irmãos quanto os dele o torturavam pelo seu nome) tinha sido totalmente um sonho: cabelo castanho ondulado, olhos azuis, o Romeu no nosso colégio. Começado pelo seu tatara-tatara-tataravô, o conglomerado fabricante de componentes de aço para a construção industrial. Isso significava que os Breckenridge eram conhecidos por possuírem uma pequena fortuna. Por mais que nada faltasse para os meninos Breck, eles foram criados com uma atitude humilde em relação ao seu dinheiro. Escola publica trabalho durante o colegial, pagando eles mesmos a faculdade.



Após a faculdade, Michael e Finley seguiram os negócios da família, enquanto Nick deixou de lado o direito e se formou em jornalismo pela Northwestern¹⁴, seguido por uma viagem pela África Subsaariana¹⁵ para estudar o impacto dos esforços da medicina ocidental. Quando voltou aos Estados Unidos com o prêmio Pulitzer¹⁶ em mãos, ele juntou-se ao New York Times como repórter bureau.

Por outro lado, Jamie era a ovelha negra da família, embora qualquer ovelha seja produtiva, pelo ponto de vista da produção de lã. Pelo que ouvi informações passadas da senhora Breckenridge para minha mãe durante uma reunião de um dos muitos clubes que freqüentam - clube do golfe, clube do livro, clube do baile de debutantes, clube das relíquias de família, etc - Jamie zombava de seus pais, ocasionalmente entrando em esquemas fique-rico-rápido, Internet start-up, ou “invenções quentes”, a maioria fracassava tão rápido quanto seu interesse temporário em trabalhar que tanto Ethan quanto Luc acreditavam que foi Jamie, e não Nick, quem tomou rédeas de uma investigação vampiresca. Recostei-me na mesa de conferência e olhei a foto de Jamie. Alto e com cabelos castanhos como seus irmãos, ele foi fotografado andando pela rua vestindo jeans e uma camiseta, celular em mãos. A foto foi tirada em frente ao que parecia ser um bar de vizinhança, porém eu não reconheci o local. Onde quer que ele estivesse sua expressão era decidida. Eu olhei para Ethan.

— Como ele foi do relaxado a freqüentar os mesmos lugares para os jornalistas equivalentes ao Jerry Springer?

— Luc. — Ethan chamou.

— Primeiramente, é realmente um salto tão grande assim? — Luc perguntou. Ele se levantou de sua mesa, foi até a sessão de prateleira, onde eu sabia que existe um armário para bebidas, e depois de um aceno para Ethan, despejou uma bebida - âmbar scotch talvez - em um copo robusto. Ele elevou seu copo para Ethan, que pareceu um pouco divertido pelo gesto, e tomou um gole. — Ouvimos que Jamie tem se sentido pressionado pelo Sr. Breckenridge sobre fazer algo em relação a sua vida. — Luc disse. — Aparentemente, o pai referia-se a Nicholas como o exemplo em como prosperar fora do ambiente familiar, e o jovem Jamie ofendeu-se com o comentário.

¹⁴ Faculdade dos Estado Unidos: <http://www.northwestern.edu/>

¹⁵ A África subsariana ou subsaariana corresponde à região do [continente africano](#) a sul do [Deserto do Saara](#), ou seja, aos países que não fazem parte do [Norte de África](#).

¹⁶ O Prêmio Pulitzer é um prêmio [estadunidense](#) outorgado a pessoas que realizem trabalhos de excelência na área do [jornalismo](#), [literatura](#) e [música](#). É administrado pela [Universidade de Colúmbia](#) em [Nova Iorque](#). Foi criado em [1917](#) por desejo de [Joseph Pulitzer](#) que, na altura da sua morte, deixou dinheiro à Universidade de Colúmbia. Parte do dinheiro foi usada para começar o curso de jornalismo na universidade em [1912](#).



Nossa hipótese é que quando ele percebeu que seu irmão conseguiu viver como jornalista, ele tentou seguir seus passos.

Eu franzi minha testa. — Acho que sim, mas isso não parece com o Jamie. Ele queria ultrapassar Nicholas, então ele foi contratado por um tablóide? E, sem ofensas, mas para investigar vampiros?

— Não vampiros em geral. — Ethan disse. — Vampiros celebridades.

— Ou ainda melhor, vampiros sugadores de sangue tirando vantagem de pobres indefesos humanos. — Luc desabou no sofá de couro no lado esquerdo da sala e segurou seu drinque. — Não é o tipo de manchete que nós queremos estampado pela cidade inteira, mas exatamente o tipo que poderia fazer o novo Breckenridge famoso.

— Principalmente se ele for à pessoa a desvendar a segunda maior história desde o anúncio de nossa existência, se ele conseguir falar da inerente maldade dos vampiros. — Ethan disse, levantando-se e fazendo seu próprio caminho ao armário de bebidas. Mas ao invés de despejar um pouco de um estoque de álcool, sem dúvida, caro, abriu um pequeno frigorífico e tirou o que parecia uma caixa de suco. Blood4Y normalmente envia suas mercadorias em sacos plásticos, médicos. Presumi que ela tinha atualizado os produtos de conveniência. — Não Nicholas com seu Pulitzer. — ele continuou — Mas Jamie, o mais novo dos Breckenridge, é um homem que tem pouco ao seu favor, tanto academicamente quanto profissionalmente. — Tendo oferecido sua teoria, Ethan enfiou o canudo de plástico que vinha com seu “suco” em caixinha — ele disse, sua língua passando pela ponta de seu canino subitamente estendido.

Meu coração pulou uma desconcertante batida. Seus olhos permaneceram verdes esmeralda enquanto ele bebia, um sinal de sua habilidade em controlar suas emoções, sua fome. Ethan bebeu o sangue em segundos, amassou a embalagem em sua mão e arremessou dentro da lata de lixo prata. Aparentemente refrescado, ele pôs suas mãos dentro dos bolsos de sua calça e recostou-se no armário.

— Nós não seremos populares para sempre. — ele disse. — Nós tivemos sorte com relação aos assassinatos, sorte que a maioria dos humanos estavam dispostos a direcionar sua ira em direção à Celina enquanto acolhia ao resto de nós. A ideia de magia, de o mundo possuir mais do que os olhos vêem, continua a atrair muita gente. — a expressão de Ethan endureceu. — Mas as pessoas temem o que não entendem. É possível que não seja possível evitar esse medo para sempre. E popularidade vem sempre com críticas, alimenta a inveja. Isto é, para melhor ou pior, a natureza humana. — Isso foi quando sua cabeça levantou e ele olhou para mim. Seus olhos brilharam;



órbitas de geladas esmeraldas verdes, e eu sabia que ele estava prestes a fazer sua jogada. Com voz baixa e grave ele disse: — Nós mantemos alianças, Merit, formamos contatos em ordem a proteger a nós mesmos. Para nos dar quaisquer vantagens possíveis, vantagens que precisamos para sobreviver, para nos proteger, proteger nossas Casas. — ele pausou. — Você possui essas alianças.

— Merda; — eu murmurei, fechando meus olhos apertados, já sabendo o que ele queria de mim.

— Você cresceu com os Breckenridge. Suas famílias são amigas. Você é, para melhor ou pior, parte daquele mundo. — eu senti a isca dele, meu coração começou a bater mais forte. Eu já comecei a suar e ele nem havia chegado à questão principal.

— Você sabe que eu não sou como eles.

Ele ergueu sua única sobrancelha loura. — Não é como eles? Você faz parte deles, Merit. Você é a filha de Joshua e Meredith Merit, ex-namorada de Nicholas Breckenridge. Você teve seu baile de debutante. Você foi introduzida àquele mundo.

— Introduzida a ele, e saí logo depois. Eu não me encaixava lá. — eu o lembrei, levantando um dedo em protesto. — Eu sou uma estudante graduada. Pelo menos eu era antes da sua viagem ao campus. — seu rosto ficou rígido pelo comentário, mas eu continuei. — Eu não sei valsar, odeio vinho e aqueles estranhos aperitivos em miniatura. E você sabe muito bem que eu não me importo se estou ou não usando a última moda de sapatos de design. — sua expressão ainda permanecia branda, meu ataque aparentemente ineficaz, então eu mudei minha tática, utilizando táticas de senso comum. — Eu não me adequo a eles, Ethan, e eles sabem disso. Eles sabem que meus pais e eu não somos próximos. Os socialites não me darão nenhuma informação e eles não me ajudarão a chegar próximo de Jamie. — Ethan me encarou por um minuto, afastou-se do bar e andou na minha direção. Quando ele estava a poucos centímetros de distancia, ele cruzou seus braços e olhou para mim dos seus 1,80 metros de altura e mudou.

— Você não é mais uma estudante. Quem quer que você tenha sido naquele tempo, você é diferente agora. — eu comecei a contestar, mas ele levantou uma sobrancelha em aviso. Eu posso ser um novo vampiro, mas eu jurei servi a ele e a Casa. Mais importante, eu já o vi lutar. Eu estava disposta a testar os limites das minhas obrigações, mas eu sabia até onde eu podia chegar. E quando ele falou, eu me lembrei do porque ele era o líder da Casa Cadogan, do porque ele foi o escolhido para liderar. — Você não é somente sua filha. Você é uma vampira Cadogan. Você é Sentinela desta Casa. Quando você entra em uma sala cheia de pessoas, você saberá que não é um



deles, você é mais do que eles são. Você é uma vampira, de uma histórica Casa, em uma histórica posição. Você é poderosa e bem conectada; se não for pelo seu pai, então que seja pelo seu avô. Você não é mais nem menos, Merit, do que você mesma. A questão não é se você pode fazer, mas você escolherá fazê-lo?

Levantei meus olhos, o observei. Ele levantou uma sobrancelha, desafiador, e continuou falando. — Você me acusou de não acreditar em você. Se a história chega a ser publicada, e os vampiros de Chicago são tachados como predadores manipuladores, todos nós perderemos. Quem sabe o que enfrentaremos então, outra solução? Talvez não. Mas registro? Reclusão? Suspeitas e regulamentos? Não há dúvida. Mas se você pode aproximar-se de Jamie, tornar-se uma fonte de Jamie, ajudá-lo a ver quem realmente somos, ou melhor, ainda, convencê-lo a deixar a história inteira, então, nos esperam melhores resultados. Sem nada mais, nós poderemos sair do armário por mais algum tempo. Estou recorrendo a você, Merit, porque você tem as conexões para fazer isso. Porque Jamie te conhecia antes, e ele será capaz de ver que a sua bondade, sua decência, continua estando aí, mesmo depois de você se tornar uma de nós.

— Christine tem os contatos para fazer isso. — eu comentei me lembrando de um dos meus companheiros vampiros novatos que fez seu juramento a Casa Cadogan na mesma noite que eu. Ele é a filha do procurador de Chicago Dash Dupree, e como todos os vampiros novatos, ela perdeu o privilégio de usar seu sobrenome, ela continua sendo uma Dupree, ainda é um membro desta família, que permanece no alto escalão da sociedade de Chicago.

— Christine não pode fazer isso. Você tem a força para se defender, ela não. — seus braços ainda cruzados sobre seu peito, Ethan inclinou-se e sussurrou em meu ouvido. — Eu posso te ordenar a fazer isso, a executar essa missão. — ele endireitou-se e ofereceu-me um olhar que deixava claro a escolha que eu tinha. Ele estava oferecendo-me a percepção da escolha, mas ele estava certo, eu tinha dito meu juramento diante dele e Luc e os outros para proteger a Casa, mesmo que significasse ter que vestir Dolce & Gabbana e ir aos jantares da sociedade. Eca. Jantares da sociedade. Pessoas frescas. Sapatos desconfortáveis. Mordomos, que nem são do tipo macaco. Mas eu disse adeus às minhas noites de sexta e engoli. — Tá bem, eu farei.

— Sabia que podia contar com você. E, você sabe, tem uma coisa boa. — eu olhei para ele, sobrancelhas erguidas em questionamento. — Eu irei com você. — eu quase rosnei para ele, me chutando mentalmente por não adivinhar isso. Qual melhor maneira de Ethan começar a se integrar na sociedade (humana) de Chicago que usar-me como seu tíquete de entrada?



— Esperto. — eu comentei, dando-o um olhar seco.

— Um garoto aprende uma coisa ou outra em quatrocentos anos. — ele disse espertamente, então ele bateu suas mãos. — Vamos bolar nossa estratégia!

Nós nos reunimos na área de reuniões do escritório de Ethan com um prato de vegetais e hummus¹⁷ que eu pedi da cozinha. Ethan enrugou seu nariz ao ver o prato de vegetais e hummus, mas eu estava faminta, e ele me achou petulante o bastante com a barriga cheia para evitar o mau humor que vinha com a queda de açúcar no sangue. Então eu comi pequenos ramos de aipo e cenoura quanto nós traçávamos no mapa os possíveis lugares de Chicago onde poderiam ocorrer festas Rave. Eles incluíam um clube em Urbana, uma cara casa do subúrbio em Schaumburg, e um bar no Parque Lincoln. Aparentemente qualquer lugar era o bastante para um derramamento de sangue. Enquanto nos inclinávamos sobre as informações, eu divagava.

— A gente não tinha toda a informação. — Luc disse, mexendo em alguns documentos.

— Então como temos agora? — eu perguntei. O leve olhar de desgosto que passou pela feição de Ethan deu a resposta. Bem, isso e o fato de que enquanto Luc procurava pelos diversos documentos, ele revelou uma pasta de papel pardo com um barbante vermelho. Eu só podia perceber a frase NIVEL UM estampado na frente. Bingo. — Você ligou para o escritório de Ombud — eu conclui. — Eles tinham a informação arquivada, ou eles fizeram a pesquisa. Foi isso que eu trouxe para você hoje. — Silêncio. — Então...

— Nós fizemos. — a resposta de Ethan foi tão curta quanto seu tom. Apesar de não parecer tão orgulhoso por implorar por informação, e a pesar de ele e Catcher serem amigos (do tipo peculiar), Ethan não era fã do escritório de Ombud. Ele achava que eles eram muito próximos ao Prefeito Tate, cuja posição em relação ao “problema vampiro” era menos que claro. Tate tinha tudo, mas recusou-se a conversar com os Mestres das Casas, mesmo depois de termos nos tornado públicos, a pesar que a administração da cidade já soubesse de nossa existência há décadas. O fiasco Celina não ajudou a relação Cadogan-Ombud. O Presídio Greenwich não reconhecia a autoridade de Chicago sobre Celina, não importando quão abomináveis foram seus atos. Como ela era um membro do PG, o PG acreditava que ela tinha direito a certas acomodações, incluindo não ter que cumprir uma eterna pena na Cadeia Cook County. Isso tomou um pouco de diplomacia da parte de meu avô para assegurar o apoio da administração em relação à extradição dela para a Europa. Isso significava que meu

¹⁷ Hummus, uma espécie de "patê" de grão de bico ao estilo do médio oriente.



avô, que fez seu juramento para servir e proteger Chicago, foi forçado a libertar a vampira que tentou matar sua neta. Nem é preciso dizer que ele ficou em dúvida.

— Qualquer que seja a fonte, Sentinela, nós temos a informação agora. Vamos usá-la, que tal? — eu engoli um sorriso, achando graça que eu havia voltado a ser “Sentinela”. Eu era Merit quando Ethan precisava de algo, e “Sentinela” quando ele respondia ao meu resmungo. E isso era freqüentemente.

— Eles irão suspeitar que Merit queira voltar. — Luc disse.

— O que significa que ela precisará de uma história disfarce. — Ethan disse. — Mas uma história que seja passível por seu pai. — Nós ponderamos esta questão em silêncio. Como o chefe das Propriedades Merit, uma das maiores companhias de gestão de propriedades da cidade, meu pai como o vendedor que era, sabia quando estava sendo enganado.

— Que tal um pequeno reencontro familiar? — Luc finalmente perguntou. Ethan e eu olhamos para ele.

— Explique. — Ethan ordenou. Luc franziu a testa, coçou distraidamente sua bochecha e relaxou no sofá.

— Bem, acho que você já comentou isso antes. Ela é membro de uma família importante de Chicago, e agora Sentinela de umas das mais antigas Casas Americanas. Então ela interpretará a jovem mulher fazendo seu triunfante retorno para a sociedade que antes a havia desprezado. Começando pelo seu pai. Ela fica na dela, aparenta confiança e orgulho, como se ela finalmente tivesse aderido à famosa atitude Merit — ele bate suas mãos para enfatizar. — Boom! O patriarca a acolhe de volta ao ninho.

Ethan abriu sua boca, fechou e abriu-a novamente.

— Esta é uma análise interessante.

— Estão apresentando reprises de Dynasty sem parar na televisão a cabo. — Luc disse. Humm. Esta é uma informação um tanto quanto interessante sobre o nosso capitão guarda. Ethan o encarou por um momento antes de fala.

— Cultura pop.

— Hey! — com uma gargalhada e sem pensar quem ele era ou a autoridade que exercia sobre mim, eu dei um soco de leve no braço dele. Felizmente ele não



saltou da sua cadeira e me atacou, apesar de que ele ficou encarando o lugar na sua jaqueta preta onde eu toquei.

— Olha; eu sei que atuar não é bem meu forte, mas eu tenho certeza que eu posso fingir ser pretensiosa. — eu tenho um professor e tanto. — Mas eu tenho uma ideia melhor.

— Somos todos ouvidos, Sentinela.

— Robert. — eu disse. — Ele é o nosso disfarce. Apesar do nosso afastamento, ou talvez por causa disso, meu pai veio me ver algumas semanas atrás, na noite em que eu completava vinte e oito anos, para pedir que eu ajude meu irmão Robert, que irá assumir as Propriedades Merit, fazendo estradas com a dotada população da cidade. Eu rejeitei por inúmeras razões, a velocidade na qual Ethan puniria o que ele imaginava ser minha traição pro - humana é a primeira delas. A minha antipatia pelo meu pai, é a segunda razão. Eu teria que corrigir os pressupostos de meu pai sobre o que eu “devia” à minha família em fortes termos o suficiente para se perguntar o porquê da minha volta. Mas se ele pensasse que eu estava disposta a ajudar Robert a fazer contatos com superiores, minha hipótese seria que ele ignoraria suas suspeitas e se alegraria na hora.

— Nada mau. — Ethan disse. — E quando você garantir uma audiência junto ao seu pai, como hoje a noite, você estará dando-o um contato e tanto. — foi a minha vez de levantar uma irônica sobrancelha.

— E esse seria?

— Eu é claro. — yeah. Esse é exatamente a pretensão que estava me referindo antes. Luc olhou para mim.

— Você tem que ligar para sua família assim que tiver a chance. Informe-os que você quer voltar para o ninho. Pergunte se tem algo interessante no calendário social.

— Tá bem, tá bem, Capitão.

— Bem, agora que temos a estratégia. — Ethan disse, batendo em seus joelhos e levantando de sua cadeira. — Você está dispensada. Luc faça os preparativos que discutimos. — os preparativos que eles discutiram? Como, no passado?

— Espere um minuto. — eu disse, levantando um dedo enquanto Ethan voltava à sua mesa. — Quanto deste pequeno plano vocês dois já decidiram antes de eu entrar? — ele olhou para Luc pensativamente.



— O que, Luc? Tudo?

— Praticamente. — Luc disse afirmando com a cabeça.

— Nunca subestime o poder dos subordinados. — Ethan disse, brilhando com uma presunção digna de Gordon Gecko. Eu bufei. Luc, o traidor, pegou um aipo, levantou-se do sofá, deu tapinhas em meu ombro enquanto saía da sala, um gesto que era parte companheirismo e parte condescendência.

— Mas obrigado por aparecer na festa, Sentinela. Nós agradecemos que tenha reservado parte de seu tempo para nós — a cadeira de Ethan chiou, ele se situou atrás de sua mesa, deslizou sua mão pelos seus cabelos e olhou de soslaio para a tela do computador.

— Se nós tivermos acabado. — eu disse — Eu estou voltando lá para cima.

Luc sentou na cadeira em frente à mesa de Ethan, enquanto Ethan verificava seu e-mail ou qualquer negocio eletrônico que o preocupava. Ele posicionou seus dedos acima do teclado, e como um pianista, eles voavam pelo teclado.

— Faça isso, Sentinela, faça isso.

Luc terminou de comer seu aipo, então acenou o caule para mim dizendo: — Tenha uma ótima tarde, Raio de sol.

Eu os deixei com suas alegrias.



Capítulo 5

Falando sobre liberdade.

Eu nunca fui muito de ficar falando ao telefone. Eu tinha sido obcecada com livros e surgimento de bailes e não era o tipo de adolescente que passava uma noite em casa com o telefone sem fio pressionado na minha orelha. Isso significava que eu nunca me acostumei a isso. Claro, eu ligava às vezes para meu irmão mais velho e irmã, Robert e Charlotte, para dar uma checada, e quando eu ainda estava na escola, eu ligava para Mallory para marcar almoços no Loop, mas bater papo com Joshua e Meredith Merit era um pássaro de penas completamente diferentes. É claro, era quase meia-noite, então tinha pelo menos uma chance dos meus pais estarem dormindo, se preparando para outro dia no escalão superior da sociedade de Chicago.

Essa discussão - se eles estavam ou não dormindo - foi a razão de eu passar a primeira hora depois de voltar para o meu quarto com uma barra de cereais e livro na mão. Foi só quando eu não achei que podia enrolar mais que sentei de pernas cruzadas na minha cama, olhando para o telefone na minha mão, xingando os votos de lealdade que eu tinha jurado a um certo Ethan Sullivan. Eu respirei, me enchi de coragem, disquei o número dos meus pais, e estava agradavelmente surpresa de pegar uma mensagem da secretária eletrônica clara e planejada.

— Você ligou para a residência do Sr e Sra. Joshua Merit. — minha mãe disse.
— Temo que estejamos incapazes de atender a sua ligação nesse momento. Por favor, deixe um recado após o sinal.

Houve um bip digital. Eu fechei meus olhos e falsifiquei a autoconfiança indiferente que Ethan, Luc e eu tínhamos discutido. — Oi, é Merit. Eu queria falar com vocês dois. Resumindo, agora que as coisas..., mudaram, agora que eu mudei, eu acho que é uma boa ideia reconstruir alguns relacionamentos. — eu me encolhi, e continuei. — E começar a passar tempo com os tipos certos de pessoas...



Eu fui interrompida por um “click”: o som de um telefone sendo atendido. Xinguei silenciosamente. Passou tão perto.

— Bem, querida. — minha mãe disse aparentemente acordada, independentemente do horário. — A sua ligação não podia ser mais oportuna. Os Breckenridges estão hospedando um evento na sexta à noite, cocktail pela Coalizão da Colheita no Parque Loring. — o estado de Breckenridge estava localizado no Parque Loring, um subúrbio na zona rural de Illinois. — Eu não vou estar lá — ela continuou. — Eu tenho um encontro auxiliar. Mas o seu pai vai. E, é claro, os Breckenridges. Você devia ir, dizer olá para os garotos Breck.

A Coalizão da Colheita era um banco de comida de Chicago. E embora a causa fosse obviamente louvável, eu não estava excitada sobre estar na mesma casa que meu pai. Por outro lado, minha primeira festa do lado de fora e eu era mandada para o jardim dos Breckenridges. Ou talvez mais precisamente, bem para dentro do galinheiro dos Breckenridges, um vampiro em seguida. Deus me perdoe.

— Parece legal, mãe.

— Maravilhoso. Gravata preta, cocktail às oito da noite. — ela disse, repetindo o status dos ricos e famosos. — Eu vou falar para Pennebaker... — esse era o mordomo antiquado dos meus pais. — ...Ligar para os Breckenridges e mandar um convite. Você ainda está vivendo com aquela garota de Carmichael¹⁸, eu presumo?

Quem me dera. — Na verdade, mãe, eu me mudei hoje para a Casa Cadogan. Com o resto dos vampiros — eu adicionei, caso não estivesse óbvio.

— Bem. — minha mãe disse; intriga em sua voz. — Isso não é meio que uma evolução? Eu vou me assegurar de passar essa informação para o seu pai. — eu não tinha dúvidas de que ela iria, meu pai sendo um comerciante de informações, e as conexões que dariam sinal dessa informação específica.

— Obrigada, mãe.

— Claro querida.

Então eu tive uma tempestade cerebral. Eu posso não ter a fonte secreta do meu avô, mas eu tinha uma Meredith Merit. — Mãe, uma coisa antes de você ir. Eu ouvi que Jamie está trabalhando agora. Talvez em um jornal?

¹⁸ Carmichael - Cidade da Califórnia.



— Jornal, jornal. — ela repetiu distraidamente. — Não, eu não me recordo de nenhum jornal. Todo mundo sabe que Nick é o jornalista na família Breck, de qualquer maneira. A menos que você tenha ouvido algo diferente? — sua voz tinha abaixado uma oitava; ela tinha ido diretamente para o modo fofoca e estava esperando eu passar algum detalhe suculento. Mas meu trabalho era investigar, não atçar as chamas.

— Nope. — eu disse. — Só pensei que tinha ouvido algo diferente.

— Oh, bem. Se Deus quiser, ele vai achar seu próprio lugar, em algum momento. Alguma coisa para mantê-lo ocupado — ela pausou, então perguntou um pouco alto. — O que, querido? — silêncio de novo, então. — Amor, seu pai está me chamando. Eu vou arrumar um convite. Você aproveite sua Casa Cadogan.

— Claro mãe. Obrigada.

Eu apertei o botão de desligar e fechei o telefone na minha palma.

— Droga. — eu murmurei. Eu avancei na tarefa de Ethan, e nos meti na festa dos Breckenridge. Meu ego inchado pela minha sugestão menor, embora questionável (eu tinha acabado de concordar em sair com o meu pai), eu decidi tratar dos meus negócios restantes da Casa pela tarde. — Atualizar Ethan sobre a ligação.

Eu recoloquei minha katana no cinto, e fui em direção ao seu escritório. Quando eu alcancei o primeiro andar, passei por Malik, o vice-presidente de Ethan, quando ele saiu do escritório de Ethan.

A expressão de Malik era grave, e ele não fez nenhum movimento para me reconhecer enquanto passava.

Aquilo não pegou bem.

Dessa vez, a porta de Ethan estava aberta. Aquilo era estranho, mas pior era o fato de que ele estava parado no meio da sala, de braços cruzados, seu olhar no chão, aquela linha de preocupação entre seus olhos. E ele tinha mudado de roupa, também. Sem a sua jaqueta social preta. Ele estava em uma camisa com manga, sem gravata, somente o brilho do pingente de Cadogan ao redor do seu pescoço quebrando a extensão da camisa branca imaculada que abraçava seu tronco. Ele tinha até mudado seu cabelo; agora era puxado em um rabo de cavalo pequeno na sua nuca. O tipo de movimento que uma garota pode fazer quando tem que ir direto aos negócios.



Meu estômago se apertou desconfortavelmente. No tempo que eu tinha ido para o meu quarto e voltado ao primeiro andar de novo, algo tinha acontecido.

Eu bati os nós dos dedos contra a soleira da porta.

Ethan levantou o olhar. — Eu estava prestes a te chamar. — ele disse. — Entre e feche a porta.

Eu fiz como ele mandou, então pensei que poderia muito bem ir às notícias boas, primeiro. — Eu liguei para minha mãe. Tem um cocktail beneficente oferecido pelos Breckenridge na sexta-feira à noite. Ela vai pedir um convite.

Ethan levantou as sobrancelhas, aprovando. — Muito bem. Dois pássaros com uma pedrada só, e tudo aquilo.

— PSI¹⁹, ela também disse que não ouviu nada sobre Jamie estar envolvido em qualquer tipo de trabalho jornalístico. Eu não disse nada a ela — eu adicionei, quando o olhar de Ethan se levantou rapidamente. — Eu só perguntei uma questão muito vaga. Se ele estivesse trabalhando, especialmente no campo de Nick, ela teria ouvido. Sra. Breck estaria excitada. Ela não teria escondido esse tipo de coisa da minha mãe.

Ele pausou, parecendo perplexo. — Hmm. Bem, seja como for. — ele disse, contornando sua mesa e se sentando. — Dada a natureza do estrago que uma história poderia causar, nós vamos nos prevenir. Há, sem dúvida, uma semente de verdade nas informações que recebemos, específicas como elas são. — ele olhou para seu desktop por um momento antes de levantar olhos embaçados para mim. — Sente-se, Merit.

Tinha preocupação no seu tom de voz. Meu coração bateu desconcertadamente, mas eu fiz como ele pediu, tirando minha katana e deslizando-a em umas das cadeiras em frente da mesa de Ethan.

— O Presídio soltou Celina.

— Oh, meu Deus. — eu sabia que meus olhos tinham ficado prata, talvez com raiva, talvez com medo, talvez com a adrenalina que estava começando a se arrojar nos meus membros. — Como? Quando? Quando isso aconteceu

— Há três dias. Darius acabou de ligar. Eu conversei brevemente com Luc, ele vai atualizar os jornais e informar a RDI e as outras Casas de Chicago. — na língua de Cadogan, isso significava que Luc atualizaria os nossos relatórios de segurança,

¹⁹ PSI - Para Sua Informação. Em inglês, FYI, For Your Information.



informaria as fadas mercenárias (sim, fadas) que trabalharam para RDI, a companhia que assegurava a segurança da Casa durante as horas diurnas e que ficavam de guarda nos portões da frente, e ligaria para Morgan e Scott Grey.

— Ele acabou de ligar? — eu repeti. — Você só falou com ele há algumas horas. Ele não mencionou que eles estavam soltando uma louca no mundo?

— Ele não sabia. Ele não estava lá quando a votação foi feita, provavelmente de propósito. O Presídio é um corpo majoritário, e ela está na maioria, assim como isso deveria demonstrar. O Presídio... — ele pausou e balançou sua cabeça — Eles são vampiros, Merit. Predadores que nasceram em uma época quando isso significava mais do que significa hoje. Quando não era carne, mas substância. Quando os humanos...

Eu podia falar que eu sendo nova e de algum modo controversamente mudada, ele estava procurando um jeito educado de explicar algo que podia ser facilmente resumido em uma única palavra.

— Comida. — eu terminei para ele. — Eles eram comida.

— Um pouco mais do que isso. Tirando a política disso. — era perturbador que a percepção dos humanos serem gados de duas patas era somente mera “política” para o Ethan? — Os outros membros podem ter sido encantados, e mesmo assim não saberem disso. Ela é poderosa o bastante para fazer isso.

Tendo sentido a perfuração lenta do seu encantamento, sua habilidade de se infiltrar na sua mente e manipulá-la a sua vontade, eu entendia. Eu tinha sido capaz de resistir, mas essa era uma destreza pessoal, aparentemente. Algum capricho da minha maquiagem. — Como nós tínhamos discutido, eu esperava que Celina ficasse presa pelos seus crimes. Esse foi o acordo que seu avô negociou entre Tate, o advogado do distrito, e o PG. O Presídio tem memória curta sobre acerto de contas. Embora eu não duvidasse que ela recebesse tratamento quatro estrelas, eu esperava que ela fosse perder sua Casa, o que ela perdeu, e permaneceria confinada em Londres. — ele balançou sua cabeça, então fechou seus olhos em óbvia exaustão. — Pelo menos os humanos não estão cientes da sua soltura. Ainda.

Quer os humanos descubram ou não, a soltura de Celina ainda ameaçava o Prefeito Tate e todo mundo em Chicago que tinha atestado a justiça de sua extradição, parecerem mentirosos, incluindo Ethan e meu avô.

Jesus. E eu tinha pensado que relações com o escritório de Ombud era estranha antes.



— Como eles podem ter feito algo tão politicamente estúpido? — eu pensei em voz alta.

Ethan se inclinou de volta na sua cadeira e cruzou seus dedos juntos sobre seu peito.

— Membros do PG tendem a ser polarizado em problemas como esse — ele disse. — Muitos justificam sua longevidade por ficarem debaixo do radar, vivendo como humanos, assimilando-se. Eles estão felizes em ficar desse jeito. Outros sentem que eles passaram centenas de anos se escondendo, e eles não escondem nenhuma amargura sobre isso. Ela oferece a eles um novo tipo de liderança. Além disso, a força deles de lado, você viu Celina, Merit. Você sabe que ela tem certo..., charme.

Eu assenti. Sua beleza de cabelos negros era inegável. Ainda assim. Desde quando gostosura era uma desculpa para fazer decisões irracionais? — Ok, mas nós estamos falando sobre o presídio aqui. Os vampiros mais fortes. Os melhores. Gostosa ou não, como eles não souberam o que ela estava fazendo?

— Eles são fortes, mas não necessariamente os mais fortes. Amit Patel é, por todas as contas, o vampiro mais forte no mundo, e ele evita completamente a política. Ele tem evitado adesão ao Sabha por muitos, muitos anos.

Houve uma mudança no tom da sua voz, de medo para admiração notável, algo que Ethan não era muito generoso. Sua voz tinha a mesma nota de reverência que os homens humanos usavam quando falavam sobre Michael Jordan ou Joe Namath.

— Você tem uma queda masculina por Amit Patel. — eu disse minha boca se levantando em um sorriso. — Um romance de caras. Isso é quase charmoso. — e humano, eu pensei, mas não disse em voz alta, sabendo que ele não consideraria isso um elogio.

Ethan rolou seus olhos desdenhosamente. — Você é muito nova para ser tão forte quanto é.

Eu considerei isso não uma referência cronológica, mas algum senso-de-maturidade-de-vampiros de Ethan.

Eu fiz um “Humph”, mas franzi o cenho de novo para ele por uma razão diferente. — Ela vai vir para Chicago. — eu previ. Ela tinha tentado me matar como parte do seu plano para dominar as Casas de Chicago, e ela tinha sido frustrada em matar Ethan por um risco que eu tinha tomado. Qualquer que fosse suas outras



motivações, seus outros motivos, ela viria a Chicago para me achar, isso se ela já não estivesse aqui.

— Não é improvável. — Ethan concordou. Ele abriu sua boca para falar novamente, mas pausou, pareceu pensar melhor. Então, com um franzido que abaixava ambas as sobrancelhas, ele cruzou seus braços sobre seu peito. — Eu espero que qualquer informação que você recolha das outras Casas sobre Celina seja passada para mim.

Não era uma pergunta, nem um “espero”, independentemente da sua frase. Era uma ordem. E já que tinha somente uma fonte da Casa que eu mesmo possa eventualmente recolher informações, era uma ordem desagradável. Evitar conversas como essa as quatro da manhã era exatamente o porquê que eu não queria mudar para a Casa.

— Eu não vou espionar Morgan. — eu disse a ele. Enquanto eu não tinha certeza do quão longe eu queria que meu relacionamento com Morgan fosse, eu estava muito bem certa de que “longe” não incluía espionagem. Além disso, eu já tinha ido muito longe ao misturar o pessoal e profissional por ajudar Ethan com esse probleminha. Eu estava, pelo menos simbolicamente, trazendo Ethan para casa, isso era o mais longe que eu estava querendo ir.

Previsivelmente, dado o meu desafio a sua autoridade soberana, ele ficou tenso, seus ombros se enquadrando. — Você vai reportar a informação que você foi instruída a reportar. — a voz dele era fria e decidida.

Os cabelos da minha nuca se ergueram, uma reação ao derramamento de magia que vampiros soltavam quando nossas emoções se manifestavam — magia que estava atualmente derramando no quarto à medida que a nossa conversa se aquecia. Vampiros não eram capazes de manipular magia, mas nós éramos seres mágicos, predadores mágicos. Adicione esse pó de magia aos olhos prateados e presas e você tem uma boa visão dos mecanismos de defesa dos vampiros — mecanismos de defesa que estavam começando a pegar fogo.

Eu fechei minhas mãos em punhos e tentei diminuir minha respiração. Eu assumi que meus olhos tinham ficado pratas, mas eu estava tentando impedir minhas presas de descerem. Ela queria algo mais, contudo...

Eu tinha percebido nos últimos meses que quando eu estava estressada ou com medo, quando o instinto lutar-ou-fugir era acionado e minhas presas apareciam, eu podia sentir a vampira dentro de mim, algo separado dentro de mim, como se nós não



tivéssemos nos fundido completamente. Minha mudança genética de três dias devia ter me transformado — inteira e completamente — em um vampiro, presas e olhos pratas e tal. Eu não entendia isso, como eu podia ser um vampiro — o desejo por sangue, a agenda noturna, as presas e os sentidos aprofundados — e ainda sentia a separação do vampiro, um fantasma em minha máquina. Mas era assim que eu me sentia.

Eu tinha mencionado isso para Catcher uma vez. Sua falta de reconhecimento, de confiança, tinha me abalado. Se ele não sabia o que estava acontecendo, como eu podia saber? Como eu deveria lidar com isso?

Mais importante o que eu deveria ser?

Uma parte de mim pensava, sussurrava algo que eu dificilmente podia aguentar reconhecer — que isso não era normal. Que como uma vampira, eu estava quebrada.

Eu podia senti-la agora, um tigre começando a andar. Eu podia senti-la se movendo, mudando sob meus ossos, meus músculos começando a vibrar com isso. Ela queria meus olhos completamente pratas, minhas presas completamente expostas, minha magia derramando através do quarto. Ela queria pegar as palavras de Ethan e jogá-las de volta, desafiá-lo com espada.

Ou ela queria derrubá-lo e ficar com ele.

Qualquer um dos atos seria violento, primitivo, incrivelmente satisfatório. E uma ideia muito ruim.

Eu agarrei a alça do katana, pressionando minhas unhas na corda ao redor dela para manter meu controle. Depois da minha tentativa falha de avisar Catcher, eu tinha decidido manter o problema para mim mesma. Isso significava que Ethan não sabia, e eu não estava pronta para anunciar para um vampiro Mestre que eu já tinha problemas de confiança, que eu pensava que estava quebrada.

Que ela estava esperando.

Levou-me uns segundos para puxá-la de volta, para respirar através dela novamente, segundos na qual a magia se erguia nas bordas através do quarto.

Bem vinda a Casa Cadogan, eu pensei, e com alguma erupção de força, a empurrei para baixo, levantei meu queixo e o encarei de volta. Seus olhos eram enormes piscinas cristalinas verdes.



— Eu sou a Sentinela dessa Casa. — eu disse minha voz mais sensual que o normal. — E eu reconheço, assim como você, a responsabilidade que isso implica. Eu concordei em levar você aos lugares que você precisa de acesso. Eu concordei em ajudar você a investigar os delírios, e você vai ser a primeira pessoa na minha lista de contatos se eu souber que Celina está na cidade. Mas minha vida amorosa está fora dos limites.

— Lembre-se com quem você está falando, Sentinela.

— Eu nunca esqueço Sullivan.

Quase um minuto passou, e nenhum de nós se moveu nem mesmo o peso da nossa teimosia coletiva, engrossando o ar.

Mas então, milagre dos milagres, ele cedeu. A tensão e magia desapareceram. Um único aceno duro foi tudo que ele me deu, mas eu apreciei e saboreei, resolvi memorizar esse momento — o momento que ele tinha desistido. Eu tentei não gritar “Eu venci!”, mas não consegui segurar o sorriso que levantou a ponta da minha boca.

Eu devia saber que a celebração era prematura.

— Independentemente, você vai me informar se trazer Morgan para a Casa Cadogan. — Ethan disse; seu tom semi satisfeito o suficiente para esvaziar meu sorriso.

É claro que ele queria que eu dissesse a ele. Ele queria apreciar a vitória de eu entregar a nova cabeça da Casa Navarre — e a possibilidade de uma aliança Cadogan-Navarre — na sua porta. Dado as suas dúvidas anteriores sobre minhas lealdades — estimuladas pela minha mudança controversa de humana para vampira — que jeito melhor para Ethan se assegurar que eu não estava espalhando informações nos corredores da Casa Navarre do que me manter a salvo e segura em Cadogan, trazendo Morgan em seguida?

Eu não tinha certeza do quanto gostava de Morgan. Era cedo, o relacionamento estava novo. Mas em comparação com o homem que Mallory tinha apropriadamente apelidado de “Darth Sullivan”, Morgan era Príncipe Charmoso em jeans Diesel. Eu mantive o comentário, inflamatório como era, quando era minha deixa. Não tinha sentido em fingir que iríamos nos divertir com isso, e quanto mais eu ficava no quarto com ele, mas eu arriscava minha vampira emergindo.

E se ela tomasse o controle, só Deus sabia o que podia fazer. Esse era um risco que eu não podia correr — não sem arriscar minha própria morte por estaca. Então,



sem encontrar o olhar que podia sentir penetrando minha pele, eu me ergui da cadeira e me movi em direção a porta, estendendo o braço para a maçaneta.

— E para que você não se esqueça. — ele adicionou. — Meu interesse na sua vida pessoal é totalmente motivada por Cadogan.

Oh, bem nos números com aquela.

— Minha preocupação é sobre alianças. — ele adicionou. — Sobre o potencial de colocar a insígnia da aliança de Navarre sobre a nossa porta. Não o confunda com mais alguma coisa.

— Eu não me atreveria a cometer esse erro, Sullivan. — difícil confundi-lo quando ele tinha admitido que estava atraído por mim, mas somente relutantemente. Quando ele praticamente me ofereceu a Morgan. Claro, isso tinha sido bem depois dele ter oferecido me fazer sua mais nova consorte. Sua habitual companhia feminina (sem necessidade de falar, eu recusei).

Mas aqui estava ele, levantando o problema. Talvez Ethan Sullivan, apesar da sua fachada cristalina de controle, realmente não sabia o que queria, afinal.

— Olhe o seu tom. — ele disse.

— Olhe a sua implicação. — eu estava beirando a linha de insubordinação, mas não podia deixá-lo falar a última palavra. Não nisso.

Seu maxilar se apertou. — Só faça seu trabalho.

Eu quase gemi para ele. Eu tinha feito meu trabalho. Eu tinha feito meu trabalho quando havia um milhão de explicações do por que eu não deveria arriscar minha vida para defender a dele. Eu tinha feito meu trabalho, apesar da sua falta de fé, apesar do meu julgamento melhor, porque eu não tinha mais nada para fazer a não ser meu trabalho. Eu tinha aceitado minha vida como uma vampira, eu tinha defendido-o perante Morgan, e eu tinha defendido-o perante Celina.

Minha frustração cresceu novamente, e com ela, a ameaça da vampira irrompendo. Eu podia ter deixado-a sair, podia ter deixado-a testar sua impetuosidade contra Ethan... mas eu tinha feito dois juramentos a ele, um para defendê-lo contra todos os inimigos, vivos ou mortos.

Minha vampira provavelmente contava como um ou outro.



Então em vez disso, chamando a força de vontade de uma santa, eu forcei meus lábios em um sorriso e olhei para ele sobre sarcasmo bem moderado. — Liege. — eu disse friamente, uma permissão da sua autoridade, e uma recordação de exatamente quais eram nossos lugares. Se ele podia me colocar no meu lugar, eu podia colocá-lo no dele.

Ethan me observou por um momento, narinas tremendo, mas se ele estava bravo, resistiu o impulso de segurar. Em vez disso ele inclinou sua cabeça e olhou para a pilha de papéis na sua mesa. Eu saí, e com um “click” decisivo, fechei a porta atrás de mim.

Não é como se eu não soubesse que isso estava vindo, que ele trabalharia aquele tom “eu sou o chefe” e seria capaz de bagunçar minha vida social. Mudar-me para a casa era necessário para respostas rápidas como Sentinela, para ajudar meus companheiros guardas, permanecer dos seus lados em vez de vir correndo do Parque Wicker no capricho do trânsito de Chicago.

Mas tinha um preço. Estar perto de Ethan era..., incendiário. Parte animação, parte química ridícula, nenhum dos dois conducentes a um ambiente em casa tranquilo. E essa era só a primeira noite sobre sua tumba. Não é um sinal de coisas boas vindo.

Eu retornei ao meu quarto e enrolei a ponta do meu rabo de cavalo enquanto olhava em volta. Embora o nascer do sol me apagasse rapidinho, eu ainda tinha uma hora antes do amanhecer, e meu encontro com Ethan tinha feito um excelente trabalho em me animar.

Eu pensei que podia ir ao ginásio no porão de Cadogan, talvez correr alguns quilômetros na pista, ou checar as ofertas pré-nascer-do-sol da cafeteria de Cadogan. Eu não ia nessa última sozinha — ainda era a novata, afinal. Então eu tomei as escadas para o terceiro andar e sai para achar Lindsey.

Acabou que não era difícil: uma foto de Brad e Angelina estava pregada no seu quadro de avisos, um recorte pequeno do rosto de Lindsey colado sobre o de Angelina. “Bradsey”, talvez?

A porta abriu antes de eu ter a chance de bater. Lindsey estava na porta, seu olhar na revista em suas mãos. Seu cabelo estava em um rabo de cavalo baixo, e ela estava fora do seu traje Cadogan, tendo o trocado por uma camiseta de mangas curta justa e jeans.

— Eu estava te esperando. — ela disse.



Eu pisquei para ela. — O que?

— Eu sou psíquica, lembra? — ela sorriu para mim e balançou uma mão no ar. — Woowoo. — ela disse, aparentemente ridicularizando a qualidade sobrenatural da situação. — Eu senti que você estava vindo, e eu sei que está com fome.

— Você pode psiquicamente dizer que eu estou com fome?

Ela fez um “humph”. — Eu posso dizer por que você é Merit. Quando você não está com fome?

Ela tinha um ponto.

Eu só dei uma espiada no quarto de Lindsey antes dela jogar a revista para dentro e fechar a porta. O plano e esquema de mobília eram o mesmo que o meu, — dormitório de vampiro básico — mas o quarto dela era bagunçado com cor. As paredes eram carmesim, pôsteres baixos e fotos e capas de álbuns cobrindo uma boa parte delas. Diretamente acima da sua cabeça estava pendurada uma enorme bandeira de New York Yankees. Lindsey nasceu em Iowa, mas ela tinha passado algum tempo em New York. Aparentemente, ela passou. Enquanto eu amava a Big Apple²⁰ tanto quanto a garota do meu lado, eu era uma fã de Cubs acima de tudo. Ela não parecia poder afastar sua escolha por Yankees.

Quando a porta foi fechada, ela olhou para mim, então juntou suas mãos. — Tudo bem, Sentinela quente de merda. Vamos descer para que você possa pegar sua comida e dividir sua bondade habitual com o resto dos seus irmãos e irmãs, sim?

Eu cocei distraidamente meu bíceps. — A coisa é...

— Eles não te odeiam.

— Você realmente tem que parar com isso.

Lindsey ergueu suas duas mãos. — Isso está escrito no seu rosto, *chica*. Sério, eles não te odeiam. Agora, cale-se para que possamos comer.

Eu obedientemente me calei, então a segui pelo corredor até a escadaria principal e descemos ao primeiro andar.

²⁰ Big Apple - Apelido da cidade de Nova York, em conta da grande exportação de maçãs na década de 70.



Nessa hora da noite, o piso principal podia estar tudo, menos vazio de vampiros. Um ou dois se sentavam conversando ou com um livro em mão, mas a Casa estava começando a se aquietar enquanto vampiros se acomodavam para o nascer do sol.

Nós andamos através do corredor principal para a cafeteria, onde alguns Novatos carregavam bandejas através de uma fila em U ao redor de muradas de comida de vidro blindado e aço inoxidável. Nós nos juntamos ao fim da fila, pegamos nossas próprias bandejas, e começamos a seguir a rota.

A comida era amplamente de café-da-manhã — rolinhos doces, bacon e ovos. Não parecia nada com uma extensão típica do jantar; em outra mão, era quase cinco da manhã. Eu peguei uma caixa de achocolatado orgânico de uma variedade de bebidas, então um Danish²¹ de cereja e uma pilha de bacon. Eu provavelmente não precisava de um café da manhã pré-sono, mas achei que a proteína me faria bem. E, seriamente, quando você balança um prato de bacon na frente de uma vampira, ela vai mesmo dizer não?

Minha bandeja cheia, eu deslizei atrás de Lindsey, esperando ela e os vamps na nossa frente fazerem suas escolhas. Ela apertou o mel de um urso de plástico em uma tigela de mingau de aveia, então levantou sua bandeja e andou em direção a uma mesa vazia. Eu segui, sentando de frente para ela.

— Eu preciso perguntar o que está acontecendo lá embaixo?

Eu a encarei. — Lá embaixo?

Ela mergulhou sua colher no mingau de aveia, então mordiscou o fim do talher — De novo. — ela disse. — Eu sou psíquica. Tem vampiros agitados por toda a Casa, hoje. Há algum tipo de energia inquieta. Preparativos, talvez?

Era muito pequena a dúvida de que Lindsey, como uma guarda, não seria informada sobre Celina.

— Celina foi solta. — eu sussurrei, tirando a pontinha do meu Danish de cereja.

— Ah, merda. — ela disse surpresa e com preocupação em sua voz. — Isso explica porque sua energia está por todo o lugar.

²¹ Danish -> Tipo um folhado doce. <http://vinhboy.com/images/cherry-danish.jpg>



Quando eu olhei para ela, sua cabeça estava inclinada para o lado, uma expressão de curiosidade no seu rosto. — E tem algo mais, também. Um tipo diferente de energia. — depois de uma pausa, ela sorriu. — Ooooh. Agora já sei.

Eu levantei uma sobrancelha. — Sabe o que?

— Não. — ela disse, balançando sua cabeça. — Se você não quer falar sobre Celina, eu não vou falar o motivo de você estar toda quente e incomodada. — ela fechou seus olhos e colocou seus dedos contra as têmporas. — Embora eu esteja vendo alguém..., é, tem definitivamente alguém aí. Alguém com cabelo loiro. Olhos verdes. — ela derrubou suas mãos e meu deu um olhar plano.

— Pare com isso. — eu a avisei, com um dedo apontado; um pouco embaraçada de ela saber que Ethan era quem tinha me deixado “toda quente e incomodada”, mas grata dela pensar que era relacionado à luxúria — e não porque eu possa ter algo biologicamente danificado. Bem, vampiricamente danificado, de qualquer maneira.

Eu olhei um volta, notando os olhares curiosos dos vamps sentados nas mesas de madeira ao nosso redor. Eles bebericavam as canecas e espetavam as frutas nas tigelas com garfos, seus olhos em mim.

Eles não pareciam muito impressionados com a Sentinela deles.

Eu me inclinei na direção de Lindsey. — Você notou que todo mundo está olhando para mim?

— Você é uma novidade. — ela disse. — Você desafiou a Mestre deles antes de fazer os juramentos, você foi nomeada Sentinela, você jogou pro inferno a cerimônia de Recomendação, e nosso amado líder ainda assim cobriu seu traseiro magro.

Isso me fez sorrir timidamente. — Eu fui jogada para o inferno. Não é exatamente a mesma coisa.

— Você sabe que eu estive nessa Casa por cento e quinze anos? Em todo esse tempo, Ethan somente nomeou outro Mestre.

Eu rasguei um pedaço do meu pastel, e coloquei-o na minha boca. — Eu não sou um Mestre.

— Ainda. — ela disse, apontando para mim com sua colher. — Mas isso é só uma questão de tempo. É claro, você poderia ter magia inerente, ser capaz de



trabalhar com alguma jujuba daquela Mallory de Carmichael - ela vai ser boa, você sabe - e você ainda não estaria a altura do Garoto de Ouro.

— Eu sei que ela vai ser boa. — eu concordei. — Isso me assusta diariamente. Quem é a Garota de Ouro?

— Lacey Sheridan.

Eu tinha ouvido esse nome, mas não conseguia reconhecer. — Quem é Lacey Sheridan?

— O Mestre que Ethan nomeou. Mestre da Casa Sheridan.

— Ah! — eu disse, entendimento surgindo. Eu me lembrei de ver o nome da Casa no *Canon*. Havia doze Casas de vampiros nos Estados Unidos. Sheridan era a mais nova.

— Lacey esteve em Cadogan por vinte e cinco anos antes de Ethan nomeá-la para o Teste. Ela passou, e foi a Aprendiz de Ethan antes dela fazer os Ritos. Então ela se moveu para na Diego, abriu a Casa Sheridan. Eles eram próximos, ele e Lacey.

— Sócios próximos ou...?

— Próximos de se tocar. — Lindsey disse. — E isso era inoportuno.

Eu não discordei. Algo se torceu no meu estômago com o pensamento de Ethan sendo tocado por alguém, e isso tirando o fato de que eu já tinha tido uma experiência de primeira mão presenciando o ato. Todavia, eu perguntei. — Por que, inoportuno?

— Porque Lacey Sheridan era a figura da perfeição. — ela finalmente disse. — Alta, magra, cabelo loiro, olhos azuis. Sempre respeitável sempre condescendente. “Sim, Liege”, “Não, Liege”. Ela sempre usava a coisa certa, parecia que tinha saído de um catálogo da Ann Taylor. Sempre dizia a coisa certa. Era sobrenatural. Ela provavelmente mal era humana quando era uma.

— Ethan devia ter sido louco por ela. — eu disse, pensando que ela era o tipo de mulher que ele poderia preferir. Elegante. Clássica. E, eu pensei enquanto rasgava o pedaço de uma tira de bacon, condescendente.

Lindsey assentiu. — Louco é a palavra para isso. Ele a amava, eu acho. Do seu jeito.



Eu olhei para ela, o corredor do bacon em direção ao fim vampírico. — Você está falando sério?

Eu não conseguia imaginar Ethan amando, Ethan abaixando sua guarda. Eu não tinha imaginado ele capaz de confiar em alguém o suficiente para deixar o homem dentro dele vir à tona. Bem, exceto por aqueles momentos estranhos comigo, e ele nunca parecia feliz sobre eles.

— Sério como uma estaca áspera. — Lindsey disse. — Quando ele percebeu o quão forte ela era - ela se classificou como Psíquica Muito Forte - ele a colocou sobre sua asa. Depois disso, eles estavam juntos freqüentemente. — ela comeu outra colherada de mingau de aveia. — Eles eram como..., suportes de livros árticos²², como algum casal de fadas Nórdico. Eles eram lindos juntos, mas... — Lindsey balançou sua cabeça. — Ela era toda errada para ele.

— Por que isso?

— Ethan precisa de alguém diferente disso. Ele precisa de uma garota que o enfrentará, que o desafiará. Alguém para fazer ele se sentir melhor. Não alguém que vai beijar seu traseiro, vinte e quatro horas por dia e se curvar a cada pequena sugestão que ele fizer.

Ela olhou para mim especulativamente.

Eu captei o brilho nos seus olhos, e balancei minha cabeça. — Nem pense nisso. Ele me odeia, eu o odeio, e reconhecendo que essa é a única maneira de conseguirmos trabalhar juntos.

Lindsey sorriu e agarrou uma tira do meu bacon. — Se você o odeia, eu vou comer meu guardanapo. E ele pode te odiar, mas isso é superficial. Está somente na superfície. — ela mordeu, balançou sua cabeça, e acenou para mim com o resto do bacon. — Não. Tem mais delo do que o olho vê Merit. Eu sei disso. Tem calor debaixo do frio. Ele só precisa... se reformar.

Eu fiz um gesto impaciente. — Então me diga mais sobre Lacey.

— Ela tinha amigos aqui, ainda tem, mas eu pensava que ela era fria. Arrogante. Ela tem um físico fraco, mas um arranco muito forte. Ela é política por completo. Manobrista. Ela sempre aparecia como uma amiga, mas como se ela fosse uma política em um passeio de campanha, como se ela estivesse indo para além dos

²² São aqueles suportes de livros duplos -> <http://tinyurl.com/2f94jcy>



gestos. — Lindsey pausou, pareceu contemplativa, e sua voz suavizou. — Ela não era legal, Merit. Os guardas a odiavam.

— Por causa da sua atitude?

— Bem, sim, em parte. Olha, Ethan comanda a Casa, então ele é meio que... separado do resto de nós. E honestamente, eu diria o mesmo sobre você. As pessoas estão desconfiadas sobre como você chegou tão rápida a Sentinela, sobre sua família. Você é completamente ingênua sobre vamps, e ainda assim você está nessa posição historicamente importante, e embora você sendo meio que um guarda, você é mais próxima dele do que o resto da unidade do Luc.

Eu resmunguei para isso, e derrubei o bacon.

— Não que eu ache que vocês estão fazendo. — ela disse, mas pausou, aparentemente aguardando confirmação.

— Nós não estamos “fazendo”. — eu disse secamente e enfiei o canudinho de plástico dentro do meu achocolatado. Ele suportou o peso da agressão que a questão sempre erguia. Saboroso, contudo.

— Só checando. — Lindsey disse mãos levantadas em rendição. — E se isso ajuda, eles vão superar isso quando te conhecerem. — ela sorriu para mim, levantando suas sobrancelhas. — Eu superei. É claro, eu tenho excelente gosto para amigos, mas tanto faz. Não é o ponto. O ponto é que Lacey era diferente. Não era como nós. Ela era o clássico peixinho do professor, queria estar perto de Luc, perto de Ethan, perto de Malik, constantemente perto da fonte de autoridade. Ela não saía conosco, não trabalhava bem conosco. Mas — ela disse, inclinando sua cabeça. — Mesmo ela sendo falsa, ela era muito, muito boa. Sempre analisando. Fazendo estratégias. Ela era uma guarda, e enquanto ela não podia lutar com um gato molhado, ela tinha a cabeça para isso. Planejando. Ramificações longas. Passos futuristas.

Minha próxima pergunta provavelmente desmentiu minha falta de interesse fingido. — Por que eles terminaram?

— Ele e Lacey? Eles pararam de se ver depois do Teste, quando ela voltou à Cadogan para ser Aprendiz, se preparar para sua própria Casa. A palavra era, era importante para ele que eles ficassem profissionais enquanto ela treinava. Muita coisa em risco, passar muito tempo olhando nos olhos do outro.

— Ele não se importaria com a interrupção emocional. — eu concordei.



— Eu ouvi que ele voa para San Diego ocasionalmente para, o que, copular? — ela assentiu, e sorriu. — Sim. Eu aposto que ele colocaria desse jeito. Muito formal. Ele e Lancey provavelmente mapearam um contrato, possivelmente negociando termos.

— Hmm. — eu dispensei o constrangimento de considerar, exatamente, os termos que eles tinham negociado.

Eu levantei meu olhar, e notei que Malik tinha entrado na lanchonete. Ele assentiu para mim, então foi até a linha do bufê.

Malik - alto, pele cor de caramelo, lindo, e quieto - era um mistério. Nos dois meses que eu tenho sido um membro da Casa Cadogan, eu tinha tido aproximadamente três conversas com ele. Como o Segundo de Ethan eles dividiam a ligação da liderança da Casa, mas eles raramente saíam do terreno juntos, com o objetivo de proteger a linha de sucessão caso alguém fizesse um atentado contra a vida de Ethan. Eu tinha o senso de que ele bancava a parte de CEO²³, aprendendo como a Casa funcionava como dirigi-la, administrando os detalhes enquanto Ethan bancava o Charmain of the Board²⁴. Mas eu ainda não tinha pegado um sentimento por Malik como um vampiro. Como um homem. Os vamps que eram obviamente bem intencionados – Luc e Lindsey veio a mente — eram facilmente vistos, assim como os abertamente estratégicos — Ethan e Celina. Mas Malik era tão reservado que eu não tinha certeza onde ele se encaixava. Onde suas alianças ficavam.

É claro, ele e Ethan tinham uma coisa em comum — excelente gosto em Armani. Malik vestia um terno tão seco e imaculado quanto os que Ethan usualmente usava.

Eu assisti ele se mover através da fila, mas seus olhos estavam nos vampiros ao redor dele. Ele era todo “negócios” ao redor de Ethan. — pelo menos quando eu tinha visto os dois juntos — mas ele era francamente amigável com os outros vamps Cadogan. Eles se aproximaram dele enquanto ele selecionava seu café da manhã, disseram olá, conversaram. Interessantemente, enquanto os outros vamps de Cadogan tendiam a dar a Ethan um tipo de distância respeitosa, eles iam até Malik. Falavam com ele, brincavam com ele, dividiam uma camaradagem que eles não dividiam com seu Mestre.

— Há quanto tempo Malik tem sido o Segundo? — eu perguntei a Lindsey.

²³ CEO -> Chief Executive Officer, o Chefe Executivo, com as responsabilidades de alinhar uma companhia – nesse caso, a Casa Cadogan – internamente e externamente, com sua visão estratégica.

²⁴ Charmain of the Board -> Não tem tradução exata. É o lugar de poder mais alto de uma organização, de onde todas as decisões saem.



Ela engoliu o bacon, então levantou seu olhar para onde ele estava na fila, conversando com um vampiro que eu não conhecia. — Malik? Bem depois da Casa mudar para Chicago. Em 83.

Isso é 1883, não 1983, para aqueles de vocês acompanhando em casa.

— Ethan escolheu Chicago, você sabe. Uma vez que Peter Cadogan morreu, ele queria a Casa fora dos Wales, fora da Europa. Malik viveu em Chicago. Ele era um órfão.

— Ele perdeu seus pais? — eu perguntei. — Que horrível.

— Tipo errado de órfão. Ele era um Rogue. Um sem teto. Um vampiro órfão. Seu Mestre não era forte o bastante para manter sua Casa unida. Ela foi derrotada por um rival. — Lindsey levou seu punho ao peito, fazendo mímica de enfiar uma estaca. — Então ele e Ethan se conheceram, e o resto é história.

— Você o conhece? Bem, eu quero dizer?

— Malik? Claro. Malik é legal — Lindsey checou seu relógio, então acabou com um copo de água antes de levantar e pegar sua bandeja. — Então, tem trezentos e dezenove outros vampiros afiliados com a Casa Cadogan. Sugestão?

Eu olhei para ela, e assenti.

— Considere a possibilidade de que eles gostariam de te conhecer se você desse a eles uma chance.

— É por isso que estou aqui — eu disse, e a segui para fora.



Capítulo 6

O Retorno do Príncipe.

Acordei cedo e brilhante - ou talvez mais precisamente, tarde e escuro - na noite seguinte. Era meu turno em um trabalho de guarda, patrulhando os amplos terrenos ao redor da Casa Cadogan, vigiando por transferências do alambrado de ferro forjado de três metros de altura que mantinha fora os intrusos e dentro os vampiros.

Em uma cidade de malucos sobrenaturais, tinha que estar alerta.

Levantei-me e me enfiei no diminuto banheiro, completei as poucas tarefas femininas do meu repertório, logo me enfiei no meu traje Cadogan, o completei embainhando com a katana e meu próprio medalhão de Cadogan, entregue a mim por Ethan durante meu juramento a Casa. Escovei meu comprido cabelo escuro até que brilhou, fiz um rabo-de-cavalo alto e penteei minha franja, o vampirismo agregou um novo brilho a minha pele, de modo que só adicionei um pouquinho de blush e brilho labial.

Uma vez que estava embelezada e bem arrumada, caminhei até a porta, então olhei para baixo enquanto as cores captaram minha vista. O correio jazia em uma pilha em frente a porta. Presumindo que havia sido entregue enquanto estava na ducha, me inclinei para recolher um catálogo de J. Crew, enviado por Mallory e um envelope grosso de papel de linho. Era pesado e nebuloso, sem dúvida caro. Abri o envelope e olhei dentro. Era o convite prometido dos Breck, provavelmente enviado pela minha mãe, enquanto o sol estava brilhando acima no horizonte.

Achei que o show de gala dos Breckenridge era um fato, infelizmente. Deixei cair o catálogo de Mallory sobre a cama. Enfiei o convite no bolso e estava a ponto de me dirigir escadas abaixo quando meu celular tocou. O deslizei do meu bolso, olhei o identificador. Morgan.



— Boa noite — disse, quando atendi o celular.

Com o celular em meu ouvido, caminhei pelo corredor, logo fechei a porta atrás de mim. — Boa noite para você também — respondi. — Quais são as novidades na Casa Navarre?

— Em Navarre, não muitas em todo caso. Ainda é cedo. Nós tentamos não começar os dramas até meia-noite.

— Entendo — disse com uma risada, enquanto tomava o corredor em direção às escadas principais.

— A coisa é, não estou realmente na Casa Navarre. Eu fiz uma viagem ao sul. Na verdade estou um pouco mais nas proximidades da Casa Cadogan.

Parei na escada, uma mão no corrimão. — Quanto nas proximidades da Casa Cadogan?

— Vem para fora — disse com uma voz alegre. Convidativo. Picada pela curiosidade, eu fechei o telefone e deslizei-o dentro do meu bolso, então desci as escadas aos pulos. O primeiro andar ainda estava em silêncio, os vampiros não deviam ter se levantado de seu sono no meio do dia. Fui para a porta da frente, então a abri e dei um passo para fora na pequena varanda de pedra.

Ele estava parado na calçada, a meio caminho da porta da frente e do portão. Estava vestido com seu típico estilo rebelde de passarela. Jeans desbotados, sapatos fora de moda, uma camiseta de manga curta que abraçava sua figura delgada e um amplo relógio de couro sobre o pulso esquerdo.

Parecia sempre esquecer aquele sorriso de roubar seu fôlego e aqueles olhos sinistros quando estava longe de Morgan, minha mente no geral estava preocupada por outros vampiros antigos. Meu coração tropeçou com a lembrança do belo que era.

E em sua mão, um vaso de flores. O vaso era fino, de um vidro de cor leitosa. As flores eram uma lufada de cores, peônias ou botões de ouro ou alguma outra explosão de pétalas sobre finos talos verdes. Eram belas. E um pouco inesperadas.

— Olá — disse ele, sorrindo furtivamente, quando me aproximei. — Não estou certo que tenha te visto em sua veste negra. Cadogan. — Puxou a lapela do meu casaco, e molhou os lábios em evidente apreciação.

— Você parece muito... oficial.



Revirei os olhos em um movimento coquete, mas podia sentir o calor subir em minhas bochechas. — Obrigada — disse, inclinei minha cabeça para as flores. — Presumo que essas não são para o Ethan?

— Você está certa. Sei que não liguei e tenho que me por a caminho, tenho uma reunião, mas queria te trazer algo. Olhou abaixo para elas, seu sorriso um pouco envergonhado. Um pouco tonto. Um pouquinho comovente. — Decidi que necessitava um agrado inaugural.

Sorri em resposta. — Se refere a outro presente, a parte do teu pôster em tamanho real que havia me dado?

— Bom, não que esse não foi um fantástico presente, mas tinha algo um pouco mais... feminino em mente — com isso, me entregou o vaso, logo se inclinou e pressionou seus lábios em minha bochecha. — Bem vinda a vida dos vampiros Merit — quando se reclinou novamente, o sorriso em seu rosto deixava claro que a boa vinda era sincera. Morgan era um vampiro, um crente. Ao me mudar para a Casa Cadogan, havia feito um novo compromisso com a ordem fraternal dos vampiros e isso evidentemente significava algo para ele.

— Obrigada — disse; o vaso quente entre meus dedos, o calor de seu toque e o mais ligeiro arrepio de magia, persistindo ali.

Seu olhar sobre mim por um momento, sentindo a emoção em seus olhos, então se dissipou quando seu celular tocou. Pegou do bolso de seus jeans, olhou para a tela. — Tenho que atender — disse. — E tenho que ir — inclinou para frente, muito lentamente, pressionou seus lábios nos meus. — Adeus, Merit — disse; depois se virou e caminhou pela calçada, desaparecendo pela porta.

Fiquei parada ali por um instante, tentando apanhar as emoções. Ele conduziu desde a Casa Navarre somente para surpreender-me com flores. Flores. E não flores de é-o-dia-dos-namorados-me-sinto-obrigado. Estas eram “flores somente porque sim”.

Tinha que lhe dar pontos extras, o garoto era bom.

Interessantemente, enquanto Morgan saía, Kelley entrava completamente vestida de Cadogan, com a katana em sua mão, e um delicado casaco na outra mão. Era interessante porque Kelley, como o resto dos guardas, vivia na Casa Cadogan. Uma vez que o sol havia se posto no horizonte fazia somente uma hora, tinha que lhe perguntar aonde, ou com quem, ela havia passado as horas do dia.



— Lindas flores — disse ela ao tempo que me alcançava na calçada. — Um presente do novo Mestre da Casa Navarre?

— Sim, aparentemente — disse, virando-me para segui-la dentro da Casa.

— Um bom dia? — perguntei enquanto subíamos a escada até o sótão.

Parou brevemente quando alcançamos o vão entre os pisos e ela inclinou sua cabeça pensativamente, seus cabelos escuros caindo sobre os ombros enquanto se movia. — Se surpreenderia — disse de forma gutural, então continuou seus passos até o sótão.

Fiquei em pé sobre as escadas por um momento, observando-a continuar, a curiosidade matou ao gato, então me obriguei a me por no trabalho. Inclusive embora apenas começasse o dia, o Quarto de Operações estava já revoando de atividade. Lindsey e Juliet estavam já em suas respectivas estações de trabalho. Juliet navegando na Web, provavelmente fazendo pesquisa. Lindsey estava de serviço pelas imediações, olhando fixamente os monitores de circuito fechado enquanto falava em voz baixa, mas constante pelo auricular e microfone enroscado ao redor de sua orelha.

Coloquei as flores sobre a mesa de conferência, depois fui para a parede de cortiça que continha as instruções, avisos, expedientes, e qualquer outra coisa que Luc estimava que necessitássemos saber. Dentro havia uma única folha de papel cor narciso. Tinha simplesmente duas frases ameaçadoras: “Celina Desaulniers liberada. Espera-se infiltração em Chicago.”

Olhei as outras folhas, cada uma continha a mesma folha amarela. Ethan deve ter espalhado a notícia. A voz havia corrido, e assim também a advertência. Celina estava provavelmente a caminho... se não é que já estava aqui.

Com essa motivação em mente, decidi que já era tempo de fazer meu dever como Sentinela. Comecei com minha tarefa, entregando o convite dos Breck a Luc. — Para Ethan. — disse. — Sexta à noite com os Breckenridges.

Ele espiou o interior do envelope, em seguida assentiu com a cabeça. — Trabalho rápido, Sentinela.

— Sou uma deusa entre os vampiros, chefe — com esse ponto feito, peguei o fino fone com microfone localizado na prateleira, o deslizei pelo meu rabo de cavalo, e caminhei para o monitor de Lindsey.

— A fofura ardendo no trabalho — disse Lindsey, e meu fone cobrou vida.



— Sentinela — saudou uma voz grave no fone. Essa voz grave pertencia a uma fada RDI nos portões de Cadogan. Elas mantinham a vigilância enquanto dormíamos (ou no, caso de Kelley) e ficavam grudados nos portões 24/7. Os fones nos mantinham a todos em contato no caso de uma catástrofe sobrenatural.

Como uma vez disse a Mallory, nunca se sabe quando os desagradáveis gigantes alados iam descer mergulhando desde o céu e arrebatam um vampiro.

Acaso eu não tinha um grande trabalho, ou o que?

Segurando a respiração, arrumei meu fone, puxei o rabo loiro de Lindsey, e me dirigi para a porta. — Estou à caminho — disse ao pequeno microfone de queixo. — Estarei lá em dois.

— Empacote seu batom — Luc jogou.

Assim como Lindsey, Juliet e Kelley, eu olhei para trás. — Batom?

— Paparazzi — disse. — RDI os juntou, mas permanecem na esquina. — Ele meio que sorriu. — E eles têm câmeras.

Kelley olhou para trás do monitor do seu computador. — Eu os vi no caminho de entrada. Talvez uma dúzia — girou de volta ao monitor. — Todos ávidos por imagens dos novos favoritos de Chicago — se queixou.

Fiquei parada no marco da porta por um minuto, esperando por algo mais que as diretrizes de Luc. — Que diabos se supõem que deveria fazer com os paparazzi? — Mas não obtive nada até que me expulsou da porta.

— Tem lido seus pontos de conversação, espero — disse. — Vá, vá em frente... e Sentinela — não foi até que estivesse fora no caminho para as escadas, quando escutei as palavras gritadas em minhas costas. — E sem fotos do traseiro, Sentinela!

Isso eu podia fazer.

Apesar de a Casa ter estado quase vazia uns minutos atrás, o primeiro piso estava agora salpicado de vampiros na veste negra de Cadogan, alguns com ferramentas em suas mãos. Todos ocupados e sobrenaturalmente atraídos, preparando-se para as noites entre os humanos ou, como eu, noites em serviço na Casa e seu Mestre.



Alguns olhavam enquanto eu passava com suas expressões indo desde a curiosidade ao absoluto desprezo. Não havia deixado as melhores impressões em meus companheiros novatos, havendo desafiado Ethan somente poucos dias logo depois de minha transformação. O quase colapso que ocasionou na cerimônia de Juramento, na qual eu acidentalmente ignorei as ordens de Ethan, não ajudava. Ethan me havia feito Sentinela no Juramento, me dando o dever histórico de defender a Casa Cadogan. Mas Lindsey tinha razão, a posição me separava dos outros vampiros. Meus companheiros guardas haviam sido um apoio, mas sabia que o resto da Casa sempre se perguntava. “Ela é leal? Ela é forte? Ela está dormindo com Ethan?”

(Eu sei. Esse último é perturbador para mim também. Realmente)

Saí da gigantesca Casa revestida em pedra para a porta da frente, logo tomei a calçada até o portão principal, assentindo com cabeça para duas fadas vestidas de preto que permaneciam em guarda. Eram altos e finos, com um comprido cabelo liso puxado para trás de seu belo, embora angular, rosto. Seus uniformes eram camisas negras, calças cargo metidas perfeitamente dentro de suas botas negras, e negras bainhas de espadas. Eles tinham caras fraternalmente parecidas, a tal ponto que não poderia diferenciá-los. Não saberia se eram irmãos, gêmeos, ou inclusive parentes. Nem sequer conhecia seus nomes, e minha pesquisa com os outros guardas para cavar informações não havia sido bem sucedida. Parecia que a equipe RDI preferia, em todo caso, interagir com os vampiros puramente sobre a base profissional.

Lindsey havia adotado chamar aos guardas de "Gêmeos". Eu me conformava com Rob e Steve. Não estava segura de qual era Rob ou Steve. Estiveram vigiando a Casa esta noite, mas eles me assentiram com a cabeça em resposta, e aquele ato, embora frio, era confortavelmente familiar. O pouco que havia aprendido acerca do sobrenatural nos últimos dois meses me fez alegrar que estes dois guerreiros com espadas, estivessem do nosso lado... ao menos tanto como os pagamos para que estejam.

— A imprensa? — lhes perguntei. Um deles olhou abaixo para mim, uma sobranalha angulosa levantada dos seus quase 1,90. Mesmo dos meus 1,79, repentinamente me senti muito, muito pequena.

— Na esquina — disse ele, logo voltou seu olhar para rua a frente dele. Havendo aparentemente perdido sua atenção, dei uma olhada na rua.

Efetivamente, ali estavam. Dado ao tamanho de amontoados deles, eu supus uma dúzia.



Uma vez que os rumores dos paparazzi serem mais maleáveis que os críticos, os guardas haviam feito um impressionante trabalho de distanciamento. Por outra parte, quem não obedeceria ao mais doce par de pés com espadas?

Andei em direção a rua, planejando fazer um estudo do perímetro antes de retornar para a varredura dentro do terreno. Não estava segura que teria a habilidade inata de olhar um grupo de repórteres, mas supus que este era tão bom momento como qualquer outro para por a prova a confiança que Ethan esperava que mostrasse na noite de sexta-feira. Mantive meu sorriso vagamente satisfeito ao tempo que andava na direção deles, observando-os através da minha franja.

Quando me aproximei, a confiança era um pouco mais fácil de fingir. Apesar de que levassem as expressões de homens empenhados em conseguir a "Próxima Grande Foto", o odor do medo flutuava no ar. Talvez a proximidade com os guardas RDI, talvez a proximidade com os vampiros. Irônico, não é? Que eles tenham medo das pessoas (além) que estavam obsessivamente tentando capturar em filmes?

Quando era mais jovem, e ainda bem integrada no clã dos Merit, havia sido fotografada com minha família em eventos de caridade, eventos esportivos, a construção ou destruição de importantes edifícios de Chicago. Mas os repórteres eram diferentes nesta ocasião, como assim também era meu papel. Era o prato principal, não simplesmente uma linda garotinha sendo arrastada ao redor de Chicago por pais em ascensão social. À medida que me aproximava, começaram a gritar meu nome, clamando por minha atenção, pela perfeita foto do título.

Os flashes estalaram e fiquei cega por um instante. Trazendo a superfície um pouco da minha nova atitude de fingir até conseguir golpear os dedos de minha mão esquerda contra o punho da espada, e me deleitei na forma como que seus olhos se pressionaram contra as esquinas.

Como uma presa.

Mordi a borda do lábio de forma provocante.

— Boa noite, cavalheiros.

As perguntas vieram tão rápido que eu apenas podia diferenciá-las.

— Merit, mostre-nos a espada!

— Merit, como estão as coisas na Casa Cadogan esta noite?



— É uma bela noite de primavera em Chicago — disse, sorrindo sagazmente, — E estamos orgulhosos de estar na Cidade dos Ventos.

Eles fizeram pergunta. Mantive-me nos pontos de conversação que Luc nos havia previsto a noite passada, graças aos céus havia tido tempo de olhá-las. Não que houvesse muito neles, na sua maioria bobagens acerca do nosso amor a Chicago e nosso desejo de assimilar, de ser parte dos bairros ao nosso redor. Afortunadamente esses eram os temas em suas perguntas. Ao menos no princípio.

— Ficou surpresa em saber que o autor dos assassinatos do parque era um vampiro? — uma voz atirou de repente. — Estiveram satisfeitos com a extradição de Celina Desaulniers?

Meu sorriso vacilou, e meu coração ficou parado em meu peito. Isso era exatamente o tipo de pergunta que Ethan e Luc temiam. O tipo que se supunha que Jamie deveria perguntar.

— Nenhuma resposta? — o repórter perguntou, dando um passo a frente da multidão.

Desta vez meu coração quase parou por completo. Era um Breckenridge, mas não o que eu esperava ver. Suponho que todos, vampiros e humanos por igual voltam a Chicago eventualmente. — Nicholas?

Ele estava igual, mas mais alto. Mais sério, de alguma forma. Cabelo castanho, corte César, olhos azuis. O menino era magnífico de uma maneira estóica. Era fino, estava agora em jeans Dr. Martens, e uma camiseta apertada de cor cinza. Também tinha uma expressão indecifrável, nenhum sinal em seus olhos de que me conhecia ou que ele estivesse disposto a reconhecer nossa história compartilhada.

Com frequência me perguntei como seria ver Nick novamente, se haveria camaradagem ou algo mais distante. Esse último, aparentemente, dava sua postura ao negócio.

Aqui estamos com uma cálida reunião.

Ao parecer sem sequer pestanejar, Nick continuou. — Foi o castigo de Celina Desaulniers suficiente, tendo em conta os atrozes crimes que ela ajudou a cometer em Chicago? Pela morte de Jennifer Porter e Patricia Long?

Como estavam jogando fazer-se de mudo a respeito de nossa relação, retornei o mesmo olhar "estritamente negócios", vagamente condescendente. — Celina



Desaulniers cometeu um terrível crime contra as Srta. Long e a Srta Porter — disse. Foi-me concedido agradecidamente manter meu próprio ataque em segredo. O fato de um Merit ter se tornado vampiro era de conhecimento público, a forma da minha conversão não, ao menos entre os humanos. — Como resultado de sua participação nos assassinatos, ela foi castigada. Ela renunciou sua vida nos Estados Unidos e a sua liberdade por ter tomado parte naqueles crimes.

Meu estômago se torceu ante a omissão, ante o feito de que não havia mencionado que Celina havia sido liberada e já não estava, de fato, cumprindo sua condenação no cárcere. Mas essa pequena admissão haveria causado uma asquerosa tormenta de pânico que preferia deixar a cargo de Ethan e os outros Mestres.

Coloquei minha melhor cara profissional. — Se tem mais perguntas sobre as reações das Casas a esse castigo — adicionei. — Pode conduzi-las a nosso pessoal de relações publicas.

Toma essa, Breckenridge.

Ele tomou, arqueando uma sobrancelha arrogante em resposta. — É isto o que os cidadãos de Chicago devem esperar dos vampiros vivendo entre nós? Assassinatos? Caos total e mutilações?

— Os vampiros têm estado em Chicago por muitos anos, Nick — chamá-lo por seu nome foi suficiente para enviar olhadas curiosas entre os outros fotógrafos. Alguns baixaram suas câmeras, olhavam uns aos outros, provavelmente perguntando-se sobre o diálogo. — E temos convivido pacificamente juntos por um bom tempo.

— Segundo você — disse Nick. — Mas como sabemos que todos esses crimes não foram cometidos por vampiros?

— Julgando a todos os vampiros pela simples ação de uma maçã podre? Isso é clássico, Nick.

— Vocês todos tem presas.

— De modo que isso justifica o preconceito?

Encolheu os ombros novamente. — Se o sapato se encaixa...

Não havia nenhum erro de aversão em sua voz. Mas o que me confundiu foi sua fonte. Nick e eu havíamos terminado nossa relação na escola quando fomos para nossas respectivas universidades, o programa de Jornalismo de Yale para Nick, e o



programa de Inglês da Universidade de NY para mim. Nosso rompimento havia sido bastante dramático, ambos havíamos chegado a conclusão que éramos melhores como amigos do que como casal. Chamadas telefônicas ocasionais e e-mails nos mantiveram em contato, e nós havíamos ido para direções opostas sem mal entendidos entre nós. Ou isso eu acreditava.

Essa não era a única coisa estranha. Sim, os vampiros estavam recebendo golpes da parte dos Breckenridge, porque era Nick e não Jamie, que dava os golpes? Algo muito estranho estava acontecendo.

— Merit! Merit!

Afastei meu olhar, longe da amargura dos olhos de Nicholas.

— Merit, tem algo de verdade no rumor de que esta vendo Morgan Greer?

Bem, agora estamos de volta ao caminho. Que a justiça seria amaldiçoada se íamos discutir sexo.

— Como Sentinela da Casa Cadogan, eu vejo o Sr. Greer várias vezes. Ele é um dos Mestres de Chicago, como todos vocês sabem.

Sorriram ante a diversão, mas seguiram pressionando.

— Mas há um pouquinho de romance, Merit? Vocês formam um casal quente? Isso é o que nossas fontes disseram.

Sorri alegremente ao repórter, um homem magro, com espesso cabelo loiro e barba de uma semana. — Você me diz quem são suas fontes — disse. — E eu responderei essa pergunta.

— Sinto muito, Merit. Não posso revelar uma fonte. Mas são confiáveis. Dou minha palavra.

O grupo de jornalistas riu pelo intercâmbio.

Devolvi o sorriso. — Odeio ter que estourar sua bolha, mas não me pagam para tomar sua palavra nas coisas.

O bolso da jaqueta vibrou, era meu celular. Não estava emocionada de deixar a um misteriosamente enojado Breckenridge em meu canto, especialmente entre curiosos humanos com canetas, gravadores e câmeras, mas tampouco queria falar



com quem seja que esteja chamando, em frente a esses curiosos humanos. Além do que, necessitava seguir em frente, havia outras partes do terreno. Havia todo o quarteirão da grande Casa Cadogan para percorrer. O telefone tocando me ofereceu uma desculpa útil para me afastar.

— Boa noite, cavalheiros — ofereci e os deixei para trás, ainda gritando meu nome.

Deslizando o celular vibrando em meu bolso, fiz uma nota mental para atualizar Ethan e Luc sobre esse último desenvolvimento com Breckenridge. Justo depois que descobrisse o que demônios estava acontecendo. Ou teríamos uma fonte de ignorantes que não sabia diferenciar entre os Brecks, ou tínhamos uma má fonte a quem não interessava muito, e estava tratando de nos levar pelo caminho errado. Não estava segura qual possibilidade era pior.

Enquanto me movia pelo quarteirão, os flashes das câmeras continuavam explodindo atrás de mim, elevei o telefone ao meu ouvido. A gritaria começou quase imediatamente.

Pressionei uma mão contra meu outro ouvido. — Mallory? O que aconteceu?

Mas consegui captar somente poucas palavras de sua primeira descarga — “Ordem”, “Catcher”, “Magia”, “Detroit”, e o que supus no ímpeto da chamada, a frase “três meses”.

— Querida, preciso que se acalme. Não posso entender o que está dizendo.

A bruxinha desacelerou, mas ela mudou para um bando de palavras de quatro letras que empolaram inclusive meus cansados ouvidos vampiros.

—...e se esse imbecil acredita que vou passar três meses em Detroit em algum tipo de estágio, ele está seriamente equivocado. De verdade! Ou juro por Deus, Merit, vou mandar longe a próxima pessoa que chegar a sussurrar a palavra “magia”.

Que Catcher era um imbecil era fácil de adivinhar, mas o resto era um pântano. — Estou brincando de caça palavras por aqui, *Mal*, Catcher quer enviar você a Michigan por três meses?

Escutei a respiração ritmada, como se ela estivesse praticando no labirinto durante uma longa contração. — Ele falou com alguém da Ordem. Aparentemente, a Ordem não tem um local em Chicago, apesar do fato de que somos a terceira maldita maior cidade do país. De todo jeito, este não é o problema. Isso é algum tipo de lixo



histórico, e é parte da razão pelo qual ele foi chutado para fora, de modo que eles querem me enviar a Detroit para que assim possa treinar com alguma classe de feiticeiro oficial para evitar a tentação de usar magia publicamente, que em primeiro lugar não sei como usar. É ridículo Merit! Ridículo!

Continuei caminhando, prestando atenção ao redor enquanto ela continuava com o discurso. Seria fácil lidar com estas coisas sem ter que me preocupar com Trolls e Orcs saltando atrás de cada poste de luz. Oh, isso me fez parar. Havia Orcs em Chicago?

— Tenho que partir em dois dias! — disse. — E este é o verdadeiro golpe no saco, sem viagens de volta a Chicago, sem viagens fora de Detroit completamente, até que o estágio acabe.

— Estou certa que meninas não tem saco — fiz essa observação. — Mas compreendo seu ponto. Catcher tem uma história com a Ordem. Não podem chegar a um acordo?

Mallory bufou. — Isso é o que eu queria. Encurtando a história, Catcher perdeu sua antiguidade e todos os demais, quando elegeu ficar em Chicago. Essa é a razão aparentemente pela qual o expulsaram, porque ele optou em ficar aqui, e eles não acreditam que a Ordem necessitava de um feiticeiro em Chicago. Está um pouco baixa a demanda no momento. Você sabe, é uma merda que não tenha uma escola de feiticeiros de meio período. — Mallory disse. — Magia vo-tech ou algo parecido... querida?

Sorri para a pausa na conversa, o sopro intermitente que indicava que tinha sido ali que ela se referia a ele como um imbecil. Tendo em conta os treinamentos que havia me feito passar ultimamente, estava feliz que ele estava tomando alguns golpes do seu lado. Quero dizer, entendia que precisava me preparar para o pior, especialmente desde que Celina havia sido liberada, mas é somente que havia tantas vezes em que uma menina precisava passar raspando pelo assovio da lâmina de uma antiga espada samurai.

— Não — ela disse finalmente.

— Huh — disse, parte de meu cérebro perguntando por aqueles detalhes, o homem era intratável e evasivo quando o assunto era a Ordem, enquanto a outra metade analisava o que parecia como uma brecha na cerca que cobria o portão de ferro forjado. Caminhei mais pela cerca e peguei um par de folhas que eram apenas visíveis em um feixe de luz do poste. Afortunadamente, por cima da minha esperta



inspeção, parecia como um ponto marrom sobre o verde, não a obra de um sabotador ou um aspirante a ladrão. Fiz nota mental de avisar a... bom, não tinha ideia de quem avisar, mas aposto que tínhamos algum tipo de jardineiro.

— Está prestando atenção? Quase estou tendo uma enorme crise nervosa aqui, Mer.

— Sinto muito, *Mal*. Estou de guarda e fazendo minhas rondas do lado de fora — continuei caminhando, inspecionando a escura e deserta rua. Sem muitas coisas acontecendo uma vez que se passa por uma dúzia de paparazzi. — A Ordem é como um sindicato, certo? Portanto não pode apresentar uma queixa sobre esta viagem a Detroit?

— Hummm. Boa pergunta. Catch, nós podemos nos queixar sobre isso?

Escutei uma conversa em murmúrios.

— Não podemos apresentar queixa disso — Mallory finalmente me informou. — Mas se supõe que devo ir em dois dias! Precisa trazer este lindo traseiro para cá e me consolar. Estou falando, de Detroit, Merit. Quem passa três meses em Detroit?

— Os cidadãos e alguns milhões de Detroit seria uma estimação preliminar. E não posso ir neste instante. Estou trabalhando. Posso re-agendar quando terminar meu turno?

— Acho que sim E para sua informação, Darth Sullivan está pondo um abismo em nossa amizade. Sei que está vivendo aí agora, mas ainda deve estar disponível quando eu chamar.

Respondi. — Darth Sullivan estaria em desacordo, mas farei o que puder.

— Estou indo ao Chunky Monkey — *Mal* disse. — Ben e Jerry me consolam até você chegar aqui. — Desligou antes que eu pudesse dizer adeus, provavelmente já com duas bolas de sorvete. Decidi que ela estaria bem. Ao menos até que pudesse chegar ali.

O resto do meu turno passou, por sorte, sem nenhum drama. Enquanto estava aprendendo o que podia, quando meu treinamento estava programado, e realizando o que sentia como guarda descuidada, não tinha nenhuma ilusão sobre minhas habilidades de tratar com o desconforto que possa vir rastejando pela escuridão. Certo, eu tinha conseguido estacar Celina no ombro quando esta lançou sua tacada final contra Ethan, mas tinha apontado seu coração. Sim, se algo ou alguma coisa



reunissem a força e valor para atacar a Casa Cadogan, minha espada e eu íamos dificilmente espantá-los. Eu me considerava mais como um primeiro aviso. Talvez não seja capaz de aleijar a qualquer dos meninos maus, mas podia ao menos alertar o resto da tropa, a muito mais experiente tropa, do problema.

E falando em problemas, embora eu soubesse que precisava reportar os últimos acontecimentos com os Breckenridge, o fato de que Nick estava de volta a Chicago e de que ele havia acampado do lado de fora com os repórteres, havia passado tempo suficiente com Ethan e Luc discutindo sobre o drama sobrenatural durante os últimos dias. Além do mais, tinha algumas perguntas para Nick, perguntas que não podia fazer frente a uma manada de repórteres. Perguntas sobre a nova descoberta hostilidade de Nick. Ethan e eu estaríamos na Quinta Breckenridge amanhã a noite. Sim, Nick estava ali, teria tempo para fazer um pouco de investigação por conta própria.

Soava como um bom plano, um sólido curso de ação para uma Sentinela novata. Ou isso, ou uma maneira muito detalhada de continuar evitando Ethan.

— Ganhar, ganhar — murmurei com um sorriso.

Para adicionar um pouquinho mais de espaço entre Darth Sullivan e eu, e para compensar Mallory por cuidar de mim durante minha própria estranha transição sobrenatural, me coloquei em meu Volvo e conduzi de volta até Wicker Park para prover um pouco de consolo para a minha melhor amiga, pós-trabalho.

A casa de pedra calcária estava bem iluminada, enquanto estacionava o carro, mesmo nas primeiras horas da manhã. Não me incomodei em tocar a campainha, só caminhei direto para a cozinha. Que cheiro delicioso.

— Frango e arroz — Mallory anunciou de seu lugar em frente ao fogão, onde estava colocando colheradas de arroz e molho em um prato. Colocou um pedaço de frango grelhado em cima do lombo, logo sorriu. — Sabia que queria comida.

— Você é uma deusa entre as mulheres, Mallory Carmichael. Peguei o prato e sentei em um banquinho na cozinha. O maliciosamente super metabolismo vampiro era genial para manter a linha, mas terrível para o apetite. Era raro quando não me perdia sonhando com um animal grelhado, assado ou frito. Certo, precisava de sangue para sobreviver, depois de tudo, era um vampiro, mas como *Mal* uma vez disse; o sangue era como qualquer outra vitamina. Ele apenas preenchia de uma forma muito importante. Reconfortante, como sopa de galinha para vampiros. Que vinha em bolsas plásticas e era entregue em sua porta por uma companhia pouco criativa chamada



Blood4you, não diminui o conforto, mas deixaram muito a desejar no que se refere a elegância.

O frango e arroz, no entanto, foi um duro golpe para o apetite. Era uma receita deliciosa, e uma das primeiras comidas que Mallory havia cozinhado para nós quando nos convertemos em companheiras de quarto três anos atrás. Era bom demais, ou seja, melhor que qualquer coisa que pudesse obter na cafeteria da Casa Cadogan.

Catcher entrou suavemente na cozinha, descalço, em jeans e colocando uma camiseta. Ele baixou a tempo de ocultar a tatuagem em círculo que marcava seu abdômen. Era um círculo dividido em quadrantes, uma representação gráfica da organização da magia em quatro chaves.

— Merit — disse ele, dirigindo-se a geladeira. — Vejo que conseguiu estar fora, quanto, umas completas vinte e quatro horas?

Mastiguei um grande bocado de arroz e frango, engoli. — Estou investigando feiticeiros desobedientes.

Ele grunhiu e pegou a caixa de leite, tomou diretamente da caixa. Mallory e eu o observamos, a mesma careta em ambas as caras. Claro, fiz o mesmo com o sangue, mas ele era um menino, e era leite. Isso era simplesmente nojento.

Lancei um olhar para ela, quem encontrou meu olhar e revirou os olhos. — Ao menos está colocando o papel higiênico no rolo agora. Esse é um grande avanço. Eu te amo, Catch.

Catcher resmungou, mas estava sorrindo enquanto resmungava. Logo após fechar a porta da geladeira, se juntou a nós ficando em pé próximo a Mallory em seu lado da cozinha. — Assumo que Sullivan te colocou a par do assunto Celina?

— De que provavelmente ela está a caminho de Chicago para cuidar de mim? Yeah, ele mencionou isso.

— Celina foi solta? — Mallory perguntou, lançando um olhar preocupado em direção a Catcher. — É verdade?

Ele assentiu com a cabeça. — Não vamos emitir um comunicado para a imprensa e nem nada, mas sim — depois olhou para cima e para mim. — Eu me



pergunto se os vampiros desfrutavam de um drama, porque continuam provocando um monte deles.

— Celina continua fazendo mais do mesmo — expliquei, apontando para ele com meu garfo. — Estava mais do que feliz de mantê-la trancafiada em um úmido calabouço Britânico. — Engoli outro bocado de frango, meu apetite aparentemente inalterado pela possibilidade de que uma vampira narcisista estivesse atravessando o Atlântico para chegar a mim. Por outro lado, pode ser que me convinha desfrutar da comida enquanto pudesse.

— Agora que discutimos isso — disse mudando de tema. — Alguém vai me colocar em dia sobre o drama de feiticeiros.

— Eu passo — Mallory disse.

— Schaumburg — Catcher disse secamente. — Vou levá-la a Schaumburg.

— De modo que, nada de Detroit? — perguntei, olhando de um para o outro.

Era uma diferença bem grande, sendo Schaumburg um subúrbio ao noroeste da cidade. Estava a 30 milhas de um Grande Lago mais próximo de Chicago, e de mim, que Detroit.

Mallory apontou o polegar para Catcher. — Esse aí fez uma chamada telefônica. Aparentemente, não havia perdido todas as influências com a Ordem.

Como se fosse uma pista, a expressão de Catcher se nublou. — Tendo em conta que foram chamadas, no plural, antes que eles deixassem sequer que Baumgartner se aproximasse do telefone, dizendo que havia tirado exageradamente as minhas influências. Simplesmente digamos que eles cederam um pouco sua posição em relação a manter uma feiticeira na área metropolitana de Chicago.

— Quem é Baumgartner? — perguntei.

— O presidente da LA 155 — diante do meu olhar em branco, Catcher esclareceu.

— Meu antigo sindicato, Local 155, o Sindicato Confederado dos Feiticeiros e lançadores de encantamentos.



Quase me engasgo com o frango, e quando terminei com o ataque de tosse, perguntei. — É a sigla para “U-ASS²⁵”?

— Em primeiro lugar, seria apropriado — Mallory comentou, dando a Catcher um sorriso lânguido. — Em segundo lugar, explicaria porque se chamam A Ordem.

Assenti em acordo com ambos os pontos.

— Então, são bons com os benefícios e uma merda com o marketing — disse Catcher. — O ponto é, ela não vai passar três meses em Detroit.

— Não que não seja uma cidade adorável — Mallory mentiu.

— Cidade encantadora — concordei, mas somente por formalidade, já que nunca havia estado ali. — De modo que este treinamento é o que, aulas de magia e tudo isso?

— E tudo isso — disse Catcher. — Não há aulas, simplesmente treinamento sobre o trabalho. Ela começará a utilizar e manipular as Chaves, as maiores e menores, para que possa compreender seus deveres e obrigações para com o resto da Ordem e, se eles têm uns poucos minutos de sobra. — Sua voz se tornou seca como deserto. — Como aproveitar e redistribuir o poder que está começando a canalizar através de seu corpo.

Olhei-a, piscando, tentando imaginar exatamente, como minha amiga de cabelo e olhos azuis e executiva era minha melhor amiga de antes, atualmente em uma camiseta de Senhorita Atitude e jeans desbotados, se eles estão indo ao engenheiro fazer tudo isso.

— Humm — foi tudo que disse.

— Ela viverá e respirará o poder dele, aprenderá a exercer o controle — ele fez uma pausa, pensativo, olhando perdido o vazio até que Mallory tocou sua mão com a ponta dos dedos. Virou-se e a olhou. — Os feiticeiros aprendem pela prática, canalizando realmente o poder. Sem livros, sem aulas, simplesmente fazendo. Ela será posta dentro de uma situação em Schaumburg, e a manejará. A maneira mais difícil, a sua própria maneira, sem redes.

Supus que "a forma que eu tive que fazer" viria a seguir. O discurso teve o som de um praticante da velha escola reclamando como as coisas haviam mudado desde a

²⁵ Seu idiota.



sua época, quando ele teve que caminhar costa acima em ambos os sentidos para chegar até a escola, etc. Claro que aposto que aprender a canalizar a magia através da figura fina de *Mal* tomava um esforço consideravelmente maior que carregar um par de livros de aritmética colina acima.

— Diabos — disse, dando uma olhada simpática. — Pelo menos os vampiros obtêm como referência um escritório. — Por outra parte, isso é tudo o que obtemos. Embora Luc avaliasse o treinamento, e eu apreciava o esforço, ele e Ethan haviam tido décadas para ganhar experiência antes de assumir suas posições na Casa.

Para atuar no papel de Sentinela, tive somente duas semanas, um feiticeiro com má vontade e uma katana.

— Portanto vou a Schaumburg — disse *Mal*. — Onde conseguirei um pouquinho menos de experiência prática que verão em tempo integral em Detroit, mas com sorte, o suficiente para aprender a não converter os garotos maus em uma pilha de desterros, porque inadvertidamente estalei os meus dedos.

Como para ilustrar seu ponto, ela estalou, e uma pequena chama azul se despreendeu das pontas, o ar repentinamente revolveu com a eletricidade da magia. Catcher fechou seus dedos ao redor da chama, e quando os abriu novamente, uma resplandecente esfera azul estava em sua palma. Ele elevou sua mão, friccionou seus lábios, e soprou a bola fora. Rompeu-se em brilhos cristalinos que salpicaram no ar com magia antes de se dispersarem e desaparecer.

Ele virou-se para *Mal* com um olhar assustador que me fez feliz, super feliz, de estar vivendo na Casa Cadogan. — Ela é um agradável canal.

Oh, Deus santo, não precisava ouvir sobre Mallory sendo um canal. — Então você está indo para Schaumburg — repeti, re-enfocando a conversa e dando outra garfada antes de perder completamente meu apetite. — E vai fazer seu estágio lá. Por quanto tempo tem que ficar? Quanto levará? Dê-me os detalhes.

— Serão noturnas — Catcher disse. — Ela passará a maioria de suas noites em Schaumburg por um tempo. Sendo que ela está recebendo uma exceção, não estamos certos de quando tempo suas práticas vão durar. Caso especial, regras especiais. Ela ficará, presumo, até que mostre sua valia.

Mallory e eu compartilhamos um olhar sarcástico sobre isso. — O triste é — disse. — Que vão a sério.

Algo me ocorreu. — Oh merda, *Mal*, o que vai fazer com seu trabalho?



A expressão de *Mal* ficou absolutamente pálida. Saltou do banquinho e pegou sobre uma pilha de cartas que ficava no extremo da cozinha. Sustentou-a em frente a mim para que pudesse ler o destinatário - McGettrick Combs.

— Carta de demissão? — perguntei. Ela assentiu, logo jogou sobre a pilha.

Catcher colocou suas mãos em sua nuca, acariciando. — Conversamos sobre isso.

Quando a olhei, seus olhos estavam cheios de lágrimas. Apesar do incômodo de ser testemunha de suas aventuras mais amorosas, estava contente de que Catcher estivesse aqui para ela, de que ela tinha alguém que havia passado por experiências semelhantes, que podia guiá-la através do processo ou simplesmente estar aqui quando necessitasse de conselhos.

— Sinto muito, Mallory — foi tudo que pude pensar em dizer, sabendo quanto ela amava seu trabalho, quão apropriado tinha sido para ela, quanto orgulho lhe havia dado quando o conceito que ela havia desenhado para um anúncio impresso, ou um comercial aparecia na Tribuna ou era passado pela ABC-7.

Suspirou, assentiu e secou suas lágrimas com os dedos que haviam deslizado por suas pestanas, antes de rir. — Hei, eu vou pegar meu cartão do sindicato, e pensar em todas as portas que se abrirão para mim então.

— Absolutamente, garota — Catcher disse, inclinando-se para plantar um beijo em sua testa. — Absolutamente.

— Não quero estourar sua festa pró-sindicato aqui — disse. — Mas essas portas se abrirão em algum cofre de banco ou algum tipo de salário?

Catcher assentiu com a cabeça. — Uma vez que ela tenha completado seu controle sobre o trabalho, já que a Ordem finalmente tenha se dado conta que precisa de alguém sobre o terreno em Chicago, ela estará em espera. — A parte central dessa frase tinha sido dada bruscamente e com uma amargura evidente. Típico Catcher, em outras palavras.

— Em espera? — perguntei, virando meu olhar para Mallory, que sorriu com astúcia.

— Estarei fazendo minha própria resolução, investigando, esse tipo de coisas. Encolheu os ombros. — É um trabalho. Não me refiro a esse tipo de dinheiro Cadogan,



Hyde Park, mas vou conseguir. Falando em dinheiro Cadogan, o que acontece com você afinal? Como é a vida sob da tutela de Darth Sullivan?

— Bom — comecei. — E ser ligada as mentiras de alguém.

Sem preâmbulos Catcher murmurou uma maldição, logo se inclinou, deslizou sua carteira do bolso de seus jeans e sacou uma nota de vinte dólares, a qual entregou a Mallory.

Ela sorriu para a nota, logo cuidadosamente dobrou-a e o enfiou em seu bolso. — Em nome da Poupança Carmichael e Empréstimo, agradecemos seu negócio.

Diante da minha sobrancelha arqueada, ela apontou sua cabeça para Catcher. — Apostei que haveria travessuras dentro das primeiras vinte e quatro horas. E o Sr. Bell aqui presente pensou que Darth Sullivan deixaria você “liquidá-los”. — Utilizou aspa no ar para essa última parte.

— Diabos. Desejaria ter feito essa aposta — disse. Debatendo quanto poderia contar sobre essas travessuras, mas sendo que Ethan provavelmente contou a Catcher seus planos, e Catcher sem nenhuma dúvida os contaria a Mallory, não pensava que estivesse arriscando muito.

— Estaremos fazendo algum trabalho de reconhecimento. Encurtando a história, vou para casa.

Mallory ergueu uma sobrancelha. — Ao que se refere ir para casa?

— Passarei um tempo com o clã Merit.

— De verdade?

— Oh, sim. Vou tratar de me aproximar de um velho amigo. De acordo com Ethan. Ao menos a parte que está me contando, estamos tentando manter os curiosos olhos humanos longe de algumas atividades vampíricas questionáveis. Só Deus sabe que outras motivações secretas ele tem.

— Ele tentando entrar em suas calcinhas conta como uma motivação secreta ultimamente?

Fiz cara de nojo. — Ewww.



Mal revirou seus olhos, aparentemente não acreditando em meu desgosto. — Como seja, você se jogaria nele se não fosse tão cretino.

— E esse é exatamente o seu problema — murmurei.

— E por falar em dar-lhe — disse *Mal* adicionando. — Alguma notícia de Morgan? Tem planejado algo para o fim de semana?

— Não realmente — disse de passagem, e deixei para lá. Era verdade que não havia muito que reportar, mas ademais não estava ali para falar dele; sobretudo na frente do cara que ela está estava saindo, que analisava tudo até a morte.

Olhei meu relógio. Faltavam duas horas até o nascer do sol. Isso me dava tempo de ir sorrateiramente de volta a Casa Cadogan, tomar uma obscena e abundante ducha, e realmente relaxar um pouquinho antes de dormir.

— Deveria partir — lhes disse. Agarrei meu prato vazio e coloquei na pia, coloquei água sobre ele e logo olhei para trás. — Quando começa o treinamento?

— No domingo — disse Mallory, levantando de seu banquinho. Isso deixava dois dias completos para semear o caos pré-práticas, ou ao menos desfrutar de algumas tumultuadas rondas ré-internato com Catcher.

— Acompanho você até lá fora — disse. Catcher nos seguiu, com uma mão nas costas de Mallory. Chegamos a sala e, sem dizer uma palavra, ele sentou-se no sofá, cruzou seus tornozelos sobre a mesa de centro e relaxou, com o controle remoto em mãos. Ligou a TV e sintonizou imediatamente no Canal da Vida Cotidiana.

Mallory e eu ficamos ali paradas, cabeças próximas, observando este homem incrivelmente sexy, incrivelmente másculo, cujos olhos estavam pregados em um filme. Deu-nos uma olhada, chateado, revirou os olhos e voltou para televisão.

— Você sabe que adoro essa merda — ele disse, logo fez um gesto vago para Mallory. — E ela vive comigo — tendo sido essa defesa aparentemente suficiente, ele bufou, colocou o controle remoto na junção entre as pernas, e cruzou os braços atrás da cabeça.

— Minha vida — disse Mallory. — Meu amor. O guardião do meu coração.

— O guardião do seu controle remoto — assinalei e logo me envolvi em seu abraço. — Te amo. Chame-me se precisar.



— Eu te amo também — disse, e quando nos soltamos, moveu sua cabeça em direção a Catcher. — Ele está preparando um jantar para sábado a noite, algo como tratamento pré-treinamento. Realmente já não preciso de uma festa de despedida, mas estou longe de reclamar quando alguém faz um jantar em minha homenagem. A chamamos de festa 'não-vou-para-tão-longe'. Vem, talvez traga o Morgan?

Ofereci uma olhada sarcástica. — Uma festa de 'não-vou-para-tão-longe'?

— Céus. — disse revirando os olhos. — É tão teimosa como ele. Chama a uma festa de 'eu vou levar' se isso te faz sentir-se melhor. Sou uma otária de feiticeira. Nós não temos celebrado isso ainda, agora é minha vez.

Com isso, demos nosso último adeus, e fui para meu carro. Quando retornei ao Hyde Park, estacionei fora do portão de Cadogan, logo me movimenteí através da Casa e retornei para meu quarto no segundo andar.

Joguei minhas chaves e desabotoei o cinturão da minha espada, logo olhei ao redor. Havia planejado uma longa ducha e um pouco de leitura em meus pijamas antes do sol nascer no horizonte. Mas como tenho estado aqui por quase 48 e a duras penas havia visto os outros noventa e sete residentes vampiros de Cadogan, eu optei por algo consideravelmente menos nerd, e muito mais sociável. Apaguei a luz do meu quarto e fui para as escadas.

O ruído que saía do quarto de Lindsey no terceiro andar, uma cacofonia de vozes e sons da televisão. Bati na porta, e ante o convite de Lindsey (Põe seu traseiro aqui, Sentinela), abri.

O pequeno quarto era cheio de móveis e a expressiva decoração de Lindsey, e estava cheio de vampiros. Contei seis, incluindo Lindsey e Malik, que estavam reclinados em sua cama. Kelley e o vampiro novato (atual amante de Lindsey) Connor sentavam-se no chão ao lado de vampiros que eu não conhecia. Os seis se fixavam em uma pequena TV que ficava em cima da estante de Lindsey. Na TV, pessoas magras com sotaques arcados reprovaram a opção de moda de uma frustrada gorda, que usava um vestido de cores vivas, mas que estava entregando tanto como estava recebendo.

— A porta — Lindsey disse sem nem me olhar. Obedeci e fechei.

— Pega um lugar, Sentinela — Lindsey deu tapinhas na cama ao lado dela, se afastando de Malik, me dando espaço para sentar entre eles. Pisei com cuidado entre os vampiros e passei por uma caixa de pizza comida mais da metade que fez meu estômago reclamar de uma forma que o sangue não fazia e subi na cama. Tinha que ir



de cabeça primeiro, logo cuidadosamente me virei para pedir desculpas para Linds e Malik por passar por cima. Escutei gemidos e grunhidos, mas assumi que estava relacionado com o programa, o qual parecia estar alcançando o ponto culminante.

— Estes são Margot e Katharine — disse Lindsey, assinalando os vampiros desconhecidos no chão. Margot, uma bela morena com uma massa de cabelos escuros e franja que se curvava em um ponto de seus olhos cor âmbar, viraram e acenaram. Katharine, com seu cabelo castanho claro empilhado em um coque apertado, virou e sorriu para mim.

— Merit — disse, saudando em resposta.

— Elas sabem quem você é, coisinha quente. E você evidentemente conhece Connor e a Kelley — Lindsey adicionou quando me acomodei com uma almofada entre minhas costas e a parede, pernas cruzadas pelos tornozelos, uma pequena e brilhante televisão mostrava um reality show a meia dúzia de pés de distância.

Connor olhou para trás e sorriu. — Graças a Deus que está aqui. Era a pessoa mais jovem no quarto por pelo menos cinquenta anos.

— Odeio ter que dizer isto coisinha doce — disse Lindsey. — Mas já não é uma pessoa. — Pegou um pedaço de pizza, e o caso foi deixado de lado. Com os olhos sobre a TV, pegou uma fatia, logo entregou a caixa. Coloquei em meu colo e peguei um pedaço, parando apenas para conferir que estava coberta de carne. Bingo. Embora estivesse morna, e com uma ofensiva crosta híbrida Nova-iorquina que poderia ter utilizado mais massa, e molho, e queijo, mas era melhor que um chute na cara.

Malik se inclinou para mim. — Escutou que ela foi liberada?

Nos dois meses que havia sido uma vampira Cadogan, esta era a primeira conversa individual que tinha com Malik. E já que estávamos no tema, era também a primeira vez que o via em jeans e uma camisa tipo pólo.

Engoli um pedaço completo de toucinho canadense, queijo e córtex. — Sim — sussurrei em resposta. — Ethan me disse ontem.

Ele assentiu, com sua expressão inescrutável, logo se voltou para a televisão.

Como primeira conversa não durou muito. Interpretei como precaução, e decidi que estava satisfeita com ela.



Um comercial apareceu e o quarto estourou em som, Margot, Lindsey, Connor, Katherine e Kelley repassando o que haviam visto, quem estava ganhando, e quem choraria primeiro quando saíssem os resultados. Não estava certa sobre o que era o concurso, muito menos do prêmio, mas como os vampiros aparentemente se divertiam com o drama humano, me acomodei e tratei de seguir a maré.

— Estamos incentivando a cadela — Lindsey explicou, mordendo a borda de sua pizza.

— Pensei que todas eram umas cadelas — assinalei.

Após poucos minutos de comerciais, Malik começou o processo de saída da cama.

— Sou eu? — perguntei levemente. — Posso me ir embora.

Ele sorriu ao mesmo tempo em que se colocava de pé, o brilho da TV refletiu em sua medalha ao redor do pescoço e algo mais, um fino crucifixo de prata que era sustentado por uma fina corrente de prata. Até aqui com este mito.

— Não é você — disse Malik. — Preciso voltar. — Começou a caminhar entre os vampiros, que estavam completamente indiferentes de seus esforços de não pisá-los.

— Abaixo e em frente!

— Sai do meio, vampiro — disse Margot, pegando um punhado de pipocas. — Mova-se.

Os saudou de bom humor, logo desapareceu pela porta.

— Para onde ele tem que voltar? — perguntei a Lindsey.

— Humm? — respondeu ausente, olhando a televisão.

— Malik. Ele disse que tinha que voltar. Para onde tinha que voltar?

— Oh — disse Lindsey. — Para sua esposa. Ela vive aqui com ele. Tem uma suíte no seu andar.

Pisquei. — Malik é casado? — não era a parte de Malik que me surpreendia, mas sim a do “casado”. Que um vampiro estivesse casado parecia um pouco estranho. Quer dizer, pelo que havia visto até o momento, o estilo de vida vampírico era



comparável a vida dos dormitórios de estudantes. Viver em uma aspirante a fraternidade vampira não parecia conduzir a uma relação a longo prazo.

— Ele sempre foi casado — disse Lindsey. — Foram convertidos juntos. Você vive passando pelo corredor deles. Não é boa vizinha se não passar para saudá-los.

— Não sou de verdade boa vizinha — admiti, reconhecendo que Malik era o único outro vampiro que conhecia que tinha um quarto no segundo andar e havia descoberto isso só quatro segundos atrás. — Precisamos uma festa. — decidi.

Lindsey bufou. — O que nós somos, estudantes do segundo ano? As festas são desculpas para ficarmos bêbados e dar amassos em estranhos. — Ela baixou sua vista lentamente para a nuca de Connor e sorriu lascivamente. — Por outro lado...

— Por outro lado, quebraria o coração de Luc. Melhor pularmos a festa no momento.

— Você é tão mãe.

Bufei. — Posso te castigar?

— Pouco provável — disse estendendo a palavra. — Agora cala a boca e olha para as brigas dos seres humanos.

Fiquei até o programa acabar, até que a pizza acabou, até que os vampiros no chão se levantaram, esticaram-se e se despediram. Estava contente de ter feito esse passeio, contente de ter sido capaz de passar um tempo na companhia de vampiros Cadogan diferentes do Mestre de trezentos e noventa e quatro anos. Havia perdido muito da socialização universitária, mais focada em estudar do que era provavelmente saudável, sempre assumindo que haveria tempo para fazer amigos depois. E logo que a graduação chegou, eu não conhecia meus companheiros de classe tanto como poderia tê-lo feito. Tinha a oportunidade de fazer isso novamente agora, de investir nas pessoas ao meu redor, em lugar de me perder em mim mesma nos detalhes intelectuais.

Dobrei a esquina para ir para as escadas, tão perdida em meus pensamentos que quase me esqueci que Ethan também era um morador do terceiro andar.

Mas ali estava ele.

Ele estava em pé na porta do apartamento que uma vez havia sido o de Amber, sua antiga consorte e a mulher que o havia traído por Celina. Levantou seu olhar no



momento que me aproximava, mas dois homens levando uma considerável carga ficaram entre nós e quebrou o contato visual.

— Um par a mais de cargas — disse um a Ethan no profundo sotaque de Chicago enquanto mancava pelo corredor. — Logo teremos terminado.

— Obrigado — ele respondeu, virando-se para observá-los lutar com o peso do móvel.

Perguntei-me sobre o regime. Os vampiros podem ter sido manipulados de modo muito mais fácil que os seres humanos, e não seria necessária a supervisão de Ethan às cinco da manhã. Humanos ou não, Ethan não aparentava entusiasmo de estar supervisionando, e assim mesmo me perguntei por que não havia deixado Helen coordenar.

Talvez, me dei conta, ele precisava disso. Talvez esta era sua chance, sua oportunidade de limpar o quarto, de limpar o ar, e se preparar para uma troca de guardas lascivas.

Gostaria de dizer algo, reconhecer a dor que provavelmente sentia, mas não tinha ideia de como dizê-lo, como formar as palavras sem que ele considerasse um insulto. Palavras que seriam muito emotivas. Muito sentimentais. Muito humanas. Atraí seu olhar novamente, renunciou com relutância, antes de olhar para o outro lado ele deslizou novamente dentro do quarto.

Fiquei parada ali por um momento, lutando entre segui-lo e oferecer consolo, e deixá-lo ir, lhe dando o mesmo silêncio que ele havia me dado, assumindo que esse era o silêncio que ele precisava. Impulsionei-me para as escadas, decisão tomada, e me atirei na cama antes que os otimistas dedos do amanhecer de Homero começassem a aparecer. Era um pouco menos otimista, pensei, quando ao amanhecer poderia assar em cinzas.



Capítulo 7

A Bela do Baile.

*A*cordei de repente, golpes na porta me empurrando da inconsciência.

Tratei de sair do sonho que estava tendo com a lua sobre uma água escura, me sentei e esfreguei meus olhos.

Escutei outro golpe.

— Só um minuto — desenrolei-me dos lençóis com os quais havia me coberto e olhei para o despertador ao lado da minha cama. Já tinha passado das 7:00pm, somente uma hora mais ou menos do início dos coquetéis da festa dos Breckenridge. Joguei meus pés pela lateral da cama alcançando o chão. Um segundo para ficar em pé, então me arrastei até a porta e me dei conta de que ainda estava usando a camisa e a calça de ontem.

Destravei a fechadura e abri a porta. Ethan estava em pé no umbral da porta, limpo em suas calças de terno e camisa branca. Seu cabelo puxado para trás, a medalha de Cadogan em seu peito. Enquanto eu estava toda amassada, ele estava imaculado, seus olhos verdes esmeraldas brilhando, alertas. Sua expressão era uma mistura de confusão e decepção, como se não pudesse decidir que emoção deveria eleger.

— Noite muito longa Sentinela?

Sua voz era plana. Levou um momento até que eu percebesse a conclusão que ele havia chegado que por conta de um encontro eu tinha ficado fora até tarde da noite e por isso não tive tempo de tirar o uniforme. Sua Sentinela, a mulher que ele tinha passado para o Mestre da Casa Navarre para assegurar sua aliança, estava ainda vestida com roupas da noite anterior.



No entanto, não tinha visto ao Morgan em dias. Mas Ethan não precisava dessa informação.

Escondi meu sorriso e respondi provocativamente. — Sim. Ela foi mesmo uma longa noite — uma sobrancelha levantada em desaprovação, Ethan estendeu um invólucro de roupa negra.

Estiquei-me e peguei. — O que é isso?

— É para hoje à noite. Algo um pouco mais... oportuno que suas usuais opções.

Quase bufei em resposta. — Ethan não estava entusiasmado com meu senso de moda ser jeans e várias camisas para sobreposição. — Mas decidi apreciar o gesto mais que a necessidade de ter a última palavra. Esta noite iria voltar à roda da alta sociedade. Voltar para maior elite do círculo social de Chicago. Esta era a minha chance de por um vestido e ter atitude, de atuar como se pertencesse aquele lugar. De usar meu nome como um ticket de entrada, o que era a verdade. No entanto com esse nome ou não, a tarefa iria ser um inferno mais fácil vestindo um lindo vestido do que com qualquer coisa que estivesse no meu armário nesse momento.

— Obrigada — disse.

Ele olhou para baixo, arregaçou a manga da sua camisa revelando um relógio de prata. — Encontrará os sapatos que combinam em seu armário. Fiz com que Helen os deixasse aí ontem a noite. Como tenho certeza de que você sabe, é uma longa viagem até Loring Park, então temos que ir diretamente para lá. Se apronte e desça em meia hora.

— Quarenta e cinco minutos! — negocieei e pela sua sobrancelha levantada falei: — Sou uma garota!

Seu olhar voltou a ser plano outra vez. — Estou informado sobre isso, Sentinela. Quarenta minutos.

Assenti secamente, antes que se voltasse e fosse embora pelo corredor, logo fechei a porta atrás dele. A curiosidade era mais forte, fui para cama e coloquei o invólucro sobre ela.

— Cinco dólares de que é preto — apostei comigo mesma e abri o zíper.

Tinha razão.



Era preto e de tafetá²⁶, um vestido de coquetel com um espartilho apertado e uma ondulante saia acima dos joelhos. O tafetá estava trabalhado em pinças bem feitas, convertendo um clássico vestido preto em algo muito mais descarado..

Descarado ou não, não havia dúvidas de que era mais elegante que os meus usuais jeans e tênis. Este era o tipo de vestido que tinha evitado sucessivamente usar por dez anos.

Tirei-o da bolsa e desloquei da ombreira, coloquei contra meu peito em frente ao espelho de corpo inteiro. Parecia, aos vinte e oito, quase que exatamente como quando tinha vinte e sete anos. No entanto meu cabelo era mais escuro e minha pele mais pálida.

Exceto por alguma viagem desaconselhada ao sol ou alguma corrida equivocada para a ponta de uma katana ou de uma estaca de madeira, permaneceria igual como estava aos vinte e sete anos, quando Ethan tinha me transformado pelo resto da minha vida. Por toda a eternidade, se conseguisse durar tanto tempo. O que supostamente dependeria do total de inimigos que faria e de quando seria pedido meu sacrifício pela Casa Cadogan.

Por Ethan.

Com esse pensamento em mente, deixei sair uma lenta respiração e ofereci uma oração silenciosa por paciência. O relógio estava fazendo TIC-TAC, estirei o vestido negro sobre a cama e fui tomar banho.

Talvez não surpreendentemente, demorava um pouco para a água aquecer nessa casa antiga.

Meti-me na banheira e puxei a cortina ao meu redor, então afundei de cabeça, abaixo das espumas, desfrutado do calor. Eu perdi a luz do dia, não sendo capaz de permanecer na calidez de um dia de primavera, com o rosto voltado para o sol, desfrutando desse mesmo calor. Agora estava presa as luzes fluorescentes e a luz da lua, mas um banho quente era um substituto surpreendentemente bom.

Fiquei na banheira amontoada debaixo d'água até que o pequeno banheiro esteve empapado com vapor. Quando saí, me sequei com a toalha e com ela fiz um turbante em meus cabelos, logo peguei meu conjunto. Os sapatos que Ethan havia mencionado estavam no armário cuidadosamente envoltos com papel seda branco e

²⁶ Tafetá é um tecido fino e acetinado feito de seda, lã ou sintéticos. Tem boa resistência e durabilidade. É resistente à abrasão e produtos químicos, aceita facilmente corante e é facilmente lavado. É semelhante ao cetim, mas desloca-se menos. Sua rigidez depende da forma como ele é confeccionado.



colocados dentro de uma caixa de cor preta brilhante. Desenrolei-os. Eram sapatos de couro brilhante, com finas tiras e 7,5 cm de salto agulha.

Tirei segurando pelas correias e deixei suspenso no ar, supervisionando com o olhar enquanto os girava. Sonhava dançar balé, mas durante minha época como estudante universitária tinha me acostumado com os Converse e com os Pumas, não com os Louboutin e Prada. Os usaria por Ethan, mas realmente esperava não ter que correr com ele em Breckenridge.

Escolhi a roupa íntima, preparei e sequei meu cabelo e apliquei maquiagem. Gloss labial. Rímel. Blush, já que era uma ocasião especial. Quando meu cabelo escuro brilhou, eu o amarrei em um rabo de cavalo alto, franja na frente, que eu achava que era moderno o suficiente para combinar com o lindo vestido de coquetel e saltos.

Olhei-me no espelho, agradavelmente surpreendida com o resultado. Brilhava sob a maquiagem, os olhos azuis, um bom contraste com a minha pele pálida, lábios rosados como se tivessem sofrido uma picada de uma abelha. Quando era humana, poderia ter sido chamado de "linda", mas estava ocupada demais com os livros e prateleiras da biblioteca, os óculos e Chuck Taylors, para brincar com meus atributos mais femininos. Ironicamente, agora que tinha sido convertida em um predador, meus atributos eram ainda mais atraentes.

Ciente de que tinha feito o que podia, fui até a cômoda e tirei uma caixa de veludo azul que havia trazido comigo de Wicker Park. Continha às perolas Merit, uma das primeiras aquisições que o meu pai tinha feito com sua nova fortuna, tinha comprado para minha mãe para o seu décimo aniversário de casamento. Minha irmã, Charlotte, as tinha usado em sua festa de debutantes e eu na minha. E algum dia, ela passariam para a Mary Catherine e a Olívia, filhas de Charlotte.

Toquei as esferas suaves como a seda, e depois olhei para a fina corrente de ouro que estava esticada sobre os móveis. Pendurado estava a minha própria medalha de ouro Cadogan, o disco fino, com o nome de Cadogan, o número do registro Vampírico Norte americano de Cadogan (4), o meu nome e minha posição.

Foi uma decisão interessante, deveria colocar os acessórios de acordo com as ordens do meu pai ou do meu chefe?

Recusei ambas as opções e escolhi uma terceira — optei me vestir por Merit, Sentinela Cadogan. Eu não estava indo para a Breck por um desejo de ver o meu pai, ou um senso de obrigação de família. Eu estava ali porque tinha prometido agir de acordo com as melhores conveniências para Cadogan.



Com a decisão tomada, coloquei a medalha no meu pescoço, coloquei o vestido e os saltos, fechando as correias. Levei uma pequena carteira de mão com o que necessitava, então peguei minha espada. Afinal, ainda estava trabalhando.

Olhei para o relógio, tinha dois minutos para descer. Já que havia ficado sem tempo para atraso, peguei o celular da cômoda e entre deixar o quarto e fechar a porta atrás de mim, disquei o número de Morgan.

— Morgan Greer.

— Merit... hum... bem, Merit. Porque é o único nome que tenho.

Deu uma risadinha. — Por quanto tempo, permanecerá a questão — disse ele, que eu tomei como um elogio sobre o meu estado como um futuro Mestre. — O que você está fazendo?

— Trabalhando — eu disse rapidamente, incapaz e indisposta a dar mais detalhes do que isso. Suspeitava que Morgan tivesse perguntas sobre meu relacionamento com Ethan, não havia necessidade de avivar as chamas. Mas poderia fazer uma coisa...

— Ouça, Mallory começa seu internato de magia no domingo, então teremos um jantar de despedida amanhã à noite. Ela, Catcher, e eu. Você pode se juntar a nós?

Havia alegria em sua voz, aliviado por ter sido convidado. — Absolutamente. Wicker Park?

— Sim, quero dizer, a não ser que você esteja desejando almoçar na cantina de Cadogan. Ouvi dizer que amanhã vai ter os dedos da galinha e uma taça de Jell-O.

— Então Wicker Park — fez uma pausa. — Merit?

— Sim?

— Estou contente por você ter ligado. Feliz de que vou vê-la.

— Eu também, Morgan.

— Boa noite, Mer.

— Boa noite.



Ethan estava lá embaixo, seu cabelo dourado brilhando ao ajustar uma luva de goma. Vampiros giravam em torno dele, todos em preto Cadogan. Mas mesmo que ele estivesse usando a mesma cor - um terno preto nítido e uma gravata prata impecável - se destacava. Ele estava como de costume, ridiculamente bonito, ofuscando os imortais ao seu redor.

Meu coração pulou um pouco com a visão dele, segurando o corrimão com maior vigor, a katana na bainha e segurando a carteira com a minha mão livre, desci os degraus sobre os saltos.

Eu peguei o gancho em seus olhos quando ele me viu, o pequeno sobressalto, o simples reconhecimento. Seu olhar foi de incrédulo a apreciador, com a sobrancelha levantada ao mesmo tempo em que me olhava de cima a baixo, sem lugar para dúvidas, se assegurando de que eu satisfazia sua lista mental.

Alcancei o final das escadas e eu fiquei de pé na frente dele.

Devido ao brilho em seus olhos esmeralda, eu supus que havia sido aprovada.

— Você está usando o medalhão — ele disse.

Peguei a corrente de ouro com as pontas dos meus dedos. — Eu não tinha certeza se deveria, se seria elegante o suficiente.

— Você deveria. Considere a sua coleira, como a de um cão.

— Caso eu me perca?

— No caso de que frite até as cinzas e esse pedaço de ouro seja tudo o que resta de você.

A sutileza vampírica, pensei, deixava muito a desejar.

Malik veio do corredor, correndo em seu próprio traje preto Cadogan (sem gravata) e entregou a Ethan um saco preto brilhante, com alças em cordão de cetim preto. Eu não podia ver o que havia dentro, mas eu sabia o que ele continha. Aço. Uma arma. Dada à ligação que tinha estabelecido com a minha própria katana - um sacrifício forjado que me custou algumas gotas de sangue sobre a lâmina - eu podia sentir o aço, podia sentir a mudança no padrão de magia ao redor de alguém que o carrega.



— Como você pediu — disse Malik, depois balançou a cabeça em minha direção. Sorri um pouco ante ao reconhecimento.

Com a bolsa em mão, Ethan assentiu e começou a andar. Malik fez um passe ao seu lado. Supondo que era para eu os seguir, eu fiz. Nós fomos para a escada do porão.

— Eu não estou antecipando problemas — disse Ethan. — Não esta noite de qualquer forma.

Malik assentiu. — Os relatórios diários são claros. Se Celina tentar atravessar a fronteira será marcada.

— Supondo que ela não tenha obrigado a TSA²⁷ — disse Ethan.

E supondo que ela já não estivesse aqui, eu pensei.

Ethan virou a esquina, ao pé das escadas do porão, em seguida, entrou em uma porta de aço, ao lado do qual estava montado um pequeno teclado. Esta era a porta da garagem, proporcionando acesso a espaços de estacionamento raro e cobiçado na Rua Cadogan. Não foi por acaso ou bastante elevada na hierarquia para ter um.

Ethan e Malik pararam na porta e se confrontaram entre si. Então, eu testemunhei um momento incrível da cerimônia.

Ethan estendeu sua mão e Malik a tomou. Com as mãos juntas e com seriedade Ethan disse. — A Casa é entregue aos seus cuidados.

Malik assentiu. — Eu reconheço o meu direito e dever de defendê-la e aguardar o seu retorno, Liege. — Gentilmente, Ethan tocou a parte de trás da cabeça de Malik, se inclinou e sussurrou algo em seu ouvido. Malik assentiu com a cabeça e os homens se separaram. Em seguida, deu outro assentimento em minha direção, Malik foi em direção às escadas novamente. Então, Ethan digitou um código e passamos pela porta.

— Ele é o Mestre quando você não está? — eu perguntei.

— Só dos arredores — disse Ethan enquanto nos dirigíamos para o seu brilhante Mercedes conversível preto, que estava convenientemente estacionado entre as colunas de concreto. — Eu permaneço como Mestre da Casa, como uma entidade dos vampiros.

²⁷ Transportation Security Administration.



Ele abriu a porta do passageiro para mim e logo depois que entrei no estofamento de couro em vermelho e preto, fechou a porta e andou para o seu lado do carro. Ele abriu a porta, o saco preto brilhante colocado no espaço, entre nós, e subiu. Quando ligou o motor, manobrou o conversível entre as colunas na direção da rampa e da porta de segurança, que veio quando ele subiu a ladeira.

— A cerimônia — disse ele. — É um anacronismo da influência do feudalismo Inglês sobre os vampiros, que formalizou o sistema de Casas.

Eu balancei a cabeça. Tinha aprendido no *Canon* que a organização das Casas era de origem feudal, com uma forte mentalidade Liege-vassalo, no sentido de que o novato vampiro devia a seu Liege e foi obrigado a acreditar na bondade paterna de seu Liege.

Pessoalmente, eu não estava confortável pensando em Ethan de forma paternal.

— Se o rei deixa o seu castelo — eu ofereci. — Ele vai deixar instruções para a sua defesa com o seu sucessor.

— Precisamente — disse Ethan, balançando o carro para a rua. Ele estendeu a mão para o espaço entre nós, a bolsa de presente e me entregou.

Eu peguei, mas levantei uma sobrancelha em sua direção. — O que é isso?

— A espada deve permanecer no veículo — disse ele. — Seremos espetáculo suficiente sem ela. A bolsa — disse ele. — é um substituto. Pelo menos de alguma forma.

Curiosa, espiei dentro e retirei o conteúdo. A bolsa continha uma bainha preta, que continha uma ponta — um punhal fino, poderoso, com uma camada de madrepérola.

— É lindo — retirei o punhal da bainha e segurei no alto. Era uma cunha de aço fino e polido brilhantemente e afiado em ambas as extremidades.

Passamos por baixo de um poste, e o reflexo pegou o final da alça, revelando um plano disco de ouro. Parecia uma versão menor das medalhas de Cadogan, esta também carregando meu cargo. Sentinela de Cadogan, lia-se.

Era uma adaga criada para mim. Pessoalmente para mim. — Obrigada — eu disse tocando com o polegar o disco.



— Há mais um item na bolsa.

Levantei minha sobrancelha, coloquei minha mão novamente dentro do saco e retirei um estojo — duas correias de couro unidas a um delicado estojo.

Não, não é apenas um estojo — um estojo de coxa.

Eu olhei para a minha saia, então para Ethan. Eu não estava realmente ansiosa para colocar um estojo de montagem na minha coxa, para não falar de ser na frente dele. Talvez não querendo levantar a minha saia para o meu patrão. Talvez porque uma adaga de alguns centímetros não seria tão eficaz quanto a minha katana em uma revolta. Não que esperasse um ataque pelo gênio da alta sociedade, mas coisas estranhas têm acontecido. Especialmente nos últimos tempos.

Até porque eu era a única guarda de Ethan para o evento, e estaria condenada se voltasse para Casa Cadogan rebocando um Mestre ferido. Mesmo que ele sobrevivesse ao ataque, nunca sobreviveríamos à humilhação.

Eu suspirei, sabendo quando havia perdido, decidindo que a adaga seria melhor do que nada.

— Mantenha seus olhos na estrada — eu pedi, então desatei o cinto.

— Eu não vou olhar.

— Sim, assim, mantêm dessa maneira.

Ele fez um som de desprezo, mas manteve os olhos no pára-brisa. Ele também segurou o volante um pouco mais forte. Gostei dessa rachadura em sua fachada, provavelmente mais do que deveria.

Era destra, de modo que levantei um pouco a saia de meu vestido macio no lado direito e estendi minha mão direita, tentando descobrir onde eu queria posicionar a lâmina para o caso de precisar sacar sem problema. Coloquei-a em um ponto quase na metade da coxa, o estojo logo acima da borda externa. Prendi o primeiro fecho, depois o segundo, e me contorci um pouco no banco para me certificar de que estava seguro.

O estojo tem que ficar apertado o suficiente para permanecer no lugar quando eu sacasse a adaga. Essa foi a única forma de garantir que a faca pudesse ser liberada com rapidez e segurança. Por outro lado, se apertasse muito poderia cortar a circulação. Ninguém precisa disso, muito menos um vampiro.



Quando eu estava convencida de que estava seguro, pelo menos tão seguro como ele poderia estar no banco da frente de um conversível em direção aos subúrbios, inseri a adaga. Uma elevação mostrou o punhal, a cobertura ainda no local.

— Bom o bastante — concluí. Arrumei minha saia novamente, depois olhei para Ethan. Nós estávamos correndo através do tráfego relativamente leve na rodovia, mas a sua expressão em branco parecia um pouco relaxada. Ele estava trabalhando muito duro para parecer desinteressado.

Como estávamos caminhando para o local inimigo, pensei em cortar seu interesse, e ofereci uma atualização de Sentinela obediente. — Você nunca vai adivinhar quem estava acampado na linha dos fotógrafos na noite passada. — Eu disse, jogando a isca.

— Jamie? — A voz dele estava irônica. Eu acho que ele estava brincando. Infelizmente, eu não.

— Nicholas.

Seus olhos se arregalaram. — Nicholas Breckenridge? Na Casa Cadogan.

— Ao vivo e a cores. Esteve com os paparazzi no canto.

— E onde estava Jamie?

— Essa foi minha pergunta também. Estou começando a acreditar, Sullivan, que não há Jamie. Quer dizer, eu sei que há Jamie, mas eu não tenho certeza de que Jamie é a ameaça real aqui. No mínimo, não temos toda a história.

Ethan fez um som seco. — Esta não é a primeira vez que isso acontece, como você sabe. Espera, talvez você tenha dito noite passada? Você viu o Nick Breckenridge fora da Casa e não contou a ninguém? Pensou em mencionar isso para mim? Ou Luc? Ou alguém com autoridade para lidar com a situação?

Eu ignorei o pânico em sua voz. — Eu estou falando agora — disse. — Ele fez algumas perguntas muito afiadas sobre as Casas, sobre Celina. Ele queria saber se nós pensamos que a punição foi o suficiente.

— O que você disse?

— Segui a linha de jogo — eu disse. — Que vocês foram muito adequados em fazer, os pontos de discussão.



— Você sabia que ele estava de volta a Chicago?

Eu balancei minha cabeça. — Eu não sabia que ele estava curioso sobre nós. É como uma doença abrindo caminho através dessa família.

— Eu acho que é uma dupla coincidência que estamos caminhando em direção à fazenda Breck.

Ou duplamente problemática, pensei. O dobro do número de candidatos para agitadores na residência.

— Ethan, se as Raves poderiam chegar a causar semelhante problema, a atenção e os impactos negativos, por isso somos o centro da história, seja quem for que esteja escrevendo? Por que nós estamos dirigindo para Loring Park, tentando manipular a imprensa em vez de tentar parar essas festas clandestinas?

Ele ficou em silêncio por um momento até que perguntou seriamente. — Não estamos tentando detê-los?

Isso me fez ficar um pouco mais reta. Havia assumido, com a Sentinela da Casa, que se qualquer tipo de missão estava sendo preparada eu seria parte dela. Claramente este não era o caso.

— Oh! — eu disse não tão feliz ao descobrir que ele tinha planos secretos em marcha e eu não tinha sido incluída.

— Parar a história não é a polêmica, não para os vampiros de qualquer maneira — disse Ethan. — Parar as Raves é. As Raves ocorrem fora do estabelecimento da Casa, mas isso não significa que a Casa não sabe que isso ocorre. E eu não tenho nenhuma autoridade sobre os outros Mestres, sobre as outras Casas de vampiros ou para os Rogues da cidade.

Muito a seu desgosto, pensei.

— Francamente, embora os planos estejam em trabalho, em grande parte graças aos esforços de seu avô, é pouco provável que possamos colocar um fim a ele. Seu avô tem excelentes ligações, habilidades de mediação forte, e uma equipe de funcionários leais. Mas os vampiros sendo vampiros beberam.

— E então nós viramos o jogo — disse



— A primeira frente é a imprensa — ele concordou. — Não é a única frente, mas é a batalha que iremos lutar esta noite.

Deixei escapar um suspiro, nada preocupada com a briga. Merit versus o mundo que ela deixou para trás.

— Vai dar tudo certo — disse Ethan, e olhei para ele com surpresa. Tanto por ele ter me lido tão bem, como por ter me dado apoio.

— Espero que sim — lhe disse. — Não estou animada com a possibilidade de encontrar Nick novamente e, você sabe como me sinto sobre meu pai.

— Mas por quê? — sussurrou Ethan. — Por que a animosidade? Esta distância entre vocês?

Olhei para a janela, não tendo certeza de quanto eu queria compartilhar. De quantas armas queria lhe dar.

— Não era a filha que meu pai queria — eu disse finalmente.

Silêncio. Então. — Entendo. Você era próxima a Charlotte e Robert?

— Eu não diria que há animosidade, e nós nos mantemos em contato, mas eles não estão na minha discagem rápida.

Não lhe disse que não tinha falado com meus irmãos em um mês.

— Simplesmente não temos muito em comum

Robert estava se preparando para assumir a cadeira de trabalho do meu pai, Charlotte casou-se com um físico e repovoando o mundo com pequenos novos Merits. Bem, Sra. Dr.Corkburger - Merits.

Oh, Jesus. Corkburger.

— Compartilham sua animosidade para com o seu pai?

— Não na verdade — disse a ele, olhando pela janela. — Eu não me aclimatei bem à socialização. Robert e Charlotte sim. Todos nascemos dentro dela, mas eles prosperaram. Eles estão, eu não sei, equipados para isso. Para esse tipo de estilo de vida, esse tipo de atenção, para a constante competição. Acho que isso é a causa deles terem tido menos atritos com meu pai. Seu relacionamento era, eu não sei, mais fácil?



— E o que você fez enquanto gozavam das vantagens dos Merit?

Eu ri. — Passei muito tempo em bibliotecas. Passei muito tempo com os livros. Quero dizer, minha casa era pacífica. Meus pais não brigavam. Tivemos, fisicamente, tudo que precisávamos. Tive sorte de muitas maneiras, e eu percebo isso. Mas eu era uma sonhadora, não muito interessada nos valiosos bens da alta sociedade. — Gargalhei. — Eu sou uma leitora, não uma lutadora.

Ethan revirou os olhos com piada de mau gosto. — E claramente, não uma comediante — disse ele, mas havia uma sugestão de um sorriso em seu rosto. Guiou a Mercedes fora da auto-estrada em uma rodovia dividida. Vi passar bairros, algumas casas queimadas, algumas escuras, as famílias humanas envolvidas no ato de viver.

Olhei para ele. — Estamos nos aproximando, qual é o plano?

— Entrar e trabalho de campo — disse ele, os olhos varrendo a estrada. — Reintroduzir você a essas pessoas, que eles saibam que você está de volta e que você pertence aquele lugar. Que tudo a respeito dos Merit que devem ser: o respeito, o acesso, a aprovação, será para você também. Determinar o que podemos sobre essa suposta história, a participação de Jamie, a participação de Nick. — Ele balançou a cabeça. — Sua notícia da visita de Nick turva as águas um pouco, e precisamos saber onde estamos. E com base nessa informação, se seu pai estiver lá, consideraremos se existem maneiras em que ele possa ajudar.

Meu estômago se retorceu num avanço desconfortante. Estava mais do que disposta a renunciar, do que se "devera" como uma Merit, a fim de evitar o meu pai. Mas isso era sobre o acesso, a cerca de neutralizar uma ameaça. Eu já era uma garota crescida o suficiente para suportar a equipe.

— E nós somos o suborno? — eu perguntei.

Ethan assentiu. — Seu pai é um homem ambicioso, com metas ambiciosas para o seu negócio e sua família. Você vai fornecer-lhe acesso a um determinado segmento da população.

— O segmento com presas — disse eu. — Eu não tenho nenhuma dúvida de seus verdadeiros interesses: Estou levando um vampiro Mestre.

— Se um ou ambos de nós que queremos ver, lembrar quem você é. Não é um Mestre ou simplesmente Merit, mas uma poderosa vampira em seu próprio direito.



Fomos para os acres rurais arborizados, um sinal de que estávamos nos aproximando do nosso destino. Nós tínhamos acabado de virar em uma rua rodeada por árvores, escura na ausência de iluminação pública, quando Ethan — sem aviso — desacelerou e parou a Mercedes. Quando o motor parou e o carro estava em silêncio, ele ligou a pequena luz acima de nós e olhou para mim.

Eu olhei para ele, esperando, querendo saber por que ele tinha parado o carro.

— A liberação de Celina me preocupa — disse finalmente.

—Te preocupa?

— Como você sabe, no passado, o foco da PG tinha sido a proteção das Casas vampíricas e assimilação na sociedade humana. Assegurando a nossa imortalidade.

Eu balancei a cabeça. O precursor do PG foi criado em consequência do Primeiro Extermínio. A sobrevivência era a política.

— E você está preocupado com que a liberação da Celina sinalize uma nova era?

Ethan parou, passou a mão pelo cabelo e, finalmente, concordou. — Os seres humanos morrem. Vampiros morrem. Eu não posso imaginar qualquer outro fim da história.

Ele parou novamente, desta vez, quando eu olhei, a sua expressão era diferente — cheia de determinação. Inspirador discurso no caminho, eu assumi.

— Nós temos sido lembrados sobre a nossa existência humana. Esta noite, eu me lembro sobre as nossas ligações. Vamos precisar de todas as vantagens que podemos obter Merit. Para qualquer que sejam seus planos a longo prazo, curto prazo, algum tipo de insurreição, rebelião absoluta, a demanda por direitos políticos, algo que está por vir.

— Alguma coisa má.

Ethan assentiu. — O início foi encorajado, pelo meno proverbialmente.

Levei a mão para o meu pescoço, agora curado e livre de cicatrizes, uma vez rasgado por um vampiro que tinha sido convencido a matar-me. — Não proverbialmente — eu disse. — Seja qual for à magia que ela esteja conjurando, já derramaram sangue, voltaram os vampiros contras os seus Mestres, convencendo o



PG, e traidores ou não, admito que não esteja impressionado até agora que a morte de seres humanos era meramente danos colaterais.

Fez um som de acordo, mas segurou o volante novamente, os polegares tocando nervosamente contra a cobertura de couro. Uma vez que ainda estávamos estacionados, eu supus que havia mais.

Olhei para ele, tentando decifrar a sua motivação, alguma pista de que mais permanecia. — Por que você está me contando isso agora?

— Falei com Malik e Luc — disse ele, quase na defensiva, como se questionar seu compromisso com a sua própria cadeia de comando.

— Não foi isso o que eu perguntei.

— Você é a Sentinela da minha Casa.

Uma resposta muito simples, eu pensei, e muito rápido também.

— Por que Ethan?

— Eu não sei se sou forte o suficiente para dizer não a ela.

Desta vez, levei um tempo para responder. — Para dizer não?

Com uma voz suave, as palavras de forma lenta, ele disse: — Se tentar me convencer a aderir a sua causa por meio de sangue ou de glamour contra mim, eu não tenho certeza se posso dizer não.

Poderíamos ter ouvido um alfinete cair no carro. Fiquei olhando para frente, chocada com a admissão, que ele havia compartilhado essa informação, a sua fraqueza comigo. Com a mulher que pediu para ser sua consorte. A mulher que o havia rejeitado. A mulher que tinha testemunhado, de primeira mão, a traição de Amber. A mulher que tinha visto o olhar no seu rosto quando Amber confessou o seu pecado, a sua participação na conspiração de Celina.

A mulher que havia sentido o impulso do glamour de Celina, e alimentados por ela. Mas ele também.

— Você disse não — lembrei. — Quando ela confessou seu envolvimento nos assassinatos, quando ela o queria ao seu lado, você disse que não.



Ethan balançou a cabeça. — Ela queria ser capturada, ser mártir. Essa não foi à medida de glamour, as ferramentas que estão usando contra PG. E Malik e Luc? Eles não são tão fortes como eu — A implicação é que se infelizmente Ethan estava preocupado com a sua capacidade para combater ao glamour, Luc e Malik tinham pouca esperança. — Glamour — disse Ethan, — baseia-se em convencer alguém a fazer algo que normalmente não faria. Não é como o álcool.

Manipulação mental, de todos os menos perceptíveis. Graças a Deus que a CIA não tinha ouvido falar disso ainda.

— E porque o poder é do tipo psicológico, o único sinal de que ela tem usado seu poder dessa forma é a magia que é filtrada quando isso é feito. Vampiros que podem usar o glamour podem convencer os sujeitados de ter desejos completamente diferentes. É mais fácil, claro, nas mentes frágeis sobre aqueles que poderiam ter sido convencidos, com um pouco de pressão extra. É mais difícil em pessoas com mente forte. Naqueles que estão acostumados a encontrar seus próprios caminhos.

Ethan olhou para mim e levantou uma sobrancelha, como se eu tivesse que entender.

— Você acha que eu repeli o glamour porque eu sou uma teimosa?

— Eu acho que talvez essa seja uma das razões.

Colocando o absurdo geral da conversa para um lado — discutindo a metafísica de glamour vampiro — tendo muito de sua admissão, eu não poderia conter o meu sorriso.

— Então você está dizendo que minha teimosia é uma bênção.

Com um grunhido, virou-se no Mercedes e gentilmente colocou de volta na estrada. Eu acho que o encorajei fora do seu mau humor.

— Você sabe, os vampiros são estressantes — lhe disse, lembrando uma das queixas favoritas de Catcher.

— Desta vez, Merit, eu não vou discordar de você.



Capítulo 8

Papai, não passe sermão.

A propriedade Breckenridge, aninhada na parte campestre de Illinois, era uma sólida imitação de uma mansão francesa, baseada no modelo de Biltmore Vanderbilt depois que os antepassados dos Breckenridge incharam com os lucros, fizeram uma viagem de descobertas para Asheville, Carolina do Norte. Apesar da propriedade dos Breckenridge nem de perto rivalizar com a casa de George Vanderbilt, a mansão de pedra pálida era uma homenagem sólida e assimétrica, completa com espirais pontiagudas, chaminés, e janelas altas pontuando o bem inclinado telhado.

Ethan estacionou, no longo percurso que passava pelo gramado do tamanho de um parque em frente à porta principal, onde um manobrista com luvas brancas fez um sinal para ele parar. Quando o empregado abriu minha porta, eu desci com cuidado, a lâmina e a bainha um peso estranho na minha coxa. Enquanto a Mercedes, meu carro de fuga, ia embora, ergui o meu pescoço para olhar a casa. Fazia uns seis ou sete anos desde que eu estive aqui. Meu estômago deu um nó, uma combinação de nervos com o pensamento de entrar novamente em uma vida que eu havia escapado na primeira oportunidade e a possibilidade de confrontar meu pai.

O cascalho fez barulho enquanto Ethan se posicionava ao meu lado. Nós entramos. — Nós precisamos de um convite — ele discretamente me lembrou.

Eu havia esquecido. Diferentemente das histórias sobre crucifixos e fotografias, este mito vampírico era realmente um verdadeiro, “nós não poderíamos entrar em uma casa sem um convite.” Mas este mito não era sobre magia ou o demônio. Era, como muito dos outros problemas vampíricos, sobre regras e normas. Era sobre o paradigma vampírico. Nós esperamos mais ou menos um minuto, tempo suficiente para a Sra. Breck terminar de cumprimentar e conversar com o casal que havia chegado antes de nós. Quando eles se afastaram, ela olhou para cima.



Eu vi uma piscada de reconhecimento enquanto ela percebia que nós estávamos esperando do lado de fora. Sua face se iluminou, e eu esperava ser porque ela estava feliz em me ver obscurecendo a entrada da sua porta novamente. Ela andou em nossa direção, tão elegante e esbelta como a Princesa Grace, toda feminina apesar de ter criado uma ninhada de meninos bagunceiros. Julia Breckenridge era uma linda mulher alta e graciosa, em uma roupa de cor champagne, cabelos loiros presos em um nó apertado na parte de trás do seu pescoço.

Ethan se curvou levemente. — Madame. Ethan Sullivan, Mestre da Casa Cadogan. Minha companheira e guarda, Merit, Sentinela da Casa Cadogan. De acordo com seu convite — ele pegou o convite que eu havia dado ao Luc, em seu bolso e segurou-o entre dois dedos longos na frente dela, sua prova de legitimidade. — Nós procuramos admissão para a sua casa. — Ela estendeu a mão, cuidadosamente e graciosamente, Ethan a levantou, seus olhos nos dela enquanto ele apertava os lábios em sua mão.

A Sra. Breck, que provavelmente já havia jantado com Chefes de Estado e estrelas de cinema, ficou vermelha, e então sorriu enquanto o Ethan soltava sua mão. — A partir desta noite — ela disse. — Você e sua companhia podem entrar em nossa casa com a nossa benção — sua resposta foi interessante, seu convite formal e específico. — O meu pessoal esteve pesquisando o protocolo apropriado. — A Sra. Breck disse, movendo-se para o lado para permitir nossa entrada. Quando nós estávamos dentro da sala de estar, ela me alcançou e fez uma concha com as mãos no meu rosto, seu perfume era de jasmim subindo por seus pulsos. — Merit, querida, você está linda. Estou tão feliz que você pôde se juntar a nós hoje.

— Obrigada. É bom ver você de novo, Sra. Breckenridge — deu um beijo na minha bochecha direita, e então se virou para Ethan, um brilho de apreciação feminina em seus olhos. Eu podia entender isso. Ele estava daquele jeito irritante, bom o bastante para morder.

— Você deve ser o Sr. Sullivan — ele sorriu devagar, faminto.

— Ethan, por favor, Sra. Breckenridge.

— Ethan, então. E você deverá me chamar de Julia — seu olhar se fixou em Ethan por uns segundos, um tipo de expressão vaga de prazer em seu rosto, até que um homem careca, meio baixo com óculos redondos se aproximou de nós e cutucou-a com uma prancheta.



— Convidados, Julia. Convidados — a Sra. Breck, eu não a chamava de Julia quando corria por seus corredores quando criança, não era agora que eu começaria, balançou a cabeça como que para sair do estupor, e então acenou para o homem parado no seu cotovelo.

— Sinto muito, mas vocês têm que me dar licença. Foi um prazer conhecer você Ethan, e é adorável ver você novamente, Merit. Por favor, aproveitem a festa.

Ela indicou o caminho para o salão de festas e então voltou para a porta para cumprimentar um novo grupo de convidados. Dei um chute e imaginei que a expressão vaga no rosto dela havia sido um feito do Ethan.

— Ah! — sussurrei enquanto andávamos. — Será que consegue conquistar os humanos sem o recurso do glamour?

— Com ciúmes?

— Não enquanto você viver — nós estávamos quase chegando ao salão de festas quando ele parou e me olhou.

— É uma tradição.

Eu parei também, franzindo a testa enquanto tentava descobrir o contexto da frase. — Aplicar o glamour em um anfitrião é tradição? Isso explica o porquê dos vampiros estarem se escondendo por tanto tempo.

— A espada. Sua espada. A espada que eu te dei. Malik pesquisou no *Canon*. É tradição o Mestre presentear com uma espada a Sentinela da sua Casa.

— Ah! — eu disse com os dedos apertando o local do meu vestido que ficava em cima da espada. — Bem. Obrigada.

Ele acenou rápido, e então ajustou a sua gravata, cheio de uma confiança enérgica e suave. — Algum conselho? — dei um suspiro e alisei a minha saia. — O quê?

— Lembre-se de quem e o que você é.

Aquilo me fez rir. Ele não tinha ideia onde estava se metendo.

— O quê? — ele perguntou, dando-me um olhar de lado.



— Com presas ou sem, nós ainda somos forasteiros — eu balancei minha cabeça em direção às portas do salão de festas. — Eles são tubarões, esperando para nos circular. É como Gossip Girl lá dentro. Que eu venha da riqueza e que nós somos vampiros, não nos garante entrada.

Como se tivesse sido combinado, dois mordomos de terno abriram as portas para nós. Literalmente, eles nos deram acesso. Simbolicamente, nos deram acesso. Mas o julgamento ainda não havia começado. Respirei fundo e adotei meu melhor sorriso digno do título de Merit, que valia a pena, e então olhei para a minha companhia.

Ele de olhos verdes e cabelo dourado, deu uma averiguada na cintilante festa perante nós. — Então Merit, Sentinela da minha Casa. Vamos mostrar a eles quem somos nós. — Sua mão nas minhas costas, causou um frisson de calor pela minha espinha, nós entramos.

O salão de festas estava sendo banhado pela luz dos candelabros de cristal. Debaixo deles, na luz, as pessoas estavam do jeito que eu me lembrava. As matronas da sociedade. As esposas amargas. Os maridos charmosos e infiéis. As crianças que eram paparicadas somente por que tinham nascido dos ricos. Tecnicamente, acho que o último grupo me incluía. Nós achamos um lugar no canto do salão e montamos acampamento. Foi lá que comecei a educar Ethan. Apontei para algumas famílias antigas endinheiradas de Chicago; os O'Brien, os Porter e os Johnson, que fizeram a sua fortuna em trocas de mercadorias, pianos e carne, respectivamente. O salão também brilhava com os novos ricos, celebridades, magnatas da música que fizeram da Cidade dos Ventos a sua casa, membros da junta comercial, e presidentes de times esportivos. Alguns convidados, Ethan conhecia, alguns ele fez perguntas sobre suas conexões, suas vizinhanças, a maneira que haviam formado suas fortunas. Sobre as famílias ele sabia, perguntei sobre o que eles achavam do sobrenatural: Eles tinham laços com nossas comunidades? Tinham filhos e filhas nas Casas? Estava, sem surpresas, bem informado, dado a sua inclinação por conexões e estratégias. Realmente, a conversa inteira poderia ter sido retirada de um livro de Jane Austen, nós dois avaliando e dando notas às matriarcas e aos patriarcas da elite social de Chicago.



Notadamente ausente da festa estavam os outros membros do clã Breckenridge, Nicholas e os seus irmãos e Michael Breckenridge, o pai, que era conhecido nos círculos familiares como Papai Breck. Não estou dizendo que eu estava super animada com a ideia de um encontro com o Nick novamente, mas se eu quisesse aprender mais sobre os negócios do Nick/Jamie, eu teria que pelo menos, estar no mesmo lugar que ele novamente. O não aparecimento iria estragar totalmente a minha investigação. Eu também não vi nem a cara e nem um fio de cabelo do meu pai. Não que tivesse procurado muito. Vi um aglomerado de pessoas da minha idade, um grupo de vinte e poucos anos.

— De que jeito você acha que eu seria? — perguntei a ele. Ethan pegou duas taças de champagne da bandeja de um garçom que passava e me entregou uma.

— Como assim? — dei um gole na champagne, que estava gelado e borbulhando e tinha gosto de maçã, e então gesticulei em direção ao grupo em volta de nós. — Como isso, se eu não tivesse ido para a faculdade em Nova York ou Stanford, se tivesse ficado em Illinois, conhecido um garoto, me juntado à minha mãe como auxiliar dela.

— Você não seria uma vampira Cadogan — ele disse obscuramente.

— E você estaria perdendo a minha exuberante personalidade — olhei nos olhos de um garçom de terno, este trazendo comida, e o chamei para perto com um balançar de dedos. Sabia pelas experiências de um tanto de eventos de gala que havia ido enquanto criança que a alimentação nos eventos de caridade tendia a ir em direção ao estranho, espumas disso e canapés daquilo. Mas o que faltava em comida caseira eles compensavam pela quantidade. O garçom nos alcançou; olhos azul mar no meio de uma expressão de tédio, estendeu sua bandeja e uma mão cheia de 'B', gravados nos guardanapos do coquetel.

Revi o arranjo dos hors d'oeuvres²⁸, que estavam dispostos artisticamente em uma cama de sal em pedra. Um envolvia pequenos cubos pálidos de algo sendo mergulhado em uma xícara de endívia. Outra formava um de várias camadas rosa. E quanto à endívia, eu não fazia ideia o que elas eram. Olhei para o garçom, sobranceiras levantadas, procurando ajuda.

— Um camarão Napoleão e um mousse de camarão — ele disse, acenando para as colunas rosa. — E atum ceviche na endívia — ambas estranhas combinações de comidas marítimas, eu pensei, mas, sempre corajosa no que diz respeito à gastronomia, peguei um de cada.

²⁸ Itens servidos antes do prato principal de uma refeição.



— Você e a comida — Ethan murmurou com o que pensei ter sido divertimento. Eu mordi a endívia. Achei meio estranho o ceviche, mas ainda estava me acostumando com uma fome de vampiro que não era tão enjoada quanto eu. Ergui meu olhar do aperitivo que estava comendo, parando em meio a mordida, na descoberta de que um grupo de vinte e poucos anos do outro lado da sala estavam me encarando.

Eles falavam entre si e, com alguma decisão tomada, um deles começou a andar em nossa direção. Terminei a minha mordida, e então devorei o camarão Napoleão, o qual estava bom, mas um pouco exótico demais para o meu paladar estragado por fast-food. — Tubarões, à direita — de sobancelhas levantadas, Ethan deu uma olhada no grupo mais afastado, e então sorriu, com dentes.

— Humanos, à direita — ele corrigiu. — Hora de agir um pouco, Sentinela.

Eu tomei um gole do champagne, apagando o gosto de marisco mexido. — Isso foi um desafio Sullivan?

— Se isso é necessário, Sentinela, então sim.

A morena, líder do conjunto, com sua pequena estatura enfiada dentro de um vestido de lantejoulas prata, se aproximou, o seu grupo assistindo do outro lado do salão.

— Oi — ela disse, educadamente. — Você é a Merit, certo? — eu assenti. — Eu não sei se você se lembra de mim, mas nós estávamos na mesma festa de debutantes. Sou Jennifer Mortimer.

Procurei em minhas memórias e tentei me lembrar dela. Ela parecia vagamente familiar, mas passei a maior parte da minha festa de debutante sendo humilhada pelo fato que, eu havia sido; amarrada e enfiada dentro de um vestido branco cheio de camadas, com o único motivo de ser apresentada perante os ricos de Chicago como uma vaca em um desfile da cidade. Eu não havia prestado muita atenção nas pessoas à minha volta. Mas eu fingi.

— É bom te ver de novo, Jennifer.

— Nick Breck era o seu acompanhante, não é? Quero dizer, na festa de debutantes?

Bem, eu havia prestado atenção nele, então concordei.



— É um prazer — Ethan disse.

— Eu posso... — ela deu um meio sorriso, parecendo muito desconfortável, e então girou um anel na sua mão direita. — Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Eu notei antes..., com os aperitivos...

— Nós comemos comida — Ethan respondeu suavemente. Ele percebeu o que ela queria perguntar antes de mim, o que era engraçado, porque essa foi uma das primeiras perguntas que eu havia feito como uma nova vampira.

Jennifer ficou vermelha, mas acenou. — Claro, com certeza. É só o negócio com o sangue, obviamente, mas nós não tínhamos certeza sobre o resto, e, por Deus, isso foi realmente rude da minha parte? — ela apertou uma mão contra o peito, fazendo careta. — Sou completamente sem tato?

— Não tem problema — eu disse. — Melhor fazer a pergunta do que presumir o pior.

Seu rosto se iluminou. — Ok, ok, ótimo. Escuta, mais uma coisa.

Eu não tinha certeza do que esperar; outra pergunta, claro, mas não a sua próxima jogada. Pegou um fino cartão de negócios do seu corpete, e com as unhas feitas que de alguma forma, funcionava sob o peso do anel de noivado de diamantes, me entregou o cartão. Desta vez quando falou, sua voz era de uma suave confiança. — Eu sei que isso é meio atrevido, mas gostaria de te dar meu cartão. Acho que você poderia se beneficiar com a minha representação.

— Perdão? — olhei para o cartão, que continha seu nome debaixo do cabeçalho escrito ADMINISTRAÇÃO DE ARTES DE CHICAGO. Ela era uma agente. Eu quase derrubei a minha taça.

Jennifer lançou um olhar cauteloso em direção ao Ethan, e então de volta para mim. — Eu..., uh...

— Não estou certa sobre a sua experiência ou interesses: modelo, atuação, esse tipo de coisa, mas nós definitivamente podemos achar um lugar para você.

— Ela te ligará — Ethan disse, e Jennifer, toda sorrisos e obrigados, foi embora. — Não me surpreendo com nada mais. — ele disse.



— Concordo — mexi com o cartão entre os meus dedos, e então mostrei a ele.
— O que diabo aconteceu?

— Acredito Sentinela, que você está sendo paparicada — ele sorriu levemente, e eu gostei do som daquela risada um pouquinho mais do que deveria. — Isso não demorou o tanto que achei que demoraria.

— Eu acho divertido que você pensou que isso era inevitável.

— Sim, bem — outro garçom se aproximou, e dessa vez Ethan pegou um pedaço de endívia da bandeja.

— As coisas se tornaram decididamente menos previsíveis desde que você entrou na equipe. Acredito que estou começando a gostar disso.

— Você gosta da chance de aumentar as suas conexões sociais.

— Isso ajuda — ele admitiu, mordendo sua endívia. Mastigou, e então, sua face se contorceu com desaprovação, tomou um gole de champagne. Que bom que eu não havia sido a única. Sem aviso, minha principal conexão social apareceu de repente do meu lado e pegou no meu cotovelo. — Nós usaremos o escritório do Michael. — Meu pai disse como cumprimento, e então saiu aparentemente confiante que nós o seguiríamos. Ethan e eu trocamos um olhar, e então o seguimos.

Meu pai andou de queixo erguido pelos corredores da propriedade dos Brecks, como se tivesse passado por lá um milhão de vezes antes. O escritório do Papai Breck ficava localizado em um dos cantos aos fundos do primeiro andar. Estava cheio de móveis, livros, globos, e mapas moldurados, os detritos de riqueza colecionados pela família Breck. Tinha um cheiro confortavelmente familiar de charutos e papéis antigos e colônia. Era o local de descanso do Papai Breck do mundo, um santuário secreto que o Nicholas e eu ocasionalmente ousávamos violar.

Nós passamos diversos dias chuvosos no escritório, nos escondendo no meio das antiguidades, fingindo ser naufragos de navios do século dezanove, correndo pelo corredor quando ouvíamos o pai dele se aproximando. A porta fechou atrás de nós. Pisquei me afastando da memória. Meu pai se virou para nós, mãos nos bolsos. Curvou sua cabeça para mim e então olhou para Ethan. — Sr. Sullivan.

— Me chame de Ethan, por favor, Sr. Merit — Ethan disse.



Eles apertaram as mãos, o homem que me fez, e o vampiro que me fez virar outra coisa. Isso parecia fundamentalmente errado. Ou talvez desconfortavelmente certo.

— Eu li sobre a sua aquisição do Prédio de Segurança Nacional — Ethan disse. — Parabéns. Isso foi um feito e tanto.

Meu pai ofereceu um aceno de cabeça bem masculino de reconhecimento, e então deslizou um olhar em minha direção. — Você ganhou uma propriedade dos Merit só sua.

Eu quase dei um passo para frente para tirar aquele sorriso convencido da cara do meu pai, pelo menos até lembrar, do meu bonito vestido de festa.

— Sim, bem — Ethan disse, com uma pitada de aridez em sua voz. — Vampirismo tem os seus benefícios.

Meu pai fez um som de concordância, e então me olhou do topo dos seus óculos. — Sua mãe me informou que você quer, citando as palavras dela, reconstruir algumas relações. Conhecer as pessoas certas.

— Eu reconsiderarei o seu pedido para ajudar o Robert.

Ele pareceu congelar por um momento, como se estivesse completamente chocado pela minha oferta. Dada a nossa interação da última vez que ela havia me pedido, fiz tudo menos jogá-lo para fora da casa da Mallory, talvez ele estivesse chocado.

— O que, exatamente, você tem em mente nesse aspecto? — ele finalmente perguntou.

Deixe a encenação começar, eu pensei, e me preparei para passar o roteiro que Ethan e eu havíamos preparado: detalhes que poderiam ser úteis enquanto o Robert tentava construir relações entre a população sobrenatural da cidade. Umas poucas palavras sobre aquela população (que era, exceto pelos vampiros, desconhecida pela grande maioria), finanças da Casa, e nossas conexões com a Prefeitura da cidade, deixando de fora, claro, o fato de que meu avô estava fazendo o papel de ouvidoria da cidade. Seria o suficiente, ou assim Ethan esperava para fazer o meu pai acreditar que, nós estávamos oferecendo uns pedaços de uma maçã bem maior. Mas antes de eu falar, Ethan entregou a maçã inteirinha.

— Celina foi liberada do Presídio.



Eu virei minha cabeça para encará-lo. Esse não era o plano.

Eu não achei que poderia ativar a conexão mental entre nós, o fio telepático que ele iniciou quando fui aceita na Casa, mas o sarcasmo estava me queimando por dentro, então eu tinha que tentar.

Essa é a sua pequena 'dica'?

Se ele me ouviu, fui ignorada. E o presente de Ethan era somente a primeira surpresa.

— Quando? — meu pai perguntou, seu tom ameno como se estivéssemos discutindo o tempo. Aparentemente, a soltura de um potencial assassino em série, uma mulher que tramou para ter sua filha assassinada, não era mais interessante do que a alta temperatura do dia.

— Durante a semana — Ethan respondeu.

Meu pai fez um movimento com a sua mão, e Ethan o seguiu para um grupo de cadeiras, onde sentaram. Eu segui, mas fiquei atrás de Ethan.

— Por que ela foi liberada? — meu pai perguntou.

Ethan contou tudo o que havíamos discutido. Mas diferentemente da surpresa que eu havia demonstrado, meu pai reagiu com acenos e sons de entendimento. Havia uma familiaridade com os sobrenaturais e o funcionamento das Casas e o PG que me surpreendeu.

Não era ele ter a informação que era surpreendente, a Internet estava cheia de fatos vampíricos. Mas parecia também entender as regras, os jogadores, as conexões. O escritório da ouvidoria tinha um vampiro como funcionário secreto, uma fonte de informação sobre as Casas. Talvez meu pai tivesse um também.

Depois de Ethan ter terminado com suas explicações, meu pai me olhou. — Você certamente despertou minha curiosidade — ele disse. — Mas por que a mudança de atitude?

Tudo bem, então eu estava errada em presumir que se nós oferecêssemos informação que pudesse ajudar ao Robert, meu pai não faria perguntas.

Vá em frente. Ethan mentalmente propôs, e eu transmiti minha mensagem.



— Eu gostaria de me tornar mais envolvida nas atividades sociais da família. Dada a minha nova posição na Casa, e a posição da família, me tornar mais envolvida poderia ser, vamos dizer assim, um benefício mútuo.

Meu pai se inclinou para trás, colocando um cotovelo nas costas da cadeira, e bateu a junta dos dedos no queixo. Ele raramente parecia mais cético.

— Por que agora?

— Estou em uma posição diferente agora — eu disse a ele. — Tenho diferentes responsabilidades. Habilidades diferentes — lancei um olhar ao Ethan. — Conexões diferentes. Estou velha o suficiente para entender que o nome Merit faz certas coisas mais fáceis. — Ele me assistiu, avaliando-me em silêncio, e então deu um simples aceno.

— Eu vou supor para o nosso interesse que você não esteja mentindo para mim. Mas isso não responde a minha pergunta.

Ele deslizou o olhar para o Ethan. — Por que agora? Por que hoje a noite?

Ethan alisou o joelho de suas calças com uma passada firme de sua mão. O movimento era tão casual, quase desatento, que eu sabia que era forçado.

— Os Breckenridge podem estar..., se intrometendo no nosso mundo.

— Se intrometendo — meu pai repetiu. — Em que sentido?

Um momento de hesitação, e então o Ethan decidiu, unilateralmente, posso acrescentar, confiar no meu pai.

— Nós fomos informados que Jamie Breckenridge planeja publicar uma história muito danosa.

— Danosa para os vampiros?

Ethan acenou com a cabeça. Ele estava dando corda para a história, dando ao meu pai pedaços de história sem emoção, com nenhuma dica do medo e preocupação que havia me mostrado antes.

— E se eu presumir que o conteúdo da história é muito..., delicada para ser compartilhada aqui?



— Então você estaria correto — Ethan disse. — Acredito que você não está sabendo nada sobre esse assunto?

— Não — meu pai disse. — Entretanto, estou presumindo que não é coincidência que você tenha feito a casa dos Breckenridges sua primeira parada social?

— Foi uma coincidência, na verdade — Ethan respondeu. — Mas foi uma boa coincidência.

Meu pai arqueou uma sobrancelha em dúvida. — Mesmo assim, acredito que você notou que Julia é a única Breckenridge em casa nesta noite?

— Eu achei isso estranho. — Ethan disse.

— Como todos nós — meu pai concordou. — E nós não entendemos as visitas na casa deles — o olhar dele era acusatório, e imerecido. Nem a história nem a ausência dos Breckenridges tiveram nada a ver comigo. Bem, nada que eu tivesse feito de propósito pelo menos. Mas ele estava disposto, contudo, a me culpar.

Simpático. Ethan telepaticamente comentou.

Eu te falei. Eu respondi.

Ethan se levantou. — Eu agradeço o seu tempo, Joshua. Creio que a informação que nós dividimos será confidencial?

— Se você preferir — meu pai disse, sem se importar em levantar. — Acredito que você será discreto nas suas investigações? Pois enquanto entendo a sua preocupação, qualquer que seja ela, estas pessoas, estas famílias, são meu amigos. As fofocas se espalham rápido, e as acusações indevidas começam.

Ethan havia se virado para longe do meu pai e vi a irritação cruzar seu rosto, provavelmente devido a sugestão que as suas acusações fossem 'indevidas'. Todavia, nosso suave jogador, colocou suas mãos nos bolsos, e quando se virou novamente, sua expressão era cuidadosa e política novamente. — Claro.

— Fico contente por termos nos entendido — meu pai disse, e então checkou o seu relógio. Essa era a nossa dispensa, então me movi para a porta, Ethan atrás de mim.

— Lembre-se — meu pai disse, e me virei de volta. — O que quer que isso seja, se der errado, vai cair em cima de você. De vocês dois.



Era o golpe final. Nós fomos para o corredor e o deixamos ter a última palavra.

No caminho de volta para o salão de festas, Ethan e eu paramos em um corredor alinhado com janelas que ligavam as porções públicas e privadas da casa. Ele olhou para fora da janela, mãos na cintura. — Seu pai...

— É uma figura — eu terminei. — Eu sei.

— Ele poderia nos ajudar..., ou acabar conosco.

Eu olhei para o lado, notando a linha de preocupação em seus olhos e ofereci ao vampiro de quase quatrocentos anos de idade um pequeno conselho. — E nunca esqueça, Ethan, que a escolha é dele.

Ele me olhou, sobrancelha levantada. Eu me virei e olhei para fora para a escuridão, para o gramado.

— Nunca esqueça que qualquer benefício que ele oferecer, qualquer sugestão que fizer, é calculado. Tem dinheiro e poder para ajudar ou machucar muitas pessoas, mas as suas razões, só ele sabe, e elas normalmente são egoístas, e não são fáceis de engolir. Ele maneja suas peças com três ou quatro jogadas de antecendência, sem um resultado óbvio. Mas nunca duvide que não exista um.

Ethan suspirou, longa e duramente. Uma pomba arrulhou longe dali.

— Srta. Merit — nós dois viramos e encontramos uma mulher na porta do pórtico. Usava um simples vestido preto e avental branco, calçando sapatos de solado grosso. Seu cabelo estava preso em um rabo elegante. Uma empregada talvez.

— Sim? — perguntei.

Ela segurava um pedaço de papel. — O Sr. Nicholas pediu para te entregar isso.

Eu ergui uma sobrancelha, mas andei até onde ela estava e peguei o papel. Quando dei meu agradecimento, ela desapareceu pela porta.

— Sr. Nicholas? — Ethan perguntou quando ficamos sozinhos novamente. Eu ignorei a pergunta, e abri o bilhete, que se lia: Encontre-me no castelo. Agora. NB

— O que é isso? — Ethan perguntou.

Eu olhei pela janela, e então de volta para ele enquanto redobrava o papel e o colocava na minha bolsa. — Uma oportunidade para fazer minhas próprias conexões.



Eu voltarei. — Acrescentei, e antes que ele pudesse responder ou expressar qualquer dúvidas que estavam fazendo aquelas linhas entre os seus olhos novamente, caminhei até o final do corredor e para a porta do pátio.

O pátio era de tijolo em um cuidadosamente disposto formato de meia-lua, que acabava em um arco de escadas que iam em direção ao gramado. Inclinei-me contra o balaústre de tijolo e desatei as presilhas do meu sapato, e então as coloquei junto a minha bolsa em um degrau. A noite estava gloriosamente quente, lanternas de papel branco estavam penduradas nas árvores floridas que enchiam o gramado. Aliviada sem os sapatos de salto, arrastei meus pés pelo gramado, os ladrilhos frios sob meus pés, e então pisei na grama. Fiquei lá parada por um momento, de olhos fechados, aproveitando o delicado e frio tapete verde. A propriedade dos Breckenridge era enorme, centenas de acres de terra que haviam sido cuidadosamente preparadas e bem cuidadas para parecer justamente mais selvagem, o lugar primitivo dos Breck para se afastarem do dia-a-dia do trabalho. A grama ia em direção à floresta que cobria grande parte dos acres da propriedade, uma trilha cuidadosamente aparada passava por ela. Passei muito tempo naquela trilha enquanto criança, perseguindo Nicholas pelas árvores grossas nos dias de verão e pelos pedaços de galhos congelados nas manhãs geladas de Novembro.

Deixei os vestidos e babados para Charlotte, eu queria correr sobre galhos caídos e ar fresco, o mundo de fantasia ao ar livre de uma criança com uma imaginação expansiva e com um estilo de vida construtivo. Mas desta vez, quando alcancei a trilha de terra estreita, tive que afastar os galhos do meu rosto. Estava mais alta do que estive da última vez que havia passado por aqui; naquela época eu era baixa o bastante para escapar dos galhos. Agora os ramos se quebravam enquanto me movia, até que cheguei à clareira.

Para o labirinto. A cerca era baixa, apenas um metro e meio, um anel delicado e coberto de ferrugem, que corria por quilômetros em ambas as direções em torno do labirinto que o Papai Breck havia mandado fazer na floresta atrás da sua casa. O portão estava entreaberto. Ele já estava aqui então. O labirinto em si era simples, anéis de círculos concêntricos sem saída e passagens ao longo de seu perímetro, um padrão que eu havia memorizado há muitos anos atrás. A teia de buchos havia sido nosso castelo, defendido por Nicholas e eu contra um bando de saqueadores, que normalmente eram seus irmãos. Nós usávamos espadas de madeira e escudos de papelão, nós dois lutando até um de seus irmãos; ficar entediado e se retirar para o conforto da casa principal. Isso tinha sido nosso jardim secreto, nosso pequeno reino de folhas. Eu me aproximei do núcleo interno com a luz do labirinto, meus passos praticamente inaudíveis no trajeto de terra macia, a noite silenciosa tirando o balançar



ocasional das árvores ou barulhos no mato em minha volta. E ainda estava silencioso quando o encontrei no meio.



Capítulo 9

Os segredos do jardim secreto.

— **E**u estava imaginando quanto tempo demoraria para você chegar aqui —

Nicholas disse, braços cruzados no peito enquanto ele olhava para mim. Dois lampiões lançavam um brilho dourado ao longo de seu torso, que no momento estava coberto com uma camiseta da Maratona de Chicago. Ele deixou o terno de lado por uma camiseta, e ele também deixou a calça social pelos jeans. Eu caminhei para o centro do círculo e olhei para ele, meu sorriso tênue.

— Eu quase me esqueci do caminho para cá — Nicholas fez um som sarcástico que sacudia seus ombros.

— Eu duvido muito, Merit, que você esqueceu-se do castelo — embora um canto de sua boca tenha levantado enquanto ele falava, sua expressão ficou sóbria de novo rapidamente. Ele examinou o meu vestido, e então levantou seu olhar para mim.

— Os vampiros parecem ter conseguido o que seu pai foi incapaz de fazer.

Eu o encarei por um segundo, sem saber se ele tinha a intenção de me insultar, insultar meu pai ou Ethan, embora parecesse um tiro em nós três. Eu optei por ignorar o comentário e andei ao redor dele para traçar o perímetro do círculo que marcava o núcleo do labirinto. Tinha provavelmente cinco metros de diâmetro, marcada por entradas ao redor.

— Eu não esperava te encontrar do lado de fora da Casa Cadogan — eu admiti.

— Os tempos mudam.



— As pessoas mudam? — eu perguntei, olhando por sobre os meus ombros. Sua expressão continuou a mesma. Em branco, em guarda. Eu resolvi começar com as gentilezas.

— Como você está?

— Eu estou mais interessado em saber como você está. Naquilo... que você se tornou.

— Eu levantei minhas sobrancelhas — Naquilo?

— Num vampiro.

Ele honestamente cuspiu a palavra, como se o som saído de seus lábios o enojassem.

Ele desviou o olhar para a floresta. — As pessoas mudam mesmo, aparentemente.

— Sim, elas mudam — eu concordei, mas consegui manter minhas opiniões sob sua atitude para mim mesma. — Eu não sabia que você estava de volta a Chicago.

— Eu tinha negócios.

— Você está de volta para ficar?

— Veremos.

A pergunta mais importante: — Então você está trabalhando? Em Chicago, quero dizer.

Seu olhar voltou para mim, uma sobrancelha levantada.

— Eu não sei se estou confortável em discutir os meus planos com você.

Era minha vez de levantar uma sobrancelha.

— Você pediu para eu te encontrar aqui fora, Nick, não o contrário. Se você não está confortável discutindo isto comigo, você provavelmente deveria ter me deixado ficar na casa.



Ele me olhou por um longo período. Um período intenso, aqueles olhos cinzentos fixos nos meus, como se ele pudesse ver através de mim e descobrir quais eram minhas intenções. Eu tive que me esforçar para não trocar de pé no silêncio.

— Eu quero saber por que você está aqui — ele finalmente disse. — Na casa dos meus pais. Na casa da minha família.

Dada a desconfiança em sua voz, eu imaginei que não era coincidência Julia ser a única Breckenridge na festa. Eu cruzei meus braços atrás das costas e olhei para ele.

— É hora de relembrar minhas obrigações familiares.

Ele respondeu com um olhar seco.

— Eu te conheço há vinte anos Merit. Obrigações familiares não estão no topo da sua lista de prioridades, especialmente se essas obrigações envolvem eventos black-tie. Tente de novo.

Eu não sabia o que ele estava pretendendo, mas eu não iria revelar todos os meus segredos.

— Me diga por que você estava do lado de fora da Casa Cadogan.

Ele olhou para mim, em sua expressão um desafio: — Por que eu deveria responder às suas perguntas?

— Toma-lá-dá-cá — eu respondi. — Você responde a minha pergunta e eu respondo a sua. — Ele molhou seu lábio inferior enquanto considerava silenciosamente a oferta, e então ele olhou para mim.

— Eu estou investigando — ele disse.

— Você está escrevendo uma história?

— Eu não disse que estava escrevendo uma história. Eu disse que estava investigando.

Tudo bem, então ele estava investigando, mas não para escrever uma história — sobre vampiros ou qualquer outra coisa. Então o que ele estava investigando? E se ele tinha perguntas, por que ele estava procurando as respostas em um nó de paparazzis do lado de fora da Casa, ao invés de usar suas próprias conexões? E mais importante, por que o Nick, e não Jamie?



Nick colocou suas mãos no bolso e acenou com a cabeça para mim.

— Toma-lá-da-cá. Por que você está aqui?

Um segundo de consideração antes de contar para ele.

— Nós estamos fazendo nossa própria investigação.

— Sobre quem?

— Não alguém exatamente, mas o quê. Nós estamos tentando manter nosso povo a salvo — não toda a verdade, mas verdade o bastante.

— Do quê?

Eu sacudi minha cabeça. Era hora de cavar um pouco mais fundo.

— Toma-lá-da-cá. Já que estamos falando dos Brecks, o que a família tem feito ultimamente? Como está o Jamie nesses dias?

A expressão do Nick mudou tão rapidamente que eu quase dei um passo para trás. Seu queixo endureceu, as narinas abertas, e suas mãos fecharam em punho. Por um segundo, eu podia jurar que eu senti um breve pulso de energia — mas daí sumiu.

— Fique. Longe. Do. Jamie — ele cuspiu. Eu franzi as sobrancelhas, tentando entender de onde aquela raiva tinha vindo.

— Eu só perguntei como ele estava Nick — principalmente para saber se ele estava tentando nos sacrificar para ganhar pontos com o Papai Breck, mas o Nick não precisava saber disso. — Por que eu tenho que ficar longe dele? O que você acha que eu vou fazer?

— Ele é meu irmão, Merit. História familiar ou não, história pessoal ou não, eu vou proteger ele.

Eu franzi as sobrancelhas para ele e coloquei as mãos na cintura.

— Você está com a impressão que eu irei ferir teu irmão? Porque eu posso te falar... te prometer, na verdade, que esse não é o caso.

— E os vampiros são conhecidos por serem confiáveis, não são, Merit?



Aquilo machucou e eu abri bem os meus olhos. Não somente animosidade, não somente o senso fraterno de proteger, mas aquele grosso e irritante preconceito. Eu somente o encarei.

— Eu não sei o que deveria dizer pra isto, Nick.

Minha voz estava quieta. Em parte pelo choque, em parte pelo desânimo de uma amizade que acabou tão erradamente. Nick não tinha nenhuma simpatia por essa perda, ele me apunhalou com uma encarada que ergueu os cabelos do meu pescoço.

— Se algo acontecer ao Jamie, eu vou atrás de você.

Mais um olhar ameaçador e então ele se virou e desapareceu através da abertura oposta da cerca viva. Eu olhei para ele, e bati meus dedos no meu quadril, tentando entender o que tinha acabado de acontecer. Eu soltei um suspiro lento e olhei ao redor do labirinto. O brilho dos lampiões tremulou conforme o óleo começou a terminar. Com a luz sumindo e com mais perguntas do que quando eu cheguei, eu comecei meu caminho de volta pelo labirinto.

A raiva do Nick, sua descrença, fez o caminho de volta na mata um pouco menos sentimental – e um pouco mais amedrontador. Noturna ou não, eu não estava contente de estar andando no meio do mato no meio da noite. Com cuidado eu escolhi meu caminho de volta pelas árvores, olhos e ouvidos abertos para a presença de coisas assustadoras ou rastejantes que viviam e cresciam no escuro.

De repente, sem aviso, houve um movimento nas árvores. Eu congelei, minha cabeça virando para o lado para pegar o som, coração pulsando nos meus ouvidos... e um pico de interesse do vampiro em mim. Mas a floresta estava em silêncio novamente. Tão quieta quanto eu pude, pus minha mão na barra do meu vestido e alcancei o coldre da minha espada. Ainda lentamente, quietamente, eu desembainhei a espada.

Eu não tinha certeza do que eu faria com ela, mas estar com ela em mãos acalmou o batique do meu coração. Eu me espremi na escuridão, tentando perfurar o matagal de árvores. Algo passou pela mata. Um animal, de quatro patas pelo som. Estava provavelmente há metros de distância, mas perto o bastante que eu pude ouvir os passos de seus pés na vegetação rasteira. Eu apertei meus dedos suados na espada.

Mas então, de pé no escuro, com a espada em mãos, meu coração batendo com a dose de medo e adrenalina, eu lembrei de algo que Ethan me disse sobre a nossa natureza predatória: para melhor ou pior, nós estamos no topo da cadeia



alimentar. Nem humanos. Nem animais. Nem a coisa que andava pelo mato atrás de mim. Vampiros. Eu era o predador, não a presa.

Então, com uma voz muito fraca para ser minha, meus olhos no ponto entre as árvores onde eu pensei que aquilo estava, eu aconselhei o animal no escuro: — Corra. — Um segundo de silêncio antes do movimento repentino, o som de terra mexida e galhos quebrando, pés se movendo enquanto o animal seguia para se salvar.

Segundos depois, a floresta estava quieta novamente, aquilo que estava ali procurou salvação em outra direção, longe da ameaça. Longe de mim. Isto era uma habilidade útil, se não, uma bem perturbadora.

— Topo da cadeia alimentar. — eu sussurrei, e então terminei minha viagem de volta para a casa, a espada agora solta na minha mão. Eu a segurei até ter deixado o punhado de árvores, até eu poder ver as luzes de boas vindas da casa. Quando eu pisei na grama, eu embainhei a espada e então corri os últimos metros. Mas como a esposa do Lot, eu não resisti uma última olhada por cima do meu ombro.

Quando eu olhei de volta, a mata estava densa, vazia e nada acolhedora, mandando um arrepio pela minha espinha.

— Merit?

Eu alcancei o pátio, e olhei para cima. Ethan estava parado no topo das escadas de tijolos, mãos no bolso, cabeça pendendo para o lado com curiosidade. Eu acenei, e passei por ele, e me movi para os meus acessórios escondidos no balaustre. A caminhada pela grama úmida havia limpado a floresta dos meus pés, e eu coloquei meus saltos de volta.

Sem palavras, ele andou para mim, parou e me assistiu enquanto eu colocava os sapatos e pegava minha bolsa. — Seu encontro? - ele perguntou. Eu mexi a cabeça.

— Eu te conto depois — eu olhei mais uma vez a expansão das árvores. Algo brilhou na floresta — olhos ou luz eu não consegui saber — mas eu estremei de qualquer jeito. — Vamos para dentro. — Ele olhou para mim e soltou um olhar de volta para as árvores, mas acenou e me seguiu para dentro da casa.

A Sra. Breckenridge falou, agradeceu aos convidados por terem ido. Voluntários foram apresentados, fizeram discursos polidos sobre a importância da Coalizão da Colheita para a cidade de Chicago, e nós aplaudimos. Dinheiro foi arrecadado, números trocados, e Ethan e eu percorremos a área entre os cidadãos mais ricos da região metropolitana de Chicago. Só mais uma sexta-feira à noite nos altos escalões.



Quando nós fizemos a nossa parte e fizemos nossa contribuição para a causa em nome da Casa Cadogan com Ethan assinando um cheque lustroso, nós agradecemos à Sra. Breckenridge pelo convite e escapamos para a quietude da Mercedes.

O interior do carro cheirava a colônia dele, limpa e com cheiro de sabonete. Eu não havia notado aquilo antes.

— E seu encontro? — ele perguntou quando estávamos novamente na estrada.

Eu franzi as sobrancelhas e cruzei meus braços no peito. — Você quer as boas ou as más notícias?

— Eu preciso das duas, infelizmente.

— Tem um labirinto atrás da casa. Ele estava esperando por mim. Fez alguns comentários infelizes sobre eu ser vampira, e então disse que estava na frente da Casa Cadogan investigando. Não trabalhando em uma história — eu esclareci antes do Ethan perguntar. — Mas investigando.

Ethan franziu as sobrancelhas.

— Indica o que exatamente na suposta história sobre o Jamie?

— Nem ideia — eu disse. — E agora as más notícias: eu perguntei sobre o Jamie, uma pergunta bem inócua, e ele perdeu totalmente a estribeira. Falou-me para ficar longe do Jamie. Ele parece pensar que nós temos algo contra ele.

— Nós? — Ethan perguntou.

— Vampiros. Ele comentou algo sobre nós não sermos conhecidos por sermos confiáveis.

— Hum — ele disse.

— E como você se saiu?

— Antes dele sair de supetão, prometeu que se algo acontecesse com o Jamie, ele viria atrás de mim.

— Estas pessoas que você se associa são encantadoras, Sentinela.

O seu tom voltou a ser gelado. Eu odiava aquele tom.



— Eles são as pessoas que você pediu para me socializar, Sullivan. Não se esqueça disso. E falando nisso, por que as mudanças de planos? Desde quando meu pai tem acesso total aos segredos dos vampiros?

— Eu optei por uma mudança de estratégia de última hora.

— Para falar o mínimo — eu murmurei. — O que supostamente essa estratégia poderia conseguir?

— Eu tive um palpite. Seu pai é incrivelmente bem conectado, mas faltam relações no meio sobrenatural. Não há dúvida que ele estava ansioso para trabalhar contigo, e ansioso para me conhecer. Entretanto, sua falta de conexões não quer dizer que ele não tenha feito sua tarefa de casa. Houve algo sobre a reação dele que te surpreendeu?

— A total falta de surpresa dele me surpreendeu — eu olhei de soslaio para ele, um sorriso apreciativo pulando de um canto da minha boca.

— Muito esperto Sullivan. Sem pedir, você conseguiu que ele desse indícios de estar prestando muita atenção na situação de Celina.

— Eu consigo ter uma ideia que dá para salvar de vez em quando — eu soltei um som sarcástico. — Mas você está certa, é improvável que algo que nós tenhamos discutido tenha sido surpresa.

— Diga para ele aquilo o que você achar que deve — eu disse. — Contanto que você saiba que se ele pensar que pode conseguir alguma coisa para si próprio, ele usará essa informação contra nós.

— Eu sei Merit. Eu sou sagaz o suficiente para saber dos esquemas dele já.

Meu estômago roncou horrivelmente, e eu apertei minha mão nele. Eu podia sentir a pungente dor da fome, e eu não estava disposta a arriscar um surto de luxúria de sangue enquanto estava presa na estrada com um homem que eu já tinha assuntos mal resolvidos.

Eu podia admitir que o Ethan fosse um pouquinho delicioso, mas eu não estava ansiosa para que o vampiro dentro de mim quisesse uma provada.

— Eu preciso de um tempo — eu o avisei. Eu olhei para fora do carro e notei uma saída para a rodovia expressa à nossa frente, e então bati os dedos no vidro. — Lá.



Se apoiando para o lado para checar a saída, ele levantou uma sobrancelha. — Um tempo. Um tempo pra quê?

— Eu preciso de comida.

— Você sempre precisa de comida.

— Ou é comida ou sangue, Ethan. E dado ao fato que somos só eu e você nesse carro agora, comida seria consideravelmente menos complicado, não acha?

Ethan resmungou, mas ele pareceu ter percebido o objetivo maior e direcionou a Mercedes para a saída, e então encostou em um estacionamento de uma lanchonete de beira de estrada. Pela hora, quase três da manhã, nós éramos uns dos poucos, notívagos famintos por hambúrguer no lugar.

Ele estacionou ao lado do prédio e olhou pela janela do lado do motorista para o balcão de atendimento brega em alumínio, a paisagem pobrezinha, e o toldo do antes Dairy Blitz (o toldo agora lia-se somente DA RY LITZ), o qual obviamente tinha visto dias melhores. Eu abaixei o vidro, e o cheiro de carne, batatas e gordura quente encheu o carro. Oh, isso ia ser bom. Eu sabia. Ele virou para me olhar, uma sobrancelha levantada.

— O Dary Litz, Sentinela?

— Você vai amar Sullivan. Sinta o cheiro dessas fritas! Aquele punhado é só para você.

— Nós acabamos de ter uma refeição de ceviche e camarão perfeito — havia um sorriso em sua voz que eu gostei.

— Sério, nós comemos mariscos batidos, você acredita nisso? E você acabou de atestar meu ponto. Contorne.

Ele fez um vago som de desacordo, mas um não muito sério, antes de dar ré no carro e manobrar pela pista do drive-through. Eu olhei o menu iluminado, indecisa entre um cheeseburger de bacon simples ou duplo antes de decidir pelo triplo.

E era a luz do sol ou uma estaca que acabariam comigo um dia, não o colesterol.

Ethan encarou o cardápio. — Eu não tenho ideia do que fazer aqui.



— Aí está a maior prova positiva que você fez certo ao me trazer para a equipe — eu ofereci algumas sugestões e quando ele discordou, eu pedi o bastante para nós dois: hambúrgueres, fritas, shakes de chocolate, um pedido extra de rodelas de cebola. Ele pagou com o dinheiro que ele tirou de uma longa e fina pasta de couro que estava no interior do bolso do seu terno.

Quando a Mercedes estava cheio de vampiros e comida frita, ele dirigiu para a saída, e então parou na curva enquanto eu fazia uma manga do papel que cobria seu hambúrguer. Quando eu entreguei para ele, ele o encarou por um momento, sobranças arqueadas, antes de dar uma mordida. Ele fez um vago som de aprovação enquanto mastigava.

— Sabe — eu disse, mordendo uma rodela de cebola. — Eu acho que as coisas iriam ser bem mais fáceis para você se você apenas admitisse que eu estou sempre certa.

— Eu estou disposto a concordar que você está certa sobre a comida, mas isto é o mais longe que eu posso ir.

— Eu posso aceitar isso — eu disse, sorrindo para ele, meu humor elevado após a nossa fuga do Nick e do meu pai e provavelmente do impacto do fast food gorduroso nos meus níveis de serotonina. Sentindo nenhuma necessidade de me comportar delicadamente, eu dei uma mordida gigante no meu hambúrguer de bacon, fechando meus olhos enquanto eu mastigava. Se havia algo em que eu deveria minha gratidão ao Ethan Sullivan, era o fato de eu poder comer qualquer coisa sem ganhar peso. Claro, eu estava com fome o tempo todo, e uma vez eu quase fechei os dentes na sua carótida, mas dada as circunstâncias era um preço pequeno a se pagar.

A vida era uma maravilha! Toda aquela serotonina, aquele alívio, provavelmente motivou o meu próximo comentário.

— Obrigada — eu disse a ele. Hambúrguer em mãos, ele voltou para a estrada, e nós terminamos nossa viagem de volta do Hyde Park.

— Pelo quê?

— Por ter me transformado.

Ele pausou.

— Por transformar você?



— Sim. Quero dizer, eu não estou dizendo que não tem sido um período de ajustes...

Ethan bufou enquanto ele alcançava a caixa de rodelas de cebola entre nós. — Isso é um pouco subestimado não acha?

— Me dê um tempo, eu estou tentando ser gratamente condescendente.

Ethan sorriu à referência do anacronismo à tradição *Canon* – a Grata Condescendência sendo a atitude que eu deveria adotar com o Ethan, meu Liege. E não o tipo de condescendência que eu normalmente tenho dele – essa era a atitude da velha guarda, versão da Jane Austen. Da qual você deferia aos seus superiores e empregados toda a sutileza social. Definitivamente não era minha praia.

— Obrigada — eu disse. — Porque se eu não tivesse mudado, eu não poderia comer essa incrível comida insalubre. Eu não seria imortal. Eu seria totalmente inútil com uma katana... e essa é uma habilidade que toda pessoa de Chicago de vinte e oito anos precisa ter. — Tendo como resposta um sorriso reto, eu o cutuquei gentilmente, provocativamente, com o cotovelo. — Certo?

Ele riu suavemente. — E você não me teria para te incomodar. Você não teria minhas conexões ou meu fabuloso senso fashion. Eu escolhi esse vestido.

Eu pisquei surpresa. A admissão me surpreendeu e me deixou um pouco animada, apesar de eu não ter admitido. Eu comentei que o vestido não ficaria tão bem nele, e consegui um ‘hmpf’ de resposta.

— De qualquer forma, obrigada.

— De nada, Sentinela.

— Você vai comer o resto dessas fritas?

Nós comemos até chegarmos na Casa novamente. Nós pegamos o caminho mais longo que dava a volta no prédio para evitar o embolado de paparazzis do lado de fora do portão.

Ethan balançou seu cartão de acesso no portão do estacionamento, uma seção deslizando para o lado para permitir o acesso dele para a rampa do subsolo. Depois de ter estacionado a Mercedes na vaga de estacionamento dele, nós saímos do carro, fechamos as portas atrás de nós e o Ethan – apesar do fato do carro estar estacionado atrás de um portão de ferro de 15 metros embaixo da Casa dos vampiros numa



garagem acessível apenas por um código secreto – ativou o sistema de segurança da Mercedes. A meio caminho da porta, ele parou.

— Obrigado.

— Por?

— Por sua boa vontade de voltar para casa, e apesar de termos conseguido obter algumas informações adicionais sobre o envolvimento de Nicholas, nós abrimos alguns caminhos, e sabemos mais agora do que antes. — Ele limpou a garganta. — Você fez bem hoje.

Eu sorri para ele. — Você gosta de mim. Você gosta mesmo, mesmo de mim!

— Não abuse da vantagem Sentinela.

Eu abri a porta do porão e acenei com a mão para ele me seguir. — Idade antes da beleza.

Ethan suspirou, mas eu vislumbrei um sorriso. — Engraçado.

Me virei para ir para a Sala de Operações, imaginando que eu deveria ir para lá. — Onde você está indo?

Eu levantei uma sobrancelha para ele. — Eu não estou no clima para uma pós-festa se é isso que você está oferecendo.

Com o seu olhar insípido me encarando, eu expliquei.

— Eu preciso checar minha pasta na Sala de Operações.

Ele largou meu braço, e deslizou suas mãos para os bolsos.

— Você não está liberada ainda — ele disse.

— Eu espero — franzindo as sobrancelhas, eu virei e caminhei para as portas fechadas da Sala de Operações. Eu não fazia ideia do que ele estava pretendendo, e esse não era o tipo de mistério que eu gostava. Quando eu abri a porta e entrei, fui recebida com assobios que fariam um pedreiro orgulhoso.

Juliet rodou na sua cadeira para olhar e então piscou para mim. — Tá bonita Sentinela.



— Ela está certa — Lindsey disse de sua mesa. — Você se arruma surpreendentemente muito bem.

Eu virei meus olhos, mas apertei a borda do meu vestido e fiz uma pequena reverência, e então peguei minha pasta do cabide na parede. Havia apenas um papel dentro, um impressão de um memorando que o Peter havia enviado para o Luc. O memorando continha os nomes dos paparazzis que haviam sido contratados para cobrir a Casa Cadogan, e os jornais, websites, e revistas para qual eles vendiam.

Eu levantei meu olhar e encontrei o Peter olhando para mim curiosamente.

— Isso foi um trabalho rápido — eu disse, balançando o papel para ele.

— Você ficaria surpresa com o que as presas conseguem para você — ele disse. Ele me deu um olhar vazio e então voltou para seu computador, dedos voando pelo teclado. Ele era estranho.

— Eu presumo que o seu e o meu Liege conseguiram sobreviver a essa noite? — Luc perguntou.

— São e salvo — disse uma voz atrás de mim. Eu olhei para trás. Ethan estava na porta, braços cruzados no peito.

— Podemos? — ele perguntou. Eu silenciosamente xinguei, sabendo exatamente o que os outros guardiões iriam pensar sobre isso.

A saber, eles iriam imaginar algo muito mais lascivo em sua agenda. Embora eu soubesse a verdade de sua atração por mim. Eu era a ferramenta na caixa de ferramentas vampirescas do Ethan, um cartão de passagem livre para ser usado quando ele precisasse de acesso.

— Claro — eu disse, depois de dar um olhar de advertência para a Lindsey. Seus lábios estavam fechados apertados como se ela estivesse tentando se controlar para não rir. Eu coloquei minha pasta de volta no lugar e com o memorando em mãos, segui Ethan para o corredor, e então para o primeiro andar.

Ele pegou o corredor para a escadaria principal, e então virou e pegou as escadas para o segundo andar. Ele parou em frente às portas que eu sabia que levavam para a biblioteca, mas que ainda não tinha tido tempo para explorar.

Eu parei ao lado dele. Ele me retornou um olhar.



— Você ainda não esteve lá dentro? — eu neguei com a cabeça. Ele pareceu estar gratificado com a minha resposta, um estranho sorriso em seu rosto, eu girei as maçanetas com as duas mãos. Ele torceu, e empurrou as portas.

— Sentinela, sua biblioteca.



Capítulo 10

Você pode dizer muito pelo tamanho da biblioteca de alguém.

Eu estava deslumbrada. Minha boca aberta em choque, eu entre e me virei lentamente para absorver tudo. A biblioteca era quadrada, subindo pelo segundo e terceiro andar. Três janelas altas e arqueadas iluminavam o aposento. Uma intrincada grade vermelha de ferro forjado delimitava o andar de cima, que era acessível por uma escada em espiral do mesmo metal vermelho. As mesas tinham lâmpadas de cobre com sombreados verdes no meio. As paredes, do chão ao teto, eram alinhadas em livros. Grandes e pequenos, com capas de couro e brochura, todos divididos em setores – referência histórica, psicologia vampiresca, e até um pequeno grupo de títulos de ficção.

— Ai. Meu. Deus!

Ethan rui ao meu lado.

— E agora estamos quites com a questão mudar-você-sem-o-seu-consentimento.

Eu teria concordado com qualquer coisa só para tocá-los, então eu falei sem pensar. — Claro — andei até uma das prateleiras e passei a ponta dos meus dedos sobre os livros. No setor que eu estava prestando atenção, eu puxei uma cópia de Bleak House²⁹ com capa de couro azul marinho de sua prateleira. Eu abri o livro, folheei passando pelo índice e parei na primeira página impressa. A impressão era pequena, mas era impressa tão profundamente no papel que você podia sentir as letras em alto-relevo. Eu choraminguei de felicidade, fechei o livro e devolvi para seu lugar.

²⁹ http://pt.wikipedia.org/wiki/Bleak_House



— Você está no encalço dos livros — Ethan disse rindo. — Se eu soubesse que era tão fácil te satisfazer, eu teria te comprado uma biblioteca semanas atrás.

Eu fiz um som de concordância e puxei um fino volume de poesia de Emily Dickinson. Eu folheei pelas páginas até encontrar o poema que eu queria então o li em voz alta:

Morri pela beleza, mas apenas estava acomodada em meu túmulo, alguém que morrera pela verdade, era depositado no carneiro contíguo.

Perguntou-me baixinho o que me matara:

A beleza, respondi.

A mim, a verdade — é a mesma coisa,

Somos irmãos.

Gentilmente, eu fechei o livro e o coloquei de volta em seu lugar, então olhei para Ethan, que estava ao meu lado com uma expressão pensadora. —Você morreu pela beleza ou pela verdade?

— Eu era um soldado — ele disse, me surpreendendo, e também não. O pensamento de Ethan guerreando, ao invés de discutindo política no quarto de trás, me surpreendeu. O pensamento de Ethan no meio da guerra, não.

— Onde? — eu perguntei a ele. Ele pausou em um pesado silêncio, uma clara tensão na inclinação do seu queixo, então me deu um leve sorriso claramente fingido e disse: — Suécia. Há muito tempo atrás. — Ele é vampiro há 394 anos. Eu fiz uma conta histórica.

— A Guerra de 30 Anos?

Ele concordou. — Muito bem, eu estava com 17 quando eu lutei pela primeira vez. Eu completei 30 antes de ser transformado.

— Você foi transformado durante uma batalha?

Ele concordou, sem elaborar. Eu aproveitei a dica.

— Eu suponho que fui transformada em uma batalha, em um modo de dizer.

Ethan puxou um livro da prateleira em frente a ele, e folheou-o sem pensar.



— Você está se referindo à batalha de Celina para controlar as Casas?

— Tal como ele foi — eu me apoiei nas prateleiras, com os braços cruzados. — O que você acha que ela realmente quer Ethan? Vampiros controlando o mundo?

Ele balançou sua cabeça, fechou o livro e o colocou no seu lugar. — Ela quer qualquer novo mundo que a ponha no poder, seja no controle dos vampiros, humanos ou ambos.

Ele girou seu corpo, apoiou seu cotovelo em uma das prateleiras ao meu lado e apoiou sua cabeça também, deslizando seus longos dedos pelo cabelo. Sua outra mão estava em seu quadril. Ele inesperadamente parecia muito cansado. Meu coração apertou-se em simpatia.

— E o que você quer Merit?

Ele esteve olhando para o chão, mas de repente levantou seus verdes olhos para mim. A pergunta era desconcertante o bastante, o brilho de seus olhos era brutal. Minha voz era suave:

— O que você quer dizer?

— Você não planejou ainda, mas você é membro de uma honrável Casa, em uma posição única, uma posição com certo poder. Você é forte, você tem contatos. Se você pudesse estar na posição de Celina, você estaria?

Ele estava me testando? Eu procurei em seus olhos. Será que ele queria me avaliar, para ver se eu poderia resistir à fome de poder que se apoderou de Celina? Ou era mais simples que isso?

— Você está assumindo que ela virou má — eu disse. — Que ela era racional quando humana, mas que perdeu algum controle desde sua mudança. Eu não tenho certeza que isso é o certo. Talvez ela sempre fosse má, Ethan. Talvez ela não esteja satisfeita, ela de repente se tornou uma defensora dos vampiros. Talvez seja diferente para mim ou para você.

Seus lábios se abriram.

— Nós somos diferentes? Celina e eu?

Eu olhei para baixo e fiquei puxando nervosamente minha saia de seda.



— Vocês não são? — quando olhei para cima, seu próprio olhar estava íntimo e procurando, talvez enquanto considerava a pergunta, pesando o balanceamento de sua própria longa vida.

— Você está se perguntando se eu te trairei? — eu o perguntei.

Havia uma melancolia em seu olhar, em sua expressão. Eu não acho que ele queria me beijar, apesar da ideia disso, talvez o desejo ou talvez o medo disso, fez meu pulso aumentar.

— Tem coisas que eu quero contar para você, sobre Cadogan, a Casa, a política — ele engoliu a saliva tão desconfortável quanto eu nunca o vi antes. — Tem coisas que eu preciso te dizer.

Eu levantei minhas sobrancelhas, o convidando a falar. Ele abriu a boca, mas logo a fechou novamente.

— Você é nova, Merit, e eu não me refiro a idade, eu era tão velho quanto você quando me transformei. Você é uma novata vampira, é uma nova Novata. E mesmo assim, antes de completar dois meses de tutor, você já viu a violência e a manipulação da qual nós somos capazes. — Ele olhou de volta para os livros e sorriu melancolicamente. — Neste sentido, nós não somos tão diferentes dos humanos.

Houve silêncio na monstruosa sala até ele olhar de volta para mim. Quando ele o fez, sua expressão era sombria. — Decisões são feitas... — ele pausou, parecendo juntar seus pensamentos, então começou novamente. — Decisões são feitas de olho na história, de olho na proteção de nossos vampiros, dando segurança a nossas Casas. — Ethan apontou com a cabeça em direção a uma parede de livros do outro lado da sala, uma pilha de livros amarelados com números vermelhos nas laterais. — O *Canon* completo — ele disse, e eu então entendi o porquê do *Canon* ser dado aos vampiros iniciantes em forma de Referência de Mesa. Devia haver 15 ou 20 volumes em cada fileira, e havia múltiplas fileiras em múltiplas estantes.

— Tem muitas leis — eu disse a ele, meu olhar seguindo os livros.

— Tem muita história — Ethan disse. — Muitos e muitos séculos. — Ele olhou de volta para mim. — Você conhece a origem do sistema da Casa, do Clearings?

Eu lera A Referência de Mesa, mesmo não oferecendo a história completa como a coleção, delineava o básico da história do sistema da Casa, desde sua origem na Alemanha, para o desenvolvimento do tribunal Francês, que pela primeira vez, governava coletivamente os vampiros da Europa oriental, pelo menos até o PG mudar



a convocação de lugar devido as Guerras napoleônicas. Ambas as ações foram atribuídas ao pânico causado pelos Clearings.

— Então você entende a importância de proteger os vampiros. De construir alianças — eu entendia, é claro, tendo sido entregue a Morgan, para conseguir uma potencial aliança com os Navarre.

— Os Breckenridges — eu disse. — Eu os considerava aliados, eu nunca imaginaria que ele falaria comigo daquele jeito, não Nick. Ele me chamou de vampira, mas não no sentido real da palavra, Ethan. Era um xingamento, uma praga. — Eu pausei, levantando meu olhar para Ethan. — Ele disse que viria atrás de mim.

— Você sabe que está protegida, não é? — ele perguntou em voz baixa e sinceramente. — Sendo uma vampira Cadogan. Vivendo sob meu telhado.

Eu apreciava a preocupação, mas eu não temia Nick, eu lamentava perdê-lo por ignorância, por ódio.

— O problema é que eles não são aliados, mas inimigos.

Ethan enrugou suas sobrancelhas, aquela pequena linha entre elas estava de volta. E seus olhos, eu não sei o que era além do que quer que fosse, ele mudou para uma expressão vazia e assumiu o tom de vampiro Mestre.

— Eu te trouxe aqui, as informações estão a sua disposição. Nós sabemos que você é poderosa, suporte seu poder com sabedoria. Não seria útil para você continuar ignorante.

Eu fechei meus olhos bem apertados pelo golpe, quando os abri de novo, ele já estava indo em direção à porta, sua saída era marcada pelo insistente som de seus passos no chão de mármore. A porta abriu e fechou-se, e a sala ficou imersa em silêncio e quietude, uma caixa de tesouro fechada para o grande mundo. Enquanto eu me virava de frente as estantes, eu percebi um padrão. Sempre que ele começava a me ver como algo além de responsabilidade ou uma arma, sempre que conversávamos sem a barreira de hierarquia e história entre nós, ele se afastava mais frequentemente que não me insultando para forçar a distância. Eu sei pelo menos alguns dos motivos para o afastamento dele, incluindo seu senso geral da minha inferioridade, e suspeito de outros, a diferença de nossas posições.

Mas tinha algo mais ali, algo que eu não conseguia identificar. O medo em seus olhos revelava algo, ele tinha medo de alguma coisa. Talvez algo que ele queria me contar. Talvez algo que ele não queria me contar. Eu balancei minha cabeça para



clarear meus pensamentos, e olhei para meu relógio. Faltavam 2 horas para o amanhecer, uma boa parte da minha noite foi tomada por Ethan, Nick e meu pai, então eu peguei a oportunidade para examinar a biblioteca como uma pesquisadora profissional. Os livros estavam organizados entre sessões de ficção e não ficção como uma biblioteca tradicional, toda sessão organizada em prateleiras. Procurei em cada prateleira por algo interessante para ler e decidi por livro de fantasias urbanas da popular prateleira de ficção.

Eu deixei a biblioteca após um adeus nerd e esperançoso, prometendo às pilhas de livros que eu retornaria quando tivesse mais tempo, então segui para o andar de baixo indo à parte de trás da Casa. Segui o longo corredor central para a área de cafeteria, onde um punhado de vampiros mastigava seus lanches pré-amanhecer, seus olhares levantando enquanto eu andava para a porta de trás. Eu me esgueirei para fora para o pátio de tijolos que delimitava o fim da Casa, então segui um caminho para o pequeno jardim formal. No meio deste jardim há uma fonte iluminada por uma dúzia de luzes no chão, e a luz era forte o bastante para ler. Eu escolhi um banco, cruzei minhas pernas e abri o livro.

O tempo passou, o lugar quieto e vazio ao meu redor. Como a noite estava acabando, eu fiz uma orelha no livro, o fechei e descruzei minhas pernas. Enquanto me levantava, eu olhei para cima em direção a parte de trás da Casa. Uma figura estava parada em uma janela no terceiro andar, mãos nos bolsos da calça, olhando o jardim. Era uma das janelas no antigo quarto de Amber, a suíte Consorte que fica ao lado da suíte de Ethan, o quarto que ele limpou por completo. Ela havia ido, assim como todos os móveis. Eu não conseguia imaginar alguém no quarto exceto ele, muito menos olhando para o jardim. Eu fiquei lá de pé por um momento, livro em meus braços, olhando sua meditação. Eu me perguntava no que ele estaria pensando. Será que ele lamentou por ela? Será que ele estava bravo? Será que ele estava embaraçado por não ter previsto?

O horizonte começou a azular. Como eu não tinha intenção de ser pega no sol e reduzida a cinzas por ter ficado muito tempo no jardim lendo, ou espiando meu Mestre, eu retornei a Casa, ocasionalmente olhando para a janela, mas ele nunca mudou sua posição. Peter Gabriel veio à minha mente, sua obra falando sobre trabalhar somente para sobreviver. Ethan fazia isso. Dia após dia, ele ficava de olho nos mais de trezentos vampiros Cadogan. Nós éramos uma espécie de reinado, e ele era o lorde do castelo, o figurado e literal Mestre da Casa. Nossa sobrevivência era uma responsabilidade sobre seus ombros e tem sido assim desde a morte de Peter Cadogan. Eu notei que é uma responsabilidade que eu confiava a ele. O único defeito de Ethan, pelo menos o único que eu notei até agora, era sua inabilidade de separar esta responsabilidade do resto da sua vida. De todos da sua vida. E por isso, em uma



noite de meados de maio, encontrei-me parada no gramado de uma mansão de vampiros no Hyde Park, encarando a figura emoldurada de um cara em Armani, um inimigo que se tornou um aliado. Irônico, pensei que eu tinha perdido um aliado hoje, mas ganhei outro. Ethan passou uma mão pelo seu cabelo.

— No que você está pensando? — eu suspirei, sabendo que ele não conseguia me ouvir. Onde tem uma caixa de som quando você precisa?



Capítulo 11

Quando nossa heroína é enviada para o escritório do diretor.

Acordei para começar, sentando reta na cama. O sol havia finalmente se escondido, me permitindo algumas horas de conhecimento que eu tinha me permitido todos os dias durante meu primeiro verão como vampiro. Eu me perguntei se a vida iria ser diferente no inverno, quando teríamos horas e horas de escuridão para desfrutar.

Por outro lado, também teríamos o efeito da neve sobre o lago para desfrutar. Isso ia causar muito frio, horas de escuridão. Eu fiz uma anotação mental para encontrar um lugar quente na biblioteca.

Eu me levantei, tomei banho, amarrei meu cabelo, e vesti o uniforme de treino que tinham me mandado usar hoje. Embora não estivesse oficialmente na hora e tinha a festa de Mallory e um encontro posterior com Morgan, os guardas de Cadogan e eu tínhamos agendado um treinamento em grupo para que pudéssemos aprender a sermos os melhores, ou pelo menos, os violentos vampiros mais eficientes.

O uniforme de treino oficial era um top preto esportivo de meio-tronco com suspensórios cruzados e calças apertadas no quadril do tipo usado na Yoga que chegavam até os tornozelos. Ambos, claro, pretos, exceto pelo estilizado “C” em prata no canto esquerdo superior do top.

Não era um conjunto terrivelmente interessante, mas cobria muito mais pele do que o traje que Catcher havia me forçado a usar durante as sessões de treinos; os jogadores de vôlei de areia usam mais roupas.

Eu calcei as sandálias para ir ao andar térreo, agarrei a minha espada, e fechei a porta atrás de mim antes de fazer meu caminho para o segundo andar e depois para as escadas principais, para então, subir ao terceiro.



A porta de Lindsey estava aberta, seu quarto tão barulhento quanto tinha sido há dois dias, agora um episódio de South Park no último volume vindo de uma pequena televisão.

— Como você consegue dormir aqui? — eu perguntei.

Lindsey, com a mesma roupa que eu, seu cabelo louro em um baixo rabo de cavalo, sentada na beira da cama enquanto colocava sua sandália. — Quando você é forçada a inconsciência pelo nascer do sol, como se preocupar com esse problema?

— Bom ponto.

— Como foi seu encontro com Ethan na noite passada?

Eu deveria ter sabido o que estava por vir.

— Não foi um encontro.

— O que seja. Você está quente para o Mestre.

— Estávamos na biblioteca.

— Oh! Sexo entre as prateleiras. Eu devia ter adivinhado que você era das que tem esse tipo de fantasia, escola de pós-graduação e tudo mais — seus pés calçados com sandálias de corrida que tinham visto muitos, muitos dias melhores, pulou da cama e sorriu. — Vamos aprender alguma coisa.

No andar térreo, na Sala de Operações, Lindsey e eu demos uma olhada em nossos arquivos (vazios) antes de irmos para a gigantesca sala no final do corredor. Esta era a Sala de Treinamento, lugar onde eu desafiei Ethan durante minha primeira viagem a Casa Cadogan. Tinha um teto alto e estava coberto com tatames e um arsenal de armas antigas. A sala também estava cercada por um mezanino, dando aos observadores uma visão de primeira mão da ação abaixo.

Hoje, felizmente, o mezanino estava vazio. A sala, no entanto, não estava. Os guardas estavam ao redor das bordas dos tatames, e um bruxo, muito puto, estava no meio usando uma calça branca estilo artes marciais, a tatuagem de um círculo azul-verde em seu abdômen. Em suas mãos estava à bainha de sua brilhante katana, luzes cintilavam devido a sua lâmina imaculada.

Eu estava atrás de Lindsey e quase me choquei contra ela, quando de repente, parou e deu um baixo assobio na direção de Catcher. Olhou-me. — Falando de estar



quente para o Mestre. Ainda está saindo com Morgan, certo?

— Muito.

Murmurou um palavrão que provocou uma risadinha em Juliet e um baixo e possessivo rosnado de Luc. — Isso é uma puta pena.

— Você pode pelo menos fingir ser profissional hoje?

Lindsey parou e olhou para Luc. — Mostre-me profissionalismo, e eu te mostrarei profissionalismo.

Luc bufou, mas sua expressão era de alegria. — Doçura, você não sabe o que é profissionalismo mesmo que ele a morda na bunda.

— Eu prefiro a minha mordida em outros lugares.

— Isso é um convite?

— Só se você fosse sortudo, cowboy.

— Sortudo? Emaranhar-se comigo seria o dia de mais sorte da sua vida, loirinha.

— Oh, por favor — a palavra foi dita com tanto sarcasmo, que prolongou o último par de sílabas.

Luc revirou os olhos. — Ok, você já teve o seu divertimento, agora leve essa sua bunda para o tatame, se você puder privar-se de mim por alguns minutos. — Ele se afastou antes que ela pudesse responder, movendo-se ao redor para repreender os outros guardas pelas suas posições.

Na borda dos tatames, enquanto tirávamos nossas sandálias, dei-lhe um olhar de soslaio. — A tortura não é amável.

Ela fez um aceno de reconhecimento, e sorriu em resposta. — Certo. Mas te garanto que é divertido como o inferno.

Quando estávamos descalças, caminhamos até os tatames e fizemos a posição seiza³⁰, mão esquerda sobre as alças de nossas espadas, prontas para ouvir.

³⁰ Seiza, caminho da tranquilidade, é uma pratica zen de se manter sentado, na postura za rei, enquanto se acalma o espírito e se controla a respiração.



Quando estávamos prontas, Luc moveu-se para ficar ao lado de Catcher, as mãos nos quadris, e nos estudou.

— Senhoritas e..., senhoritas — Luc disse. — Já que o assédio sexual começou, eu suponho que vocês tenham notado que temos um convidado especial. Em duas semanas, estaremos avaliando suas habilidades com a katana, o reconhecimento das Katas³¹, e a habilidade de executar os movimentos.

— Em vez de chutarem os traseiros entre vocês, por mais agradável que seria isso para mim, Catcher Bell — inclinou a cabeça em direção a Catcher. — Um ex Guardião das Chaves, lhes mostrará como se faz. Como Guardas de Cadogan, e sob minha promissora direção, vocês são, naturalmente, os melhores dos melhores, mas vamos fazê-los melhores ainda.

— Top Gun³² — sussurrei para Lindsey. Tínhamos começado a elaborar referências onipresentes da cultura pop de Luc, tendo decidido que era porque cortaram os seus dentes, no distante oeste, e tinha estado fascinado pelo cinema e pela televisão. Você sabe, já que viver em uma sociedade mágica realçada pelos vampiros não requerem uma disposição adequada ao suspense e desconfiança.

— Ele já não é um membro da Ordem — Luc nos disse. — E sim, um civil, então não há necessidade de saudá-lo. — Luc riu de si mesmo, aparentemente divertido com sua piada. Dois Guardas riram com vigor, mas a maioria gemeu.

Lindsey inclinou-se. — Você poderia chamá-lo. Bonito traseiro — sussurrou. — Mas não, original.

Estava orgulhosa de que Luc pelo menos fosse apontado como um "traseiro bonito".

Catcher avançou um passo, e a gravidade do seu olhar, o qual parou consequentemente, em cada um de nós, cortou imediatamente o gracejo.

— Eles podem saltar — disse ele. — Mas não voar. Vivem pela noite, porque não podem suportar o sol. São imortais, mas uma lasca de madeira, cuidadosamente colocada, os reduziria a cinzas. — A sala ficou notavelmente silenciosa. Caminhou até o fim da linha, começou lentamente a caminhar até o outro lado. — Eles têm sido caçados. Exterminados. Vivem escondidos por centenas de anos. Porque, como os humanos, como o resto de nós, eles têm pontos fracos.

³¹ Kata ou Catá. Também se diz que o escopo dos katas é revelar o verdadeiro espírito pacifista da arte

³² Top Gun (br: Top Gun - Ases indomáveis) é um filme estadunidense de 1986, do gênero ação, dirigido por Tony Scott.



Ele ergueu a katana, e piscou quando a lâmina refletiu a luz e brilhou. Ele parou em frente a Peter. — Mas vocês lutam com honra. Lutam com espada.

Deu mais um passo e parou em frente à Juliet. — São mais fortes.

Outro passo, e estava ante Lindsey. — São mais rápidos.

Ele parou na minha frente. — São mais do que eram.

Isso me deu arrepios.

— Lição número um: — disse ele. — Este não é um jogo de espada. Chame-o assim perto de mim e arrisquem-se as consequenciam. Lição número dois: Vocês têm muita sorte de ter tido paz por quase um século, pelo menos entre as Casas, mas isso vai mudar. Celina está fora, Celina é narcisista, e Celina, talvez agora, talvez depois cause danos, se puder. — Catcher bateu um dedo contra a lateral da cabeça. — Essa é a maneira como age.

Ele baixou a katana, segurou-a horizontalmente à sua frente. — Esta é a sua arma, o objeto de sua segurança, sua vida. Isto não é um brinquedo, entenderam?

Concordamos coletivamente.

Catcher virou-se, caminhou até a outra ponta do tatame, pegou a bainha para a sua katana. Afundou a lâmina, em seguida, pegou duas espadas de madeira para treino que combinavam em peso e forma com as katanas e retornou. Girou a espada na mão como se estivesse se ajustando a seu peso. A segunda, ele apontou para mim. — Vamos, Solzinho.

Inferno, eu pensei, não estava ansiosa para ser o centro das atenções na lição de Catcher com as espadas.

— Da próxima vez que fizermos isso — disse ao bando de Guardas, que pareciam muito ansiosos por me verem lutar. — Vamos fazer isso de olhos vendados. Seus sentidos são bons o suficiente mesmo sem a sua visão afiada. Mas hoje — Catcher mudou a posição do seu corpo, um pé diante do outro, os joelhos flexionados, ambas as mãos em torno do punho da espada. — Podem usar os seus olhos. Em guarda — ordenou, indicando que eu poderia defender o seu ataque sem ter que me levantar e agir sem a minha espada desembainhada.

Imitei a sua posição, a distância de duas espadas entre nós, com elas levantadas acima de nossas cabeças.



— Primeira Kata — disse ele, antes de golpear em frente a mim. Meus músculos ficaram tensos sob a brisa da madeira cortante, mas ele não me tocou. Respondi com o meu próprio golpe decrescente, meus movimentos suaves e fluídos. Não era uma maestrina, mas eu estava bastante confortável com as katas, com os fundamentos da luta com as katanas. Era a mesma ideia que as posições básicas do balé, onde aprendi os conceitos básicos e os fundamentos necessários para os mais complicados movimentos.

Quando tínhamos completado a primeira kata, voltamos à nossa posição inicial, em seguida, trabalhamos com as seis restantes. Ele parecia geralmente satisfeito com meu trabalho, em um ponto retrocedendo e fazendo-me repetir as últimas três katas contra um adversário invisível para verificar a minha forma.

Era um professor exigente, com comentários sobre o ângulo da minha coluna, a colocação dos meus dedos em torno do punho, se o meu peso estava distribuído de forma adequada. Quando havíamos terminado, e depois que ele fez comentários para o grupo, se virou para mim.

— Agora lutaremos — disse ele, as sobrancelhas levantadas em desafio.

Meu estômago afundou. Era fácil o suficiente desviar sua atenção de muitos vampiros.

Deixei escapar um suspiro, e posicionei meu corpo novamente, a espada diante de mim. Sacudi os dedos, ajustando sua posição na espada, tentando evitar que meu coração disparasse pela antecipação da próxima batalha.

Não. Correção: batalhas.

Entre Catcher e eu, entre ela e eu. O vampiro em meu interior.

— Preparados. Prontos. Luta — Catcher disse, e atacou.

Ele veio em minha direção com os braços erguidos, e trouxe a katana para baixo em uma linha reta, golpe limpo.

Eu me afastei do caminho, trazendo minha própria espada na horizontal e ondulando-a ao redor em um movimento que teria aberto a sua barriga. Mas para um humano, Catcher era rápido, sem mencionar, ágil. Golpeou através do ar, seu corpo em um ângulo que evitava o golpe de minha espada. Estava tão impressionada com o

movimento - parecia como um que Gene Kelly tivera feito; como sua marca de desafiar a gravidade - que eu deixei minha guarda cair.

Naquele momento, ele me agarrou.

Catcher realizou o giro, um giro de 360 graus e tomou sua própria espada, a inércia do seu corpo por trás de mim, através do meu braço esquerdo.

A dor explodiu. Soltei um palavrão e fechei meus olhos contra ele.

— Nunca baixe a guarda — Catcher advertiu como um pedido de desculpas. Olhei para cima e o encontrei novamente na posição inicial, com a espada levantada. — E nunca afaste seus olhos do agressor — ele inclinou a cabeça para mim. — Você se curará, e provavelmente terá ferimentos maiores que esse quando tudo estiver dito e feito. Vamos começar de novo.

Murmurei uma maldição sobre "meu agressor", mas levantei minha espada. Meu bíceps latejando, mas eu era um vampiro, eu me curaria. Era parte de nossa coisa genética.

Ele não seria um vampiro, mas era bom. Eu era rápida e forte, mas não tinha, nem sua habilidade natural e nem sua experiência em lutar. Também estava ferida. E estava tentando o máximo que podia, lutar sem lutar. Em aprisionar o fluxo de adrenalina e a raiva que a traziam para a superfície, em frente a uma multidão de vampiros treinados para lutar. E perder de uma meio formada vampira, e diante de uma platéia, não seria uma coisa boa.

Mas era uma linha dura para andar.

Como uma vampira novata e uma ex-estudante graduada, ainda estava reagindo a qualquer coisa que Catcher me jogasse: virar para sair do caminho, ou esfregar a minha própria espada quando ele não podia bloquear em lugar de realizar meu próprio plano de ataque. Movia-se muito rápido para mim, para que eu pudesse reagir de forma defensiva e por sua vez levar golpes ofensivos por conta própria, embora eu tentasse. Tentava analisar seus movimentos, tentava observar suas fraquezas.

Quanto mais nós continuávamos lutando, mais difícil tornava-se a análise.

Com cada giro da minha espada, a cada golpe e cada corte, meus membros tornavam-se fracos e minha mente relaxou, e comecei a lutar.

Infelizmente, no segundo que eu realmente comecei a lutar e a deixar a



adrenalina correr e deixar que meu corpo dançasse com a espada em minhas mãos, o vampiro em mim começou a gritar para ser libertada.

Enquanto eu lutava, a espada ante a mim, ela se esticava através dos meus membros, e os olhos latejavam fortemente pela sensação, como um derramamento endurecido através das minhas veias enquanto ela se movimentava. O calor era bastante divertido, era difícil entrar em um corpo vampírico, mas ela logo foi um passo longe demais.

Sem aviso, ela empurrou muito forte e assumiu o controle, como se mais alguém tivesse entrado em meu corpo. Eu observei os eventos que aconteciam ante mim, mas como se fosse ela quem movesse meus braços, essa, era a minha arma.

Tinha pouca paciência para as manobras de um humano. Quando eu lutava defensivamente, ela avançava, batendo em Catcher e forçando-o a se afastar e a voltar quase à outra extremidade do tatame. Tudo acontecia como se fosse um filme para mim, como se estivesse sentada em um teatro em minha mente, observando a luta acontecer.

Quando a minha espada tocou o lado da cabeça de Catcher, a milímetros do crânio e do couro cabeludo, o pensamento de que poderia tê-lo ferido, e gravemente, me empurrou, empurrou a Merit, de volta a superfície. Deixei escapar um suspiro enquanto afastava um golpe, forçando-a a recuar novamente.

Quando inalei o oxigênio, eu o olhei, achei algo inesperado em seus olhos. Não era reprovação.

Era orgulho.

Não havia medo de que quase havia levado uma pancada no pescoço, nem raiva por ter ido longe demais. Em vez disso, seus olhos brilhavam com a emoção de um homem em uma batalha.

Pensei que esse olhar era quase pior. Emocionava-a, esse orgulho, esse entusiasmo em seus olhos.

Fiquei aterrorizada. Eu a tinha libertado temporariamente, e quase causei uma concussão cerebral no meu professor de treino. A questão era bastante simples, a vampira iria permanecer reprimida. Infelizmente, embora a repressão da vampira fosse reduzir a chance de Catcher perder um apêndice vital, também iria diminuir a minha capacidade de manter o ritmo. Assim como Yeats previu, as coisas começam a desmoronar. As partes do meu cérebro que tinham estado concentrados em lutar e a mantê-la presa também tinham que pensar o quão perto tinha estado de tomar o seu

sangue, de golpear ao homem que estava tentando me preparar para combater.

Perito na Segunda Chave ou não, Catcher estava exausto, usando a katan em seu máximo efeito. Mas ainda era um humano (ou assim eu suponha), e eu era um vampiro. Eu tinha mais resistência. Mas o que eu não tinha, quando estava lutando para manter-me unida, era nenhuma habilidade de batalha. Isto significava que, ainda que ele estivesse cansado, eu estava ficando pior. Suportei suas críticas, humilhada como eu estava. Mas seus golpes eram mais difíceis de suportar.

Duas vezes ele virou sua katana em uma espécie de meio arco. Duas vezes, golpeou-me contra esta. Uma vez em meu braço esquerdo, que ainda estava queimando pelo último contato, e uma vez atrás das minhas panturrilhas, um golpe que me colocou de joelhos na frente dos meus colegas.

— Levante-se — Catcher disse, gesticulando com a ponta de sua espada. — E desta vez, pelo menos, tente sair do caminho.

— Eu estou tentando — murmurei, levantando-me dos meus joelhos e endireitando meu corpo novamente.

— Você sabe — Catcher disse, fazendo uma série de movimentos, fazendo com que eu voltasse para o outro lado do tatame.

— Celina não vai te dar a chance de esquentar. Não vai retirar os golpes. E não vai esperar que você peça reforços.

Ele virou-se, em seguida, levou sua espada em torno de um movimento que fluiu como um lançamento de Tênis ao contrário.

— Eu estou fazendo — eu disse enquanto evitava um golpe e tentava encontrar meu caminho de volta para aquele lado da sala, “o melhor”. — Balancei minha katana, mas ele a parou com sua própria lâmina. — Eu posso.

— Isso não é bom o suficiente — ele rugiu, e encontrou minha katana com um golpe de duas mãos que atingiram a madeira nas minhas mãos suadas. Como se estivesse envergonhada pela minha estupidez, a espada voou, saltou para fora do tatame, uma vez, duas vezes, e finalmente parou depois de rodar.

A sala ficou em silêncio.

Aventurei-me a lançar uma olhada. Catcher estava de pé à minha frente, espada em uma mão, a pele úmida pelo esforço, confusão em sua expressão.



Eu não estava interessada em responder a pergunta em seus olhos, então me inclinei, as mãos sobre os joelhos, a minha própria respiração difícil. A suada franja no meu rosto.

— Pegue-a — ordenou. — E a dê para Juliet.

Eu caminhei até onde estava a espada, agachei-me e a peguei. Juliet se adiantou e, depois de seu olhar compassivo, pegou-a da minha mão. Supondo que eu tinha sido liberada, virei-me e limpei o suor dos meus olhos.

Mas Catcher chamou meu nome, olhei-o para encontrar seu olhar mais uma vez. Ele procurou nos meus olhos, vasculhando minha íris de uma forma sobrenatural que deveria ter esperado de um bruxo investigador. Segundos passaram antes que ele se focasse e olhasse “para mim” outra vez, ao invés de “através” de mim. — Há algo que você precisa me dizer?

O pulso batia em meus ouvidos. Ele tinha esquecido, aparentemente, que havíamos falado do assunto antes, que eu havia tentado falar com ele sobre o mau funcionamento do meu vampiro. Era mais do que feliz de mantê-lo dessa maneira. Neguei com a cabeça.

Eu poderia dizer que ele não estava satisfeito com isso, mas olhou para Juliet e se preparou para lutar.

Catcher trabalhou com Juliet através das mesmas sete katas, os seus movimentos precisos e práticos, a delicadeza de sua maneira de expor sua habilidade brandindo a longa arma. Quando terminou com ela, nos pediu crítica. Os Guardas, primeiro com medo e, em seguida, com confiança, ofereceram suas observações sobre o desempenho. Em geral, os sobrenaturais estavam impressionados, pensando que a subestimação do inimigo sobre ela trabalharia a seu favor.

Peter também recebeu treinamento antes que Catcher dissesse que a sessão tinha terminado. Ele terminou com uns poucos comentário de despedida e geralmente evitando contato visual comigo, antes de apertar a mão de Luc, puxando sua camiseta, agarrando suas armas e saindo da sala.

Peguei minha espada e calcei minhas sandálias, com a intenção de tomar uma ducha pós-treino. Lindsey se aproximou e pôs a mão no meu braço enquanto colocava suas sandálias.

— Está tudo bem? — perguntou.



— Já veremos — sussurrei em resposta, enquanto Luc dobrava um dedo para mim.

— Ao escritório de Ethan — foi tudo o que ele disse quando me aproximei. Mas, dada à irritação em sua voz, isso foi o suficiente.

— Deve tomar uma ducha antes? Ou me trocar?

— Suba Merit.

Eu assenti novamente. Não estava inteiramente certa do que eu tinha feito para merecer uma visita ao gabinete do diretor, mas supus que o meu desempenho durante o treinamento teria algo a ver com isso. Ou estavam impressionados pelo minuto ou dois que havia permitido a vampira tomar o controle, ou tinham estado desapontados com o resto. Ou, dada a surra que tinha levado e o fato de que eu tinha deixado a espada cair, tinham sido ofensivos. De qualquer maneira, Catcher e Luc deveriam ter perguntas, e assumi que estas perguntas seriam realizadas lá em cima.

Espada em mãos, eu corri para o primeiro andar e me encaminhei para o escritório de Ethan, então, quando cheguei à porta, bati.

— Entre — ele disse.

Abri a porta e o encontrei sentado em sua escrivaninha, com as mãos juntas sobre ela, olhar fixo em mim enquanto entrava. Isso foi um indício. O que normalmente tinha sua atenção eram os papéis de trabalho, não o vampiro em sua porta.

Fechei a porta atrás de mim e parei diante dele, com o estômago revirando por causa dos nervos.

Ethan me fez ficar de pé lá por um bom minuto, talvez dois, antes de falar. — Viagem de ordem.

— Ordem? — eu perguntei.

— Merit — começou. — Você está posicionada como Sentinela desta Casa. — Olhou-me com expectativa, as sobancelhas levantadas.

— Isso foi o que eu ouvi — respondi secamente.



— Minha expectativa — continuou sem comentários. — A expectativa desta Casa, é que quando você for solicitada a melhorar suas habilidades, a reforçar as suas habilidades, faça-o. Mediante solicitação. Quando seja requerido, se é durante um treinamento um contra um, ou se está na frente de seus colegas.

Ele fez uma pausa, aparentemente esperando por uma resposta.

Eu simplesmente o olhei. Podia admitir que eu parecia descuidada lá. Mas se eles soubessem o trabalho pelo qual eu estava passando, eu tinha certeza que estariam impressionados.

— Nós conversamos sobre isso — continuou. — Preciso, precisamos de uma Sentinela ativa nesta Casa. Precisamos de um soldado, alguém que fará o esforço que seja necessário, cuja dedicação a esta Casa não seja fraca, cujo esforço e atenção sejam sempre dados. Precisamos de um vampiro que dê tudo de si a esta causa.

Pegou um grampeador prateado em sua mesa alinhando-o com o porta durex também prateado.

— Eu tinha pensado, dado o fato de que confiamos em vosso respeito ao Breckenridges, a as Raves, que você havia entendido. Que não precisaria de uma leitura elementar a respeito do seu nível de esforço.

Eu o olhei, e me contive para não mostrar-lhe o hematoma que havia se formado no meu braço esquerdo, desaparecendo, mas não todo ainda, como uma prova óbvia do meu esforço. Representação do meu exercício de autocontrole.

— Estou sendo claro?

Ali, em pé diante dele, na minha roupa de treino suada, com a katana embainhada na mão, pensei que tinha três opções. Podia discutir com ele, dizer-lhe que eu tinha me matado de trabalhar (com todas as evidências contrárias), o que provavelmente levaria a perguntas que eu não queria responder. Ou, podia sair limpa, dizer-lhe meu problema vampiro meio-cozido, e esperar ser entregue ao PG para ser manipulada.

Não, obrigada. Optei pela opção número três.

— Liege — reconheci.

Isso foi tudo o que eu disse. Apesar de ter coisas a dizer sobre seus problemas de confiança, deixei-o ter o ponto, e manter guardado o meu segredo.



Ethan me olhou por um longo tempo, um momento silencioso antes de baixar o olhar e vasculhar os documentos em sua mesa. Os nós nas minhas costas relaxando.

— Você pode ir — disse ele, sem olhar para cima novamente.

Eu fui.

Uma vez no andar superior, tomei banho e me vesti com roupas que definitivamente não iam com o código de vestimenta Cadogan, meu par de jeans favorito e um top vermelho de mangas curtas até a cintura com um decote no pescoço. Eu tinha um compromisso com Morgan e uma festa para Mallory. O decote revelador do top era muito apropriado para um encontro com um namorado vampiro.

Eu apliquei brilho labial, rímel e blush, deixei meu cabelo solto sobre meus ombros, calcei uma sandália vermelha Valerinas, de ponta quadrada, então peguei meu bip e minha espada, ambos acessórios necessários pelos Guardas da Casa, e fechei meu quarto atrás de mim. Caminhei até o corredor do segundo andar e virei à esquina.

Quando cheguei às escadas, desviei meus olhos dos degraus para o cara subindo as escadas do outro lado. Era Ethan, com o paletó sobre um braço.

Sua expressão mostrou uma espécie vaga de interesse masculino, como se ainda não tivesse se dado conta a quem exatamente estava examinando precisamente. Dada a mudança das roupas suadas de Merit pós-treino para as de Merit pré-encontro, não era surpresa que não me reconhecesse.

Mas, enquanto passava, quando percebeu que era eu, arregalou os olhos. E havia uma incredibilidade satisfatória em seus passos.

Eu mordi um sorriso e continuei andando. Enquanto passava pelo primeiro andar até a porta da frente, eu provavelmente parecia indiferente.

Mas eu soube que sempre me lembraria dessa pequena hesitação.



Capítulo 12

O segredo profundo e escuro (com 72% de Cacau) de Merit.

Era quase meia noite quando cheguei em Wicker Park, mas eu tive a sorte de encontrar uma loja de esquina com o sinal de “ABERTO” ainda brilhando em néon na janela. Peguei uma garrafa de vinho e um bolo de chocolate, a minha contribuição total de calorias para Mallory.

No meu caminho para o norte, tentei livrar-me do stress do trabalho. Eu não era a primeira garota em apuros com o patrão, mas quantos destes patrões eram vampiros de quase quatrocentos anos ou feiticeiros que sabiam empunhar uma espada? Não ajuda que o mesmo feiticeiro esgrimista fosse um dos quatro convidados da festa de *Mal*.

Uma vez no bairro, eu decidi deixar minha espada no carro. Desde que eu estava de folga e fora do terreno da Casa Cadogan, era pouco provável que a necessitasse e, mais importante, o evento parecia uma pequena rebelião. Uma rebelião que precisava.

Mal abriu a porta logo que subi os degraus. — Oi, querida — disse. — Mau dia no trabalho?

Levantei a garrafa de vinho e chocolate.

— Vou levar isso como um sim — disse, mantendo a porta aberta para mim. Quando entramos e a porta estava fechada e trancada, dei-lhe os presentes.

— Chocolate e álcool — disse ela. — Você sabe como conquistar uma garota. Antes que esqueça, chegou correspondência para você. — Ela moveu a cabeça em direção a mesa e depois foi para a cozinha.



— Obrigada — murmurei por trás dela, pegando a pilha. Aparentemente, os correios não tinham atualizado minha mudança de endereço. Coloquei de lado as revistas, catálogos interessantes e contas, e joguei fora os cartões de crédito dirigido a “Merit Vampira” na pilha para triturar. Houve também um convite de casamento de um primo e, no final da pilha, um pequeno envelope vermelho.

Virei. O envelope estava em branco, exceto pelo meu nome e endereço, ambos escritos em uma caligrafia elegante branca. Deslizei os dedos por dentro de envelope e encontrei um cartão de cor creme dobrado dentro. Peguei-o. Ele continha uma única frase com a mesma caligrafia, desta vez, a tinta vermelha-sangue.

VOCÊ ESTÁ CONVIDADA.

Isso era tudo. Nenhum evento ou data ou hora, e a parte de trás estava completamente em branco. O cartão não continha nada mais do que a sentença, um convite, como se o escritor tivesse esquecido exatamente a que festa ele estava me convidando.

— Esquisito — murmurei. Mas as pessoas que meus pais se reuniam poderiam ser um pouco frívolas, talvez a pessoa que imprimiu estava com pressa, e não pôde terminar a pilha. Seja qual for à razão, coloquei o convite semi-acabado de volta na pilha, deixei sobre a mesa e fui até a cozinha.

— Então, meu chefe — eu disse. — É meio que um idiota.

— A qual dos chefes você se refere? — Catcher estava parado em frente ao forno, mexendo alguma coisa em uma panela. Ele olhou para mim. — O vampiro cretino ou o feiticeiro cretino?

— Ah, eu acho que essa definição se aplica muito bem a qualquer um — sentei-me no canto da cozinha.

— Não leve o Darth Sullivan para o lado pessoal — disse Mallory, abrindo o vinho com um saca-rolha como um perito experiente. — E realmente não leve o que Catcher faz para o lado pessoal. Ele está cheio de tolices.

— Isso é lindo, Mallory — disse ele.

Mallory piscou e encheu três copos de vinho. Brindamos, e tomei um gole. Nada mau para um achado em uma rápida parada no último minuto. — O que está no menu para o jantar?



— Arroz, aspargo, salmão — disse Catcher. — E, provavelmente, falar merda demais sobre as mulheres e os vampiros.

Apreciava o clima descontraído. Se ele poderia deixar os nossos assuntos na Sala de Combate de Casa Cadogan, eu também poderia. — Você está ciente de que você está namorando uma menina feminista, certo? — eu perguntei. Mal pode amar o futebol e ocultismo, mas era uma menina completamente feminista, de cabelo azul até o couro cabeludo.

Mal revirou os olhos. — Nosso Sr. Bell está em negação sobre determinadas questões.

— É loção, Mallory, pelo amor de Deus — Catcher utilizou uma espátula de ponta grande para virar o salmão na frigideira.

— Loção? — perguntei, cruzando as pernas no banco na cozinha e me preparando para um bom drama. Sempre poderia apreciar ser a platéia de uma disputa doméstica que não tinha nada a ver comigo... e Deus sabe, *Mal* e Catcher eram uma fonte constante, fui capaz de renunciar o TMZ completamente, satisfazendo minha necessidade por fofocas com as disputas Carmichael - Bell.

— Ela tem, tipo, quatorze tipos de loções — ele lutou para libertar as palavras, a sua surpresa e desagrado com a pilha de hidratantes, aparentemente tão intenso, da Mallory.

Mallory balançou o copo para mim. — Diga.

— Hidratantes femininos — lembrei. — Loções para as diferentes partes do corpo, perfumes diferentes para ocasiões diferentes.

— Com consistências diferentes para os diferentes tipos de estações — disse Mallory. — É bastante complicado na realidade.

Catcher jogou uma tala de aspargos ordenadamente cortados em uma panela de pressão. — É uma loção. Estou certo de que a ciência tem avançado ao ponto onde você pode comprar um único pote para cuidar de tudo isso.

— Você está perdendo o ponto — eu disse.



— Ele está perdendo o ponto — disse Mallory novamente. — Você está perdendo completamente o ponto.

Catcher bufou e virou a cara, os braços cruzados sobre uma camisa de Marquette. — Vocês duas concordariam com a afirmação de que a Terra é plana, se isso significasse que poderiam conspirar contra mim.

Mallory balançou a cabeça. — Certo. Isso é verdade.

Eu balancei a cabeça e sorri para Catcher. — Isso é o que nos torna surpreendentes. Uma força da natureza.

— O que há de errado com essa conversa? — Catcher disse, apontando para Mallory enquanto caminhava em sua direção, e movendo o dedo entre o seu corpo. — É que estamos namorando. É suposto que você esteja do meu lado.

Mallory riu bem a tempo de Catcher alcançá-la e pegar seu copo de vinho antes do Cabernet derramar pelas bordas. — Catch, você é um cara. Eu te conheço por algumas semanas, dois meses, na verdade, mas quem está contando? Eu conheço Merit por anos. Quero dizer, o sexo é ótimo e tudo, mas ela é minha melhor amiga.

Pela primeira vez desde que eu conheci Catcher, ele ficou sem fala. Oh, resmungou um pouco, tentando obter alguma coisa, mas a afirmação de Mallory o tinha silenciado. Ele me olhou em busca de ajuda. Se eu não estivesse me divertindo, a decepção em seus olhos teria me comovido.

— Você é o único que se mudou para cá, campeão — eu disse encolhendo os ombros. — Ela está certa. Talvez da próxima vez você deva fazer um pouquinho dessa maravilhosa pesquisa Bell antes de se registrar para toda a viagem.

— Vocês duas são impossíveis — disse ele, colocando seu braço livre em volta da cintura de Mallory e apertando seus lábios contra sua testa. Justo quando fui tomada por uma pontada de ciúmes ouvi a batida de uma porta de um carro lá fora.

— Morgan está aqui — disse eu, descruzando minhas pernas e saltando fora do banco. Olhei novamente para os dois e juntei minhas mãos. — Por favor, pelo amor de Deus, estejam vestidos quando eu voltar.

Ajeitei meu cabelo enquanto caminhava pelo corredor, em seguida abri a porta da frente. Ele havia estacionado a SUV em frente à calçada de pedras.



Correção. Pensei, enquanto Morgan saía do lado do passageiro, o seu motorista tinha estacionado. Acho que Morgan preferia ser levado nesses dias.

Eu saí, com as mãos nos meus quadris, enquanto esperava por ele na varanda.

Ele se dirigiu para a casa, vestido com jeans e um par de camisetas sobrepostas, com um sorriso descaradamente feliz no rosto, um saco de papel com flores na mão.

— Olá, mais recente Mestre de Chicago.

Morgan sacudiu a cabeça, sorrindo. — Eu venho em paz — disse ele, e subiu as escadas. Ele ficou no degrau inferior ao meu, o que nos deixou quase ao mesmo nível. — Olá, linda.

Eu sorri.

— No interesse da distensão entre as nossas Casas — disse ele, inclinando-se para frente e baixando a voz até um sussurro. — E para celebrar este histórico encontro de vampiros, eu vou te beijar.

— É justo.

Ele fez. Seus lábios macios e frescos contra os meus, o comprimento do seu corpo quente pressionado contra mim. O beijo foi doce e com muita, muita fome. Ele deu pequenas mordidas em meus lábios, sussurrando o meu nome sugerindo a profundidade de seu desejo. Mas antes de irmos para além de que o decoro teria permitido como estávamos na varanda à vista na rua, se retirou.

— Você está... — ele balançou a cabeça com admiração. — Excepcional.

— Obrigada. Você não parece muito ruim. Quero dizer, você é um vampiro, mas isso realmente não é sua culpa.

Morgan se inclinou em torno de mim, olhando pela porta aberta. — Você deveria ter dado as graças que eu mereço condescendente. Isso é salmão?

Eu apreciei que seu gosto por comida fosse quase tão grande como o meu. — Isso é o que eu ouvi.



— Ótimo. Vamos.

O mais longe que chegamos foi no corredor, antes que ele me parasse e me colocasse contra uma das poucas paredes que não estavam cobertas por fotos da família Carmichael. Em seguida, colocou o seu dedo indicador na parte superior das minhas calças e me puxou para mais perto.

Curvou-se, com um aroma brilhante de colônia e ervas. Era meio como um cheiro estranho em um habitante da noite, um vampiro.

— Na verdade eu não tive chance de dizer olá e boa noite adequadamente — ele murmurou.

— Eu acho que você estava se preparando para o salmão.

Sua voz era quase inaudível, um sussurro de som sensual. — Exatamente. Eu estava distraído, e eu não acho que tenha dado o melhor de mim.

— Nesse caso... — foi tudo que veio antes que os seus lábios encontrassem os meus. Esse beijo foi tão fervoroso como o último tinha sido, a sua boca faminta e urgente, sua língua tentadora e exigente. Suas mãos deslizavam nas minhas costas, me envolvendo em seus braços e em sua essência primaveril. Suspirou ao contato.

— Ei, acaso alguma vez Morgan... Oh, meu Deus!

A cabeça de Morgan levantou, e ambos olhamos para encontrar Mallory fora da porta da cozinha, uma mão sobre os olhos. Ela acenou.

— Ei Morgan, ei. Olá. Oh Deus, me desculpe — ela murmurou, e imediatamente virou-se e caminhou até a cozinha.

Eu sorri feliz. — E agora ela sabe como me senti.

— Só que na verdade estávamos vestidos — disse Morgan, em seguida, olhou para trás com um sorriso. — Mas nós podemos consertar isso rapidamente.

— Me despir para ensinar uma lição a Mallory não está no primeiro lugar na minha lista de prioridades.

Ele deu uma risada alta, inclinando-se para trás com a força da mesma, nossos



corpos ainda pressionados juntos nos quadris, em seguida sorriu, com os olhos brilhantes e um largo sorriso. — Senti sua falta, Mer.

Não pude evitá-lo, meu sorriso vacilou, e me odiei por isso. Odiava que não pudesse voltar a esse descuidado e brincalhão sorriso. Eu odiava que não pudesse - ou talvez não pudesse ainda? - Sentir esse mesmo brilho que iluminava os olhos de Morgan. Eu me perguntei se poderia crescer, com o tempo e proximidade. Eu me perguntava se eu estava sendo muito dura comigo mesma, esperando muito que pudesse me apaixonar por alguém logo após algumas poucas semanas. Talvez precisasse de mais tempo. Talvez eu o estivesse super analisando muito.

O sorriso de Morgan desvaneceu-se um pouco. — Tudo bem?

— Shhh, eu só... foi uma noite realmente muito longa — isso era completamente verdade, então era só uma mentira por omissão.

— Sim? — ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Você quer falar sobre isso?

— Não, vamos conseguir alguma comida e diversão com Mallory e Catcher.

Ele fechou os olhos, uma tensão em suas extremidades. Eu o havia ferido ao não lhe contar sobre minha noite, ao não compartilhar mais de mim com ele, e me bati mentalmente por isso. Mas quando ele abriu os olhos, sua expressão era de perdão, um canto de sua boca, levantou-se em um sorriso. — Você vai ter que me ajudar aqui, Merit. Não posso ser o único fazendo isso.

Dei-lhe pontos pela honestidade, e por não dizer que eu devia a ele, já que Ethan não tinha feito nada mais que resolver o nosso namoro. Meio que lhe sorri em resposta, ao mesmo tempo tendo uma sensação de alívio, de que pelo menos coloquei a questão da relação ali, e um pressentimento, eu ia ser quem assumiria a relação ao jarro entre nós.

— Eu sei — eu disse. — Eu sei. Realmente sou tão boa em relações como sendo um vampiro. Sou uma garota, algo certa, mas surpreendentemente inapta — essa era toda a verdade.

Morgan riu completamente, então deu um beijo na minha testa. — Vamos, gênio. Vamos comer.



O jantar estava pronto no momento em que entramos na cozinha, nossos dedos entrelaçados enquanto caminhávamos. Morgan deslizou sua mão para fora e apresentou o seu pacote de tulipas brancas com pontas vermelhas para Mallory. — Obrigado por me receber.

— Ah, são lindas — ela envolveu-o em um abraço que parecia ter esperado por isso, mas feliz de tê-lo recebido. — E você é bem-vindo. Estamos felizes por você ter vindo.

Mallory deu-lhe um sorriso brilhante, e me deu uma aprovação encoberta, em seguida. Começou a procurar por um recipiente para as flores, enquanto Morgan e Catcher falavam seus "Olás" viris, que consiste em um movimento de cabeça de Catcher (do tipo "você está na minha área agora") e um aceno de cabeça em resposta de Morgan (do tipo "você é claramente o rei do castelo").

Com um vaso em uma mão e as flores na outra, Mallory estava parada na soleira da cozinha. — Merit, você precisa de sangue?

Nem sequer precisava pensar nisso. Embora não tivesse tido uma necessidade imensa de sede de sangue desde minha primeira semana como um vampiro, a primeira sede tinha quase me levado a plantar meus dentes no pescoço de Ethan, e uma segunda; despertada por uma discussão desagradável com o meu pai, não era o que estava recomendado pelo *Canon* todo o dia. Os vampiros eram dificilmente os monstros que nós encontrávamos nos contos de fadas e programas de televisão. Dificilmente eram diferentes dos seres humanos, exceto, mas por uma mutação genética, a presa, os olhos de prata, e uma propensão para o sangue regularmente.

O quê? Disse apenas diferente.

— Sim, eu preciso de sangue — lhe disse, mal humorada como um adolescente quando você lembra que ele tem de tomar suas vitaminas, e peguei um saco de Blood4You tipo A na geladeira. Senti pesar por Mallory como atual e ex-executiva de comerciais, acho o nome embaraçosamente imaturo, apreciava ele não ser meu almoço.

Olhei para trás, para Morgan e sacudi a bolsa de sangue para ele. — Você está com fome?

Ele se aproximou de mim, os olhos de repente possessivos, braços cruzados sobre o peito e curvou-se. — Você percebe que estaríamos compartilhando sangue?



— Isso é um problema?

Sua testa franzida em confusão. — Não, não, é só que...

Ele parou e eu pisquei. Eu tinha perdido alguma coisa? Tentei mentalmente voltar para o capítulo três da *Canon* ("Bebe-me"), no qual discutia algumas das regras de vampiros se alimentando. Os vampiros podiam beber diretamente de seres humanos ou outros vampiros; e eu tinha testemunhado em primeira mão a sensualidade disto quando Amber tinha sido a bebida eleita de Ethan. Mas a intimidade de beber sangue pré-embalado frente a uma audiência estava longe de mim. Havia visto Ethan fazê-lo justamente no outro dia.

Por outro lado, Morgan era um vampiro de Navarre, proibido de beber sangue diretamente de humanos. O *Canon* não incluía as emoções dele, mas talvez até o beber de plástico tivesse uma maior importância quando era a única maneira em que poderia compartilhar o ato.

— Isso é um problema? — eu perguntei novamente.

Ele deve ter reconhecido a minha ignorância e, finalmente, sorriu em resposta. — Deve ser uma coisa das Casas. Claro, tomarei um pouco. B se tiver.

Tinha uma bolsa do tipo B na geladeira, e concluí que seu paladar era mais sensível que o meu se ele podia sentir a diferença na qualidade da coagulação de uma bolsa de sangue. Estava para pegar dois copos quando percebi que, além das aparentes diferenças filosóficas, ele também poderia ingerir de forma diferente.

Com a mão na porta do armário aberta, eu me virei para ele. — Como você o toma?

— Basta colocar em um copo. — ele franziu o cenho e coçou a testa de forma ausente. — Você sabe, talvez precisemos ter algum tipo de festa. Conseguir colocar os vampiros de Cadogan e Navarre juntos, fazer com que conversem. Parece que há muito que não conhecemos uns dos outros.

— Eu estava justamente pensando sobre isso no outro dia — eu disse, pensando que Ethan ficaria encantado com a oportunidade de construir um relacionamento e uma potencial aliança com o pessoal de Navarre.



Coloquei os copos enfeitados na bancada e abri a pequena válvula da bolsa de sangue, enchendo nossos copos. Dei um para Morgan, e tomei um gole do meu.

Morgan bebeu de seu copo, seus olhos em mim enquanto bebia. Seus olhos não ficaram prateados, mas seu olhar sedutor predatório deixou pouca dúvida sobre seu pensamento. Drenou o copo sem nem mesmo tomar fôlego, seu peito ofegando quando ele finalmente terminou.

E então com a ponta da sua língua, tomou uma única gota que havia sobrado em seu lábio superior.

— Eu ganhei — disse ele baixinho.

Precisou da voz de Mallory para eu afastar meu olhar de sua boca — Muito bem meninos — disse ela da sala de jantar. — Acho que estamos prontos.

Tomei o último gole do meu copo, coloquei nossos copos dentro da pia, e acompanhei Morgan para a sala de jantar. Suas tulipas estavam em um vaso e os acessórios elegantes da mesa, toalhas, guardanapos, talheres e copos de vinho, colocados sobre a mesa, ante cada uma das quatro cadeiras. Nossos pratos já estavam cheios com alimentos, filés de salmão, arroz com ervas, e pedaços de aspargos cozidos, as porções maiores para os absorvedores de calorias, que eram os vampiros dos dias modernos.

Catcher e Mallory já estavam sentados em cada lado da mesa. Tomamos as cadeiras restantes, depois Morgan pegou seu copo de vinho e o levantou para eles. — Para os bons amigos — disse ele.

— Aos vampiros — disse Mallory, batendo seu copo contra o meu.

— Não — disse Catcher. — A Chicago.

O jantar foi fantástico. Boa comida, boa conversa e boa companhia. Catcher e Mallory eram divertidos, como sempre, e Morgan encantador, ouvindo atentamente as histórias de Mallory sobre minhas travessuras.

Naturalmente, uma vez que tinha sido aluna de pós-graduação durante todo o tempo em que a conheci, não havia tantas peripécias para relatar. Havia, no entanto, muitas histórias sobre mim como uma nerd, incluindo a história que ela denominou como meu momento “Julliard”.



— Ela tinha estado no meio de algum tipo de obsessão musical — Mallory comentou, e sorriu para mim. Retirou seu prato e cruzou as pernas sobre a cadeira, claramente preparando-se para uma longa história. Pré-cortei meu último salmão em pedaços pequenos, pronta para intervir caso as coisas se tornassem perigosas.

— Ela tinha alugado quase cada musical em DVD que encontrava; de “Chicago” a “Oklahoma”. A garota nunca se cansava de cantar e dançar.

Morgan se inclinou para frente. — Por acaso ela viu “Newsies”? Diga-me que viu “Newsies”.

Mallory apertou os lábios para reprimir uma risada, e depois levantou dois dedos. — Duas vezes.

— Continue — Morgan disse me olhando de soslaio. — Estou fascinado.

— Bem — Mallory disse, levantando a mão para manter seu cabelo azul atrás da orelha: — Você sabe que Merit costumava dançar balé, mas eventualmente voltou a razão. E pelo jeito, eu não sei que tipo de porcarias estranhas os vampiros estão metidos, mas se é possível o absurdo, fique longe de seus pés.

— Mallory Carmichael! — minhas bochechas esquentaram com o rubor, que tenho certeza era de um vermelho carmesim.

— O quê? — ela disse com um indiferente encolher de ombros. — Você dançou em sapatilhas de pontas. Isso acontece.

Coloquei um cotovelo sobre a mesa, a testa em minha mão. Isto, aposto, é o que teria sido a minha vida se tivesse minha irmã Charlotte e se ela estivesse por perto, o tipo de humilhação que só parentes próximos podem proporcionar. Para melhor ou para pior, a vontade divina, na saúde e na doença, Mallory era uma irmã.

Uma mão acariciava minhas costas. Morgan se inclinou e sussurrou em meu ouvido: — Tudo bem, querida. Eu ainda gosto de você.

Dei-lhe um olhar irônico. — Esse sentimento não é recíproco no momento.

— Hum-hum — disse ele, em seguida, virou-se para Mallory. — Assim, nossa ex-dançarina era viciada em musicais.



— Não tanto com os musicais, mas com estilo — Mallory me olhou, e fez uma careta de desculpa.

Eu a descartei com a mão. — Basta retirá-lo.

— Tenha em mente que ela foi para a Universidade de NY, depois para Stanford, em seguida, desembarca de volta em Chicago. E nossa Merit ama a cidade. A Cidade dos Ventos é um pouco mais parecida com o estilo de vida de Nova York do que Califórnia, mas você está longe de ter barraca na Vila. Mas Mer decide compensar. Com roupa. Assim que naquele inverno, ela começou a usar calças, camisolas grandes e volumosas, e sempre com um lenço. Ela nunca saía de casa sem algum tipo de lenço. — Mallory revirou os braços no ar. — Embrulhado ao redor dela. Ela tinha um par de botas de cano alto, usava todos os dias. Era toda a coisa de “bailarina chique”. — Mallory acomodou-se em seu lugar, inclinou-se para frente, e dobrou um dedo para Morgan e Catcher. Ambos se inclinaram para frente, obviamente, em transe. A garota sabia como lidar com o público.

— Havia uma boina.

Ambos soltaram um gemido e sentaram-se novamente.

— Como você pôde? — Morgan perguntou com uma careta de horror que foi desmentida pelo riso que ameaçava escapar dele. — Uma boina, Merit? Sério?

— Nunca mais me ferrará de novo — disse Catcher. — Você pertence a mim agora. Sua bunda me pertence.

Rasguei um pedaço de salmão, mastigando com cuidadosa deliberação, em seguida, acenei com o garfo para eles. — Todos vocês estão na minha lista para serem fodidos. Todos vocês.

Morgan suspirou feliz, esvaziando a última gota de sua taça de vinho. — Isto é bom — disse ele. — Isto é realmente útil. O que mais eu deveria saber?

— Ah. Ela tem toneladas de segredos — confidenciou Mallory com um sorriso para mim. — E eu sei de todos eles.

Morgan, com um braço pendurado na parte de trás do assento, acenou com a mão livre. — Vamos lá. Deixe-os sair.



— Mallory — eu avisei, mas ela apenas riu.

— Bem, vamos ver. Aposto que você não contou sobre a sua gaveta secreta na cozinha. Você deve limpar isso enquanto está aqui.

Morgan endireitou-se e olhou para trás, para a porta da cozinha. — Gaveta secreta na cozinha? — então me olhou de novo, moveu-me as sobrancelhas.

Minha resposta foi rápida e enérgica. — Não.

Deslizou sua cadeira para trás.

— Morgan, não.

Ele estava a caminho da cozinha antes de eu sair da minha cadeira, rindo quando corri atrás dele. — Morgan! Diabos! Pare! Ela estava brincando. Não existe tal coisa.

No momento em que cheguei à cozinha, ele estava abrindo as gavetas para a direita e esquerda. Pulei em suas costas, com meus braços ao redor de seus ombros. — Ela estava brincando, eu juro!

Esperei até que ele me puxasse, mas riu, puxou minhas pernas em volta de sua cintura, e continuou procurando.

— Merit, Merit, Merit. Você é muito quieta. Tantos segredos...

— Ela estava brincando, Morgan — em uma tentativa desesperada de manter a minha gaveta secreta dessa forma, secreta, beijei a curva superior de sua orelha. Fez uma pausa e inclinou a cabeça para me dar melhor acesso. Mas depois colocou o queixo no topo de minha cabeça e disse. — Obrigado — começou a procurar de novo.

— Ei, pensei que isso ia parar você!

— Então, você é ingênua — ele abriu outra gaveta e congelou. — Puta merda!

Eu suspirei e escorreguei de suas costas. — Eu posso explicar isso.

Ele puxou a gaveta, um longo e plano compartimento destinado a guardar os talheres, tanto quanto o permita, e ficou olhando atentamente para dentro. Engasgou,



espantado com o conteúdo na sua frente antes de virar a cabeça para me encarar. — Algo que queira me dizer?

Eu mordi meu lábio. — Meus pais não me deixavam comer doces?

Morgan enfiou a mão e pegou um punhado do conteúdo da gaveta: barras de chocolate Sul-americano, sacos de cerejas secas cobertas com chocolate, balas de chocolate, moedas de chocolate, estrelas de chocolate, pirulitos de chocolate, raspas de chocolate, biscoitos em formato de árvores de Natal de gengibre com cobertura de chocolate, Twinkies cobertos de chocolate branco, caramelos de chocolate, cacau vindo de uma pequena barra de chocolate e uma barra de Toblerone com um pé de comprimento. Ele me olhou, tentou não rir, e, por todo esse esforço, fez um som estrangulado como um soluço. — E então está compensando com isso?

Eu cruzei meus braços. — Você tem algum problema com minha reserva secreta?

Fez o som novamente. — Não?

— Pare de rir de mim — eu pedi, mas estava sorrindo quando disse isso. Morgan depositou a mão de chocolate, fechou a gaveta, pegou meus quadris e acomodou meu corpo entre o seu e a bancada da cozinha.

Olhou para mim com um ar de gravidade simulada. — Eu não estou rindo de você, Mer. Divertindo-me, talvez, mas não rindo.

— Ha! — dei-lhe um olhar venenoso que nem eu sabia se era convincente.

— Hum, não para nos deixar íntimos, mas vi essa sobremesa que você trouxe. Estava planejando compartilhar disso, ou era apenas para você?

— HA! — repeti.

— É bom que não seja uma obsessiva. Ah, espere — disse secamente. — Sim você é.

— Algumas pessoas gostam de vinho. Alguns de carros. Para alguns — eu disse, puxando a bainha de sua, sem dúvida camisa de marca. — Gostam de roupas incrivelmente caras. Eu gosto de chocolate.



— Shh, Mer Posso ver isso. Mas a verdadeira questão é, aplica essa paixão em outras áreas da sua vida?

— Eu não tenho ideia do que está falando.

— Mentirosa — disse ele, fechando os olhos e baixando seus lábios até os meus. Nossos lábios apenas se tocaram quando o silêncio se rompeu.



Capítulo 13

Eles vão te comer viva.

Ethan, em calças pretas e uma camisa preta justa; estava no limiar da cozinha da Mallory, mãos nos bolsos. Seu cabelo estava amarrado, a descontração do conjunto indicando que ele tinha planos que não envolviam negociações ou diplomacia. Mallory e Catcher estavam bem atrás dele.

Os olhos de Morgan se abriram rapidamente, emoção apertando suas feições, por uma fração de segundo, deixando seus olhos prata.

Eu só estava meio pasma. Por que Ethan estava aqui?

— Se você quer que eu a corteje apropriadamente, Sullivan, você precisará nos dar algum tempo sozinhos. — As palavras e o tom eram para Ethan, mas seu olhar estava em mim.

— Minhas desculpas pela..., interrupção — ele disse, mas ele não podia ter soado mais sarcástico. Na verdade, ele soava bem feliz em interromper.

Foi um momento bem longo, quieto e estranho antes de Morgan finalmente olhar para ele. Eles trocaram acenos masculinos, esses dois Mestres, esses dois homens que juntos controlavam os destinos de dois terços de vampiros em Chicago. Dois homens que clamavam quase muita autoridade sobre meu tempo.

— Desculpe por roubá-la — Ethan disse. — Mas nós temos assuntos da Casa Cadogan.

— É claro — Morgan se virou de volta para mim, e bem na frente do meu Mestre e de convidados sortidos, me beijou suavemente. — Pelo menos nós jantamos.



Eu olhei nos olhos tristes. — Sinto muito.

— Claro.

Silêncio desconfortável caiu de novo até Morgan oferecer. — Eu acho que devo ir e deixar vocês dois para seus... negócios. — Seu tom era petulante, como se ele não estivesse totalmente convencido de que Ethan estava aqui a negócios relacionados a Casa. Só Deus sabia por que Ethan tinha decidido escurecer a porta de Mallory. Se ele precisava de mim, por que não mandou uma mensagem?

— Eu vou te acompanhar — eu disse.

Ethan, Catcher e Mallory se viraram para os seus lados do corredor, nos permitindo sair da cozinha. Morgan saiu, comigo atrás, ambos ignorando Ethan enquanto passávamos por ele.

Eu o acompanhei até a porta e resumi minha posição na varanda.

— Não é sua culpa — Morgan disse, seus olhos na casa. Não havia dúvida sobre isso. Não é como se tivesse convidado Ethan para vir, mas eu pensei se ele realmente me considerava inocente. Tenho certeza que ele culpava principalmente Ethan, mas Morgan tinha levantado dúvidas sobre meu relacionamento com meu Mestre. Isso provavelmente não estava ajudando.

Independente dos seus pensamentos, ele espantou a tristeza e meu deu um sorriso feliz, então inclinou sua cabeça na direção da escadaria. — Eu acho que ser um Mestre onipotente tem suas vantagens: ter pessoas as suas ordens e disposição.

— Você não tem pessoas as suas ordens? — eu perguntei, lembrando-o que ele era um dos Mestres de que tinha se referido.

— Bem, eu tenho, mas eu não dei nenhuma ordem oficial ainda. E eu acredito que esse seja o preço de namorar uma Sentinela Cadogan quente pra caramba.

— Eu não estou certa sobre o quente pra caramba, mas a parte Sentinela é verdade o suficiente. — Eu lancei meu próprio olhar negro para o corredor; Ethan e Catcher reunidos no hall. — Embora eu não tenha ideia sobre o que é isso.

— Eu gostaria de saber.



Eu olhei de volta para ele, torcendo para que ele não pedisse informações. A preocupação deve ter sido mostrada no meu rosto; ele balançou sua cabeça. — Eu não vou perguntar. Eu só gostaria de saber. — Então seu tom de voz se tornou monótono; monótono como um Mestre de Vampiros. Ele deve ter praticado. — Eu acredito que se for algo que nos afete, ele vai nos informar.

Não conte com isso, eu pensei.

Depois de nos despedirmos, eu fechei a porta atrás de mim e encontrei todo mundo ainda parado no corredor. Catcher e Ethan estavam em posições idênticas, peitos para trás, braços cruzados, queixos abaixados. Guerreiros em concentração. Isso era sério, então, e não só uma maldade de Ethan para me irritar mais.

Quando eu me juntei a eles, expandiram seu semicírculo para me deixar entrar.

— Eu soube — Ethan começou. — Que uma raive foi contida noite passada. Nós precisamos verificar isso. Também precisamos torcer para sermos os únicos que souberam.

Como Ethan disse: “soube sobre a rave”, dado o fato de que sua fonte usual para tal coisa estava ao seu lado, era uma frase interessante.

Catcher e eu estávamos aparentemente na mesma linha de pensamento. — Como você descobriu? — ele perguntou.

— Peter — Ethan disse. — Ele recebeu uma dica. — Isso fazia sentido, eu pensei, já que Peter era conhecido pelos seus contatos. — Um amigo dele, um garçom de um clube em Naperville, ouviu dois vampiros discutindo o fato de terem recebido uma mensagem informando-os sobre a Rave.

— Álcool solta a língua dos sanguessugas? — Catcher perguntou sardonicamente.

— Aparentemente, sim — Ethan concordou. — O garçom não reconheceu os vampiros, eram provavelmente Rogues vagabundos. Quando Peter ouviu da sua fonte e informou Luc, a Rave tinha acabado faz tempo.

— Então não podemos pará-la? — eu perguntei.

Ethan balançou sua cabeça. — Mas nós temos uma oportunidade de investigar,



significativamente com menos envolvimento político do que seria requerido se estivéssemos entrando na festa de penetras. — Ethan olhou para Catcher. — E falando sobre envolvimento político, você pode se juntar a nós?

Catcher deu um único aceno, então olhou para mim. — A sua espada está no carro?

Eu assenti. — Eu vou precisar dela?

— Nós vamos saber quando chegarmos lá. Eu tenho alguns equipamentos escondidos aqui, lanternas e outros apetrechos — ele olhou para Ethan. — Você trouxe sua espada?

— Não — ele disse. — Eu estava fora.

Nós ficamos em silêncio esperando Ethan elaborar a resposta, mas não obtivemos nada.

— Então eu suponho que vou bancar o fornecedor de vamps. E eu preciso ligar para Chuck — ele disse, então tirou seu celular do bolso e o abriu. — Nós devíamos ser um corpo diplomático — ele murmurou. — E não os Hardy Boys³³. E você pode ver como isso está servindo para nós.

Mallory rolou seus olhos para a mini-tirada. Eu pensei que não deveria ter sido a primeira vez que ela ouviu-a. — Eu vou limpar a louça do jantar — ela ofereceu.

— Whoa, whoa, whoa — Catcher disse, parando na escapada com uma mão no seu braço. — Desculpa criança, mas você está vindo conosco.

— Conosco? — eu repeti, Mallory e eu dividindo aquele mesmo olhar de cervo no farol do carro³⁴. Eu sabia que ele queria promover sua aprendizagem, mas não tinha certeza se essa era a hora certa para isso.

— Ela precisa da experiência — Catcher respondeu, seus olhos em Mallory. — E eu quero você lá comigo. Você é a minha parceira, minha posse. Você pode fazer isso.

Havia um aperto ao redor dos seus olhos, mas ela assentiu.

³³ Os Hardy Boys, Frank e Joey Hardy, são irmãos adolescentes fictícios e detetives amadores que aparecem em várias séries de mistério para adolescentes. <http://tinyurl.com/2cql38p>

³⁴ Ela se refere à expressão dos cervos que estão prestes a ser atropelados, quando são iluminados pelos faróis dos carros.



— Essa é a minha garota — ele murmurou, e pressionou seus lábios nas têmporas dela. Então ele a soltou, colocou o celular no ouvido, e trotou pelo corredor, em direção aos fundos da casa. — Sullivan — ele chamou. — Você me deve um puta favor. E Merit, você pode querer trocar de sapatos.

— Anotado — Ethan respondeu — Em ambos os casos.

Mallory e eu olhamos para as minhas lindas sapatilhas de balé. Vermelhas ou não, eu provavelmente não queria calçá-las para investigar um derramamento de sangue.

— Eu vou pegar um par de botas ou alguma coisa assim — ela disse. — Eu sei que você deixou algumas aqui. — Embora eu tivesse, sem dúvidas, um senso melhor de onde minhas roupas restantes estavam, *Mal* foi embora, me deixando para tomar conta de Ethan. Não que eu pudesse culpá-la por dar o fora.

Nós ficamos em silêncio por um momento, ambos fazendo todo o esforço para evitar olhar para o outro. O olhar de Ethan se levantou até as fotos que estavam pela parede do corredor, a mesma que eu tinha sido pressionada contra apenas algumas horas atrás.

— Por que eu? — perguntei a ele.

Ele se virou de volta para mim, com uma sobrancelha levantada. — Desculpe? — Sua voz estava gelada. Aparentemente, ele estava completamente no modo Mestre e Comandante. Sorte a minha.

— Por que você está aqui? Você sabia que eu tinha planos para hoje, você me viu indo embora. Luc estava na Casa quando eu saí, assim como o resto dos guardas. Todos têm mais experiência que eu. Você podia ter ligado para um deles. Pedido a ajuda deles. — E me dado uma folga, eu adicionei silenciosamente. Me dado à chance de esquecer a sessão de treinamento, de ter uma folga de Celina e meu pai e o drama vampírico. De só ser eu mesma.

— Luc está ocupado protegendo nossos vampiros.

— Luc é o seu guarda-costas. Ele fez um juramento para proteger você.

Uma balançada irritada da sua cabeça. — Você já está nessa.



— Luc estava lá quando você explicou sobre as Raves, ajudou você com o meu envolvimento, e eu tenho certeza de que você o atualizou sobre o que aprendemos até agora. Ele sabe tudo que eu sei.

— Luc estava ocupado.

— Eu estava ocupada.

— Luc não é você.

As palavras eram rápidas, cortantes, e completamente perplexas. Era a segunda vez que ele tinha me surpreendido em questão de poucos minutos.

Catcher estava descendo a sala de novo antes que eu pudesse pensar em uma resposta, a cinta de malha de uma mala preta em uma mão, a bainha preta de sua katana na outra. — Seu avô está sabendo, agora. — Ele disse quando nos alcançou, então olhou para Ethan. — Se eu estou indo, significa que nós estamos fazendo isso oficialmente. Eu estou nessa pelo bem do escritório de Ombud e, portanto, pelo bem da cidade.

— Então não haverá necessidade de contatar autoridades adicionais — Ethan concluiu, e eles dividiram um aceno reconhecedor.

Eu ouvi os passos de Mallory nas escadas. Ela apareceu com um par velho de botas de couro que chegavam até os joelhos, nas mãos.

— No caso de ter, você sabe, fluídos — ela disse, me oferecendo os sapatos. — Eu achei que quanto mais alto, melhor.

— Boa escolha.

Sapatos a mão, eu olhei para Mallory, que virou para olhar para Catcher, suas sobrelanceiras levantadas. Havia teimosia na linha do seu maxilar, claramente, ela não ia desistir tão facilmente quando ele devia ter desejado.

— Vai ser uma boa prática — ele disse a ela.

— Eu tenho semanas de treinamento para compensar a prática, Catcher. Eu sou uma executiva publicitária, ou era de qualquer maneira. Eu não tenho que ficar



correndo por Chicago no meio da noite. — Ela gesticulou nervosamente pelo ar com um braço. — Indo atrás de vampiros. Sem ofensa, Merit. — Ela disse, com um rápido olhar apologetico. Eu suspirei, sabendo que era melhor não argumentar.

Catcher apertou seus lábios, irritação obviamente vinda à tona. A irritação era clara na contração do seu maxilar, e o formigar de magia estava começando a se erguer, invisível, mas tangível no ar. — Eu preciso de uma parceira — ele disse. — Uma segunda opinião.

— Ligue para Jeff.

Nos anos que conhecia Mallory, eu tinha certeza que nunca tinha visto ela tão teimosa. Ou ela não estava ansiosa para visitar o local da Rave, ou ela não estava excitada sobre a ideia de testar quaisquer poderes que Catcher estava esperando que ela praticasse. Eu podia concordar com ambos os casos.

Catcher apertou seus lábios, então derrubou a mala no chão. — Nos dê um minuto?

Eu assenti. — Vamos — disse a Ethan, pegando sua mão e ignorando a pequena centelha de contato que arrepiou minha palma enquanto eu o puxava em direção a porta da frente.

Ele seguiu sem comentar e manteve sua mão na minha até alcançarmos a porta da frente, até eu descruzar nossos dedos para pegar as chaves da mesa.

A noite estava fria quando saímos, o ar fresco era um alívio. Eu sentei no degrau superior da varanda e troquei os sapatos casuais por sapatos de trabalho, então fui até o carro, peguei minha espada, e guardei as sapatilhas. Quando eu me virei de novo, Mallory e Catcher estavam na varanda, trancando a porta atrás deles. Ela desceu a calçada primeiro e parou quando chegou até mim.

— Você está legal? — eu perguntei para ela.

Quando ela revirou seus olhos em irritação, eu soube que ela ficaria bem. — Eu o amo, Merit, eu juro que amo, mas ele é de verdade, de verdade, um pé no saco.

Eu olhei ao redor dela, em direção a Catcher, que me deu um sorriso preguiçoso. Ele pode ter sido um pé no saco, mas sabia como tirar o medo da nossa garota.



— Ele tem seus momentos — eu a lembrei.

O carro de Ethan era muito pequeno para nós quatro. O meu, sendo laranja brilhante, não era exatamente ideal para trabalho de reconhecimento, então nós fomos no Sedan de Catcher, garotos na frente, garotas atrás, as katanas sobre o meu colo e o de Mallory. Catcher dirigiu para o sul e leste, e o carro estava silencioso até eu falar.

— Então, o que devemos esperar?

— Sangue — Catcher e Ethan responderam simultaneamente. — E no pior caso — Catcher adicionou. — Os corpos que acompanham o sangue. — Ele olhou para Ethan. — Se as coisas estiverem muito ruins, você sabe que eu vou ter que ligar para alguém. — Catcher disse. — Nós podemos burlar os limites da jurisdição, mas serei obrigado a denunciar isso.

— Entendido — Ethan disse em voz baixa, provavelmente imaginando cenários do pior caso.

— Amável — Mallory murmurou, esfregando uma mão nervosamente pela sua testa. — Isso é amável.

— Ninguém devia estar lá — Ethan disse com suavidade em sua voz. — E dado o fato de os vampiros raramente drenarem suas vítimas até a morte...

— Testemunha presente excluída dessa lista — eu murmurei, levantando uma mão até o meu pescoço.

—... é improvável acharmos corpos.

— Improvável — Catcher disse. — Mas não impossível. Não é como se esses vampiros em particular fossem grandes seguidores de regras. Só vamos nos preparar para o pior, e esperar o melhor.

— E no que eu posso realmente contribuir para essa missão? — Mallory perguntou. Como se respondendo, ela fechou seus olhos, seu rosto angelical calmo, os lábios se movendo para a cadência de um mantra que eu não podia ouvir. Quando ela abriu os olhos de novo, olhou para sua palma.



Eu segui o seu olhar. Uma esfera brilhante de luz amarela flutuava bem acima da sua mão, uma bola suave de luz quase-cor-de-mate que iluminava o banco de trás do carro.

— Bem executado — Catcher disse, seus olhos voltando a nós pelo retrovisor. Ethan meio que virou no seu assento, seus olhos se arregalando com a vista da esfera na mão dela.

— O que é? — eu sussurrei para ela, como se a voz alta pudesse dissipar a esfera.

— É... — sua mão tremeu, e a esfera falhou. — É a condensação de magia. A Primeira Chave. Poder. — Seus dedos se contraíram, e a esfera se afinou em um plano de luz e desapareceu. Sua mão ainda estendida, ela olhou para mim, essa garota que canaliza magia em luz com uma única mão, e eu entendi perfeitamente a expressão no seu rosto: O que eu sou?

— Não é tudo o que você é — Catcher disse, como se estivesse lendo seus pensamentos. — E não é por causa disso que eu trouxe você. Você é melhor do que isso. E a Primeira Chave não é só sobre canalizar poder em luz. Você também sabe disso.

Ela suspirou e olhou para fora, pela janela.

Era engraçado, eu pensei, que tínhamos tido conversas parecidas com nossos respectivos chefes enquanto nos ajustávamos aos nossos poderes. Eu não tinha certeza se ela era ou não sortuda por dormir com o homem que a criticou.

— Garotos — eu murmurei.

Ela olhou para mim, concordância total em seus olhos.

Nós dirigimos por vizinhanças residenciais, passando por extensões de casas ou moradias uma atrás de outras. Assim como era em Chicago, o teor das ruas foi mudando em todos os poucos quarteirões, de condomínios bem arrumados com coberturas aparadas até baixos apartamentos com portas de ferrugem entreabertas.

Nós paramos em um bairro industrial perto do Lake, em frente a uma casa — o único prédio residencial restante no quarteirão — que já tinha tido dias melhores.



Era o resto do que tinha sido um dia, uma vizinhança próspera, um resto agora cercado por um monte de vazio, exceto pelo lixo, escovas ásperas e detritos industriais. O estilo de casa Queen Anne, iluminado pelo brilho laranja de um único poste de luz, tinha sido provavelmente uma princesa no seu auge – um alpendre que já fora convidativo ladeado por colunas estriadas, uma sacada no segundo andar, suportes agora apodrecendo e despencando pelos cantos. Pintura descascada em tiras do tamanho de telhas, e capim aleatório vindo à vida em meio a um jardim emaranhado com plástico descartado.

A mochila de Catcher descansava no banco entre Mallory e eu, e eu a ofereci para ele através da lacuna nos assentos da frente. Ele a abriu e tirou de dentro quatro lanternas, então fechou a bolsa e colocou-a entre ele e Ethan. Ele passou as lanternas para o resto de nós. — Vamos.

Katana na mão, eu abri minha porta.

O cheiro me invadiu quando nós pisamos fora do carro, com lanternas e espadas em mão. Sangue - o gosto de ferro. Eu tomei uma respiração repentina, a necessidade de beber do odor quase irresistível. E até mais problemática, porque ela se mexeu. Ethan parou e se virou para mim, uma sobrancelha levantada em questionamento.

Eu engoli o desejo e empurrei a vampira para baixo, grata de eu ter tomado sangue mais cedo. Eu acenei para ele. — Eu estou bem. — A decadência e fragrância de decomposição ajudou a estancar a necessidade. — Eu estou ok.

— Qual o problema? — Mallory perguntou.

— Sangue — Ethan disse sobriamente, olhos na casa. — O cheiro dele permanece.

Mallory deu a espada de Catcher para Ethan, e nós prendemos nossas katanas ao redor de nossas cinturas.

A vizinhança estava silenciosa exceto pela brisa crepitada de sacos plásticos voando e o barulho distante de um trem de carga. Sem comentários, Catcher assumiu a liderança. Ele ligou sua lanterna, o círculo de luz tremendo diante dele enquanto ele atravessava a rua e andava até a casa. Ethan seguiu, então Mallory, então eu.

Nós ficamos na rua, os quatro em fila. Parados.



— Ainda tem alguém lá? — Mallory perguntou com a voz tremendo.

— Não — Ethan e eu respondemos simultaneamente. A falta de som — e Graças a Deus pelas melhorias predatórias em audição — tornou isso claro.

Catcher tomou outro passo à frente, mãos fechadas em punhos nos quadris, e verificou a casa. — Eu vou primeiro — ele disse, exercitando sua autoridade Ombud. — Depois Ethan, Mallory, Merit. Estejam preparados para atacar. — Ele olhou para Mallory. — Não vá longe demais. Apenas mantenha sua mente aberta como nós falamos.

Mal assentiu, pareceu firmar sua coragem. Eu teria apertado sua mão se tivesse qualquer coragem para oferecer. Desse jeito, minha mão direita estava suando ao redor do cano da lanterna, os dedos da direita apalpando nervosamente o cabo da minha espada.

Catcher seguiu em frente, e nós os seguimos na ordem que ele tinha estabelecido Ethan e eu com katanas dos nossos lados. Dessa vez o som da voz de Ethan na minha cabeça não me surpreendeu.

Você pode controlar o desejo?

Eu o assegurei que podia, e perguntei: O que eu estou procurando?

Evidência. Uma indicação de envolvimento da Casa.

Quantas? Haveria uma luta?

Nossa linha de investigações amadoras seguiu seu caminho pela calçada, sobre o concreto quebrado, vidro marrom, e garrafas plásticas de refrigerante. A pequena varanda na frente da casa oscilou ameaçadoramente quando Catcher pisou em cima. Depois de esperar para ter certeza de que não quebraria sobre ele, nós seguimos. Eu arrisquei um olhar através de uma janela pequena e suja. O quarto estava vazio, exceto por restos de um lustre enorme, quase sem todos os seus cristais. Parecia um símbolo estranhamente apropriado da atual situação da casa.

Catcher abriu a porta antiga. O cheiro de umidade, apodrecimento e sangue se derramou pela calçada. Eu respirei pela minha boca para evitar a tentação, embora mínima, do sangue.



Nós entramos no que já tinha sido um saguão, e giramos nossas lanternas. Havia mogno podre debaixo dos nossos pés, e papel de parede aveludado desgastado ao nosso redor, combinado com cascas onduladas, manchas e fios de água gotejando. No fim do quarto, uma escadaria gigante se curvava até o segundo andar. Pilhas de madeira e latas de tinta congeladas estavam armazenadas em um canto, os quartos salpicados aqui e ali de pedaços surrados de mobília pesada. O edifício tinha sido despojado de todo o acúmulo de mofo, as luzes se foram, provavelmente para serem vendidas. Eu não vi nenhum sangue, embora o cheiro dele ainda estivesse no ar.

— Escolha sua aventura, vampiros — Catcher aconselhou em um sussurro. — Leste ou oeste?

Ethan olhou em direção dos quartos no lado leste da casa, então em direção à escadaria na nossa frente. Sua cabeça se ergueu enquanto seu olhar seguia a escadaria crescente até o segundo andar.

— Para cima — ele decidiu. — Merit, comigo. Catcher, primeiro andar.

— Feito — Catcher disse. Ele se virou para Mallory e colocou um dedo contra sua têmpora direita, então contra seu peito, então sua têmpora de novo.

Mallory assentiu. Deve ter sido algum tipo de código secreto de feiticeiros. Ela apertou minha mão, então o seguiu para a esquerda.

Nós dois sozinhos no saguão, Ethan olhou para mim. — Sentinela, o que você sabe?

Eu ergui meu próprio olhar para a escadaria e fechei meus olhos. Sem a aosão, eu deixei os sons e cheiros me circularem.

Eu tinha sentido a agitação da magia antes — quando Celina tinha me testado, quando Mallory e Catcher lutaram e na minha Recomendação, quando eu tinha me banhado do fluxo dela, o ar espesso com a magia cintilante de dezenas de vampiros.

Aqui, não havia correntes. Se alguma magia permanecia na casa, era mínima. Talvez um formigamento aqui e ali, mas nada forte o bastante para eu separar, identificar.

A casa estava igualmente silenciosa de coisas vivas, exceto os movimentos de



Mallory e Catcher, a batida cardíaca constante de Ethan, e a correria perturbadora de coisinhas escorregando debaixo dos nossos pés e nas paredes.

Eu estremei, apertando meus olhos fechados e me forçando a ignorar o som do ambiente.

Eu foquei no cheiro, me imaginei um predador, condicionada pela caça (embora eu possa estar cheia de salmão e aspargos). O sabor de sangue era óbvio, em tanta quantidade que flutuava como uma nuvem de fumaça invisível, voando pelas escadas e pelo quarto, sobrepondo os odores de mofo e água constantes. Eu fiquei quieta por um momento, assegurando-me de que tinha controle para continuar a investigar, assegurando-me de que ela estava suficientemente trancada para eliminar sua pressa louca em direção ao segundo andar, para o sangue.

No silêncio, a quietude, eu captei algo mais... Algo acima do mofo e poeira e sangue.

Algo animal.

Eu inclinei minha cabeça, instinto vindo à tona. Era presa? Predador?

Era fraco, mas estava lá – um traço de pele e almíscar. Eu abri meus olhos, encontrei Ethan me encarando curiosamente. — Animais?

Ele assentiu. — Talvez animais. Talvez metamorfos que não são habilidosos em esconder suas formas. Boa pegada.

Ele acenou para mim com uma mão e foi até as escadas. Medo e adrenalina me tornando completamente confiante, eu segui sem comentários, mas troquei nossas posições. No modo apropriado de Sentinela, eu tomei a liderança, mantendo meu corpo entre o dele e qualquer nojeira que se escondesse no escuro. Ele ficou bem atrás de mim enquanto eu usava minha lanterna para guiar nosso caminho através do chão de vidros espalhados. A luz da lua fluía pelas janelas sujas, então nós provavelmente teríamos conseguido manejar a exploração sem as lanternas. Mas a ferramenta na minha mão era reconfortante. E já que eu estava na liderança, não estava prestes a desligá-la.

Típico de uma casa mais velha, o andar superior continha um labirinto de pequenos quartos. O cheiro de sangue ficou mais forte à medida que passávamos pelos quartos no lado direito, o chão de madeira oscilando enquanto prosseguíamos, o



feixe de luz das nossas lanternas ocasionalmente iluminando um lugar abandonado de mobília ou poça de líquido sujo sendo alimentado de uma poça de fuligem no teto.

O odor fraco de animal persistiu, mas ficou sobreposto pelos outros cheiros no quarto. Se um metamorfo tinha estado aqui, estava de passagem. Ele, ou ela, não tinha sido um jogador chave.

Nós continuamos nos movendo pelos quartos pequenos para os fundos da casa até alcançarmos o quarto no final da fila. Eu pausei antes de entrar, o cheiro de sangue repentinamente florescendo no corredor. Adrenalina pulsando, eu tranquei minha vampira e circulei o feixe de luz ao redor do quarto. Então congelei.

— Ethan.

— Eu sei — ele disse, ficando do meu lado. — Eu vejo.

Foi ali que eles se reuniram. O chão estava cheio de lixo aleatório, latas de refrigerante e papéis de doce. Uma cômoda espelhada estava ao longo de uma parede, nosso reflexo deformado pelo efeito do tempo no apoio de prata do espelho.

E o mais importante, três colchões sujos e manchados estavam em vários pontos pelo quarto. O estofado azul e branco que os cobria tinha óbvias manchas de sangue. Manchas de sangue largas.

Ethan me circulou e usou o feixe de luz da sua lanterna para inspecionar o quarto, parede a parede, canto a canto. — Provavelmente três humanos — ele concluiu. — Um para cada camareira, um para derramamento de sangue. Talvez seis vampiros, dois por pessoa, um no pulso, um no pescoço. Sem corpos, e sem sinais de luta. Sangue, sim, mas não quantidades obscenas. Eles parecem ter parado eles mesmos. — Havia alívio na sua voz. — Sem assassinatos, mas tampouco os humanos receberam qualquer benefício que eles tinham imaginado que receberiam. — Sua voz se tornou seca no fim; claramente não era muito fã de futuros-vamps.

— Benefícios — eu repeti, balançando o feixe de luz para onde Ethan estava, mão livre no seu quadril, o olhar alternando entre os dois colchões que estavam bem perto um do outro. — Quando nós estávamos no seu escritório, você mencionou algo sobre se tornar um Renfield?

— Um servo humano — ele disse. — Oferecendo proteção para um vampiro durante as horas do dia, talvez interagindo com humanos em nome do vampiro. Mas



nós não tivemos Renfields por séculos. Um humano também pode imaginar que ele seria presenteado com a imortalidade. Mas se um vampiro fosse transformar alguém — ele pausou e se ajoelhou para verificar o colchão do meio. — Essa não é à maneira de que tal ato possa ocorrer.

Eu chequei os outros colchões, o círculo de sangue sobre eles. — Ethan?

— Sim, Merit?

— Se beber é tão problemático, tão arriscado para humanos, por que permitir? Por que não remover o risco e declarar fora-da-lei beber todo mundo junto? Fazer todos usarem o sangue de bolsas. Então não haveria políticas permitindo as Raves. Você poderia bani-las completamente.

Ethan estava quieto tempo o bastante para que eu me virasse de volta para ele, e o encontrei olhando para mim com os olhos de pura prata fundida.

Meus lábios se separaram a respiração gaguejando para fora de mim.

— Porque, qualquer que sejam as políticas disso, nós somos vampiros — Ethan separou seus lábios, me mostrou a ponta de agulha das suas presas.

Eu estava chocada pelo ponto dele me deixar vê-lo em fome completa, chocada e provocada por isso, e quando ele inclinou sua cabeça para baixo, olhos prateados me penetrando, eu engoli um aumento de luxúria tão grande e rápido que disparou meu coração.

O som do meu batimento cardíaco, o baque oco dele, ecoou nos meus ouvidos.

Ethan levantou uma mão, palma para cima, um convite.

Se ofereça. Ele sussurrou sua voz na minha mente.

Eu agarrei o cabo da minha katana. Eu sabia o que queria fazer — ir em frente, arquear meu pescoço, e oferecer acesso a ele.

Por um segundo, talvez dois, eu considerei. Eu me deixei imaginar como seria deixá-lo me morder. Mas o meu controle, já enfraquecido pelo cheiro de sangue, ameaçou entornar. Se eu deixasse minhas presas descerem, se eu a deixasse tomar o controle, havia uma boa chance de eu terminar afundando-as na longa linha do



pescoço dele, ou deixando-o fazer o mesmo comigo.

E enquanto eu não era ingênua o bastante para negar que eu estava curiosa, intrigada pela possibilidade, essa não era a hora, nem o lugar apropriado. Eu não queria que minha primeira experiência real de compartilhar sangue fosse aqui, no meio da sordidez industrial, em uma casa onde a confiança de humanos tinha sido violada tão recentemente.

Então eu lutei por controle, balançando minha cabeça claramente. — Ponto marcado — eu disse a ele.

Ethan arqueou uma sobrancelha quando puxou sua mão de volta, cerrando seu punho enquanto recuperava seu próprio controle. Ele retraiu suas presas, e seus olhos clarearam, indo de prata para verde esmeralda. Quando ele olhou para mim novamente, sua expressão era fria.

Minhas bochechas coraram com constrangimento.

Tudo tinha sido um ponto de ensinamento, então. Não sobre desejo ou sangue, mas uma oportunidade para Ethan demonstrar sua retenção. Eu me senti ridiculamente ingênua.

— Nossa reação ao sangue — Ethan ignorando o ocorrido começou. — É predatório. Instintivo. Enquanto nós precisamos isolar nossos hábitos, nos assimilar com a grande população de humanos, ainda somos vampiros. Supressão não nos favorece.

Eu olhei ao redor do quarto para a pintura descascada, jornais amassados, colchões sobressalentes, e pontos carmesins pelo chão de madeira lascada.

— Supressão leva a isso — eu disse.

— Sim, Sentinela.

Eu era Sentinela novamente. As coisas tinham voltado ao normal.

Nós procuramos pelo quarto, mas não achamos nenhuma indicação de Casas ou qualquer outra coisa que poderia identificar os vamps bebedores. Eles evitaram deixar qualquer evidência óbvia para trás, o que não era tão surpreendente para pessoas que viajavam para uma casa deserta em troca de alguns goles ilícitos.



— Nós sabemos que humanos estiveram aqui — Ethan disse. — O sangue foi tirado. Mas é só isso. Mesmo se chamássemos alguém, sem mais evidência do que aconteceu, a única coisa que viria de uma investigação aprofundada seria imprensa ruim para nós.

Eu assumi que Ethan quis dizer que ele não estava disposto a envolver o CPD na investigação da Rave. Eu não discordava dele, especialmente já que Catcher estava aqui em nome do escritório de Ombud. Pelo outro lado, se Ethan estava realmente tão confortável em suprimir informação, ele provavelmente não se importaria em justificar para mim.

— Eu acho que isso faz sentido — eu disse.

— O local — Ethan disse repentinamente, e eu franzi o cenho em confusão, pensando que eu tinha perdido alguma coisa. Mas ele não estava falando comigo. Catcher e Mallory estavam no corredor atrás de nós. Ambos pareciam bem, nenhum deles mostrando qualquer sinal de terem abordado uma Rave restante. A expressão de Catcher estava de volta ao normal, levemente entediada. Mallory lançava olhares desconfortáveis para o colchão no chão.

— É — Catcher concordou. — Parece que a ação aconteceu aqui. — Ele supervisionou o quarto, então deu uma volta por ele, braços cruzados sobre seu peito, rosto comprimido em concentração.

— Três humanos? — ele finalmente perguntou.

— É isso que parece — Ethan confirmou. — Possivelmente seis vampiros, e quem sabe se teve observadores. Nós não achamos nenhuma evidência de Casas.

— Mesmo se vampiros de Casas estivessem envolvidos — Catcher disse, encontrando-se com Ethan na frente do colchão central. — É improvável que eles deixariam qualquer evidência notável para trás, especialmente já que as Casas não permitem esse tipo de conduta. Muito menos beber, para a maioria delas.

Ethan fez um som de concordância.

Silêncio caiu enquanto os homens checavam as camas sujas perante eles. Eles consultaram quietamente enquanto andavam ao redor, se agachavam em frente a elas, e apontavam sobre os colchões. Eu olhei de volta para Mallory, que suspirou em



resposta, nenhuma de nós envolvida na conversa deles.

Catcher finalmente se levantou de novo, então olhou de volta para Mallory. — Você está pronta? — Sua voz era suave, cuidadosa.

Ela engoliu, então assentiu.

Eu não tinha certeza do que ela ia fazer, mas eu senti por ela, assumindo que *Mal* estava para mergulhar de cabeça em uma piscina sobrenatural. Tendo mergulhado também, eu sabia que o primeiro passo para fora da borda da piscina era um pouco desanimador.

Ela levantou sua mão direita, a palma para cima, e olhou.

— Olhe através — Catcher sussurrou, mas Mallory não hesitou.

O ar no quarto pareceu aquecer ficar mais espesso, um efeito secundário da magia que Mallory estava canalizando, da magia que estava começando a deformar o ar sobre sua mão.

— Respire através — Catcher disse. Eu ergui meu olhar da mão de Mallory para seus olhos, e vi a sensualidade ali. Vampiros podiam sentir magia; nós podíamos sentir a sua presença. Mas os relacionamentos de feiticeiros com magia era algo totalmente diferente. Algo totalmente mais luxuoso, se os olhos nos seus olhos era alguma indicação.

A língua de *Mal* saiu da sua boca para umedecer seus lábios, mas seus olhos azuis permaneceram focados no reflexo trêmulo sobre sua mão.

— Sangue vermelho — ela repentinamente disse sua voz quase inaudível, e realmente grave. — No nascer da lua. E assim como a lua, eles irão se erguer e eles irão cair, esses reis da Cidade Branca, e ela triunfará. Ela triunfará, até ele vir. Até ele vir.

Silêncio. Era algum tipo de profecia, a mesma habilidade que eu tinha visto Catcher realizar na Casa Cadogan uma vez.

Ethan olhou para Catcher. — Isso significa alguma coisa para você?

Catcher balançou sua cabeça lamentosamente. — Eu acredito que não

devemos recusar o dom, mas Nostradamus era mais fácil de entender.

Eu olhei de volta para Mallory. Seus olhos ainda estavam fechados, suor umedecendo sua sobrancelha, seu braço esticado tremendo com esforço.

— Pessoal — eu disse. — Eu acho que ela chegou ao limite.

Eles olharam de volta.

— Mallory — Catcher disse suavemente.

Ela não respondeu.

— Mallory.

Seus olhos se abriram rapidamente, seu bíceps tremendo.

— Solte — ele disse.

Ela assentiu, umedeceu seus lábios, olhou sua mão, e flexionou seus dedos. O reflexo trêmulo de ar desapareceu. Depois de um segundo, *Mal* esfregou sua testa com as costas do pulso.

— Você está bem?

Ela olhou para mim, assentiu suavemente. — Só trabalho duro. Eu disse alguma coisa útil?

Eu suspirei. — Não tão útil quanto super assustadora.

— Eu acho que nós pegamos tudo que podíamos — Ethan disse. — A menos que você tenha algumas outras ideias?

— Não muitas — Catcher respondeu. — Vago senso de medo, a sugestão de um animal. — Ele olhou entre nós. — Eu presumo que vocês captaram isso?

Ambos assentimos.

— Nada, além disso. Mais nada reconhecível na corrente; e eu não tenho certeza de que o metamorfo estava aqui quando isso aconteceu. Talvez depois. De



qualquer maneira, não tem sentido a mídia descobrir esse lugar, pelo menos ainda não. — Catcher olhou ao redor do quarto, mãos nos seus quadris. — Falando nisso, devo chamar a quadrilha? Ter esse lugar desmontado, limpo?

Não tinha me ocorrido que o escritório de Ombud tinha a autoridade ou mão de obra para apagar as evidências. Eles se referiam como ligações, intermediários. Suponho que eles eram um pouco mais proativos que isso.

— Você pode fazer isso? — eu perguntei.

Catcher me deu uma olhar sardônico. — Você realmente não conversa muito com o seu avô.

— Eu converso bastante com o meu avô.

Catcher sorriu e virou, e nos direcionou para fora do quarto. — Não sobre a coisa boa. A cidade de Chicago tem mantido a existência da população sobrenatural em sigilo desde antes do incêndio, Merit. E não é porque incidentes não acontecem. É porque os incidentes são cuidados.

— E a cidade não é sábia?

Ele assentiu. — É assim que funciona. As pessoas não estavam preparadas para saber. Ainda não estão pelo o que alguns dos vampiros travessos se metem.

Nós fomos para as escadas na mesma ordem que entramos na casa.

— Se eles estivessem preparados agora — Mallory disse. — Nós não estaríamos aqui. Quero dizer, eu sei que vocês têm bandeirinhas e adesivos para carros, mas beber no escuro em uma casa caindo aos pedaços não grita exatamente assimilação. E agora tem esses negócios com Tate.

Isso parou ambos, Ethan e eu, no meio da escada.

— Que negócios com Tate? — ele perguntou.

Mallory deu a Catcher um olhar. — Você não disse a eles?

— Outros negócios para tratar — Catcher respondeu, gesticulando um polegar em direção ao segundo andar atrás de nós. — Uma crise de cada vez.



Catcher continuou descendo as escadas. Sem outra escolha, nós o seguimos, o silêncio grosso o bastante para cortá-lo. Ethan praticamente trotou pelas escadas. Quando nós alcançamos a porta da frente, então na varanda, então na calçada, Ethan parou mãos nos seus quadris. Mallory fez um sibilo baixo de aviso. Eu me preparei para o acesso de Ethan, prevendo quietamente, “E a merda vai atingir o fã em quatro... três... dois...”.

— Que negócios com Tate? — Ethan repetiu uma borda de raiva em sua voz.

Eu segurei um sorriso, grata que era com Catcher que Ethan estava prestes a explodir. Isso era uma boa mudança.

Catcher parou e se virou de volta para Ethan. — O pessoal de Tate tem ligado para o escritório — ele disse. — Ele tem feito perguntas sobre a liderança dos vampiros, sobre as Casas, sobre a Sentinela.

Já que eu era a única Sentinela na cidade, eu me intrometi. — Sobre mim?

Catcher assentiu. — A Assembléia Geral concordou em esquecer a legislação relativa à gestão nesse ano, por causa da investigação, para assegurar que nada muito prejudicial seja passado. Mas essa não foi uma escolha muito difícil, já que Illinois não tem que lidar com vampiros no seu centro, todas as Casas são em Chicago. O Conselho da Cidade está ficando com raiva, entretanto. Eu sei que você e Grey conversaram com o homem deles — Ethan assentiu para isso. — Mas o resto do conselho tem preocupações. Tem especulações sobre zonear, sobre toque de recolher, regulamentos.

— E qual é a posição de Tate nesse assunto? — eu perguntei.

Catcher suspirou. — Quem diabos sabe o que Tate pensa?

— E ele não veio até nenhum de nós — Ethan murmurou olhos no chão, sobrancelha franzida. — Ele não tem falado com Scott ou Morgan ou comigo.

— Ele provavelmente não está pronto para falar com você pessoalmente — Catcher disse. — Talvez fazendo seu fundamento antes de arranjar esse encontro?

— Ou ele está mantendo sua distância de propósito — Ethan murmurou. Ele balançou sua cabeça em reprovação, então olhou para mim. — O que ele quer saber



sobre Merit?

— Gostos, desgostos, flores favoritas — Mallory disse.

— Não está ajudando mesmo — eu sussurrei.

— Eu não estou brincando. Eu acho que ele está totalmente a fim de você.

Eu sorri em descrença. — É. O prefeito de Chicago está a fim de mim. Isso é provável. — Diferentemente de Ethan, eu tinha conhecido Tate, e embora ele tenha parecido agradável o bastante, nem pensar que ele estava a fim de mim.

— Ele só quer informação — Catcher disse. — Eu acho que nesse ponto é uma vaga curiosidade. E francamente, seu interesse pode ser relacionado ao seu parentesco, mais do que sua afiliação.

Ethan se inclinou na minha direção. — Pelo menos eu sei que você não está alimentando Tate com informação, ou você teria desenterrado isso.

Eu cerrei meu maxilar para a insinuação que ele tinha feito antes, de que eu era algum tipo de torneira informacional entre a Casa e o escritório de Tate. Eu decidi que estava cheia de um dos muitos discursos e comentários engraçadinhos hoje. Eu olhei para Catcher e pedi o mesmo favor que ele tinha nos pedido anteriormente. — Vocês poderiam nos dar um minuto?

Catcher olhou entre nós, sorriu abertamente. — Extravase criança. Nós estaremos no carro.

Eu esperei até as portas do carro estar fechadas antes de avançar, parar a centímetros do corpo de Ethan. — Olha. Eu sei por que você me deu aquele discurso mais cedo. Eu sei que você tem a obrigação de proteger os seus vampiros. Mas independentemente do jeito que eu fui feita, eu tenho feito tudo que você tem pedido de mim. Eu tenho treinado, eu desisti do meu teste, eu me mudei para a Casa, eu te coloquei para ver meu pai, eu te coloquei dentro da casa Breckenridge, e eu tenho namorado o homem que você me pediu. — Eu apontei para a casa atrás de nós. — E embora eu devesse ter algumas horas livre do drama da Casa Cadogan hoje com o dito homem, eu segui você aqui porque você me pediu. Em algum ponto, Ethan, você deve considerar me dar um pouco de crédito.

Eu não esperei para ele responder, mas virei nos meus calcanhares e fui até o



carro. Eu abri a porta traseira, entrei, e bati atrás de mim.

Catcher pegou meu olhar no espelho retrovisor. — Se sente melhor?

— Ele ainda está parado lá com aquela expressão idiota no rosto?

Houve uma pausa enquanto ele checava, e então um sorriso. — Sim, ele está.

— Então sim, eu me sinto melhor.

O carro estava quieto no caminho para o Parque Wicker, Ethan puto com Catcher por não compartilhar informação sobre Tate dentro do seu limite de tempo preferido (ou seja, imediatamente), Mallory batendo no banco traseiro; aparentemente cansada pelo esforço mágico, e Catcher zumbindo uma maratona ABBA que ele tinha achado em uma estação de rádio AM.

Nós alcançamos a casa e nos despedimos. Catcher me lembrou de que eu estava agendada para praticar com ele no dia seguinte à noite, e Mallory e eu nos separamos na sua transição para Feiticeira Aprendiz, ao fato de que meu tempo com ela pelas próximas semanas seria amplamente limitado a telefonemas. Mas eu confiava em Catcher, e dada o fato de Celina estar à solta, eu estava grata que *Mal* estaria aprendendo mais sobre seus dons, sua aptidão, sua habilidade de manejar magia. Quanto mais proteção ela tivesse, melhor eu me sentia, e eu estava muito certa de que Catcher se sentia do mesmo jeito.

Já que chegamos separadamente, Ethan e eu dirigimos nossos respectivos carros de volta a Casa Cadogan – ele em uma Mercedes brilhante, eu em meu Volvo ultrapassado. Eu estacionei o Volvo na rua, grata que eu tinha completado minha rodada de obrigações para a noite, para que eu pudesse ter pelo menos algumas horas para mim mesma. Mas ele me encontrou no saguão, um envelope creme na sua mão. Eu ajustei meus braços cheios de coisas – correio, sapatos, espada – e peguei dele.

— Isso estava destinado a você — ele disse.

Eu abri. Dentro estava um convite para um jantar de gala na casa dos meus pais na próxima noite. Eu fiz uma careta. Essa noite tinha sido longa o bastante, não parecia que o amanhã ia proporcionar muito mais alívio.

— Amável — eu disse, então mostrei para ele o convite.



Ele o leu, então assentiu. — Eu vou pedir um vestido. Você tem treino de katana com Catcher amanhã? — Ao meu aceno, ele assentiu de volta. — Então nós partiremos brevemente depois.

— O que tem na agenda?

Ethan virou e começou a andar em direção ao seu escritório. Eu o segui, pelo menos o mais distante que a escada permitia.

— A agenda — ele disse quando nós pausamos. — É continuar nossas investigações. O seu pai está ciente de que estamos interessados em uma ameaça envolvendo os Breckenridges. Dado o que sei dele, é provável que ele tenha feito alguma pesquisa por conta própria.

— Você planejou isso — eu disse, pensando nas sementes que ele tinha plantado em meu pai. — Contou o suficiente sobre os Breckenridges, sobre o perigo que estamos enfrentando, para que ele queira fazer perguntas. — Embora eu não estivesse excitada sobre o pensamento de ir para casa, eu podia apreciar uma boa estratégia quando ouvia uma. — Não é ruim, Sullivan.

Ele me deu um olhar seco antes de ir em direção ao seu escritório. — Eu aprecio o voto de confiança. Até o anoitecer — ele disse, e foi embora.

Uma vez em meu quarto, eu deposei minha espada e minha pilha de correio, então chutei meus sapatos para longe. Eu tinha deixado meu celular no meu quarto, já que tinha planejado passar a noite com quase ninguém me ligando, mas achei uma mensagem de voz esperando.

Era de Morgan. Ele disse que estava checando, se certificando de que eu tinha chegado em casa a salvo. Mas eu podia ouvir as perguntas em sua voz — onde eu tinha estado, o que eu tinha feito, o que tinha sido importante o suficiente para motivar Ethan a colocar uma Sentinela de alguns meses de idade no trabalho. Eu ainda não estava certa se tinha uma resposta para a última.

Eu chequei o relógio, era quase quatro da manhã. Eu achei que Morgan ainda estaria acordado, mas depois de um momento de hesitação, optei por não retornar a ligação. Eu não queria dançar ao redor de problemas, e eu não estava no humor para lidar com a sua animosidade muito-menos-disfarçada em relação a Ethan. A noite tinha sido longa o bastante, briguenta o bastante, sem isso.



Com o amanhecer ameaçando chegar, eu saí do meu conjunto de encontro e entrei em pijamas, então lavei meu rosto, peguei um caderno e uma caneta, e subi na cama. Eu rabisquei notas aleatórias enquanto o sol nascia – sobre vampiros, as Casas, a filosofia de beber – e peguei no sono, caneta na mão.



Capítulo 14

O centro não resistirá.

Despertei feliz, ao menos até que recordei o que tinha reservado para a noite. Agarrei o convite para a festa na casa dos meus pais. Esta era um programa de gala na tutoria de adolescentes. Não era que a causa não fosse legítima, mas sempre me perguntei as motivações do meu pai. Seu interesse em estabelecer conexões, e os apertos de mão eram ao menos tão grande como qualquer interesse que ele tinha em realmente juntar a organização? As crescentes ondas levantam todos os botes, pensei, e coloquei o convite em cima da cama. Sentei e tirei meu cabelo dos olhos, logo estendi minhas pernas e toquei o chão. Não me incomodei de tomar banho, sabendo que acabaria suada novamente durante minha sessão de treinamento, mas troquei meu conjunto aprovado por Catcher - uma faixa tipo sutiã e um short quase inexistente - lancei um casaco esportivo por cima para parecer decente durante a viagem.

Nem bem subi o zíper do casaco, ouvi uma batidinha na porta. Abri e encontrei Helen no corredor com um terninho Tweed arrumado.

— Olá querida — disse ela, segurando um saco de trajes em azul real que levava o logotipo de uma loja muito elegante da zona El Bucle. — Estava somente trazendo seu vestido.

Peguei a bolsa de suas mãos, não era tão pesada como havia esperado pelo tamanho da bolsa. Com suas mãos livres, pegou um pequeno caderno rosa do bolso de seu arrumado traje rosa. Assentindo ela leu.

— Esta noite é um evento black-tie. A cor do tema é branco e preto — ela leu e levantou seu olhar para mim. — Isso ajudou em meu processo de seleção, claro, mas tomou mais que um pouquinho de artimanhas para obter um vestido de festa com esta velocidade. Foi entregue há alguns minutos.



Incomodei-me mais do que deveria que ela tivesse escolhido o vestido. Que não foi Ethan que tenha escolhido o vestido.

Que me incomodasse era simplesmente mau em tantas formas.

— Obrigada — disse. — Aprecio o esforço. — É uma pena que não pode pegar o meu lugar.

— Claro — Hellen disse. — Preciso voltar para baixo. Há muito trabalho para fazer. Desfrute da festa. — Ela sorriu e guardou o caderno no bolso. — E tenha cuidado com o vestido. Foi um grande investimento.

Franzi o cenho em direção à bolsa. — Defina investimento.

— Por volta de doze, na verdade.

— Doze? Mil e duzentos dólares? — fiquei olhando fixamente a bolsa do vestido, horrorizada pelo pensamento de que ia ser responsável por quatro cifras de investimento de Cadogan.

Helen soltou umas risadinhas. — Doze mil dólares, querida — atirou essa bomba, e logo se encaminhou pelo corredor perdendo por completo minha careta de horror.

Com muito cuidado, como se portasse a Bíblia de Gutemberg, coloquei a bolsa do vestido sobre a cama.

— São preciso dois — murmurei, e abri o zíper da bolsa. Um suave som escapou de mim.

Era de seda preta, um tecido tão delicado que mal podia senti-la em meus dedos. E era de fato um vestido de gala. Um pescoço reto, que caía em uma dispersão de seda delicioso.

Limpei as mãos em meus shorts, retirei o vestido da bolsa e o mantive no alto contra meu peito, girando apenas para ver o movimento. E que movimento fazia. A seda fluía como água negra, o tecido de um tom mais escuro que o preto que já tinha visto alguma vez. Não era o tipo de preto que se confunde com azul marinho no clube. Era preto. Um preto de meia-noite sem lua. Era impressionante.



Meu celular tocou, eu abracei o vestido contra meu corpo, com a mão livre olhei o identificador de chamadas, e o abri.

— Oh, meu Deus, deveria ver o vestido que vou usar esta noite.

— Por acaso acaba de dizer algo sobre um vestido? Onde está minha Merit? O que tem feito com ela?

— Falando sério Mallory. É impressionante. Esta coisa de festa, black-tie — fiquei parada em frente ao espelho, meio de lado. — É belíssimo.

— Certo, estou totalmente pasma pela natureza feminina desta conversa. E, no entanto, é um pouco como você tem amadurecido. Acredita que Judy Blume tenha feito um livro sobre vampiros adolescentes? “Está aí Deus, sou eu, Merit?” — Mallory grunhiu obviamente satisfeita consigo mesma.

— Tá, tá, tá — disse colocando cuidadosamente o vestido sobre a bolsa. — Tenho um convite a um evento dos meus pais, então estaremos dirigindo de volta a Oak Park por um tempo.

— Oh, isso é típico de vampiros. Esquecer-se de seus amigos agora que está completamente na alta sociedade.

— Estou em conflito entre duas respostas. Primeiro, a óbvia: acabei de te ver ontem à noite. Também aceitável: éramos amigas? Pensei que você estava me usando para alugar marcas gratuitas.

— Minha vez de rir — disse ela, ao invés de realmente rir. — É sério, estou na estrada, dirigindo para Schaumburg, e queria ver como estava. Assumo que você e Darth Sullivan regressaram a Cadogan bem?

— Não fomos perseguidos por vampiros raivosos, então eu diria que é uma viagem de retorno bem sucedida.

— Morgan estava bem com ter que partir a noite passada?

Com o telefone apertado entre o ombro e a orelha, disse. — É provável que não esteja emocionado de ser substituído por Ethan, mas não tive tempo nem oportunidade de falar com ele.



— Ao que se refere que não tem falado com ele? Ele é praticamente seu namorado.

Franzi o cenho ante a desaprovação no tom de sua voz. — Ele não é meu namorado. Ainda estamos apenas..., saindo. Ou algo assim.

— Bem, semântica, como seja, mas não acredita que deveria ter ligado?

Não estou certa se foi por achá-la muito intrometida ou porque, em algum ponto, concordava com ela, mas a direção da conversa me incomodou. Tentei sair rindo. — Você está me dando palestra pela minha escolha de namorados?

— É somente..., ele é um grande cara, Merit, e vocês parecem ficar bem juntos. Simplesmente não quero que passe por isso...

— Por? — não precisava instigá-la, não precisava perguntar. Sabia exatamente ao que se referia exatamente, a quem estava se referindo. E enquanto sabia que ela se preocupava por mim como ninguém fazia, o comentário me irritou. Muito. — Merit — disse, aparentemente meu nome entrando no lugar do que queria dizer em voz alta.

— Mallory, eu realmente não estou com humor para isso neste instante.

— Porque tem que sair correndo para brincar com Ethan?

Estávamos fazendo isso, disse a mim mesma. Minha melhor amiga e eu realmente íamos ter essa discussão.

— Estou fazendo o que tenho que fazer.

— Ele está apenas te manipulando para que passe tempo com ele.

— Isso não é verdade, Mallory. Apenas se eu gostasse. Somente estamos tratando agora de lidar com este problema de festas.

— Não me dê desculpas por ele.

Minha ira elevou-se, o vampiro elevou-se, fechei a porta do meu armário com uma pancada com força o suficiente para abalar a estrutura de metal de uma fotografia de Mallory e eu colocada sobre a cômoda. — Você sabe que não sou uma



das grandes fãs de Ethan, mas enfrentemos os fatos. Não estaria na terra se não fosse por ele. E para o bem ou para o mal, ele é meu chefe. Eu realmente não tenho muito espaço para lidar com isso.

— Bem. Lide com Ethan pelos seus próprios termos. Mas pelo menos seja honesta com Morgan.

— O que supõe que isso significa?

— Merit, se você não gosta do Morgan, então bem, deixe-o. Não é justo. Ele é um cara bom, e merece mais que isso.

Fiz um som que foi em partes iguais de comoção e dor. — Eu estou incentivando? Isso é algo realmente muito feio de se dizer Mallory.

— Precisa decidir.

— E você precisa se meter em seus próprios assuntos.

Escutei a profunda inalação de ar, sabia que a havia ferido. Imediatamente me lamentei, mas estava muito irritada, muito cansada de não ter controle sobre meu corpo, minha vida, meu tempo, para desculpar-me. Ela havia me ferido, e eu lhe devolvi o golpe.

— Precisamos terminar esta conversa antes que digamos algo que vamos lamentar — disse calmamente. — Tenho o suficiente com o que lidar, sem mencionar o fato de que tenho que estar com meu pai em um par de horas.

— Sabe o que Merit? Se a sua vida amorosa não é meu problema, então os assuntos com seu papai, tampouco são.

Não podia falar, não podia compreender como responder isso. E incluso se quisesse fazê-lo, a emoção estrangulava minha garganta.

— Talvez seja a genética — ela continuou, aparentemente não estava disposta a abandonar a discussão. — Talvez seja a pessoa que ele está pedindo que seja. Ambas temos vidas diferentes agora, vidas maiores que tínhamos há poucos meses atrás. Mas a Merit que eu conhecia não alienaria esse cara. Pensa nisso.

O telefone ficou mudo.



* * *

Os limpadores golpeavam contra o vidro enquanto conduzia pela noite de verão úmida, com nuvens movendo-se rapidamente, se amontoando em um céu escuro, uma sinistra massa que pulsava com as ameaçadoras ramificações de relâmpagos. Estacionei diretamente em frente à austera arquitetura do edifício que continha o ginásio onde treinava com Catcher, e corri para dentro, evitando a chuva que caía.

Catcher estava ali. Estava de pé no meio dos colchonetes azuis que enchiam o quarto de treinamento, vestindo uma camiseta e calças térmicas. A cabeça baixa, seus olhos fechados, mãos unidas como se estivesse orando.

— Sente-se — disse sem abrir os olhos.

— Boa noite para você também, Sensei.

Abriu um olho só, e o olhar que me deu não deixou dúvidas de quão pouco engraçado achou minha resposta. Ele arqueou uma sobrancelha, mas tirei meu casaco e me sentei em uma das cadeiras de plástico laranja próxima a porta.

Catcher permaneceu na sua pose de silenciosa concentração por uns minutos, finalmente virando seus ombros e abrindo os olhos.

— Terminou com a meditação? — perguntei levemente.

Não respondeu, mas se dirigiu com força para mim, com suficiente maldade em seus olhos, que acelerou meu coração.

— Há algum problema? — perguntei

— Cala a boca.

— Perdão?

— Cala. A. Boca — Catcher deu um passo à frente, pôs sua mão contra o queixo, logo as pôs sobre os braços da cadeira. Inclinou-se sobre mim. Seu torso sobre mim, prendendo-me na cadeira.



— Ela é minha prioridade.

Não precisava perguntar quem era “ela”. Evidentemente, Mal havia chamado Catcher.

— Ela não está feliz — pausou pálidos olhos verdes seguindo meu rosto de cima abaixo. — Ela está passando por um momento difícil. E entendo que está passando por um momento difícil também, Merit. Deus sabe, todos nós entendemos. Teve problemas se adaptando a sua transição de humano a vampiro, e agora parece que tem dificuldades em recordar sua humanidade.

Inclinou-se cada vez mais sobre mim. Meu coração começou a bater com força, o calor fluindo através do meu corpo ao tempo que a ansiedade e a adrenalina tiravam o vampiro dormente, empurrando-o para a superfície.

Não agora, implorei. Não agora. Ele veria, e teria que lidar. Nada de bom podia sair disso. Por uma fração de segundo, pensei que ele sabia, suas sobrelhas juntas enquanto se aproximava mais. Fechei meus olhos, comecei uma contagem regressiva, tentei impulsionar o vampiro de volta enquanto sentia ele sobre mim, a maior parte de seu corpo pousado sobre minha cadeira, e o crepitar da magia eletrificando o ar.

Pouco a pouco, uma gota por vez, a senti retroceder.

— Ela está tendo problemas para se adaptar Merit, igual você teve. E ela estava ali para você. É tempo de que você esteja ali para ela. Em vez disso, solta um pouco. Sei que disse algumas coisas lamentáveis. E acredite, eu sei.

Abri meus olhos, mantive meu olhar em sua camiseta, e assenti um pouquinho.

Com um farfalhar de plástico, se endireitou, deu um passo para trás, e olhou abaixo em minha direção, de braços cruzados. Agora sua expressão tinha um pouco de simpatia. Também, sua voz era mais suave.

— Sei que está ajudando Ethan. Tentando conseguir-lhe acesso, tratando de fazer seu trabalho. Entendo isso. E talvez esse seja o problema aqui, talvez não. Francamente, isso são assuntos seus não meus. Mas antes que enlouqueça todos os que se preocupam com você, Mallory ou Morgan, ou quem seja, lembra quem era antes que isso acontecesse, antes que mudasse. Tenta encontrar algum equilíbrio. Tenta encontrar um lugar na sua vida para as coisas que importavam antes que mudasse. — Começou a afastar-se, mas pensou melhor. — Sei que seu tempo é



limitado hoje, mas será melhor que esteja disposta a movimentar esse seu traseiro. Se vai permanecer como Sentinela, então estará malditamente preparada para isso. — Sacudi a cabeça, irritada de que ele assumisse que foi falta de esforço, ou intenção, o que me impedia de ser a lutadora que ele queria quando, de fato, era o oposto.

— Você não entende — eu disse.

As sobrancelhas levantadas mostraram a evidente surpresa em sua cara. — Então me ilumine.

O olhei por um prolongado momento em silêncio, quase lhe disse. Quase confio nele, confio em mim mesma o suficiente como para perguntar isso, para dizer que estava defeituosa - que meu vampiro estava defeituoso. Separado de alguma forma. Mas não pude fazer. Tentei resolver o problema uma vez; e ele havia rejeitado minha preocupação. Então balancei minha cabeça, e abaixei.

— Não sei o que sabe — disse. — Ou o que tem visto, ou o que pensa que tem feito. Mas te aconselho que encontre alguém em que possa confiar, e solte essa carga. ok?

Em silêncio, assenti.

— Então, vamos trabalhar.

Nós fizemos. Não me permitiria lutar, dado em conta que ele havia considerado meu esforço medíocre dois dias atrás. Era pena em seus olhos, mas uma vitória em minha moral, permitindo por meus esforços em movimento e a velocidade em lugar de conter o instinto predador que ameaçava tomar conta de mim. E além do mais - dado que não havíamos estado combatendo, e assim evitar danos nas bordas, me deixou praticar com minha katana.

Trabalhamos através das sete katas por quase uma hora. Enquanto o movimento de cada Kata durava somente uns segundos, Catcher me fazia repetir os passos - uma e outra vez - até que estava satisfeito com o rendimento. Até que os movimentos se tornaram mecanicamente precisos, até que pudesse me mover tão rápido através deles, que os movimentos eram somente borrões pela velocidade. Assim rápido, as Katas perderam parte de sua tradição, mas saía bem na dança. Desafortunadamente, como Catcher assinalou se fosse usar uma espada em uma luta, seria com um vampiro que se moveria tão rápido como eu estava fazendo.



Depois de me ensinar uns movimentos básicos de uma segunda série da katas, e estar utilizando somente uma mão sobre a espada; ele me liberou.

— Estou vendo algumas melhoras — disse, quando nos sentamos nos colchetes azuis, com uma dispersão de ferramentas de limpeza para nossas katanas em nossa frente.

— Obrigada — disse, deslizando um pedaço de papel arroz ao comprimento da borda afiada da espada.

— A pergunta interessante é, porque não vejo a mesma classe de esforço quando está lutando?

Olhei para ele, vi que seu olhar estava fixo na espada. Ele claramente não compreendeu que havia estado trabalhando em dupla para ajudá-lo. E já havia decidido não contar, de modo que não respondi a pergunta. Ficamos em silêncio por um momento, ambos limpando nossas folhas, e eu recusando-me a responder

— Nenhuma resposta? — finalmente perguntou.

Sacudi a cabeça.

— É tão teimosa como ela, juro por Deus.



Capítulo 15

Eu poderia ter dançado a noite inteira.

De volta a Casa, eu tomei banho e arrumei minha roupa íntima, e então coloquei o coldre na coxa e meus sapatos de tiras. Eu optei por um penteado preso essa noite, torcendo meu cabelo em um nó atrás do meu pescoço. Com o básico feito, eu escorreguei cuidadosamente para dentro do vestido. Com tempo curto ou não, o ajuste foi perfeito. O vestido era perfeito. Pele pálida, cabelo escuro, lábios brilhosos, vestido preto. Eu parecia uma princesa exótica. Uma vampira princesa. Mas a pontada de dor remanescente da minha briga com a Mallory diminuía um pouco o conto de fadas. Mais pronta que eu poderia ficar, eu peguei as pressas minha espada e descí as escadas, onde o demônio de Mallory aguardava.

Ele estava de pé na sala de estar, com as mãos nos bolsos, corpo esguio vestido em um smoking. Um smoking preto, de ombros retos, uma perfeita gravata borboleta no seu pescoço. Seu cabelo estava solto, o dourado do cabelo reto em seu rosto, iluminando as suas bochechas cruelmente perfeitas, e seus olhos esmeraldas. Ele era quase bonito demais, lindamente intocável, o rosto de um deus – ou algo bem mais perverso.

— O que há de errado? — ele perguntou, sem olhar para cima. Eu alcancei o primeiro andar, e balancei a cabeça.

— Eu prefiro não falar sobre isso — isso o fez levantar o olhar, seus lábios se repartindo minimamente enquanto ele absorvia a seda do vestido.

— Este é um lindo vestido — sua voz era suave, de alguma forma bem mais masculina.

Eu acenei, ignorando a meia-voz. — Nós estamos prontos?



Ethan inclinou sua cabeça para o lado. — Você está pronta?

— Vamos — Ethan pausou, e então acenou e foi em direção às escadas.

Ele me deixou em silêncio pela maior parte do percurso para Oak Park, o que era consideravelmente mais rápido do que a viagem para a propriedade Breckenridge.

Mas enquanto ele não falava, ele continuava virando e olhando para mim, lançando olhares preocupados e furtivos para o meu rosto, e alguns mais lascivos para mim, lançando olhares preocupados, enquanto seus olhos percorriam algumas partes da minha anatomia. Eu notei, mas ignorei.

Na quietude do carro, meus pensamentos ficavam voltando para a conversa com a Mallory. Eu estava esquecendo como eu era antes da minha vida na Casa Cadogan?

Eu conheço a *Mal* faz três anos. Claro, nós tivemos um ou dois desentendimentos ao longo desse tempo. Nós éramos colegas de quarto, depois de tudo. Mas nunca algo assim. Nunca uma discussão em que questionávamos as escolhas uma da outra, onde nós questionávamos nossos papéis na vida uma da outra. Isto era diferente. E eu temia o prenúncio de coisas infelizes. Da lenta dissolução de uma amizade já enfraquecida pela separação física, novos laços, desastres sobrenaturais.

— O que aconteceu?

Já que a pergunta do Ethan havia sido feita suavemente e, eu pensei, de forma sincera, eu a respondi. — Mallory e eu brigamos — sobre você, eu adicionei silenciosamente, e então falei em voz alta. — Basta dizer que ela não está tão feliz com a pessoa, a vampira, que eu estou me tornando.

— Eu entendo.

Ele pareceu tão desconfortável quanto você pode esperar de um garoto, mesmo sendo um garoto de quatrocentos anos. Eu pulei o aceno em concordância, pois eu não estava com humor para isso. Não para ir ao Oak Park, brincar de me arrumar, estar na mesma sala que o meu pai, fingir ser aquele tipo de garota.

— Eu preciso de um discurso motivacional — eu falei a ele. — A noite até agora tem sido horrível, e eu estou lutando contra a vontade de pegar um táxi de volta para



a Casa Cadogan e passar uma noite íntima com duas tortas salgadas. Eu poderia ouvir um daqueles discursos “Faça por Cadogan!” que você gosta tanto.

Ele riu, e o som me confortou de alguma forma. — Quer que eu fale que você está radiante?

O elogio foi provavelmente a melhor e pior coisa que ele poderia ter dito. Vindo dele, parecia ter mais peso, ser mais válido do que deveria ser. E isso me incomodou. Muito. Assustou-me. Muito. Deus, a *Mal* estava certa? Eu estava sabotando minha relação com o Morgan por este homem? Eu estava trocando amizades verdadeiras, relacionamentos verdadeiros, pela possibilidade de ter o Ethan?

Eu me senti caindo em espiral dentro de uma espécie de redemoinho de vampiros, o resto da minha vida normal se esvaindo. Só Deus sabe o quanto sobraria de mim.

— Que tal eu te lembrar — ele começou. — Que esta é a oportunidade para ser outra pessoa por algumas horas. Eu entendo, talvez melhor do que eu entendia antes, que você é diferente destas pessoas. Mas hoje a noite você pode deixar a verdadeira Merit em Hyde Park. Hoje a noite, você pode brincar de faz de conta. Você pode ser... a garota que eles não estão esperando.

A garota que eles não estavam esperando. Isso meio que soava bem.

— Não está nada mal — eu falei para ele. — E certamente é melhor que o último discurso que você deu. — Ele fez um olhar ofendido digno de um Mestre vampiro. — Como Mestre da Casa é seu dever me dar o benefício da dúvida — eu terminei por ele. — E me motivar quando você puder. — Olhei-o. — Me desafie, Ethan, se você precisar. Eu entendo um desafio, eu posso aprender com ele. Mas trabalhe a partir da hipótese que eu estou tentando, que eu estou fazendo o melhor que posso — eu olhei para fora da janela. — Isso é o que eu preciso ouvir.

Ele estava em silêncio por tanto tempo que eu pensei que havia irritado ele.

— Você é tão jovem — ele finalmente disse com aspereza em sua voz. — Ainda tão humana.

— Eu não estou certa se isso é um elogio ou um insulto.

— Francamente Merit nem eu sei.

Vinte minutos depois, nós paramos em um estacionamento circular na frente do prédio quadrado que era a casa dos meus pais em Oak Park.

A casa era uma órfã de estilo, completamente diferente do estilo homenagem a casa-de-campo-dos-Wright das casas ao redor. Mas meus pais tiveram influência suficiente na administração política de Chicago para ter seus projetos aprovados. Então aqui estava, uma caixa retangular de concreto pastoso cinza no meio de uma pitoresca Oak Park. Ethan parou a Mercedes em frente da porta e entregou as chaves para um dos empregados que aparentemente assombravam estes tipos de eventos.

— A arquitetura é..., interessante — ele disse.

— É horrível — eu respondi. — Mas a comida normalmente é muito boa. — Eu não me importei em bater na porta, e nem ganhei um convite para entrar na casa. Goste ou não, esta era minha casa também; eu imaginei que não precisaria de um convite.

Mas importante, eu não me importei com o meu primeiro retorno para casa logo após eu ter mudado. E aqui estava eu, a filha pródiga, fazendo seu retorno. Pennebaker, o mordomo, estava parado dentro do foyer de vidro e concreto, sua estatura rígida e magra se curvando ao passar de cada convidado. Seu nariz levantou-se indignadamente quando eu me aproximei dele.

— Peabody — eu disse saudando-o. Eu adorava provocá-lo.

— Pennebaker — ele me corrigiu com um grunhido. — Seu pai está em reunião no momento. A Sra. Merit e o Sr. Corkburger estão entretendo os convidados. — Ele deslizou seu olhar de ferro para o Ethan e arqueou uma sobrancelha.

— Este é Ethan Sullivan — eu apresentei. — Meu convidado. Ele é bem-vindo.

Pennebaker acenou submissamente, e então olhou novamente para os convidados atrás de nós. Aquele incômodo acabou, eu levei o Ethan e comecei a caminhada em direção ao longo espaço de concreto nos fundos do primeiro andar onde meus pais se entretinham. Ao longo do caminho, corredores vazios e angulares terminavam em uns becos sem saída. Persianas de fio de aço cobriam não as janelas, mas paredes de concreto puro. Uma escadaria levava para nada mais do que uma alcova que servia de mostruário para uma peça única de arte moderna que ficaria muito melhor na sala de um assassino em série maníaco. Meus pais chamavam o



projeto de “instigantes”, e alegavam que era um desafio para a arquitetura popular, as expectativas das pessoas do que viriam a ser “escadas” e “janelas”.

Eu chamava o projeto de “psicopata contemporâneo”. O espaço estava abarrotado com pessoas vestidas de preto-e-branco, um quinteto de jazz fornecia uma trilha sonora de um dos cantos da sala. Eu olhei em volta, procurando por alvos. Não havia nenhum Breckenridge à vista, e meu pai estava igualmente ausente. Não que isso fosse algo ruim. Mas eu achei algo tão interessante quanto perto do conjunto de janelas que ficavam no canto de um lado do recinto.

— Se prepare — eu o avisei com um sorriso, e o levei para a briga.

Eles estavam juntos de pé, minha mãe e minha irmã, olhos investigando a multidão perante elas, cabeças juntas enquanto elas fofocavam. E não havia dúvidas que elas fofocavam. Minha mãe era uma das rainhas da fofoca. Ela usava um longo vestido conservador de um dourado pálido, e um bolero que caía bem em sua estatura elegante. Minha irmã, que tinha um cabelo tão escuro quanto o meu, usava um vestido de coquetel azul claro sem mangas. Seu cabelo estava puxado para trás, um prendedor de cabelo brilhoso e fino mantinha cada fio de cabelo escuro no lugar. E em seus braços, mordendo no momento o seu pequeno e gordinho punho, estava uma das luzes da minha vida. Minha sobrinha, Olívia.

— Oi, mãe — eu disse. Minha mãe virou, franziu as sobrancelhas e tocou os dedos na minha bochecha.

— Você parece magra. Você está comendo?

— Mais do que eu comi em toda a minha vida. É glorioso — eu dei um meio abraço em Charlotte. — Sra. Corkburger.

— Se você acha que estar segurando minha filha vai me parar de te xingar — Charlotte disse. — Você está redondamente enganada.

Sem mover um cílio — e sem explicar porque ela planejava me xingar — ela passou a minha sobrinha de um ano e meio e o lenço para arrotar que estava no ombro dela.

— Mei, mei, mei.

Olívia alegremente cantava, suas mãos batiam palmas enquanto eu a pegava



nos braços. Eu tinha quase certeza que ela estava cantando o meu nome. Olívia, tendo perdido o gene de cabelos pretos dos Merit, era tão loira quanto seu pai, o Major Corkburger, com uma auréola de cachos ao redor daquele rosto angelical e com olhos azuis vivos. Ela estava usando seu melhor vestido de festa, um vestido azul claro sem mangas do mesmo modelo de Charlotte, com um laço largo de cetim azul em torno de sua cintura. O sobrenome do meu cunhado era realmente Major Corkburger. Mas pelo fato de ele ser um ex-jogador de futebol americano loiro e de olhos azuis, eu presumi que já tinham falado muita merda para ele todo dia no colegial por isso.

Entretanto, eu raramente falhava em lembrá-lo disso. — Por que você vai me xingar? — eu perguntei a Charlotte, assim que eu havia terminado de ajeitar a Olivia e colocar o pano profilaticamente no meu ombro.

— Primeiro as coisas mais importantes — ela disse olhos no Ethan. — Nós não fomos apresentados.

— Ah, Mãe, Charlotte, este é o Ethan.

— Sra. Merit — Ethan disse, beijando a mão da minha mãe. — Sra. Corkburger.

Ele fez a mesma coisa com a minha irmã, que mordiscou o canto dos seus lábios, e arqueou uma sobrancelha em óbvio prazer.

— É... encantador te conhecer — Charlotte entoou, e então cruzou os braços. — E como você está tratando a minha irmãzinha?

Ethan lançou um olhar em minha direção.

Não olhe para mim, eu disse a ele mentalmente, presumindo que ele pudesse me ouvir. Isto foi ideia sua. Você se meteu nisso, então você pode sair.

Eu não conseguia segurar o sorriso. Ethan revirou os olhos, mas parecia divertido.

— Merit é uma vampira muito original. Ela tem certa... — nós todas nos inclinamos um pouco, ansiosas para ouvir o veredicto. — ...qualidade de estrela. — Ele olhou para mim quando falou, uma pontada de orgulho nos seus olhos verde esmeralda. Eu estava chocada o suficiente, eu mal consegui balbuciar um obrigada, mas deve ter havido choque suficiente nos meus olhos que ele não poderia ter perdido isso. — Você tem uma casa encantadora, Sra. Merit. — Ethan mentiu para minha mãe.



Ela o agradeceu, e a conversa sobre os benefícios e desvantagens de viver em uma obra de arte arquitetônica começou. Eu calculei que deveria ter pelo menos dez ou quinze minutos para botar o papo em dia com a Charlotte.

Charlotte olhou para ele em aprovação, e então sorriu inteligentemente para mim. — Ele é uma delícia. Diga-me que você já o pegou.

— Eca. Eu não “o peguei”. E nem planejo fazer isso. Ele é problema embalado em um muito bonito pacote.

De cabeça inclinada, ela deu uma verificada completa no corpo do Ethan. — Muito bonito pacote de verdade. Estou achando que ele pode ser um problema que vale a pena, irmãzinha — ela olhou para mim novamente, e então franziu a sobrancelha. — O que está acontecendo entre você e o papai? Vocês estão brigando, e então você vira vampira, e então vocês ainda estão brigando, e agora, de repente, você está aqui. Numa festa. De vestido.

— É complicado — foi a minha admitidamente fraca resposta.

— Vocês dois precisam sentar juntos e resolver esta confusão.

— Eu estou aqui, não? — ela não precisava saber exatamente o quanto eu odiava estar aqui. — E no que diz respeito às brigas, ele ameaçou me deserdar duas vezes no último mês.

— Ele ameaça deserdar todo mundo. Você sabe como ele é. Você o conhece há vinte e oito anos.

— Ele não ameaçou o Robert — eu apontei, minha voz soando muito como a irmãzinha petulante.

— Bem, obviamente não o Robert — Charlotte concordou secamente, alcançando a barra da saia da Olivia para ajeitá-la. — O querido Robert nunca faz nada errado. E falando de drama familiar, eu recebi um telefonema para me contar que você era um vampiro? Não. Eu tive que descobrir através do papai. — Ela deu um peteleco na ponta da minha orelha com seu indicador e dedão. Eu acho que isso explicava o porquê dela querer me xingar.

— Hey! — eu disse, cobrindo minha orelha com a minha mão livre do bebê. —



Isso não era engraçado quando eu tinha doze anos, e não é engraçado agora.

— Aja de acordo com a sua idade, e eu agirei de acordo com a minha — ela disse.

— Eu estou agindo de acordo com a minha idade.

— Todas as evidências apontam o contrário — ela reclamou. — Só me faça um favor, está bem?

— O quê?

— Só tente, por mim? Para melhor ou pior, ele é o único pai que você tem. E só você é imortal Merit, pelo que eu saiba.

Eu sorri e relaxei um pouco. Charlotte e eu não éramos próximas, mas eu dava valor ao seu uso do sarcasmo. E, claro, nós dividíamos aquele gosto inebriante pela rivalidade entre irmãos com Robert.

— Sobre o negócio de imortalidade — ela disse. — Talvez agora seja a hora de você e o papai consertarem algumas pontes quebradas. — Meus olhos se alargaram para a seriedade repentina em sua voz. — Você estará aqui por mais tempo do que o resto de nós — ela disse. — Você estará viva até bem depois que nós tivermos morrido. Depois que eu tiver morrido. Você cuidará do crescimento das minhas crianças e dos meus netos. Você os olhará e cuidará deles. E isso é sua responsabilidade, Merit. Eu sei que você tem deveres para com a Casa, eu aprendi o bastante em dois meses para entender isso. Mas você também é um Merit, para bem ou mal. Você tem a habilidade, você é a única que tem, de deixá-los seguros.

Ela soltou um suspiro abatido, um suspiro materno, e depositou um sério olhar em sua filha, ajeitando novamente o seu vestido. Eu não tinha certeza se era nervosismo, tentando achar algo para fazer com as mãos, ou simplesmente o ato de tocar sua filha. — Há pessoas loucas nesse mundo — ela continuou. — Virar um vampiro certamente não evita os loucos. Eles dizem... qual é o nome dela? — Nem precisa perguntar de quem ela estava falando.

— Celina.

— Celina. Eles dizem que ela está presa. Mas como nós saberíamos disso?



Ela voltou seu olhar para mim, e eu vi uma preocupação de mãe, e a suspeita materna, em seus olhos. Ela podia imaginar que a Celina teria sido solta, mas ela não sabia. Meu pai, aparentemente, havia mantido sua palavra, e não havia revelado o que o Ethan havia contado para ele.

Eu poderia ter contado tudo para a Charlotte, contar tudo que me incomodava. Mas ao invés disso, eu mantive o fardo em minhas mãos.

— Já cuidaram disso — eu simplesmente disse. Não haviam claro, cuidado disso. Celina estava por aí em algum lugar. Ela sabia onde eu estava, e ela provavelmente não estava acima de perseguir minha família para mostrar o tamanho da irritação dela comigo. Eu presumo que isto era o que eu era para ela — uma irritação. Um projeto inacabado. Mas se eu podia fazer dois juramentos para um estranho — na frente de uma Casa cheia de estranhos — eu podia fazer um juramento silencioso para a Charlotte que eu cuidaria da Olivia e de seus irmãos e irmã mais velhos, e se eu ficasse viva o bastante, cuidaria dos filhos dos filhos dela. Eu poderia prometer em ficar Sentinela, que havia me dado um nome da mesma forma que eu faria pela família para qual eu havia cedido meu nome.

— Já cuidaram disso — eu repeti, garantindo, incutindo sinceridade na minha voz que eu levaria uma estaca antes, do que deixar alguma coisa acontecer com a Olivia. Ela olhou para mim por um longo e silencioso momento, e então acenou, nosso entendimento alcançado, o trato feito.

— P.S., este vestido é uma afronta.

Desconcertada tanto pela mudança brusca de assunto e com o comentário, eu troquei o peso da Olivia de um lado para outro e olhei para o meu vestido. Charlotte balançou a cabeça.

— Não o seu. O da Lucy Cabot — ela apontou para um grupo, para uma mulher com uma tenda organza drapeada com poás. — Horrível. Não, o seu é um amor. Eu vi na Semana de Moda, não me lembro de quem o desenhou. Badgley? Eu esqueci. Independentemente, seu estilista foi muito bem. — Ela lançou um olhar astuto de volta para o Ethan, que estava conversando com a minha mãe. — E seus acessórios são fabulosos.

— Ele não é meu acessório — eu a lembrei. — Ele é meu chefe.

— Ele é todo bom, isso é o que ele é. Ele poderia me assediar sexualmente



qualquer dia.

Eu olhei de relance para a mais nova Corkburger, que piscava seus grandes olhos azuis para mim enquanto ela mastigava o final do seu paninho para arrote.

— Cadê os protetores de ouvido?

— Vido — Olivia disse. Eu não estava certa se isso eram gases ou a tentativa de imitar o que eu estava falando. Eu aposto no segundo. Olivia me adorava.

— Querida — Charlotte disse. — É o século vinte e um. Vampiros são chiques, os Cubs³⁵ têm um uniforme, e é perfeitamente aceitável para uma mulher achar um homem atraente. Estas são todas as coisas das quais minha filha precisa saber.

— Especialmente a parte dos Cubs — eu disse, acenando o pedaço de pano para a Olivia e suas alegres comemorações. Ela bateu palmas com a timidez e a alegria de uma criança. — Se você pudesse viver entre a Rua Wright e a Addison³⁶ você viveria.

Charlotte concordou. — Isso é verdade. Eu amo os meus Cubs.

— E tantas vezes para nada — ela sorriu afetadamente, e então bateu palmas e estendeu os braços para Olivia, que pulou dos meus braços e se inclinou para sua mãe, estendendo suas próprias mãos.

— Foi encantador colocar a conversa em dia irmã, mas eu preciso levar esta daqui para casa e para cama. O Major está em casa com o resto da tropa. Eu só queria uma chance de te dizer oi e deixar você ver sua sobrinha favorita.

— Eu amo todos os seus filhos igualmente — eu protestei, devolvendo o pequeno pedaço quente de bebê. Charlotte riu e equilibrou a Olivia em seu quadril.

— Eu vou ser uma boa mãe e fingir que isso é verdade, mesmo se isso for verdade ou não. Enquanto você amar mais os meus filhos do que os do Robert, nós estamos bem. — Ela se inclinou e deu um beijo na minha bochecha. — Boa noite, irmãzinha. E a propósito, se você tiver uma chance com o loirinho, aproveite. Por favor. Por mim.

³⁵ Time de beisebol.

³⁶ Ruas onde se localiza o estádio do time dos Cubs.



O olhar lascivo que ela lançou na direção do Ethan quando ela se virou para trás deixou poucas dúvidas sobre que "chance" ela queria que eu aproveitasse.

— Boa noite, Char. De meus cumprimentos ao Major. Boa noite, Livie.

— MEI! — ela chorou, pulando no quadril de sua mãe. Mas a noite aparentemente havia exigido muito dela, e seu cabelo loiro caiu no ombro da Charlotte, suas pálpebras se fechando devagar. Ela lutou contra isso, isso era certo, ela estava tentando manter seus olhos abertos e seu olhar nos vestidos e nos freqüentadores da festa ao redor dela. Mas quando ela enfiou o dedão na boca, eu sabia que ela estava acabada. Suas pálpebras fecharam e ficaram desse jeito.

Charlotte se despediu do Ethan, tentando não colocar suas unhas feitas em volta da bunda dele, e minha mãe pediu licença para ver o resto dos convidados.

— Você está usando uma expressão muito séria — Ethan disse, alcançando o meu lado novamente.

— Eu fui lembrada de que eu devo certas obrigações para com a minha família. Que há serviços que eu posso oferecer.

— Por causa da sua imortalidade? — eu acenei. — Isso impõe certo senso de obrigação para a família e amigos de alguém — ele concordou. — Só tome cuidado para não fazer por culpa. Que você recebeu um presente, mesmo que os outros não possam compartilhá-lo, não diminui o seu valor. Viva sua vida, Merit, e os muitos anos dela, e seja grata.

— Essa atitude funcionou para você?

— Alguns dias mais do que outros — ele admitiu, e então olhou para mim. — Eu presumo que você precisará se alimentar logo?

— Eu sou uma menina, não um bicho de estimação. Mas, na verdade, sim. Eu sempre estou com fome — apertei uma mão em cima do estômago na seda preta fina.
— Você está sempre com fome? Eu estou sempre com fome.

— Você tomou café da manhã?

— Eu comi um pedaço de barra de granola antes do treinamento.



Ethan revirou os olhos. — Isso pode explicar alguma coisa — ele disse. Chamou uma garçonete em nossa direção. A jovem, que não poderia ter mais do que dezoito anos, estava vestida, como todos os garçons, da cabeça aos pés de preto. Ela era pálida,

— O que nós temos aqui? — eu perguntei os olhos investigando a bandeja. — Eu espero que tenha algo com bacon. Ou prosciutto³⁷. Eu gostaria de qualquer coisa curada ou defumada.

— Você é o Ethan, certo? — eu levantei o meu olhar do que parecia ser aspargo embalado com prosciutto (ponto!) e encontrei a garçonete — seus brilhantes olhos azuis tão grandes quanto discos — olhando sonhadoramente para o Ethan.

— Eu sou sim — ele respondeu.

— Isto é..., isto é..., ótimo — ela disse, suas bochechas manchadas de carmesim. — Você é..., você é tipo um Mestre vampiro, certo? O chefe da Casa Cadogan?

— Hum, sim. Eu sou.

— Isso é... uau.

Nós ficamos parados lá por um momento, a garçonete, de lábios partidos, piscava com olhos mortos para o Ethan, e o Ethan, para o meu divertimento, mudava de pés desconfortavelmente.

— Que tal se nós pegarmos isso aqui — ele finalmente disse, puxando a bandeja com cuidado das mãos esticadas dela. — E obrigado por trazê-lo.

— Oh, não, obrigada a você — ela disse, com um sorriso largo enfeitado. — Você é..., isso é..., ótimo. — Ela disse novamente, e então se virou para passar pela multidão.

— Eu acho que você tem uma fã — eu disse a ele, tentando não rir. Ele me deu um olhar sarcástico, oferecendo a bandeja.

— Jantar?

³⁷ Prosciutto é o nome italiano que designa um tipo de presunto curado a seco, envelhecido e temperado, costumeiramente fatiado e servido sem cozimento.



— Sério. Você tem uma f . Que bizarro. E, sim, obrigada.

Eu olhei para as opções, com as mãos erguidas em cima da bandeja, e escolhi um cubo de bife espetado com um palito de dente acompanhado de um molho verde. Como uma vampira, eu não ligava para a analogia da carne espetada, mas eu não rejeitaria um corte de primeira.

— Eu não estou certo de que o seu choque com eu ter uma f  seja um insulto ou não.

— Assim como todo o resto sobre mim, é um charme.

Eu joguei a carne na boca. Era deliciosa, então eu investiguei a bandeja, preparada para uma segunda escolha, e apanhei um pastelzinho com recheio de espinafre. Também era delicioso. Diga o que quiser sobre o meu pai — e eu quero dizer literalmente: seja meu convidado — mas o homem tinha bom gosto em fornecedores de comida. Você não encontraria marisco batido numa festa de Joshua Merit.

— Você gostaria de ter alguns minutos a s s com a bandeja? — eu olhei para o Ethan, meus dedos parados em cima de outro cubo de carne, e sorri.

— Você poderia? Nós realmente gostaríamos de um tempo a s s agora.

— Eu acho que isso quer dizer que você está satisfeita — ele disse, virando-se e colocando a bandeja em uma mesa de canto próxima.

— Você acabou de me cortar?

— Venha comigo.

Eu arqueei uma sobrancelha para ele. — Você não pode me dar ordens na minha própria casa Ethan — o olhar do Ethan caiu para a medalha no meu pescoço.

— Aqui dificilmente   sua casa mais, Sentinela.

Eu fiz um som em discordância, mas ele virou e se afastou, e eu o segui. Ele atravessou pela sala como se ele fosse o dono do lugar, como se não houvesse nada de estranho sobre ter um Mestre vampiro perambulando por um grupo de mandachuvas da Cidade dos Ventos. Talvez, nesta época, não houvesse. Com aquelas maçãs do



rosto, aquele smoking lustroso e aquele ar inconfundível de poder e direito, ele parecia pertencer. Nós encontramos um espaço na multidão, e o Ethan parou, virou e estendeu uma mão.

Eu a encarei sem saber o que fazer, e então levantei meu olhar ao dele.

— Ah, não. Isso não é parte da minha missão.

— Você é uma dançarina de balé.

— Eu *era* uma dançarina de balé — eu o lembrei. Olhei em volta e vi a multidão de olhares em nós, e então me inclinei na direção dele. — Eu não vou dançar com você — sussurrei, mas com vontade. — Dançar não é parte da minha descrição de trabalho.

— É só uma dança Sentinela. E isso não é um pedido, é uma ordem. Se eles nos virem dançando, talvez eles se ajustem a nossa presença mais rápido. Talvez isso os tranquilizará.

A desculpa era besta, mas eu podia ouvir os murmúrios das pessoas em nossa volta, que estavam imaginando porque eu estava parada lá, porque eu não tinha aceitado a mão dele. Eu tive a sensação mais estranha de déjà vu. Por outro lado, eu estava em casa, o que significava que o encontro com o meu pai era iminente. Meu estômago começou a dar um nó. Eu precisava de alguma coisa para me distrair, e dançar com um ridiculamente lindo, mesmo se irritante Mestre vampiro seria o remédio ideal.

— Você me deve uma — eu murmurei, mas peguei a sua mão, bem na hora o quinteto começou a tocar ‘I Could Have Danced All Night’³⁸.

Eu lancei um olhar para os membros do quinteto, que sorriram como se eles estivessem fazendo sua primeira piada vampírica. E talvez eles tivessem feito. — Obrigada — eu balbuciei para eles, e eles acenaram de volta em uníssono.

— Seu pai contratou comediantes — Ethan comentou, enquanto ele me conduzia para um espaço no meio da pista vazia. Ele parou e virou, e eu coloquei minha mão livre em seu ombro. Sua mão livre, aquela que não estava segurando a minha, foi para a minha cintura. Ele colocou pressão lá, me trazendo para mais perto — não tanto, mas quase, contra a linha de seu corpo. Seu corpo em volta do meu, era difícil de evitar o perfume da colônia dele — limpa, fresca, o cheiro cada vez mais

³⁸ Eu poderia dançar toda a noite - Música de Frank Sinatra.



delicioso. Eu engoli. Talvez isso não fosse uma ideia tão boa. — Eu entendi a piada, Merit — ele quietamente falou, os olhos esmeraldas brilhando para mim enquanto começávamos a deslizar. — Eu não achei engraçado.

— Sim, bem, seu senso de humor deixa algo a desejar.

Ethan me rodopiou para longe, e então me puxou novamente. Metido ou não, eu tinha que dar o braço a torcer — o menino sabia se mexer.

— Meu senso de humor é perfeitamente bem desenvolvido — ele me informou quando nossos corpos se alinharam novamente. — Eu somente tenho padrões elevados.

— E mesmo assim você digna-se a dançar comigo.

— Eu estou dançando em uma propriedade familiar com a filha do dono, que por acaso é uma poderosa vampira — Ethan olhou para mim, de testa franzida. — Sempre poderia ser pior.

— Sempre poderia ser pior — eu concordei. — Mas um vampiro poderia fazer pior?

— Se eu encontrar um, eu pergunto para ele.

A resposta foi brega o suficiente para eu rir alto, plena e sinceramente, e tive o estranho aperto no coração de prazer ao vê-lo sorrir de volta, vendo seus olhos verdes brilharem com o prazer daquilo. Não, eu falei para mim mesma, até a dança, até o sorriso dele para mim, até a mão dele na minha cintura, o calor dela, parecia natural.

Eu desviei o olhar, vi que as pessoas a nossa volta estavam nos assistindo dançar com uma curiosidade óbvia. Mas havia algo mais em suas expressões — um tipo de doçura, como se eles estivessem vendo a primeira valsa de um casal em seu casamento. Eu imaginei como isso deveria parecer. Ethan, loiro e lindo em seu smoking, eu em meu vestido longo preto de seda, dois vampiros — uma que era a filha do anfitrião, uma garota que desapareceu da sociedade somente para ressurgir com um homem lindo em seu braço — juntos, sorrindo enquanto dividiam uma dança, a primeira dança.

Meu sorriso desmoronou. O que parecia uma novidade — dançar com um vampiro na casa do meu pai — começou a parecer uma produção teatral ridícula. Ele



deve ter visto a mudança em minha atitude; quando eu olhei novamente para ele, o sorriso dele havia derretido.

— Nós não deveríamos estar fazendo isso.

— Por que — ele perguntou. — Nós não deveríamos estar dançando?

— Não é real.

— Poderia ser.

Eu olhei de supetão para encontrar o olhar dele. Havia desejo em seu olhar, e enquanto eu não era ingênua para negar que havia química entre nós, a nossa relação era complicada o suficiente sendo Sentinela e Mestre. Namorar não faria as coisas serem mais fácil.

— Você pensa demais — Ethan disse quietamente, concordância em sua voz. Eu olhei para os casais finalmente se juntando a nós na pista de dança.

— Você me treina para pensar, Ethan. Para sempre pensar, fazer estratégias, planejar. Para avaliar as consequências das minhas ações — eu balancei a minha cabeça. — Para o que você está sugerindo, não. Haveria consequências demais.

Silêncio.

— Touché — ele finalmente sussurrou. Eu acenei quase imperceptivelmente, e ganhei a discussão.



Capítulo 16

Uma oferta que não podem recusar.

Nós comemos, dançamos e tomamos champagne por quase uma hora e ainda não víamos um sinal nem do meu pai nem dos Breckenridges. Era difícil fingir ser detetive sem evidências. Quando eu peguei o levantar interessado das sobrancelhas de Ethan, eu automaticamente olhei na direção do seu olhar, esperando ver Joshua Merit perto. Mas ao invés do meu pai, no meio de um círculo de homens rindo, estava o prefeito. Aos trinta e seis, Seth Tate estava no começo do seu segundo mandato. Ele se autodenominava reformista, mas não tinha sido capaz de produzir o renascimento econômico que ele havia prometido quando fez campanha contra a máquina política de Potter que dominou Chicago antes de sua eleição.

Ele também deu a posição ao meu avô de Ombud, logo abrindo oficialmente a administração e a ala de segurança da cidade para os sobrenaturais de Chicago. Tate era alto e surpreendentemente em forma para um homem que avaliava política o dia todo. Ele também era ridiculamente lindo. Ele tinha um rosto de um anjo rebelde – cabelo negro, olhos azul cristal, eu olhei de volta para o Ethan, seu olhar no Tate e vi um estranho olhar de cobiça em seu rosto. Foi aí então que tudo se encaixou. Eu sabia que o Ethan queria acesso ao meu pai e aqueles da sua laia. Nossa tentativa de manter as Raves fora da imprensa foi uma maneira conveniente de construir aquela conexão. Mas Raves e matérias de jornal à parte, Ethan queria acesso ao Tate.

Acesso o qual Tate, até agora, não estava com vontade de fornecer.

— Você deveria dizer olá para o nosso jovem prefeito — Ethan disse.

— Eu já disse olá — eu disse. — Eu conheci Tate duas vezes antes. Isto já foi o bastante.



— Sim — Ethan disse. — Eu sei disso.

Devagar, eu lancei um olhar a ele, minhas sobrancelhas levantadas.

— Você sabe disso? — Ethan bebericou seu champagne.

— Você sabe que o Luc faz levantamentos sobre seus guardas, Merit, e que ele fez um levantamento sobre você. Eu revisei aquele levantamento e eu também leio o jornal Tribune tão bem quanto qualquer um.

Eu deveria ter sabido. Eu deveria ter sabido que ele teria lido o artigo e eu deveria ter sabido que o Luc o teria dado para o Ethan. Eu havia voltado para casa para um feriado prolongado durante meu terceiro ano na Universidade de NY. Meus pais haviam conseguido ingressos para o Balé Joffrey, e o repórter do Tribune tirou uma foto minha e do Tate dando um aperto de mãos. Este não é o tipo de coisa que seria normalmente digna de foto, exceto pelo fato de que espelhava quase perfeitamente uma foto do Tribune de nós, seis anos antes. Na primeira vez, eu tinha quatorze anos com um pequeno papel numa grande produção de balé. Tate era um jovem vereador naquela época, no segundo ano da faculdade de direito. Provavelmente para abrir uma relação com meu pai, ele me entregou flores depois da performance.

Eu ainda estava fantasiada – collant, tutu, sapatilhas e leggings – e o fotógrafo o pegou no meio da entrega do buquê de rosas brancas. O repórter do Tribune que nos pegou na performance do Joffrey aparentemente gostou do simbolismo, e as duas fotos acabaram lado a lado, na página de notícias local. Eu acredito que eu não poderia responsabilizar Ethan por pensar pra frente, por aproveitar cada gota de oportunidade, mas machucou representar o peão de novo.

— Humanos não são os únicos animais políticos — eu murmurei. De sobrancelhas levantadas, Ethan olhou para mim.

— Esta é uma análise das minhas táticas Sentinela?

Balançando a cabeça, eu olhei de volta para o grupo e surpreendentemente encontrei olhos avaliativos em mim. Eu sorri astutamente.

— Por que não Sullivan. Se você tem a arma perfeita, você tem mesmo que usá-la.

— Perdão?



— Vamos ver quão bem eu posso atuar, não?”

Antes de ele poder perguntar o que eu queria dizer, eu coloquei o meu sorriso familiar Merit mais brilhante, endireitei as costas, e caminhei até a panelinha do prefeito. Seu olhar me seguindo enquanto eu me movia, Tate acenou distraidamente para aqueles em volta dele, e então dirigiu seu caminho entre o povo em minha direção, dois homens rígidos em ternos atrás dele. Essa comitiva não excitava, mas eu apreciava sua determinação. Tate não parou até chegar a mim, olhos azuis brilhando, covinhas salientes nos cantos de sua boca. Político arrogante ou não, ele era inegavelmente atraente. Nós nos encontramos no meio da sala, e eu achei, dado o seu rápido olhar atrás de mim, que Ethan havia me seguido.

— Bailarina — ele sussurrou, segurando as mãos que eu havia levantado para ele.

— Sr. Prefeito.

Tate apertou minhas mãos. Quando ele se inclinou para frente, apertando seus lábios na minha bochecha, um cacho do seu leve cabelo escuro – usado um pouco longo do que geralmente apropriado pelos votantes mais conservadores de Chicago – encostou na minha bochecha.

Tate cheirava como limão e luz do sol e açúcar, uma combinação etérea estranha para um administrar da cidade, mas não menos delicioso.

— Faz muito tempo — ele sussurrou, e um arrepio passou pelas minhas costas.

Quando ele se afastou, eu olhei para trás de mim, e vi fogo o bastante nos olhos de esmeralda de Ethan para me sentir vingada e indiquei-o com uma mão negligente.

— Ethan Sullivan, meu... Mestre.

Tate ainda estava sorrindo, mas o sorriso não chegava aos seus olhos. Ele estava excitado de me ver, por razões lascivas ou outras que fossem. Ele estava claramente menos excitado de conhecer Ethan. Talvez ele estivesse evitando encontros com os Mestres da Cidade. E aqui eu estava forçando isso. Por outro lado, não tinha como meu pai não ter mencionado que nós tínhamos planejado vir à festa – essa era uma informação que ele não teria conseguido manter para si.



Eu decidi que isso era aviso bastante para o Tate. Ethan deu um passo para frente, do meu lado, e Tate ergueu uma mão dura para ele.

— Ethan, contente de ter finalmente te conhecido.

Mentiroso, pensei, mas assisti a interação com fascinação. Eles deram as mãos.

— É uma honra finalmente conhecer você, Sr. Prefeito.

Tate deu um passo para trás, me dando uma óbvia conferida, o sorriso em seu rosto abrandando um olhar que de outro jeito seria completamente degradante. (E, deste jeito, parecia somente quarenta a cinquenta por cento degradante. Bad boy ou não, ele era terrivelmente bonito.)

— Eu não a vejo há anos — Tate disse. — Não desde a última foto do Tribune — ele sorriu charmosamente.

— Eu acredito que você está certo — ele acenou.

— Eu ouvi que você mudou de volta para Chicago para trabalhar no seu Doutorado. Seu pai estava tão orgulhoso das suas realizações acadêmicas.

Isto era novidade para mim.

— Eu senti muito ter ouvido que você..., parou seus estudos acadêmicos.

Tate lançou um olhar na direção do Ethan. Desde que eu tinha parado meus estudos somente porque Ethan havia me transformado em vampira, o tiro no Ethan foi completamente descarado e francamente um pouco surpreendente. Tate percebia alguma animosidade entre nós? Ou ele estava tentando criar para criar uma fissura? Enquanto eu admitidamente gostava de incomodar Ethan, eu ainda estava do seu lado, e eu não era ingênua suficiente para achar que cuspir no prato que eu comia era uma boa ideia, mesmo que fosse para deixar o Prefeito feliz.

— Eu acredito que a imortalidade compensa a falta de diploma — eu disse ao Tate.

— Bem — ele disse, não escondendo sua surpresa. — Eu vejo. Aparentemente, nem o Prefeito sabe de tudo.



Eu gostei que ele sentiu o baque, e que ele reconheceu que a sua informação sobre a suposta animosidade entre eu e Ethan, de quaisquer que fossem as fontes, não estavam inteiramente corretas. Nem, para ser honesta, estava totalmente incorreta.

— Eu queria te agradecer — eu disse a ele, mudando de assunto. — Pela confiança que você depositou no meu avô. — Eu olhei em volta, pensando que seria melhor limitar o que eu dizia sobre a posição do meu avô em companhias diferentes — e na casa do meu pai. Como em “sem entrar em detalhes, dado que isso não é hora nem lugar para este tipo de discussão,” eu introduzi e Tate acenou em entendimento. — Ele está feliz que está se mantendo ocupado, ajudando, e eu estou feliz que eu tenho alguém do meu lado. Todos nós estamos.

Tate concordou como você esperaria de um político em campanha — seriedade e gravidade em sua expressão.

— Nós estamos na mesma página aqui. Você, todos vocês, merecem uma voz em Chicago.

Um dos homens do Tate se inclinou na direção dele. O Prefeito ouviu por um momento, e então acenou.

— Eu sinto deixá-los — ele me disse, seus lábios curvados num sorriso melancólico. — Mas eu preciso ir a uma reunião. — Ele esticou uma mão para o Ethan. — Estou feliz que finalmente conseguimos nos conectar. Nós devemos separar um horário para conversarmos.

— Isto seria bom, Sr. Prefeito — Ethan concordou acenando.

Tate olhou para mim novamente, abriu sua boca para falar, mas pareceu pensar melhor. Ele colocou suas mãos na parte de cima do meu braço, se inclinou para mim, e apertou seus lábios contra minha bochecha. E então ele trocou, seus lábios na minha orelha.

— Quando você conseguir escapar, entre em contato. Ligue para meu escritório, eles te passarão para mim, dia ou noite.

A parte do “dia” era supérflua, dado meu pequeno problema com luz solar. O resto — o fato de ele ter requerido uma reunião comigo, não Ethan, e o acesso que ele acabou de garantir — era surpreendente, mas eu concordei quando ele foi pra trás.



— Boa noite — ele disse, com uma meia reverência para nós dois. Um dos seus seguranças deu um passo a frente dele e começou a abrir caminho pela multidão. Tate seguiu pelo espaço que o segurança havia acabado de fazer, um segundo segurança atrás dele.

— Ele quer que eu ligue pra ele — eu balbuciei, quando a multidão se formou novamente em volta de nós. — Ele me disse para entrar em contato a qualquer hora. Que o seu escritório ia me passar para ele — eu olhei para o Ethan. — Sobre o que poderia ser?

Ethan franziu as sobrancelhas para mim. — Eu não tenho ideia — ele continuou me encarando, uma sobrancelha para cima com óbvia desaprovação.

— Por que a cara comprida?

— Há alguém que não esteja a fim de você?

Eu sorri para ele. — Se falta alguém, é porque você não me apresentou para eles ainda. Mata Hari³⁹ a sua disposição. Você gostaria de adicionar ele a lista?

— Eu não gosto do seu sarcasmo.

— Eu não gosto de ser entregue como um brinde de festa — um músculo na sua mandíbula endureceu.

— O que você gostaria que eu dissesse a respeito disso?

Eu abri minha boca para dar uma resposta astuta tanto quanto foi minha pergunta, mas uma bandeja de prata no meu cotovelo me interrompeu.

Na bandeja estava apenas um pequeno cartão branco. JOSHUA MERIT estava impresso num bloco de letras limpas. Meu coração pulou um batimento desconfortável, aqueles pedacinhos de cartolina provocavam o mesmo senso de antecipação aterrorizante que eles provocavam quando eu era criança. Meu pai queria paz e quietude e perfeição, e naquelas ocasiões que ele procurava um encontro comigo por falhar em alguma dessas categorias, este era o jeito que ele fazia. Eu alcancei e peguei o cartão e então olhei para o Pennebaker, que o entregou.

³⁹ Mata Hari, nome artístico de Margaretha Geertruida Zelle foi uma dançarina exótica dos Países Baixos. Também foi uma cortesã que teve casos amorosos com vários militares e políticos.



— Seu pai irá vê-la no escritório — ele disse com uma virada de cabeça e então desapareceu na multidão.

Nós ficamos em silêncio por um momento, meu olhar no cartão na minha mão.

— Você está pronta — Ethan disse, e eu entendi que aquela afirmação era mesmo para ser uma afirmação.

— Pronta o suficiente — eu disse. Eu alisei a seda na minha cintura e o levei.

Meu pai levantou de um sofá preto-e-cromo Mies van der Rohe quando nós entramos pela porta gigante e barulhenta de madeira. Onde o escritório do Papai Breck era acolhedor e masculino, o do meu pai era frio. Combinava perfeitamente com a decoração ultramoderna da casa.

— Merit, Ethan — meu pai disse, acenando para nós com a mão.

Eu escutei a porta fechar atrás de nós e presumi que Pennebaker a tenha fechado. — Merit — eu ouvi na minha cabeça, o que eu vi que Ethan tinha percebido e estava tentando me alertar sobre — que o Nicholas e o Papai Breck estavam no escritório do meu pai. Nick estava de jeans, uma camiseta, e uma jaqueta esportiva de veludo cotelê marrom. Papai Breck, um homem grande com peitos em formato de barril, estava de smoking.

Eles estavam juntos, corpos próximos e alinhados, olhos desconfiados em nós enquanto entrávamos. Eu olhei para o Nick, tentei desvendar seu humor, o que não levou muito tempo devido a raiva em seus olhos, e a dureza do seu maxilar. E quando ele olhou de mim para Ethan, absorveu o vestido e o smoking, desapontamento se juntou à suas outras expressões. As outras eram confusas, mas o desapontamento doía. Papai Breck acenou para mim. Aquele aceno aparentemente era o único cumprimento que ele podia desprender para a filha (vampira) do seu melhor amigo, para a antiga namorada do seu filho. Eu não via o Michael Breckenridge pai em anos, mas eu esperava mais do que um aceno. Talvez palavras, alguma indicação da proximidade entre as nossas famílias, a relação que existia entre eu e Nick. Eu praticamente fui um membro daquela família, por todas as férias de verão que eu passei na casa deles, correndo pelos corredores, pela grama, pelo caminho de terra para o labirinto.

Por outro lado, eu deveria me considerar agradecida desde que ele não poupou



nenhum aceno para o Ethan.

— Os Breckenridges receberam informação — meu pai disse. — Sobre uma ameaça de violência contra o filho deles.

A surpresa era evidente pela expressão do Ethan. — Uma ameaça de violência?

— Não se faça de inocente — Nick murmurou. — Não faça de conta que você não sabe do que nós estamos falando.

O maxilar do Ethan se apertou e ele deslizou as mãos para os bolsos.

— Eu sinto lhe dizer Nicholas, mas nós não temos ideia do que você está falando. Nós não ameaçamos com violência. Nós certamente não emitimos uma ameaça de violência contra você.

— Não eu — Nicholas disse. — Jamie.

O quarto ficou silencioso, pelo menos até eu falar. — Alguém ameaçou o Jamie? Qual era a ameaça? — eu perguntei. — E por que você acha que a ameaça veio de nós?

O olhar do Nick vagorosamente mudou para mim, teimosia na trava de sua mandíbula.

— Me conte Nick — eu implorei para ele. — Eu posso garantir a você que nós não ameaçamos o Jamie. Mas mesmo que nós tivéssemos, você não perderia nada em nos dizer o que você ouviu. Se nós fizemos a ameaça, então nós já sabemos o que é, ou nós fomos incriminados, e nós precisamos descobrir o que diabos está acontecendo.

Nick olhou para seu pai, que concordou e então voltou para nós.

— Antes de conversarmos no jardim na casa dos meus pais, nós recebemos uma ligação na casa. Um número privado. Ela disse que os vampiros estavam interessados no Jamie — ela, o Nick disse. A pessoa que ligou era mulher. Era Celina? Amber? Alguma outra vampira que tinha algo contra os Brecks, ou que estava se coçando para arrumar confusão para a Casa Cadogan?

— Hoje — Nick continuou. — Eu recebi um e-mail. Havia detalhes específicos



sobre como exatamente eles planejavam machucar o meu irmão.

Ethan franziu as sobrancelhas, claramente confuso. — E por que supostamente planejamos machucar o Jamie?

— A mensagem não dizia — Nick respondeu, mas as palavras foram ditas muito rapidamente para parecer verdade. Talvez ele soubesse sobre a história do Jamie, talvez houvesse outra razão que ele pensava que o Jamie poderia ser um alvo. E isso não era o único problema com a sua prova.

— Como você sabe que o e-mail veio de um vampiro Cadogan? — eu perguntei.
— Como você sabe que não era somente um trote?

— Me dê um pouco de crédito, Merit. Eles me deram informações para me certificar.

Ethan e eu trocamos um olhar.

— Que informação? — ele perguntou, cuidado em seu tom. Nick desviou o olhar, molhou seus lábios, e então olhou para mim novamente. Havia uma frieza em seus olhos.

— Havia detalhes sobre você — ele disse. E então virou aquele olhar frígido para o Ethan. — E você. Juntos. — Minhas bochechas se tornaram vermelho carmesim.

Ethan, aparentemente bem menos preocupado, fez um som leve e sarcástico.

— Pode ter certeza Nicholas, que nós não temos nenhum plano de machucar teu irmão. E eu posso com certeza te garantir que você não está falando com um vampiro Cadogan. Não há nenhum “juntos” no que se refere à Merit e eu.

Não que ele tenha considerado, eu pensei, lembrando da nossa dança.

— Oh? — Nick perguntou, como se simulando surpresa. — Então vocês não tiveram um momento juntos na biblioteca na sexta-feira à noite? — ele virou seu olhar para mim. — Me foi dito que você repassou a história do nosso encontro no jardim. Que você informou o seu Mestre que eu estava indo atrás de você.

Dessa vez, minhas bochechas empalideceram. Enquanto sua implicação estava



errada – nosso momento na biblioteca foi totalmente platônico – a parte da fofoca era verdadeira o bastante.

Alguém estava fofocando e mais importante, alguém estava traindo o Ethan. De novo. Eu não queria, mas eu me fiz virar e checar a expressão do Ethan. Ele estava congelado do meu lado, maxilar apertado, fúria absoluta em seu rosto.

— Nós não fizemos — ele explodiu. — Ou faremos uma ameaça de violência contra o Jamie ou qualquer outro membro de sua família. Não é esse o jeito que a minha Casa opera. Se tal mensagem foi mandada a você de um vampiro Cadogan, e certamente não com a minha aprovação. Se alguém na minha Casa te informou do contrário, eles estão... severamente... enganados.

Apesar da gravidade no tom de Ethan, o dar de ombros como resposta do Nick foi descuidado.

— Me desculpe Sullivan. Mas isso não é bom o bastante.

As sobrancelhas do Ethan levantaram. — Não é bom o bastante?

— Nós só estamos pedindo para você não tirar conclusões precipitadas — eu falei para o Nicholas. — Só isso.

— Não tirar conclusões precipitadas? — Nick deu alguns passos fechando a distância entre nós. Eu tive que me endurecer para não dar um passo pra trás.

— O quão inocente é você, Merit? Ou isso é algum tipo de fase de negação vampírica falando?

— Nicholas — papai Breck disse, mas ninguém balançou a cabeça.

— Não — ele cuspiu. — Eu te disse que se você tentasse machucá-lo eu iria atrás de você com tudo o que eu tinha. Eu não ficarei parado enquanto os vampiros destroem minha família Merit.

— Nick, filho — Papai Breck repetiu, mas Nicholas ficou onde estava, a centímetros de mim, me encarando com seus olhos azuis elétricos furiosos.

— Nós não emitimos uma ameaça contra o Jamie, Nick.



— Não minta para mim, Merit — Nick se inclinou mais para perto e sussurrou em uma voz que eu presumi que era unicamente para mim. — Eles podem te dar um vestido, e eles podem te dar uma espada, mas eu sei quem você é.

Ah, mais eu ia gostar de tirar aquele sorriso presunçoso da cara dele. Eu abaixei minha cabeça, fechei os olhos e deixei a raiva tomar conta o suficiente – só o suficiente – para pratear meus olhos.

Eu tive que apertar meus punhos para segurar o restante – para não permitir que minhas presas descessem, para manter o vampiro dormindo – e a luta para isso me manteve quieta por um instante. Eu fiquei em silêncio o suficiente para ouvir pessoas se mexendo, o resto do escritório ficando cada vez mais nervoso quanto mais eu ficava com minha cabeça abaixada. Eu abri meus olhos novamente e devagar levantei minha cabeça, olhando para o Nick através de cílios meio fechados. Previsivelmente seu sorriso sumiu, seus próprios olhos se alargando em resposta à prata dos meus. Ele engoliu, como se fosse um lembrete que eu não era somente a garota que ele conhecia desde o colegial, e eu não seria incomodada para saciar a raiva que fluía por quaisquer preconceitos que escureciam sua alma.

— Nicholas — eu comecei, minha voz suave, baixa e luxuriante. — Eu sou a Sentinela de uma Casa de trezentos e vinte vampiros. Eu não atacarei primeiro, mas ele me permite carregar uma arma porque eu sei como usá-la. Porque eu irei usá-la. Eu sei minha posição, minha obrigação, e eu farei o necessário para protegê-los. Porque nós fomos amigos uma vez, eu te avisarei uma vez. Se afaste.

Nick estava alinhado pé a pé comigo, seu corpo duro como estátua, até que o Papai Breck colocou uma mão em seu braço e sussurrou algo em seu ouvido. Quando o Nick se virou, caminhou a passos largos para o bar que meu pai mantinha numa mesa de concreto no canto da sala, eu poderia jurar que senti algo nele despertar. Algo borbulhante, mas eu fui distraída pela voz repentina de Ethan na minha cabeça.

— Há um traidor na minha Casa — ele disse silenciosamente.

De novo. Meu coração doeu por ele, pela traição que ele sentiu pela segunda vez em apenas alguns meses, mesmo que estivesse encoberta por uma grossa e justificada fúria.

— Eu sei — eu respondi de volta, e então prometi. — Eu o acharei.

Finalmente Nick se afastou do pai, com uma decisão aparentemente tomada.



— Meu pai decidiu te dar o benefício da dúvida, mas não cumpra o prometido e eu os entregarei para o Jornal Tribune, o Sun-Times e cada estação de televisão na área. Eu também posso contar outras coisas que eu sei. E eles ficarão loucos de raiva — ele disse, colocando ênfase na palavra para que nós não confundíssemos o seu significado. — O seu status de celebridade — Nick continuou, aparentemente não tendo terminado com sua tirada. — É no mínimo delicado. Há muitas pessoas que acham que as investigações do congresso foram uma piada, que acham que vocês constituem uma ameaça legítima aos humanos. Há pessoas o suficiente aí fora que acham que nós ficaríamos melhores se o problema com os vampiros acabasse. — Nick estalou os dedos ameaçadoramente. — Puf. — Eu olhei para o Ethan, olhei seus olhos se tornarem verdes vítreos, e acredito que ele estava tentando manter seu controle próprio.

Mesmo assim, ele conseguiu não tornar seus olhos prateados, e mostrar suas presas.

— Eu não posso garantir a segurança do Jamie de outros grupos — Ethan finalmente respondeu. — E eu não posso garantir a resolução desse problema em vinte e quatro horas, particularmente quando nós estaremos inconsciente metade desse tempo.

A expressão do Nick ficou mais dura. — Então eu sugiro que você e seu soldado aí se apressem.

Ethan olhou para o chão e então olhou para cima, mas não para o Nicholas. Ao invés disso ele focou o seu olhar no Papai Breck. — Você deveria considerar a possibilidade que se ameaças foram feitas contra o Jamie, elas foram feitas por uma razão. Que ele pisou nos calos de muitas pessoas, ou se envolveu em coisas que não eram da conta dele.

Eu não tinha certeza sobre qual informação o Ethan estava se referindo ou se ele estava apenas blefando. Mas eu tinha que dar o braço a torcer pra ele — isso foi uma boa réplica. Nick abriu a boca para rebater o Ethan, mas seu pai ergueu a mão.

— Nicholas — ele avisou, e então virou para o meu pai. — Ele é meu filho. Eu o protegerei custe o que custar. Nós estamos entendidos?

— Claramente — meu pai respondeu.



— Vinte e quatro horas — Nick repetiu, e começou a sua caminhada em direção a porta. Eu coloquei uma mão no braço do Nick para pará-lo. O contato não dissipou a ameaça em seu olhar.

— O Jamie está trabalhando agora? — seus lábios frisaram. Eu imaginei que ele estivesse a segundos de gritar comigo. — Eu não o machucarei, Nick. Você está pedindo muito de nós, especialmente quando nós não temos nada a ver com a ameaça contra o seu irmão. Se você quer que nós descubramos alguma coisa, nos dê algo em troca.

Quando ele continuou a me encarar, eu acrescentei, num sussurro. — Toma-lá-da-cá, Nick.

Nick molhou os lábios e concordou. — Investimentos — ele disse. — O Jamie está vendendo investimentos. — Bingo.

— Encaminhe o e-mail para mim — eu disse a ele. — Use meu antigo endereço.

Ele olhou para mim por um momento antes de concordar, e então foi até a porta, abrindo-a de lado, com força suficiente para tremular as dobradiças industriais. Papai Breck o seguiu para fora, sem nem ao menos olhar em nossa direção. Quando Pennebaker fechou a porta novamente, meu pai e eu olhamos para o Ethan.

— Há algo que eu possa fazer?

Ethan negou a oferta do meu pai com a cabeça.

— Obrigado, Joshua, mas não. Nós resolveremos isso internamente. Eu reunirei os Mestres. Se nós pudermos emprestar o seu escritório por um pouco mais de tempo?

— Claro — ele disse, e então nos deixou sozinhos.

— Encaminhe o e-mail para mim? — Ethan repetiu, sobrancelhas levantadas.

— Jeff Christopher — eu lembrei a ele. — Do escritório do meu avô. Ele é um gênio dos computadores. Ele pode nos ajudar, e ele vai ficar contentíssimo de ajudar.

Havia dúvida na expressão do Ethan. — Ele é um metamorfo, certo?



Eu franzi as sobrancelhas para ele. — Sim. Por quê?

— Como eu tenho certeza que você já descobriu, morfos e vampiros não são exatamente chegados.

— Claro, mas o Gabriel Keene não está trazendo o seu bando para Chicago? Esta é a oportunidade perfeita para abrir novos caminhos.

Ele considerou a ideia por um momento, e então acenou.

— Faça a ligação — Ethan massageou a sua testa com os dedos de uma mão, seu olhar no chão. — Jamie não está escrevendo para o Chicago World Weekly; Jamie está vendendo investimentos. E mesmo que acreditemos ser as vítimas aqui, Nicholas acredita que nós emitimos uma ameaça contra o Jamie. — Ele levantou seu olhar para mim. — O que nós aprendemos com isso?

— Não há história nenhuma sobre Rave — eu concluí. — Ou se há, Nicholas não sabe nada sobre isso. Ele aparentemente sabe sobre as Raves, mas isso é só um chute. — Eu balancei a cabeça. — Não, alguém está nos colocando um contra o outro.

Ethan acenou em concordância. — Uma mulher ligou para a casa dos Breckenridge.

— Eles descobriram que o Nick era o ponto fraco — eu disse. — Quem quer que seja que esteja por trás dessa bagunça descobriu que ele era o Breck para se dobrar se eles quisessem criar o caos.

— O que é exatamente o que eles tiveram sucesso em fazer — Ethan murmurou. Ele cruzou os braços e andou para um canto do escritório, e então depositou suas mãos na traseira de uma cadeira de couro.

— Espere — eu disse. — Aquela informação sobre a matéria que primeiro veio do escritório do Ombud, aquilo que nós conversamos com o Luc. Como eles descobriram?

— Dica anônima — Ethan disse. — A informação foi deixada no escritório.

Droga, eu pensei. Essa pista já era.

— Tudo bem — eu disse. — Então por que Cadogan? E por que os



Breckenridges? Nós fomos jogados um contra o outro, mesmo eu não tendo ideia do por que eles terem nos colocado juntos na briga.

— Eu tenho conhecimento de apenas uma conexão entre nós e eles — ele disse, seu olhar em mim, intensidade nos seus olhos verdes. Eu coloquei uma mão no peito.

— Eu? Você acha que eu sou a conexão?

— Você é a única conexão entre a nossa Casa e a família deles que eu tenho conhecimento, Sentinela — Ethan cruzou os braços no peito. — E, infelizmente, eu tenho conhecimento de apenas um inimigo contra você.

Houve um momento de silêncio enquanto as peças se encaixavam no lugar.

— Nick disse que ela ligou para a Casa — eu murmurei, e então levantei meu olhar para o Ethan. — Celina? Você está pensando na Celina?

Ethan deu de ombros. — Nós não temos provas disso, claro, mas você consideraria isso alguém das habilidades dela?

— Criar caos? Dificilmente. Isso é praticamente o cartão de boas vindas dela.

— Muito para o nosso pesar. E este caos em particular adicionou o benefício de colocar você bem no meio — Ethan balançou a cabeça. — Aquele e-mail foi mandado por um vampiro Cadogan. Alguém que sabe o que eu te mostrei na biblioteca.

— E o mais importante — eu lancei. — Alguém que sabe o que dissemos na biblioteca, e alguém que sabe do nosso calendário social. Alguém que sabe onde estamos indo e que irritou o Nick com informação errada antecipadamente.

Ele se levantou devagar, mãos nos quadris, e olhou de volta para mim, de olhos esbugalhados.

— O que exatamente, você está sugerindo?

— Há somente um grupo de vampiros que sabe sobre as Raves e a suposta história do Jamie — eu disse. — Somente um grupo que sabe sobre as nossas excursões para visitar os ricos e famosos. — Eu pausei, desejando que ele chegasse à mesma conclusão para que eu não precisasse dizer em voz alta. — Ethan, tem que ser



um guarda.



Capítulo 17

O Amor Morde,

*A*quela declaração foi tão bem recebida quanto você pode ter imaginado.

Ethan virou-se e imediatamente abriu seu celular, não querendo entrar em uma discussão sobre a possibilidade de a nossa atual situação estar sendo causada por um de seus guarda-costas. Um dos meus colegas. Ethan ligou para a Casa, informando a Malik e Luc sobre a ameaça, mas não oferecendo nenhuma informação sobre meu grupo de suspeitos.

Como se nada estivesse errado, os guardas foram postos em modo de investigação, sua missão era identificar toda e qualquer informação a respeito da suposta ameaça contra Jamie. Eu também estava em modo de investigação, e eu admito que minha lista de suspeitos era curta. Uma mulher havia feito a ligação para a Casa Cadogan... e eu vi Kelley chegando à Cadogan depois de ter passado o dia inteiro em outro lugar. Será que ela era o vampiro Cadogan com um chip em seu ombro? A ligação até Celina? Ávida para resolver o mistério, peguei emprestado um telefone da e liguei para o escritório de Ombud, informando meu avô sobre as últimas.

— Jeff, eu tenho um problema.

— Que bom que você finalmente se deu conta de que eu sou a sua solução.

Está bem, então o clima não estava exatamente leve, mas eu não pude evitar o riso pela sua resposta.

— Alguém está usando mensagens de e-mail para fazer ameaças em nome da Casa Cadogan — eu disse a ele, abrindo meu celular e vendo minha assinatura de e-mail. Sempre eficiente Nick já havia encaminhado a mensagem de e-mail.

Se fosse com a gente, teríamos pego uma boa e sólida estaca de madeira. Mas



isso é muito bom para ele. Talvez esquartejamento. Ter os membros e entranhas retirados ainda estando consciente para que possa sentir toda a dor. Entende como é, afogar? Pendurar? Uma lenta morte pela lâmina de uma espada, um corte de ponta a ponta, para que o sangue e a carne sejam tudo o que restou de você?

Por falar nisso, o mais novo leva primeiro.

Eu me arrepiei enquanto lia isso, mas eu apreciei o fato do autor desta ameaça não ter tentado rimar. Eu também me perguntei se Kelley seria capaz desse tipo de violência, desse tipo de raiva. Essas questões não tinham resposta. Eu pedi a Jeff seu e-mail e mandei a mensagem para ele.

— Eita — ele disse depois de um momento, aparentemente tendo lido. — isso é bizarro.

Isso era bizarro. Porém, isto é notavelmente sem detalhes sobre o motivo de Jamie ter sido escolhido. Que ele era um Breckenridge parecia o único fato contra ele.

— Isso é bizarro — eu disse. — E nós precisamos descobrir de quem isso veio. Será que você pode dar o seu jeitinho especial nisso?

— Tá na mão — Jeff disse automaticamente, o som constante de teclas ao fundo. — Ele encobriu o endereço de IP dele, coisa rudimentar, mas eu tenho que acompanhar. O e-mail é bastante genérico, mas como um representante da nossa bela cidade, pode ser capaz de fazer uma chamada.

— Fique a vontade — eu disse a ele. — Mas tem uma pegadinha, eu preciso dos detalhes assim que você os obtiver. — Eu chequei a hora no meu celular, era quase meia noite. — Como está seu horário para as próximas horas?

— Flexível — ele disse. — Assumindo o pagamento certo.

Eu rolei meus olhos.

— Diga seu preço — silêncio. — Jeff?

— Eu poderia... posso te responder isso depois? Eu estou meio indeciso e eu quero ter certeza de que eu tirei o melhor proveito possível da situação. Quer dizer, a não ser que você esteja disposta a me dar dois ou três...



— Jeff — eu disse, interrompendo o que estava destinado a ser uma longa e lasciva lista. — Por que você não me liga quando tiver algo?

— Eu sou seu homem, quer dizer, não literalmente ou algo do gênero, eu sei que você e Morgan têm algo rolando, apesar de não estarem oficialmente juntos, não é?

— Jeff.

— Oi.

— Ao trabalho.

Com nossos contatos na trilha da informação que possa apaziguar os Beckers, Ethan e eu saímos da sala do meu pai e fomos em direção a porta da frente através da multidão de pessoas. A casa estava lotada, e levou alguns minutos em que nos esprememos entre as pessoas e aperto de mãos até chegarmos ao outro lado. Eu acho que consegui sorrir educadamente para as pessoas enquanto eu passava, mas minha mente estava totalmente focada em um Breckenridge particular. Eu não entendia como ele poderia pensar que eu era capaz de fazer todas as coisas que ele nos acusou.

Eu mordi a ponta de meus lábios enquanto atravessávamos a multidão, lembrando-me das cenas da minha infância. Nick tinha sido meu primeiro beijo. Nós estávamos na biblioteca do seu pai, eu tinha 8, 9 anos, usando um vestido de festa sem mangas que me incomodava. Nick havia me chamado de “garota burra” e me beijado porque eu o havia desafiado, um rápido selinho que parecia tê-lo enojado tanto quanto tinha me encantado, mesmo que eu sempre o tenha vencido em qualquer jogo que brincávamos. Logo que ele me beijou, ele saiu correndo do escritório de seu pai em direção do corredor.

— Garotos têm piolho! — eu gritei, meus sapatos batendo no chão enquanto eu corria atrás dele.

— Você está bem?

Eu pisquei e olhei para cima. Nós havíamos chegado até o outro lado da sala. Ethan havia parado e estava me olhando curiosamente.

— Apenas pensando — eu disse. — Eu ainda estou em choque em relação a Nick, ao seu pai. Sobre a atitude deles. Nós éramos amigos, bons amigos. Bons amigos



por muito tempo, Ethan. Eu não entendo como chegou a isso. Houve uma época em que Nick teria me perguntado, não me acusado.

— O presente da imortalidade — Ethan disse secamente, então olhou para os ricos e famosos de Chicago, saboreando seus champagne enquanto a cidade vibrava ao redor deles. — Infinitas oportunidades para traição.

Havia uma parte de sua própria vida por detrás de sua afirmação, eu acho, mas eu não conseguia ver além da minha. Ethan sacudiu sua cabeça como para clareá-la, e pôs uma mão nas minhas costas.

— Vamos para casa — ele disse.

Eu concordei, sem vontade de argumentar que Cadogan não era um lar na verdade. Nós havíamos apenas entrado na ante-sala quando Ethan parou, tirando sua mão de minhas costas. Eu olhei para cima. Morgan estava parado perto da porta, braços cruzados, usando jeans surrados e camisa branca de manga comprida, uma única mecha castanha. Eu exalei uma praga, percebendo o que Morgan havia visto. Eu em um vestido de festa, Ethan com seu terno, sua mão nas minhas costas. Nós dois juntos na casa dos meus pais, depois de eu não ter me importado de retornar as ligações de Morgan. Isto é definitivamente nada bom.

— Acredito que alguém invadiu a sua festa, Sentinela — Ethan suspirou.

Eu o ignorei, e eu só tinha dado um passo para frente quando me senti caindo em um túnel. Eu tive que segurar o braço de Ethan só para permanecer ereta. Era a conexão telepática que Morgan e eu havíamos formado quando ele desafiou Ethan na Casa Cadogan. A ligação só deveria acontecer entre um vampiro e seu Mestre, o que poderia explicar o motivo de a ligação com Morgan ter esse grande efeito e parecer tão forte.

— Eu tenho certeza que você tem uma explicação — ele disse silenciosamente. Eu molhei meus lábios, tirei meus dedos do Ethan e forcei minha coluna a ficar reta.

— Eu te encontro lá fora — eu disse a Ethan. Sem esperar por uma resposta, eu andei em direção a Morgan, forçando-me a manter meus olhos nos dele.

— Nós precisamos conversar — Morgan disse alto quando eu cheguei a ele, os olhos dele levantando para o homem ao meu lado, pelo menos até que ele saiu silenciosamente pela porta.



— Venha comigo — eu disse, minha voz firme.

Nós seguimos por um corredor de concreto para a parte de trás da casa, as paredes ainda com o aspecto de madeira. Eu escolhi uma porta qualquer, uma brecha no concreto, e a abri. A luz da lua entrava por uma pequena janela na parede oposta. Eu permaneci quieta por um segundo, então dois, e deixei meus olhos predatórios se acostumarem à escuridão. Morgan entrou no aposento logo atrás de mim.

— Por que esta aqui? — eu perguntei a ele. Houve um momento de silêncio antes de ele encontrar o meu olhar, uma sobrancelha elevada em acusação.

— Alguém sugeriu que eu veria algo interessante em Oak Park hoje à noite, então aqui estou eu. Eu assumo que você esteja ocupada trabalhando.

— Eu estou trabalhando — eu respondi, em tom de negócios. — Quem te disse que estaríamos aqui?

Morgan ignorou a pergunta. Em vez disso ele arqueou suas sobrancelhas e com um olhar que teria derretido uma mulher mais fraca, percorreu seu olhar pelo meu corpo. Teve ondas de raiva radiando dele enquanto ele fazia isso, eu teria chamado o movimento como um convite. Mas isso era diferente, um veredicto, eu acho, da minha culpa. Ele cruzou seus braços sobre o peito.

— É nisso que ele está te vestindo nesses dias enquanto você... trabalha? — ele soou como se eu fosse menos uma Sentinela e mais uma garota de programa. Minha voz estava tensa, palavras perfurando, quando eu finalmente falei.

— Eu pensei que você me conhecia bem o suficiente para saber que eu não estaria aqui, na casa do meu pai, se não houvesse um motivo fenomenalmente bom para isso.

Morgan deu um meio riso estrangulado e sem humor.

— Eu imagino que consigo adivinhar qual é o motivo fenomenalmente bom. Ou melhor, quem é o motivo.

— A Casa Cadogan é o motivo. Eu estou aqui, pois estou trabalhando. Eu não posso explicar o porquê, mas nem preciso dizer que se você soubesse, estaria suficientemente preocupado e mais apoiador do que você está sendo.



— Certo, Merit. Você me deixou, me ignorou e então dá a volta, me acusando de suspeitar de tudo, por querer algumas resposta. Você não retornou nenhuma das minhas ligações, e mesmo assim... — ele cruzou suas mãos atrás da cabeça. — Você é a vítima aqui. Você deveria pegar o lugar da Mallory no McGettrick, essa troca seria ótima. — Ele concordou com a cabeça, então olhou para mim. — É, eu acho que isso seria realmente bom para você.

— Me desculpe por não ter ligado para você. As coisas têm sido um pouco loucas.

— Ah, têm sido? — ele soltou suas mãos e andou até mim. Ele levantou um dedo e traçou a ponta pelo meu corpete. — Eu notei que você está sem sua espada, Sentinela. — Sua voz era suave, luxuriante. Eu não estava acreditando.

— Eu estou armada, Morgan.

— Uhum — ele levantou seus olhos de meu busto e encontrou com os meus. Eu consegui ver a dor em seu rosto, mas esta dor estava temperada com raiva. Raiva predatória. Eu o havia visto com essa mesma dor antes, quando ele havia desafiado Ethan no Casa Cadogan, acreditando erradamente que Ethan havia ameaçado Celina. Que Ethan havia feito algo contra seu próprio Mestre. Aparentemente este era um tema recorrente a Morgan, a raiva de um homem que acreditava que outro vampiro estava atrás de sua garota.

— Se você tem algo para falar — eu disse a ele. — Fale de uma vez.

Ele me encarou por um longo tempo, nenhum de nós se moveu, mas quando ele falou, as palavras eram mais suaves e mais tristes do que eu esperava.

— Você está transando com ele?

Um beijo no corredor da Mallory ou não, nós dificilmente estávamos namorando, Morgan e eu. Ele não tinha o direito a esse ciúme, e certamente nenhuma base para isso. Eu estava chegando ao meu limite de tolerância em relação a homens ignorantes hoje. Minha raiva aumentou, fazendo com que meus braços tivessem calafrios. Eu deixei isso fluir ao meu redor, trabalhando para tirar as emoções do meu rosto, não deixar meus olhos prata, o vampiro adormecido.

— Você — eu comecei, minha voz baixa e no limite da fúria. — Está sendo



incrivelmente presunçoso. Ethan e eu não estamos juntos, e você e eu não temos um compromisso. Você não tem o direito de me acusar de ser desleal, muito menos alguma base para isso.

— Ah — ele disse. — Eu entendo. — Ele olhou para mim, sem expressão. — Então vocês dois não estão juntos. Foi por isso que você dançou com ele?

Eu poderia ter confessado que isso fazia parte de um plano para criar relacionamentos. Mas Morgan tinha razão. Eu tinha uma escolha, eu podia ter negado, eu podia ter delimitado limites com Ethan, podia ter lembrado a Ethan que estávamos na festa para informações e não por entretenimento. Eu podia ter lembrado que eu abri mão de tempo com meus amigos, para fazer meu trabalho e pedido para pular a dança. Eu não fiz nenhuma dessas coisas. Talvez pelo fato de ele ser meu Mestre, pois eu tinha uma ligação de dever a acatar suas ordens. Ou talvez, em segredo, eu queria dizer sim, tanto quanto eu queria dizer não, pelo desconforto que sinto perto dele. Apesar do fato de ele não confiar em mim tanto quanto eu mereço. Mas como eu poderia admitir tudo isso para Morgan, que havia invadido a festa de meus pais para me pegar no ato de infidelidade? Eu não podia, tanto para mim ou para ele. Então eu fiz a única coisa que eu podia pensar, eu procurei minha saída.

— Eu não preciso disso — eu disse a Morgan, levantando minha saia, eu girei em meu salto e fui à direção da porta.

— Ótimo — ele disse atrás de mim. — Fuja. Isso é muito maduro, Merit. Eu aprecio isso.

— Tenho certeza que você achará a saída.

— É, desculpa por ter interrompido sua festa. Tenha uma ótima noite, você e seu chefe, Sentinela — ele disse isso como uma maldição. Talvez tenha sido, mas que direito eu tinha de criticar? Ethan era minha obrigação. Meu dever, meu fardo. Meu “Liege”. Eu sabia que isso era imaturo, eu sabia que isso era infantil e errado. Eu olhei de volta para ele, seda girando ao redor de minhas pernas e, uma sobancelha erguida, e dei a ele o olhar mais arrogante que eu conseguia.

— Me morda — eu disse e saí de lá.

Ethan estava do lado de fora, esperando ao lado do carro. Seu rosto inclinado para cima, olhos na lua cheia que deixava sombras contra a casa. Ele abaixou seus olhos quando eu andei pelo cascalho.



— Pronto? — ele perguntou.

Eu acenei e o segui até o carro. O humor da viagem de volta a Hyde Park estava mais sombrio do que foi a ida até a casa de meus pais. Eu silenciosamente olhei para fora da janela do carro, relembrando os eventos. Foram três vezes hoje a noite que eu consegui alienar as pessoas. Mallory, Catcher, Morgan. E para que? Ou melhor, para quem? Será que eu estava afastando todos para me aproximar do Ethan? Eu olhei para ele, seu olhar na estrada, mãos no volante. Seu cabelo estava atrás de suas orelhas, seu olhar concentrado enquanto dirigia. Eu havia desistido da minha vida humana por este homem, não dispostamente, claro, mas mesmo assim. Será que eu estava desistindo de todo o resto? As coisas que eu trouxe comigo durante a transição, minha casa em Wicker Park? Minha melhor amiga?

Eu suspirei e virei-me para a janela. Essas perguntas, eu acho, não serão respondidas hoje à noite. Eu dificilmente estava com dois meses em minha vida vampiresca, e eu ainda tinha uma eternidade do Ethan pela frente.

Quando chegamos a Casa, Ethan estacionou o carro, e subimos do porão juntos.

— O que eu posso fazer? — eu perguntei quando nós chegamos ao primeiro andar, não que eu não tenha feito o suficiente em nome de Cadogan e de seu Mestre. Ele enrugou o rosto e balançou a cabeça.

— Me deixe informado sobre o progresso de Jeff com o e-mail. Os Mestres estão investigando com seus recursos. Eu vou fazer algumas ligações até que eles cheguem. Enquanto isso — ele pausou, como se ele estivesse debatendo minhas habilidades, então disse. — Tente a biblioteca. Veja o que você pode achar.

— A biblioteca? Pelo que irei procurar?

— Você é a pesquisadora, Sentinela. Desvende por si mesma.

Experiente o bastante para saber que um vestido de festa não é a vestimenta apropriada para uma pesquisadora, eu virei ao meu quarto para me trocar, trocando a seda por jeans e um top preto com mangas pequenas (um terno antiquado, a meu ver, também não é considerado vestimenta de pesquisador). Eu estava aliviada, psicologicamente aliviada, por pendurar meu vestido no closet, vestir meus jeans e pegar minha katana. Ela parecia certa em minha mão, confortável, como se eu tirasse



uma fantasia e voltasse à minha própria pele. Eu estava parada no meu quarto, mão esquerda na bainha da espada e a direita na empunhadura, apenas respirando.

Quando eu estava mais calma e pronta para enfrentar o mundo de novo, eu peguei uma caneta e alguns cadernos, pronta para começar minha própria linha de investigação. Quanto mais eu pensava, mais eu concordava com o Ethan de que a Celina tinha um papel nisso. Nós não tínhamos provas, mas isso era totalmente o seu estilo, promover a discórdia, colocar os jogadores em movimento e deixar a batalha prosseguir por si própria. Eu não tinha certeza de onde a Kelley se encaixava nisso, ou se ela realmente se encaixava, e eu não tinha exatamente as habilidades de um investigador particular. Mas eu podia pesquisar, estudar, percorrer a biblioteca por informações. E mais importante, era algo em que eu poderia me afogar, algo que deixaria minha mente longe de outros assuntos. Longe de Morgan, e o que parecia o inevitável fim do relacionamento. Longe de Ethan, e a atração que, por mais que tenha sido avisada, pairava entre nós. Longe de Mallory.

Eu encontrei a biblioteca quieta e vazia, e desta vez eu chequei duas vezes, deixei minhas canetas e cadernos na mesa e fui em direção às prateleiras.



Capítulo 18

Nas estantes.

— *M*eu tarde, não é? - eu pisquei para o texto negro e olhei para cima, e encontrei o Ethan andando em direção à minha mesa. Minha solução de me emergir havia funcionado – eu nem havia ouvido o porta da biblioteca abrir.

— É? — eu virei meu pulso para olhar as horas no meu relógio, mas antes que eu pudesse ver os ponteiros, ele anunciou.

— É perto das três horas. Você deve estar absorta na leitura. — mais de uma hora havia passado, desde quando nos separamos. Eu estava sentada na cadeira com a minha espada posicionada ao meu lado, meus tênis Pumas jogados embaixo da mesa, pernas cruzadas pela maior parte do tempo.

Eu cocei minha têmpora e dei uma olhada no livro perante a mim. — Revolução Francesa — eu contei para ele. Ethan parecia confuso e cruzou os braços em seu peito.

— Revolução Francesa? Com que objetivo você está pesquisando a Revolução Francesa?

— Porque nós... eu, preciso entender melhor quem ela é, do que ela está atrás, se nós sabemos de onde ela veio.

— Você quer dizer a Celina.

— Venha aqui — eu pedi para ele, folheando o livro para localizar a passagem que eu havia encontrado mais cedo. Quando ele chegou ao lado oposto da mesa, eu virei o livro para ele e apontei com o dedo o parágrafo relevante. De sobrelhas



franzidas, ele colocou suas mãos na mesa, se inclinou para frente, e leu em voz alta.

— A família Navarre era dona de propriedades importantes na região de Borgonha na França, incluindo um chateâu perto Auxerre. No dia 31 de Dezembro de 1785, a filha mais velha, Marie Colette, nasceu — Ele olhou para cima.

— Esta seria a Celina — eu concordei.

Celina Desaulniers, conhecida uma vez como Marie Colette Navarre. Vampiros trocavam de identidade com alguma frequência, um fardo da imortalidade era o fato que você vivia mais que o seu nome, sua família. Isso fazia com que os humanos ficassem um pouco desconfiados, portanto, o nome mudava. Claro, Ethan era um vampiro por quase dois séculos antes que Celina pensasse em ser uma estrelinha nos olhos aristocráticos de seus pais. Ele havia memorizado o nome dela há um bom tempo, a data de aniversário, e a cidade em que ela nasceu. Mas eu pensei que as próximas frases, escondidas nesta pequena biografia de um vampiro há muito tempo morto, poderia ser mais interessante.

— Marie — ele continuou. — Apesar de ter nascido na França, foi convencida a ir para Inglaterra em 1789 para evitar as fortes perseguições da Revolução. Ela se tornou fluente em inglês e foi considerada altamente inteligente e com uma beleza rara. Ela foi criada como uma prima estrangeira da família Grenville, que possuía o Ducado de Buckingham. Presumiu-se que a Srta. Navarre se casaria com George Herbert, Visconde de Penbridge, mas o casal nunca foi formalmente prometido. Depois a família de George anunciou o seu noivado com a Srta. Anne Dupree, de Londres, mas George desapareceu horas antes do casamento acontecer.

Ethan fez um som de interesse, e olhou para mim. — Devemos apostar qual foi à indisposição do pobre George?

— Infelizmente, isso realmente não é necessário.

Ele franziu as sobrancelhas, mas sem tirar o olhar do livro, puxou uma cadeira na frente dele. Ele sentou, cruzando uma perna sobre a outra, e então arrumou o livro na sua mão direita, sua mão esquerda no colo.

— O corpo do George foi encontrado quatro dias depois — ele continuou. — No outro dia, Anne Dupree fugiu com o primo do George, Edward.

Ethan fechou o livro, o colocou sobre a mesa, e franziu as sobrancelhas para



mim. — Eu presumo que você me levou para um passeio pela história social inglesa por alguma razão?

— Agora você encontrou o final da piada — eu contei a ele, e puxei da minha pilha um fino volume de couro, este fornecendo informações biográficas sobre os membros atuais do Presídio Greenwich. Eu virei à página que eu havia marcado e li em voz alta:

— Harold Monmonth, que está de posse da quarta posição do conselho do PG e serve o Conselho Preletivo, foi nascido Edward Fitzwil Liam Dupree em Londres, Inglaterra, 1774.

Eu levantei meu olhar do livro, assistindo enquanto as conexões se formavam pela sua expressão.

— Então ela e o Edward, ou Harold... o quê? Combinaram tudo? Para matar o George?

Eu fechei o livro, e o coloquei na mesa. — Você se lembra o que ela disse no parque, um pouco antes de ela tentar acabar com você? Algo sobre os humanos serem insensíveis, sobre um humano quebrando o coração dela? Bem, deixe-me explicar isso para você de uma perspectiva feminina. Você está vivendo em um país estrangeiro com seus primos ingleses porque você foi tirada a força da França. Você é considerada uma beleza rara, prima de um duque, e aos dezenove anos, você fisga o filho primogênito de um visconde. Este é o nosso George. Você o quer, talvez você o ame. Você certamente ama o fato que você conseguiu conquistá-lo. Mas quando você acha que conseguiu fechar o negócio, o nobre George diz que se apaixonou pela filha de um comerciante londrino.

— Planos foram feitos — Ethan repetiu concordando. — E dois membros do PG têm um assassinato em comum. O PG liberou a Celina, apesar do que ela fez em Chicago.

Eu concordei de volta. — Por que se incomodar em cativar os membros do PG com o seu feitiço, ou recorrer ao seu charme, como você disse, quando você tem este tipo de história em comum? Quando você divide uma crença mútua que os humanos são dispensáveis?

Ethan então olhou para a mesa, parecendo considerar o que ele acabara de ouvir. Um suspiro, e então ele levantou o seu olhar para mim novamente.

— Nós nunca poderíamos provar isso.

— Eu sei. E eu acho que essa informação nunca deveria deixar a Casa, não até nós termos mais certeza de quem são nossos amigos. Mas se nós estamos tentando prever o que ela poderá fazer, onde ela poderá ir, quem seus amigos são, esta é a melhor maneira de começar. Bem — eu acrescentei. — Esta é a melhor maneira para *eu* começar. — Encarei o outro lado da mesa por sobre os livros, cadernos abertos, canetas sem tampa — um tesouro de informação, esperando para ser alcançada. — Eu sei como pesquisar Ethan. Esta é uma habilidade que eu não tenho dúvidas sobre.

— É uma pena que a sua melhor fonte odeia você — isso me fez sorrir.

— Você consegue imaginar o olhar na cara da Celina se eu ligasse para ela e pedisse para ela se sentar comigo? Contasse a ela que eu queria entrevistá-la?

Ele sorriu. — Ela poderia gostar da propaganda — olhou para o seu relógio. — E falando de propaganda, os Mestres deverão estar aqui com os resultados das suas inquisições dentro de uma hora. — Não era a melhor coisa que eu havia ouvido o dia todo, eu teria que enfrentar o Morgan de novo, mas eu entendi que era necessário. — Eu espero manter isso escondido, mas nós claramente chegamos a um ponto onde os outros Mestres precisam ser trazidos a bordo.

Ele limpou sua garganta, e se moveu desconfortavelmente em sua cadeira, e então levantou seus olhos verdes gélidos para os meus. — Eu não vou perguntar o que aconteceu na casa dos seus pais com o Morgan, mas eu preciso de você lá. Tirando a sua posição, você foi testemunha na reunião com os Breckenridges, das acusações deles. — Eu concordei. Eu entendi que era preciso. E eu dei pontos para ele por mencionar diplomaticamente o incidente.

— Eu sei — ele acenou, e então pegou um pequeno livro de história e começou a folheá-lo novamente.

Eu acho que ele planejava esperar na biblioteca até eles chegarem. Eu me ajustei na cadeira, um pouco desconfortável com a sua companhia, mas uma vez que ele se acomodou, e quando eu estava razoavelmente confiante que ele pretendia ler em silêncio, eu voltei para as minhas anotações. Os minutos se passaram em paz. Ethan lia ou fazia estratégias ou planejava ou qualquer outra coisa que ele estava fazendo no seu lado da mesa, ocasionalmente verificando o seu Blackberry que ele puxava de seu bolso, enquanto eu continuava folheando os livros de história na minha



frente, procurando por informações adicionais sobre a Celina.

Eu estava começando um capítulo sobre as Guerras Napoleônicas quando eu senti o olhar do Ethan. Eu mantive meus olhos baixos por um minuto, e então dois, antes de eu desistir e levantar meus olhos. Sua expressão estava vazia.

— O quê?

— Você é uma erudita.

Eu voltei para o meu livro. — Nós já falamos sobre isso antes. Algumas noites atrás, se você se lembra.

— Nós falamos sobre você não se sentir confortável em ambientes sociais, pelo seu amor aos livros. Não o fato de você passar mais tempo com um livro na sua mão do que com os seus colegas de Casa.

A Casa Cadogan aparentemente era cheia de espiões. Alguém estava reportando as nossas atividades para o Ethan. Eu dei de ombros, me sentindo autoconsciente.

— Eu gosto da pesquisa. E dada à ignorância que você já apontou repetidamente, eu preciso disso.

— Eu não quero ver você se esconder nessa sala.

— Eu faço o meu trabalho — Ethan retornou seu olhar para o livro.

— Eu sei — a sala estava quieta novamente até ele se mexer na cadeira, a madeira fazendo barulho enquanto ele se ajeitava. — Estas cadeiras não são muito confortáveis.

— Eu não vim aqui para ter conforto — olhei para cima, e dei a ele uma careta predatória. — Você está livre para trabalhar no seu escritório. — Eu não tinha esse luxo. Ainda.

— Sim, nós estamos todos ansiosos pelo seu zelo.

Eu revirei meus olhos, incomodada pela acumulação de insultos sutis. — Eu entendo que você não tem confiança nenhuma na minha ética de trabalho, Ethan, mas



se você vai começar com os insultos, você poderia fazer isso em outro lugar?

Sua voz estava plana, calma. — Eu não tenho dúvidas quanto a sua ética de trabalho, Sentinela.

Eu empurrei minha cadeira para trás, e então em volta da mesa para a pilha de livros no final. Eu mexi na pilha até encontrar o texto que eu precisava.

— Você poderia ter me enganado — eu murmurei, folheando o índice e traçando os capítulos alfabeticamente com a ponta dos dedos.

— Eu não — ele disse levemente. — Mas você é tão... o que você me disse uma vez? — Ele olhou para cima, olhando distraidamente para o teto. — Ah, que eu era muito fácil de irritar? Bem, Sentinela, você e eu temos isso em comum.

Eu arqueei uma sobrancelha. — Então no meio de uma crise, porque você está bravo com a Celina e os Breckenridges, você desce até aqui para tirar sarro com a minha cara? Isso é maduro.

— Você entendeu o meu ponto totalmente.

— Eu não sabia que você tinha um ponto — murmurei.

— É uma pena isso — Ethan disse. — Que sua vida seria assim.

Nós evitávamos, normalmente, o assunto da minha monografia. Do meu iminente doutorado. Do fato que ele havia me tirado da Universidade de Chicago depois dele ter me transformado em um vampiro. Ajudava-me, e portanto ajudava-o muitíssimo, não se debruçar sobre isso. Mas ele me insultar sobre isso, insultar o que eu havia feito, alcançava um novo nível de pretensão. Eu olhei para ele, palmas estendidas na mesa.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que se você tivesse terminado a sua monografia, e assegurado um emprego como professora em alguma faculdade liberal de artes da costa leste, e então o quê? Você compraria um chalé e compraria uma nova caixa com rodas que você chama de carro, e passaria a maior parte do seu tempo em um pequeno escritório fazendo conceitos literários antiquados.



Eu fiquei reta, cruzei os braços no peito, e tive que esperar um momento para me segurar e não estourar com ele.

E eu só fiz isso porque ele era o meu chefe. Mas ainda assim, meu tom de voz era gelado. — Fazendo conceitos literários antiquados? — as sobrelanceiras levantadas dele me desafiaram a responder. — Ethan, seria uma vida bem calma, eu sei disso. Mas me completaria. — Eu olhei para a minha katana. — Talvez um pouco menos de aventura, mas me completaria.

— Um pouco menos? — sua voz era tão sarcástica que era quase espantosa. Eu entendi como sendo arrogância vampiresca que ele não podia acreditar que vidas normais dos seres humanos eram de alguma forma recompensadora.

— Coisas excitantes podem acontecer em depósitos de documentos.

— Tipo?

Pense Merit, pense. — Eu poderia desvendar um mistério literário. Encontrar um manuscrito perdido. Ou, o depósito poderia ser assombrado — eu sugeri, tentando pensar em algo um pouco mais na sua área de especialidades.

— Esta é uma lista impressionante, Sentinela.

— Nem todos podem ser soldados que se tornam Mestres Vampiros, Ethan — e Graças a Deus por isso. Um dele já era o bastante. Ethan sentou para frente, ligando seus dedos na mesa, e olhou para mim.

— Meu ponto é esse, Sentinela: Comparada a esse mundo, sua nova vida, sua vida humana teria sido enclausurada. Seria uma vida insignificante.

— Seria a vida que eu escolhi.

Esperando terminar essa pequena linha de conversa, eu fechei o livro que eu fingia encarar. Eu o peguei, junto com dois outros livros, e os levei de volta para suas prateleiras.

— Seria um desperdício de você.

Agradecidamente, eu estava de frente para a prateleira de livros quando ele ofereceu aquele pequeno encorajamento, porque eu acho que ele não teria gostado



da minha virada de olhos ou minha imitação.

— Você pode parar de me encher de elogios — eu falei para ele. — Eu já te levei para ver o meu pai e o prefeito.

— Se você acredita que isso resume as nossas interações da última semana, você perdeu o ponto.

Quando eu escutei o deslizar da cadeira dele, eu pausei, mão em um livro sobre as bebidas francesas. Eu empurrei o livro de volta para a fileira com os seus camaradas e disse levemente.

— E você me insultou de novo, o que quer dizer que nós estamos no caminho certo novamente — eu peguei o próximo livro da minha pilha, meus olhos investigando os números decimais Dewey nas prateleiras para localizar a sua casa. Em outras palavras, eu estava tentando muito, muito mesmo não pensar sobre os sons de passos atrás de mim, ou o fato que eles estavam se aproximando. O interessante é que eu não me movi para longe do caminho dele.

— Meu ponto, Sentinela, é que você é mais do que uma mulher que se esconde em uma biblioteca.

— Humm — eu disse sem demonstrar nada, deslizando o último livro para o seu lugar. Eu sabia que estava vindo. Eu podia escutar em sua voz — o som baixo e rouco nela. Eu não sabia por que ele estava tentando, dado os seus sentimentos aparentemente conflituosos em relação a mim, mas isso era um prelúdio para a sedução.

Passos, e então ele estava próximo a mim, seu corpo perto do meu, seus lábios em um ponto da minha pele logo abaixo da minha orelha. Eu podia sentir o calor de sua respiração contra o meu pescoço. O cheiro dele — limpo, com cheiro de sabonete, quase desconfortavelmente familiar. Mesmo que a vontade disso me perturbasse, eu queria mergulhar contra ele, deixá-lo me envolver. Parte disso, eu sabia, era genética vampiresca, e o fato dele ter me transformado, algum tipo de conexão evolucionária entre o Mestre e o vampiro. Mas parte disso era muito, muito mais simples.

— Merit — parte disso era o homem e a mulher. Eu balancei a minha cabeça.

— Não, obrigada.

— Não negue. Eu quero isso. Você quer isso.

Ele disse as palavras, mas a entonação delas era errada. Irritada. Não palavras de desejo, mas uma acusação. Como se nós lutássemos contra a atração e não tivéssemos sido fortes o suficiente para resisti-la, e nós éramos piores por isso. Mas se o Ethan lutava contra isso, ele não resistiu. Ele se inclinou, uma mão na minha cintura, seu corpo contra o meu, e o roçar dos seus dentes ao longo da sensível pele do meu pescoço. A respiração saiu trêmula de mim, meus olhos se reviraram, a vampira dentro de mim encantada pela dominância inata do ato.

Eu tentei chegar à superfície da luxúria que estava me afogando, e cometi o erro de me virar, e encontrar o rosto dele. Eu tinha a intenção de rejeitá-lo, em mandá-lo embora, mas ele tirou vantagem da minha mudança de posição. Ethan se pressionou mais, uma mão em cada lado meu, dedos agarrando as prateleiras, formatando seu corpo com o meu, e ele me encarou, olhos tão verde quanto esmeraldas. Ele levantou uma mão para o meu rosto, acariciando os meus lábios com o seu dedo. Seus olhos se tornaram por um momento pratas, um sinal certo da sua fome. Da sua excitação.

— Ethan — eu disse, uma hesitação, mas ele balançou a cabeça, o olhar caindo para os meus lábios, e então se fechando. Ele se inclinou para mais perto, seus lábios apenas tocando os meus. Provocando, indicando, mas não beijando. Minhas pálpebras caíram, e as mãos dele estavam na minha bochecha, dedos na minha mandíbula, sua respiração entrecortada e apressada enquanto os seus lábios traçavam uma trilha de beijos pressionados contra os meus olhos fechados, minhas bochechas, em todo lugar menos nos meus lábios.

— Você é muito mais que aquilo tudo.

Foram as palavras que fizeram efeito, que selaram o meu destino. Meu interior se tornou líquido, o corpo zumbindo, membros lânguidos enquanto ele trabalhava para me excitar, para me provocar. Eu abri os meus olhos e olhei para ele enquanto ele se afastava, seus olhos bem abertos e de um verde intenso e insano. Ele era tão lindo, seus olhos em mim, o desejo claro, cabelos dourados em volta de seu rosto, maçãs do rosto incríveis, boca que tentaria até um santo.

— Merit — ele disse roucamente, e então encostou a sua testa na minha, pedindo a minha permissão, meu consentimento. Eu não era uma santa. Meus olhos estavam bem abertos, decisão feita e as repercussões indo para o inferno, eu concordei.



Capítulo 19

O Pranto do Lobo.

Seu primeiro movimento foi o mais mortal, um sorriso de prazer infantil se transformou em um sexy sorriso, o sorriso mais satisfeito que eu havia visto. Era um olhar de pura satisfação de um predador, o olhar de um caçador que tinha planejado, maquinado e que havia ganhado seu prêmio, que tinha a presa em suas garras.

Que conveniente, pensei.

— Fique quieta — sussurrou, logo se inclinou novamente, as pálpebras caindo enquanto inclinava sua cabeça. Pensei que me beijaria, mas isso somente foi para me tentar, um prelúdio da atividade que tinha em mente. Pressionou um beijo na linha da minha mandíbula, queixo e logo mordiscou meu lábio inferior, puxando com os dentes.

Quando me liberou, me olhou fixamente de novo, esfregou o polegar em minha bochecha. Observou-me. Desta vez quando suas pálpebras caíram me beijou plenamente, enfiando a sua língua na caverna da minha boca.

Fechou suas mãos ao redor do meu cabelo, provando minha língua com a sua, fazendo que participasse, lutasse, que fizesse nada, simplesmente aceitar.

Fechei minhas mãos ao redor das lapelas de sua jaqueta, puxando-o para mim, trazendo seu calor, seu cheiro, seu sabor, aproximando.

Um momento de consideração antes de decidir que não estava suficientemente consternada por minhas ações para deixá-lo ir.

— Ethan.



Não foi nem sequer um sussurro, simplesmente o chamado mental de seu nome, mas ele gemeu triunfante, chupando minha língua dentro de sua boca, e a torturou com a fricção e calor dela.

O beijei, me deixei beijar, deixei apertar meus quadris, dobrar seus dedos no tecido da minha camiseta, deslizar suas mãos ao redor da minha cintura e pressionar minhas costas, me aproximar mais. Ele fez um som, algum ruído de predador que surgiu de sua garganta, e logo disse meu nome. E desta vez, não era uma pergunta, sim um som de vitória, ele reclamando seu prêmio.

Apertou para mais perto, os dedos abertos se movendo lentamente para cima. Enquanto pressionava contra mim, senti a elevação de sua ereção, sua solidez contra meu estômago.

Embalava seu rosto em minhas mãos enquanto nos beijávamos, em grandes e sensuais mordidas, a seda grossa de seu cabelo caindo ao redor dos meus dedos.

Até que chamaram a porta da biblioteca.

Ethan se afastou, uma mão em seu quadril, a outra em sua boca, apagando qualquer evidência.

— Sim? — sua voz era alta, um disparo de canhão contrastando com o vazio do salão.

Passei as costas da minha mão pela boca. A porta se abriu a silhueta de um corpo na entrada, e logo entrou Malik.

— Eles estão aqui — disse, olhos pousados em mim com uma ponta de compaixão neles, logo olhou Ethan. — Salão de recepção.

Ethan assentiu. — Leve-os ao meu escritório. Estaremos lá em um momento — sem nem um olhar a mais Malik assentiu.

Voltei para a mesa e mantive meu olhar sobre os livros e textos que comecei a recolher. Meu coração martelava a culpa que havia aplacado devido ao Morgan, agora inundando meu peito.

O que havia feito? O que estava, estávamos a ponto de fazer?



— Merit.

— Não — terminei de juntar os livros, os recolhi, agarrei minha katana, e os sustentei contra meu peito como um escudo. — Não. Isso não deveria ter acontecido — Ethan não respondeu até que comecei a mover-me para a porta. Parou-me com uma mão em meu cotovelo. Mesmo assim, uma sobrancelha arqueada, foi à resposta que obtive para toda pergunta. — Você me entregou para ele.

Seus olhos se arregalaram instantaneamente. Estava surpreso, então, o que importava que Ethan não me amasse, por qualquer razão, apesar de suas dúvidas, e que embora tenha me entregado ao Morgan. Que estava esperando no andar de baixo com os outros.

Afastei meu braço e caminhei para a porta. Quando a alcancei me detive, virei e o olhei, vendo a expressão estupefata em seu rosto. — Você tomou uma decisão — lhe disse. — Terá que viver com ela.

Depois de um momento de óbvio choque, sacudiu a cabeça. — Temos visitantes — sua voz era fria. — Vamos.

Coberta de papéis nas mãos, o segui para fora.

Eles estavam no escritório quando chegamos - Morgan, Scott Grey e Noah Beck, todos em cadeiras ao redor da mesa de conferência de Ethan. Não havia visto Scott nem Noah desde a noite em que havia protegido Ethan contra um golpe do meu futuro ex-namorado uma noite antes que Celina tentasse assassinar Ethan. Parecia apropriado que estivéssemos nos encontrando novamente debaixo das mesmas dramáticas circunstâncias.

Scott era alto com cabelo castanho, vestido em jeans e uma camiseta dos Cubs. Era um fanático dos esportes tanto que a roupa esportiva era usualmente o uniforme da Casa Gray. Em vez de usar medalhas como fazia os vampiros de Navarro e Cadogan, a Casa Grey tinha jerseys.

Noah usava calças pretas e uma camiseta preta, as únicas roupas que sempre o



tinha visto usar. Noah era mais baixo que Scott, o qual não dizia muito já que Scott chegava provavelmente a seis ou quatro pés, mas Noah era mais amplo nos ombros. Noah claramente passava muito tempo levantando pesos. E onde Scott tinha um tipo de atrativo de menino de fraternidade, agora brilhava uma incipiente barba debaixo de seu lábio inferior, Noah era rudemente bonito. Sua barba de poucos dias sobre sua forte mandíbula.

Morgan estava como sempre em seus jeans e camiseta. Também mantinha seu olhar magoado baixo, o qual elevou e me dirigiu tão logo entrei.

Corei, a culpa subindo alto e quente por minhas bochechas. Culpa e um pouco de medo. Havia feito à coisa que ele tanto temia. Havia me rendido ante a tentação que havia previsto. Temido. E podia apostar que levava a persistente essência da colônia de Ethan.

Luc e Malik estavam de pé em cada extremo da mesa, ambos no negro Cadogan. Ethan se encaminhou a cabeceira da mesa e se sentou Luc estava atrás dele.

Movi-me para o outro extremo da mesa, oferecendo cumprimento a Noah e Scott durante o caminho. Quando Malik tomou seu assento, fiquei de pé atrás dele.

— Cavalheiros — Ethan disse. — Como mencionei anteriormente, temos um problema. Precisamos de uma solução. E a precisamos rápido.

Explicou a ameaça de Nick, a ordem de vinte quatro horas e a investigação que estava sendo levada a cabo por Jeff. E logo chegou ao pessoal.

— Temos sido capazes de obter esta informação — disse. — Porque Merit concordou em retornar a casa de seu pai, a voltar ao círculo de amizades de sua família em nosso benefício.— Disse as palavras ao grupo, mas seus olhos estavam em Morgan.

Fechei meus olhos, de repente cansada de Ethan Sullivan.

Foi uma renúncia. Estava tentando, mesmo depois do que aconteceu na biblioteca, dar uma desculpa para Morgan. Explicar a Morgan que iria parecer inapropriado - eu aparecendo de braços dados com Ethan em um evento social - era atualmente um dever que havia requerido de mim, e um completamente platônico.

Poderia dizer que era uma coisa bem pensada, para fazer uma tentativa de



reparar o dano que havia provocado exigindo que o acompanhasse até meu pai.

Por outro lado, senti o cheiro da covardia. Ele me queria, isso era bastante óbvio, e esta não era a primeira vez que o demonstrava. Mas seguia novamente me passando para Morgan. Seguia esforçando-se em manter o Morgan e eu juntos. Isso fazia alusão a um abismo de problemas emocionais que eu sabia que não me atreveria a explorar.

Mas o havia beijado, havia visto o olhar em seus olhos, o desejo, o triunfo de ter me obtido. Quem sabe Lindsey tenha razão, que havia mais debaixo da superfície fria, calma, de vampiro recatado. Mas era um risco...

Havia navegado em meus pensamentos, de modo que o som do meu nome saiu dele, me dei conta que estava a meio caminho de levantar meus dedos sobre meus lábios, tocando o lugar onde nos havia conectado.

Cobrindo, golpeei o dedo em meu queixo, esperando parecer intelectual.

— Sim? — perguntei a Ethan, encontrei todos os olhares sobre mim. Morgan, em particular, parecia haver perdido um pouco do fogo, embora parecesse suspeitar.

— Tem algo a acrescentar ao meu relato? — Ethan perguntou. — Talvez algo sobre a ameaça que continha no e-mail?

Inclinei a cabeça obedientemente. — É sangrento — disse. — Métodos são mencionados, alguns novos, outros da velha escola. Mas não li nada naquele e-mail que sugeria a uma pessoa em particular, ou vampiro, quem seria o agressor.

Ethan inspecionou os vampiros chefes de estado. — Alguns de vocês tiveram êxito em descobrir algo sobre esta ameaça?

As cabeças ao redor da mesa sacudiram a cabeça.

— Buraco negro — Noah disse. — Não tenho nada.

— Idem — Scott disse.

Morgan se inclinou para frente. — Então o que fazemos agora? Faltam duas horas para o amanhecer, e somente teremos o que, um par de horas amanhã à noite. Isso não nos dá tempo para uma completa investigação, se sequer soubéssemos por



onde começar.

— O e-mail nos pode dar alguma direção esta noite — Ethan lhes lembrou. — Estamos esperando a conclusão desta parte da investigação. Em qualquer caso, temos que chegar a algum acordo antes de nos separarmos. O primeiro passo, acredite, é fazer frente à ameaça na medida em que possamos. Tanto Merit como eu demos garantia aos Breckenridges que a ameaça não vem da Casa Cadogan. Pode vocês dar ao menos a mesma promessa?

— A ameaça não vem de Grey — disse Scott secamente. — Como você sabe, não é o nosso estilo.

— Nosso estilo tampouco — Morgan disse, sua voz estava um pouco irritada. — Os vampiros Navarre não ameaçam humanos.

Não mais, pensei, Ethan e eu compartilhamos um olhar complacente.

— Sabe que não posso fazer esse tipo de promessa — Noah disse. — Não tenho esse tipo de autoridade sobre os vampiros independentes. Somente sou um delegado para propósitos informativos. Dito isso, não sei nada sobre a família Breckenridge, e certamente não tenho escutado nada nas ruas. Se os vampiros fora das Casas estão envolvidos com isso, eu não estou ciente disso.

— É exatamente por isso que temos Casas — Morgan murmurou em sua cadeira. — Para prevenir situações como essas. — Uniu suas mãos atrás de sua cabeça, e deu uma olhada a Ethan. — Então obtive a afirmação das três maiores de Chicago. Acredita que isso vai acalmar essa gente?

— Improvável — disse Ethan. — Eles vão querer obter informações específicas quanto à ameaça, como quem fez a chamada telefônica, e também que enviou o e-mail.

— Então se não descobrirmos, estamos perdidos — Morgan concluiu. — Ele publicará a história, e estaremos perdidos. Vão reiniciar as audiências, passar qualquer merda de legislação que tem estado considerando, e nos fecharão em nossas Casas durante a noite.

— Um passo de cada vez — Ethan disse calmamente. — Não há necessidade de pular para as conclusões.



— Oh, não use essa merda de Mestre “Sou o esperto” em mim Sullivan. Não sou tão velho como você, mas não sou um novato, tampouco.

— Morgan — Scott advertiu. Scott, pelo que havia aprendido em minhas investigações, era relativamente um novo Mestre. Mas ainda tinha mais poder, mais experiência que Morgan, e o tom de sua voz era uma óbvia recordação desse fato. Era a primeira vez que escutava Scott usar seu posto, o que tornou muito mais eficaz.

Morgan reprimiu qualquer réplica que havia planejado, e se sentou novamente em sua cadeira, olhos fechados, olhando sobre a mesa em frente a ele. Talvez não estivéssemos manejando bem as mudanças. A minha, de humana a vampiro. A dele, de Segundo o Mestre.

— Podemos oferecer garantias quanto as Casas — Ethan disse, recapitulando o acordo que tínhamos alcançado até agora. — O que mais?

— Atualmente — Scott disse. — Tenho uma pergunta. — Olhou para Morgan. — Embora com isto não queira faltar ao respeito, temos uma nova lista de Raves, ameaças contra nós, alguém espalhando informações como somos manipuladores. Isso nos leva a nos provocar. Quais as possibilidades da participação de Celina?

A mandíbula de Morgan tencionou.

Ethan e eu compartilhamos um olhar. — Não acredito que temos fortes provas de todos os modos — disse, aparentemente decidindo não levantar as evidências circunstanciais que encontramos na biblioteca. — Embora ela tenha demonstrado que não está acima da propagação da discórdia entre as Casas.

— E quanta dessa discórdia é pessoal, Sullivan? — Morgan se inclinou para frente, voltou sua cabeça par Ethan. — Pode ser realmente neutro sobre Celina?

Ethan arqueou uma sobrancelha. — Neutro? Sobre Celina? Suas ações até agora sugerem que seja tratada com neutralidade?

De acordo, pensei, dado que a mulher tentou matar Ethan e planejou minha morte. Tinha muitos específicos e muitos concretos sentimentos sobre Celina Desaulniers. Neutralidade não estava nem sequer no cardápio.

— Olha — disse Noah. — Apesar de seus atos anteriores, antes de se envolverem em uma vingança pessoal, eu estou com Morgan. Se não temos provas de



qualquer modo, então vamos deixar de lado a atribuição de culpa a ninguém em particular. O PG a soltou, por isso estamos superando nossos limites, se olharmos de perto vocês sabem como funcionam.

Eu não, mas pelo comentário me fez pensar. Adicionei a minha lista de tarefas bibliotecárias.

— Então a única coisa que obteríamos centrando nossa atenção em Celina é oprimir Greenwich ou perder tempo limitado em uma direção que não tem o capital político para seguir. — Noah sacudiu sua cabeça, e se recostou em sua cadeira. — Não. Não é que acredite que seja uma santa, mas sem detalhes, eu digo que a investigação deve ser mantida aberta no momento.

Scott encolheu os ombros. — Certamente não é uma santa, mas estou de acordo. Solte para testar as águas. Se não temos evidências, mantemos nossa abordagem mais ampla.

— Isso está decidido então — Ethan disse, mas essa linha de preocupação havia aparecido entre suas sobrancelhas. Os comentários não sugeriam que Scott ou Noah apoiasse cegamente Celina, mas necessitavam ser convencidos de sua culpa. Essa carga, aparentemente, estava nos outros.

— Voltando aos Breckenridges — Luc sugeriu. — Deve haver algo que nos falta. Porque esta família? Porque agora? Tinham informações sobre Jamie e a estavam usando para conseguir algo dos Brecks, porque envolver-nos? Qual é a conexão entre os Brecks e os vampiros? Porque a animosidade?

Animosidade.

Essa era a palavra que fez as peças do quebra-cabeça se encaixar em seu lugar.

Pensei sobre as perguntas de Nick fora da Casa, logo no labirinto.

Logo a formigação de magia, e o ódio em seus olhos.

O movimento no mato, e o animal que me observava através das árvores.

O mesmo formigamento que havia sentido no escritório de Papai Breck.

O prejuízo óbvio, o ódio pelos vampiros.



Circulando suas forças ao redor de Jamie, protegendo-o.

— Eles não são humanos — disse em voz alta, logo levantei o olhar, encontrando o olhar de Ethan.

— Não são humanos? — Scott perguntou.

Ethan me olhava fixamente, e vi no instante que entendia. — A animosidade. A desconfiança com os vampiros — assentiu. — Deve estar certa.

— O que está dizendo? — Morgan perguntou.

Ethan continuava a me olhar, assentiu, me dando incentivo para tomar a reunião, para anunciar a conclusão. Olhei ao redor da sala, encontrei seus olhares. — Eles são metamorfos. Os Breckenridge são metamorfos.

Por isso que havia sentido a magia em torno de Nick. Era um metamorfo. E a diferença do vampirismo, ser um metamorfo era hereditário, então ele era igual a seu pai, e como seus irmãos. Todos unidos em lealdade a Gabriel Keene, o pico, o alfa da Manada Central da América do Norte.

— O animal que visitou a Rave — disse, lembrando do animal e da magia. — Esse deve ter sido Nick.

Morgan girou bruscamente sua cabeça em minha direção. — Foi à cena de uma Rave? — inclinou-se para frente, palmas sobre a mesa, e logo voltou a cabeça para Ethan. — A levou a uma cena de Rave? Ela tem apenas dois meses de idade, pelo amor de Cristo.

— Ela tinha sua espada.

— Eu repito, ela tem apenas dois meses de idade. Está tentando que a assassinem?

— Tomei uma decisão baseado no conhecimento de suas habilidades.

— Jesus, Sullivan. Não te entendo.

Ethan afastou sua cadeira, se levantou e se inclinou sobre a mesa de



conferências, os dedos abertos sobre a mesa. — Em primeiro lugar, nunca colocaria Merit em uma situação que não acreditasse que poderia manejar. Além disso, ela estava comigo e com Catcher, e Mallory Carmichael, quem, como já temos comentado, está entrando em seus poderes que são o suficiente forte para oferecer proteção às pessoas dentro de seu círculo. E entendo que a Ordem está estabelecendo sua presença em Chicago para se capaz de aproveitar suas habilidades.

Isso me colocou mais a direita. Ao que parece, as viagens de Mallory a Schaumburg eram um pouco mais significativas do que havia me levado acreditar.

Inclinou-se um pouco mais adiante, lançou um olhar a Morgan que me enviaria a um canto com um rabo entre as pernas, e arqueou uma poderosa sobrancelha.

— Em segundo lugar, te disse isso uma vez, e esta será a última que direi. Precisa recordar sua posição. Não vou discutir nem a idade nem o prestígio da sua Casa, Morgan. Mas tem sido Mestre por menos tempo que Merit tem sido vampiro, e deveria recordar que deve sua Casa a ela, porque seu Mestre anterior atentou contra minha vida. — Se deteve, mas o seu olhar dizia o suficiente sobre o que não havia falado - que se Morgan desafiasse Ethan novamente, Ethan faria que sofresse as consequências.

A sala ficou em silêncio. Depois de um minuto, Morgan estreitou seu olhar — e olhou fixamente e desafiante - Ethan levantou lentamente seus olhos verdes para mim, e vi algo diferente neles.

Respeito.

Meu estômago virou com a força desse olhar, por ser vista como igual por alguém que anteriormente havia me visto como algo de muito menos valor. Havíamos nos convertido em um tipo de equipe, um dueto Cadogan unidos contra os inimigos.

— Agora — Ethan disse. — De volta ao assunto. Se são metamorfos, como informa essa nossa investigação?

— Talvez estejam protegendo o membro mais fraco — concluiu Luc. — Eles tem estado vigiando Jamie, protegendo, desta suposta ameaça contra ele. E pelo que entendi isso é incomum para os Brecks. Jamie tem sido a ovelha negra. O sem sentido. Talvez seja por isso que escolheram os Breckenridges. Talvez alguém saiba algo sobre Jamie, pensa que isso deixa a família vulnerável. — Ele franziu o cenho. — Jamie poderia ter uma falha mágica. Quem sabe não pode se transformar completamente,



talvez não possa mudar a sua vontade. Algo como isso.

— Sim isso é verdade, Papai Breck tem um problema — Ethan concluiu.

— E já que Jamie ainda está vivo, Papai Breck tem um segredo — Luc terminou.

Franzi o cenho e olhei para Luc. — O que quer dizer, já que Jamie ainda está vivo?

— As mandas são estritamente hierárquicas — explicou Noah. — O mais forte dos membros lidera a Manada, o mais fraco serve, ou são sacrificados.

Sacrificado. Um modo político de se dizer que os jovens da Manada são assassinados. - Isso é... horrível — disse com meus olhos marejados.

— Em termos humanos — Noah disse. — Talvez. Mas eles não são humanos. Eles são regidos por diferentes instintos, tem diferentes histórias, diferentes desafios em suas histórias. — Encolheu os ombros. — Não estou certo se cabe a nós julgá-los.

— Matar aos membros da sua sociedade? — sacudi a cabeça. — Estou bastante cômoda julgando-os, independente de sua história. A seleção natural é uma coisa.

— Merit — Ethan disse. Havia um desafio em sua voz. — Não é o momento nem o lugar.

Fechei a boca, aceitei a crítica. Ouvi um bufar de desgosto de Morgan do outro lado da mesa, assumi que estava em desacordo com a reprimenda e com minha obediência.

— Deixando de lado a ética — Ethan disse. — Jamie é claramente ainda parte da família. O Gabriel não sabe, se sabe não se importa.

— Jesus Cristo — Scott disse, passando suas mãos pela cara. — Era bastante mal quando éramos nós contra a Trib e a Cidade de Chicago, mas agora nós vamos enfrentar a maldita Central da América do Norte? Morgan tem razão. — Disse preocupação estampada em seu rosto. — Estamos fodidos.

— Sugestões? — Ethan perguntou

— Deixe-me fazer uma ligação — disse, supondo que já que devia um favor a



Jeff. Outro mais não ia interferir em nada.

Ethan me olhou por um momento, talvez decidindo se estava desejoso em confiar no meu juízo. Assentiu. — Faço-o.

Ofereci-me para encontrar Jeff na porta da Casa Cadogan. Imaginei que apreciaria a atenção pessoal e estaria um pouco mais cômodo em uma Casa de vampiros se tinha sua própria guarda pessoal e assistente. Pelo menos é assim que me expliquei.

Fiquei de pé na entrada, braços cruzados esperando que o RDI dessa passagem a Jeff para dentro da propriedade. Caminhava usando calças caquis e uma camisa de manga comprida sobre seu corpo esguio, as mangas de sua camisa enroladas até os cotovelos. Seu cabelo castanho se balançava enquanto caminhava se aproximando, mãos no bolso e um sorriso bobo em seu rosto.

Pulou a escada da varanda e me encontrou na porta aberta. Havia um pouco mais de adoração em seus olhos do que me sentia cômoda, mas Jeff estava nos fazendo um grande favor - particularmente como um metamorfo, caminhando dentro da guarida de seus inimigos - assim que me aguentei.

— Olá Merit.

Sorri. — Já era hora de chegar. Alguma novidade sobre o e-mail?

— Sim — disse, lançando uma olhada preocupada dentro da Casa. — Mas não aqui. Muitos ouvidos.

Sua resposta não trazia nada de bom, mas peguei a pista. — Aprecio que tenha vindo até aqui. E passar sua noite averiguando de onde provinha o e-mail.

— É por isso que me chamam de o campeão.

Soltei uma risada e me movi para o lado para deixá-lo entrar na Casa. — Desde quando te chamam de o campeão?

Deteve-se no hall de entrada enquanto fechava a porta atrás de nós, e me deu um sorriso. — Se lembra de como você e eu estamos namorando?

— Certo — disse solenemente. — Como vai indo, por certo? — Apontei o



caminho para o escritório de Ethan e caminhou ao meu lado, estudando a Casa e os vampiras espalhados.

— Bom, eles me chamam o campeão. Quero dizer, meu trabalho é um sofrimento, de todas as formas.

— O que é isso agora?

Chegamos à porta fechada do escritório, e Jeff passou a mão através do seu cabelo. Nervos, imaginei, mas ele me olhava e sorria.

— Bem, você tende a ser uma... distração. Você sabe, com as mãos. E sempre me chamando, mandando mensagens — levantou o olhar para mim, e enquanto sorria, medo endurecia seus olhos, marcava o ar com um sabor adstringente.

— Quando entrarmos sou sua Sentinela, também.

Esta vez sorriu, pensei que um pouco da tensão havia desaparecido de seus ombros.

— E sabe o que? — perguntei, agarrando a maçaneta da porta.

Passou a mão por seu cabelo outra vez. — O que?

— Você é meu metamorfo favorito.

Jeff rodou os olhos. — Não é que negue meu atrativo varonil, mas sou o único metamorfo que conhece.

— De fato Jeff, esse é nosso problema — abri a porta, e entramos.

Capítulo 20

A tampa do lixo.

Mesmo com o resto dos vampiros ainda estando sentados a mesa de conferência, Luc havia se movido para mais perto da porta e estava se encostando em uma cadeira de couro quando nós entramos. Eu gostei da movimentação. Dessa forma, nós dois poderíamos acompanhar o Jeff para a mesa, dar proteção dos dois lados. Ainda que o Catcher houvesse me garantido uma vez que o Jeff podia cuidar de si mesmo, e vendo a fúria no olhar do Nick, eu não achava que o metamorfo conseguiria. Mas com vinte e um anos, ele era mais jovem, de longe, do que qualquer pessoa na sala e era um membro do grupo que não estava nos seus melhores dias com os vampiros. Mesmo o risco de termos que usar as armas ser baixo, isto asseguraria que os Mestres se comportassem.

— Obrigado por concordar em falar conosco — Ethan disse, levantando-se e estendendo uma mão enquanto caminhávamos para a mesa. — Especialmente tão em cima da hora.

— Sem problemas — Jeff levemente disse, apertando sua mão. — Estou feliz em poder ajudar, eu acho.

Ele sentou-se em uma cadeira vazia, eu peguei o lugar ao lado dele. Ethan sorriu e se virou para o resto da mesa.

— Apresentações feitas — Jeff olhou para o Ethan e então para mim. — Então, o que vocês querem saber?

— Como você sabe — eu comecei. — Nós estamos investigando uma ameaça feita contra o Jamie Breckenridge que supostamente foi feita por um dos vampiros Cadogan. Mas nós não encontramos ninguém — nenhum vampiro — com algo contra o



Jamie. — Eu pausei. — Nós acreditamos que os Breckenridges são metamorfos.

— Ah — Jeff disse, surpresa em sua expressão. — Tudo bem.

— O que nós estamos tentando descobrir — eu continuei. — É se algum outro metamorfo possa ter algo contra a família. — Jeff franziu as sobrancelhas.

— Eu não estou entendendo.

— O Jamie sempre foi meio sem rumo, não é, Merit? — Ethan perguntou.

Eu concordei. — Eu acho que está certo.

— Entretanto, parece que a família Breckenridge está protegendo ele. Ninguém mais, que eu saiba, sabe que os Breckenridges são originariamente metamorfos. A teoria que nós estamos trabalhando é que eles o estão protegendo por uma razão. Talvez porque o Jamie é fraco, e tem algum tipo de problema mágico. E talvez os membros do Bando queiram fazer algo a respeito disso.

Jeff balançou a cabeça. — Eu ainda não... — então ele parou, a boca se abrindo, choque e consternação, e pior de tudo, dor, na sua expressão. Ele sentou na cadeira, como se tivesse murchado com a pergunta. — Uau.

A sala ficou em silêncio, olhares caindo culpadamente para a mesa, os vampiros sem conseguir realizar contato olho a olho. Um minuto se passou em silêncio. Eu queria alcançar minha mão até ele, tocá-lo, ambos para confortá-lo e me reassegurar,

— Sem ofensa, mas é por isso que os metamorfos não gostam de vampiros — Jeff disse em voz baixa, trazendo nossos olhos para ele. — O rumor, a especulação. Que você realmente teria coragem de perguntar isso na minha cara: você mata membros do seu Bando? Isso é insultante. — Ele olhou para mim. — Eu sei que você é nova e talvez não tenha aprendido — ele disse, e então olhou para o Ethan e o resto dos vampiros. — Mas o resto de vocês está vagando por aí faz um tempo. Certamente vocês já aprenderam. — Nenhum deles, para se redimir, ofereceu desculpas pela ignorância. — Agora — Jeff continuou, sentando mais a frente na cadeira e colocando os cotovelos na mesa. — O fato que nós não exterminamos membros... — ele nos deu um olhar afiado, sugerindo que ele sabia exatamente que espécie sobrenatural fazia isso, e dada a espada presa do meu lado, eu pensei que ele tinha razão. — Não quer dizer que nós não temos brigas dentro do Bando. Só porque o Jamie não seria morto, isso não quer dizer que algum dos membros mais fortes não o maltratariam, aqueles



caras usariam as fraquezas dele contra ele ou sua família.

— Chantagem? — eu perguntei.

— Ou extorsão. Já aconteceu antes. “Dê-me o que eu quero, e eu me assegurarei que seu filho ficará protegido,” esse tipo de coisa. Os membros do bando que estão bem lá embaixo na hierarquia fazem isso para se sentir melhor. Parte de onde você, bem, você sabe, é imutável. Todo o morfo tem uma forma primária. O animal que eles se transformam. Os metamorfos são nascidos dessa forma. A forma que um morfo toma nunca mudará. Você nasce com isso, e isso afeta o seu nível no bando. Parte disso é músculo, força. E essa força determina o que você faz com o seu nível — você sente e deixa o bando tomar as decisões? Ou você tenta conseguir um cargo, tenta influenciar o Gabriel? O negócio sobre a chantagem, porque isso é o tipo de ação que faz você parecer muito mais fraco — não ser capaz de lidar com seus próprios problemas? — disse Scott.

Jeff concordou com Scott. — Exatamente. Gabriel é o soberano da Central Norte Americana, o Bando como um todo, uma unidade. Ele não está aqui para julgar disputas familiares ou qualquer coisa assim. Este não é o papel dele.

Ethan ergueu um dedo. — A menos que eles se tornem disputas do Bando.

Jeff acenou. — Claro. Se tornarem-se disputas do Bando. Mas acontece raramente. Essa é a natureza do Bando. Nós cuidamos uns dos outros. Se você irritar bastante os membros do Bando, nós cuidamos uns dos outros.

Estas palavras, ditas por um programador de computador magricelo de vinte e um anos pairou desconfortavelmente no ar.

— Jeff — eu perguntei. — Você sabe de algum plano específico para machucar o Jamie, ou alguma animosidade contra os Brecks?

— Eu nem sabia que eles eram morfos até você me contar. Não é como se tivéssemos uma lista ou radar ou algo assim. Lembre-se que nós ainda estamos no armário, eu suponho. E mesmo que estejamos amontoados em bandos, há somente quatro bandos nos EUA, e isto é somente geografia. Nós somos nascidos, e não feitos como vocês, então nós funcionamos de uma maneira, vamos dizer, mais familiar.

— Como a Máfia — Scott sugeriu.



— Nós não somos tão ruins — Jeff disse. Ethan olhou em volta.

— Se o Jamie, de fato, tiver algum tipo de machucado mágico, a informação poderia ser usada em detrimento dele por outros indivíduos do bando. O que nós podemos extrapolar disso?

— Se isso for verdade — Jeff adicionou. — Ainda que a questão tenha sido com o pensamento nos vampiros, e alguém descobriu, eles acharam um gatilho para os Breckenridges. Algo que pode deixá-los completamente fora de si.

— Algo que já os deixou fora de si — Ethan sombriamente corrigiu.

— E se o dono dessa informação for um vampiro — Luc disse, medo em sua expressão. — Este gatilho poderia provocar uma guerra entre nós.

A sala ficou em silêncio. Ethan suspirou pesadamente, e então olhou ao redor para os senhores da mesa.

— Como nós temos pouco mais de meia hora até o nascer do sol, se nós não temos nada mais produtivo para contribuir hoje, eu contatarei o RDI e pedirei que eles complementem a nossa investigação durante o dia. Enquanto isso, por favor, examine o melhor que vocês possam para determinar se alguém tem alguma informação adicional pertinente. Eu sugiro que nós nos encontremos aqui, uma hora depois do por do sol, para nos reagruparmos e dividir o que nós descobrirmos. Alguma objeção?

— É o melhor que podemos fazer em tão pouco tempo — Scott disse, levantando da cadeira. Noah fez o mesmo. Scott e Noah acenaram para o Ethan, e então foram para a porta. A saída do Morgan foi mais devagar. Ele se levantou da cadeira, e esperou até que o Noah e o Scott tivessem saído pela porta, provavelmente a caminho de cobertura já que o sol ameaçava sair acima do horizonte.

Morgan olhou para mim, fúria nos olhos e então o olhar mudou para o Ethan. Morgan andou na direção dele, parou a centímetros do seu corpo e sussurrou algo que achatou a expressão do Ethan. Sem olhar de volta para mim, Morgan saiu do escritório, batendo a porta atrás dele. Ethan, ainda sentado na ponta da mesa, fechou os olhos.

— Algum dia, se ele se preparar para isso, ele poderia ser um líder para os vampiros. Deus nos livre se esse dia chegar antes dele estar preparado.



— Eu acho que esse dia está aqui — Malik balbuciou para mim. Eu acenei em concordância, mas lamentei o meu impacto nas interações do Morgan com o resto dos Mestres. Eu havia desorientado ele, e ainda tentou ser protetor quando eu trouxe a tona o tópico sobre a Rave. Eu realmente não sabia o que pensar sobre isso.

— Jeff — Ethan disse. — Obrigado novamente por ter se aventurado para dentro da Casa Cadogan. Nós apreciamos a informação mais do que podemos dizer.

Jeff deu de ombros. — Sem problemas. Eu estou feliz que ajudei a corrigir os fatos — mas então ele abaixou sua cabeça, em minha direção, e sussurrou. — Sobre aquela outra coisa.

Eu olhei de volta para ele. — Não aqui? — ele balançou a cabeça e eu concordei. — Eu o levo para fora — eu disse alto, e então levantei da cadeira. Jeff fez o mesmo.

— Você está dispensada — Ethan disse, voltando para sua mesa e pegando os fones do telefone. — Eu vejo vocês dois amanhã.

Não foi até que estivéssemos fora da Casa, a meio caminho entre a porta da frente e a cerca de ferro fundido, que o Jeff me parou com uma mão no meu braço. Ele olhou em volta, olhou de lá para cá.

Parecia que ele estava examinando a Casa. — Evitando os paparazzi — ele explicou. — E sem ofensas, mas os guardas... não sou muito fã.

Nós dois olhamos para onde eles estavam severos e obscuros, no portão de Cadogan. Como se tivesse sido combinado, eles na mesma hora olharam sobre os ombros para nós.

— Eles são um pouco esquisitos — eu concordei, e então olhei para Jeff. — O que você descobriu?

— Certo — ele disse as duas mãos se mexendo enquanto ele começava a explicar. — Demorou algumas tentativas, mas eu consegui rastrear o endereço do e-mail. O endereço do IP era falso, infelizmente. Muitos desvios, e mesmo se eu achasse o e-mail de origem, isto apenas me dará uma localização, certo? Não me vai dizer que enviou o e-mail!

Eu pisquei para ele por um segundo. — Eu realmente não faço ideia do que



você acabou de falar.

Ele parou de falar e olhou para mim, e então acenou com as mãos antes de começar novamente. — Não importa. O e-mail é a chave. O e-mail para o Nick foi mandado de um endereço genérico. O tipo que você pode fazer de graça na internet. Eu consegui fuçar, e consegui os dados para fazer o e-mail, mas a informação era falsa. O nome da conta era Vlad.

Eu revirei os olhos. — Nos apontamos na direção certa, eu acho, mas não é muito criativo.

— Exatamente o que eu pensei, então eu tentei outra coisa. Cada vez que você se cadastra nessas contas genéricas, você tem que digitar outro endereço de e-mail. Um lugar onde a empresa possa mandar sua senha se você esquecê-la ou algo assim.

— Eu presumo que o outro e-mail era falso também? — Jeff sorriu.

— Agora você está entendendo. Eu afunilei para seis contas...

Eu o interrompi com uma mão. — Espera. Quando você disse “afunilou” você quer dizer “hackeou”, certo?

Jeff teve a graça de ficar vermelho. Era charmoso, de um jeito altamente ilegal.

— Eu sou totalmente White Hat⁴⁰ — ele disse. — Não que você saiba o que isso significa, mas eu sou. É tudo serviço público, se você for pensar. E eu sou um servidor público de qualquer forma. — Eu olhei para cima enquanto ele racionalizava, percebendo de repente que o céu estava começando a ficar rosado nas beiradas.

— Nós temos que andar logo com isso se possível J, antes que eu fique consideravelmente mais crocante. O que você descobriu?

Seu sorriso desapareceu. Jeff olhou em volta novamente, e então puxou um pedaço de papel dobrado do seu bolso. Com a expressão rígida, ele me entregou. — Esta é a corrente que eu descobri — ele disse. — Todos os e-mails que eu consegui descobrir, seguindo até o e-mail de origem no final.

Eu desdobrei o papel. Eu não reconheci nada até chegar no final ao último nome da lista. Um endereço de e-mail que eu havia visto antes, o nome entregando

⁴⁰ Pessoas que usam habilidades com o computador de uma forma ética.



tudo. Eu murmurei um xingamento vendo aquilo.

— Isto realmente não é o que eu queria ver.

— Sim — ele disse. — Eu imagino que estamos quites nos favores agora.

Eu fiquei um tempo no pórtico depois que o Jeff saiu, encarando a porta fechada. Símbolos estavam expostos na soleira da porta, indicação das alianças da Casa. Mesmo só faltando alguns minutos até o nascer do sol, eu decidi que isso não era algo que podia esperar. Eu segui para a escada do porão e então para a Sala de Operações. Eu adivinhei errado o suposto criminoso, Kelley havia sido liberada pela pesquisa do Jeff. Eu não podia dizer o mesmo a respeito do guarda que realmente havia mandado. Independentemente disso, este guarda havia caído sob a supervisão do Luc, então eu optei por começar com ele. Além disso, de jeito nenhum eu levaria isso ao Ethan sem ajuda. Eu abri a porta e examinei a sala, meu coração tamborilando no peito enquanto eu me preparava para entregar as provas da traição de um colega de trabalho.

Mesmo estando tão perto do nascer do sol, a sala apitava com atividades enquanto os vampiros se preparavam para ceder o controle da segurança da Casa completamente para o RDI. Lindsey e Kelley estavam sentadas em suas mesas. Luc estava parado atrás da cadeira da Lindsey, seu olhar no monitor dela enquanto ela trabalhava, mas olhou para trás quando eu fechei a porta.

— Sentinela — ele disse se ajeitando. — Eu não esperava te ver de volta. O que houve?

— Onde está o Peter? — Luc levantou suas sobrancelhas.

— Provavelmente no seu quarto. Ele teve um turno cedo. Por quê?

Eu segurei o e-mail. — Porque ele mandou a ameaça.

A sala ficou silenciosa, Lindsey e Kelley se viraram com olhos esbugalhados para me encarar.

— Esta é uma acusação séria, Sentinela.

Eu olhei para Lindsey. — Você tem uma cópia do e-mail que o Peter tinha mandado com aquelas informações sobre os paparazzi?



— Hum, claro — ela disse. Ela parecia confusa, mas abriu uma pasta do lado da sua mesa e tirou uma impressão dela, e então girou em sua cadeira e me entregou.

Eu peguei a pasta, e então deitei os dois pedaços de papel na mesa de conferência. Luc caminhou para perto, braços cruzados no peito desafiadoramente. Eu apontei para o primeiro documento.

— Este é o e-mail que Peter mandou sobre os paparazzi — Luc olhou o e-mail, uma careta entortando seu semblante.

— Claro — ele disse. — Ele mandou para mim do e-mail Cadogan dele. Eu imprimi.

— Eu sei. Eu dei o e-mail com a ameaça para o Jeff Christopher. Ele rastreou-o e encontrou vários e-mails, todos falsos. Mas no final da corrente havia este. — Eu apertei meu dedo na lista que o Jeff havia me passado há alguns minutos atrás e apontei para o e-mail no final da lista: o e-mail de Cadogan do Peter.

Houve silêncio por um momento, e depois xingamentos descontrolados. — Filho da puta! — Luc olhou para cima, mandíbula apertada, narinas abertas enquanto ele absorvia a traição. — Ele esteve jogando conosco. Todo esse tempo, jogando conosco.

Luc esticou suas mãos na mesa, de cabeça baixa. E então, sem aviso, ele se afastou e deu um soco na mesa com uma força que dividiu o ar como trovão — fazendo um buraco do tamanho do punho dele na madeira.

— Luc — Lindsey disse. Ela levantou da cadeira e colocou os braços em volta da cintura dele, sua outra mão no ombro dele. — Luc — ela repetiu, sua voz mais suave. Eu segurei um sorriso, eu estava começando a achar que Lindsey implicava muito com o nosso intrépido capitão.

— Eu sei — ele disse, e então olhou para mim, seus olhos queimando. — Ele não está nessa sozinho. Ele não ia se virar contra a Casa sozinho depois de todos esses anos. Se ele está nisso, é porque alguém o está controlando.

Eu pensei no “ela” que havia deixado uma mensagem para o Nick.

— Eu sei — eu falei para ele. — Eu acho que você provavelmente está certo



sobre isso.

— Seria muito pedir que em adição a você ter obtido essa prova, você ter um plano esperto para pegar esse merdinha?

Eu sorri timidamente. — Claro que eu tenho um plano. Eu sou a Merit, apesar de tudo.

Dois minutos depois nós estávamos no primeiro andar. Luc tinha mandado Kelley fazer uma atualização no caso da ameaça aos Breckenridges e mandar para o quarto do Peter, para confirmar que ele ainda estava no quarto. Nós também alertamos o RDI, que foram instruídos a pará-lo caso ele tentasse fugir. A porta do Ethan estava fechada. O Luc bateu as juntas dos dedos contra a porta, mas não esperou uma resposta antes de abri-la. Ethan estava atrás da mesa, fechando o notebook como se estivesse se preparando para dormir também.

— Lucas? — ele perguntou, sobrancelhas se franzindo com a nossa entrada. Eu olhei para o Luc, que acenou, e então eu fiz o meu pedido.

— Eu peço permissão para matar dois pássaros com uma pedra só — Ethan arqueou uma sobrancelha.

— Você precisa de permissão para matar um inimigo?

— Ela está falando sério Ethan.

A voz do Luc era calma, severa e atraiu o olhar do Ethan e colocou surpresa em sua expressão. Eu estava surpresa também — eu acho que nunca havia ouvido Luc chamar Ethan pelo primeiro nome antes. Eles trocaram um olhar, e então o Ethan acenou e olhou para mim.

— Sentinela?

— É o Peter — eu disse. — Ele mandou a ameaça para o Breckenridges.

Eu assisti um misto de emoções passarem pelo seu rosto, de choque a negação até fúria que enchia o ar com um zunido mágico e que estreitava o seu olhar em fendas verdes brilhantes... e então para um rápido prateado.

— Você tem prova disso, eu suponho?



— Ele mandou o e-mail — Luc disse. — A mensagem para o Nick que ameaçava o Jamie. Foi rastreado por vários e-mails falsos, mas foi originado na conta de Cadogan do Peter.

Ethan ajeitou sua mandíbula e quando ele finalmente falou, sua voz era baixa, grossa e perigosa.

— Ele mandou um e-mail com uma ameaça para um metamorfo, desta Casa?

Ele se levantou, e então empurrou sua cadeira com enorme força. Ethan caminhou até o bar junto a parede com uma intensidade furtiva de uma pantera, pegou um copo do bar e com uma virada e parada do seu torso, caminhou para o outro lado do escritório. O copo voou e então bateu contra a parede do outro lado da mesa de conferência. O vidro despedaçou-se, e se espalhou pelo chão.

— Liege — Luc disse baixo, mas firme.

— Na minha Casa — Ethan disse, e então se virou para nós, mãos nos quadris. — NA DROGA DA MINHA CASA! — Luc acenou.

— Dois traidores na minha Casa, Lucas. Na Casa do Peter. Como? Como isso é possível? Há algo que eu não tenha dado a eles? Algo que faltou a eles? — o seu olhar estourou no meu. — Sentinela? — Eu deixei meu olhar cair para o chão, sem conseguir suportar a dor, a fúria e a traição que havia em seus olhos.

— Não, Liege.

— Liege — Ethan murmurou a palavra soando sarcasticamente.

— Merit tem um plano — Luc colocou. Ethan olhou para mim, sobrancelhas levantadas, um pouco de surpresa agradável na sua expressão.

— Sentinela?

— Matar dois pássaros — eu lembrei-o. — É muito tarde agora, o sol está quase subindo, mas eu acho que nós podemos confrontá-lo sem arriscar os outros vampiros da Casa. Nós o atrairemos para fora.

— E como nós conseguiremos isso?



— Nós oferecemos Celina como isca. — seu olhar ficou um pouco cruel, como se ele condenasse veementemente a manipulação.

— Faça o que você tenha que fazer Merit.

— Isso é uma permissão? — eu tentei confirmar. Vagarosamente, ele levantou seu olhar ao meu, e então olhou para o horizonte.

O plano estava feito, e o sol brilhava no fim do horizonte, eu retornei para o meu quarto e encontrei meu celular piscando nervosamente. Mallory havia me deixado quatro mensagens de voz, uma mais consoladora, menos brava, do que a anterior. Ela parece ter gastado um pouco do estresse, mas eu não podia dizer o mesmo. O drama vampírico havia focado minha atenção em outro lugar, certamente, a corrente de raiva. Eu simplesmente não estava preparada para falar com ela. E isso não era a única coisa me esperando.

Eu pensei de primeira, que o papel vermelho no chão do meu quarto havia escorregado do pacote de cartas que havia trazido da casa da Mallory. Mas eu sabia que não havia nenhum envelope carmesim no chão do meu quarto quando eu havia trocado de roupa algumas horas atrás. Era o mesmo envelope da carta mandada pra casa da Mallory, mas dessa vez estava endereçada para mim na Casa Cadogan.

Eu peguei, e então ergui o pesado envelope. Nenhum cartão dentro desta vez, mas havia outra coisa. Eu pesei o conteúdo na minha mão. De dentro saiu cartão retangular plástico vermelho translúcido do tamanho de um cartão de trabalho. Havia apenas uma linha branca, a escritura RG e uma flor-de-lis estilizada.

Com a carta na mão, eu fui para a cama e sentei, e então coloquei o envelope na mesinha de cabeceira do meu lado. Eu mexi o cartão para frente e para trás, o segurei contra a luz, tentei ler pelo lado reverso. Nada. Os dois envelopes haviam sido endereçados a mim – um no meu antigo endereço, um no meu novo. Alguém sabia onde eu morava e descobriu que eu havia mudado. Alguém que queria me dar pedacinhos de papel e plástico ao acaso? Estas eram para serem supostamente mensagens? Pistas? O sol estava subindo, e minha tolerância para os mistérios estava exausta por um dia, eu coloquei a carta na mesinha de cabeceira ao lado da minha cama. Coloquei meu pijama – uma camiseta grande e de mangas cumpridas do Bears – me assegurei que a tranca da janela estava segura e subi na cama.



Capítulo 21

Dá a mordida uma reputação ruim.

Como normalmente acontece, o sol se pôs novamente. De banho tomado e vestida, eu estava de pé em frente à mesa de conferência da Sala de Operações com o meu uniforme preto de Cadogan, de katana embainhada e pronta, preparada para, como o Ethan havia colocado, pegar meu colega. Pegar o Peter, claro, não era a parte difícil. A parte difícil era convencer o Peter a pegar quem quer que fosse que estava de conluio com ele, fosse o “ela” da ligação do Nick ou alguma outra pessoa com informação sobre os Breckenridges.

A armação, claro, era fácil. Nós mandamos um e-mail para um dos endereços falsos do Peter disfarçada da pessoa que nós suspeitávamos que estivesse controlando ele – Celina – e pedimos para ele a encontrar no lugar “de sempre” deles. Se ele mordesse a isca, nós confirmaríamos que a Celina era a manipuladora por trás dos bastidores. Nós o seguiríamos para o local de encontro, e de lá, o prenderíamos.

— Ou é assim que deveria ser — eu falei para os guardas, minhas mãos suando enquanto eu explicava o plano para os vampiros ao redor da mesa de conferência. Esta era, eu acho, minha primeira operação oficial como uma Sentinela, e havia um milhão de maneiras na qual isso poderia dar errado. Entre outros problemas em potencial, nós havíamos tido acesso aos nomes humanos do Peter e da Celina. E mais importante, o e-mail estava datado de apenas umas semanas antes de encontrarmos Celina no Lago Norte e Ethan a ter confrontado sobre seu papel nos assassinatos do parque.

Peter e a Celina haviam se comunicado, e eles haviam feito isso logo antes dela ter tentado dar um fim ao Ethan. Coincidência? Talvez. Provavelmente não. Mas mesmo se Celina não tiver sido a instigadora para essa mais nova traição, o fato dela e Peter terem se comunicado aumentava as chances de que ele estaria curioso o suficiente para morder a isca, especialmente já que ele havia sido avisado que ela provavelmente tentaria voltar para Chicago. De qualquer forma, nós podíamos



garantir que ele estava fora da Casa – e que nossos vampiros estavam fora de perigo – antes de confrontarmos ele.

— Lindsey — Luc solicitou quando eu terminei a minha análise. Ela acenou.

— Já que o Jeff não conseguiu entrar na conta existente de Marie Collette, eu cadastrei uma nova, usando um novo nome para o domínio. Ele tem pelo menos seis endereços de e-mail operantes, então não deveria ser uma grande surpresa que a Celina tenha mais de um.

— Nós fazemos o possível com o que é nos dado — Luc disse. — Nós só precisamos colocar ele para fora da porta. E a mensagem?

Eu apertei um botão para que o texto fosse mostrado na tela da parede do outro lado da mesa de conferência, e então li alto: - Você foi descoberto. Ponto de encontro, rápido.

— Nós estávamos preocupados em escolher um horário específico já que não tínhamos certeza que ele veria a mensagem — Juliet disse. — Mas presumindo que nós fizemos as suposições certas, e que a Celina está por trás disso, não é um plano ruim.

Luc acenou, e então olhou para mim. — É sua operação, Sentinela. Você está pronta?

Eu pensei na traição no olhar de Ethan, e concordei mão esquerda em punhos na katana. — Vamos pegá-lo.

Lindsey e Luc estavam no carro utilitário dela, um olho no carro esportivo vermelho do Peter (que havia sido marcado pelo RDI com um dispositivo de rastreamento), prontos para seguir o Peter se ele seguisse nosso plano. Eu fiquei em pé ao lado da porta do porão, esperando impacientemente pela Juliet, que tinha sido designada para nos levar. O veículo dela, um Sedan preto, aparentemente era menos perceptível que o meu Volvo laranja, que o Luc tinha vetado imediatamente como um carro de vigilância.

Eu escutei passos nas escadas e me endireitei, mas não era Juliet que apareceu virando a esquina. Cabelos loiros presos na base de seu pescoço, seu corpo bem instalado em uma camiseta preta de manga curta e um jeans preto, katana em uma bainha azul Royal na cintura, ele sorria de uma maneira, que um canto da sua boca



subia intencionalmente.

— Não pareça tão surpresa, Sentinela — ele disse, passando por mim para digitar os números no teclado. — Eu não posso em sã consciência permitir que só você se divirta.

— Onde está Juliet? — eu perguntei.

Ethan abriu a porta do porão e segurou aberta para mim.

— Eu estou aqui dentro ainda — Juliet disse, sua voz ecoando pelo meu pequeno fone de ouvido enquanto Ethan e eu caminhávamos até a Mercedes. — Kel e eu estamos mantendo um olho na Casa enquanto vocês quatro brincam de Esquadrão Classe A⁴¹ vampírico. E por falar em diversão, o idiota ainda está em seu quarto e a Kelly está de olho na cozinha do terceiro andar. Todos estão em posição?

— Carro número um está pronto — Luc disse.

— E a loirinha aqui, linda como sempre.

Eu segurei um sorriso nos xingamentos que vazavam pelo fone de ouvido.

— Terceiro andar pronto — Kelly sussurrou.

— Carro número dois está pronto — Ethan disse, desativando o alarme da Mercedes. Nós entramos e Ethan ligou o motor, ajustando seu retrovisor, e seguiu para a rampa.

— Mandando o e-mail em três, dois, um..., mandei.

Não havia som fora o barulho do portão da garagem subindo e o zumbido da Mercedes. Ethan colocou o carro na rua, o quarteirão ainda escuro e vazio, livre de paparazzi. Ele fez a baliza e estacionou no acostamento. Nós esperamos.

Demorou trinta e sete minutos. Tempo o suficiente para Peter checar seus e-mails, pegar sua espada e correr em direção ao carro vermelho esportivo, que estava estacionado do lado de fora da Casa.

⁴¹ Esquadrão Classe A foi uma série de televisão americana, exibida originalmente pela rede de televisão NBC, entre os anos de 1983 e 1987, sobre um grupo fictício de ex-comandos do Exército dos Estados Unidos que atuavam como mercenários, utilizando práticas comuns da Guerra do Vietnã.



Luc e Lindsey estavam no veículo mais discreto, então eles saíram primeiro, saindo para a rua uns 300 metros mais ou menos atrás do Peter. Quando eles estavam há umas duas quadras na nossa frente, nós saímos, todos nós seguindo o possível traidor, que dirigia para o leste, e então saltou para a Rodovia Lake Shore. Eu olhei de relance para o Ethan, que costurava o tráfego para manter os veículos a nossa frente à vista.

Peter voava para o norte, aparentemente ansioso por ver Celina, ou quem quer que fosse que ele acreditava que iria se encontrar com ele. Se fosse Celina, eu imaginei se ele estaria indo por vontade própria – porque ele a amava ou acreditava nela ou um pouco dos dois – ou porque ele havia sido encantado por ela.

Porque o Peter, mesmo com toda a sua força, não conseguiria combater a vontade de Celina.

— O que você vai fazer com ele? — eu perguntei para o Ethan, enquanto deslizávamos ao lado do Lago.

— Fazer com ele?

— Quando ele confessar — eu disse, absoluta confiança que ele confessaria. — O que você fará com ele? Qual será a punição?

— Excomunhão — Ethan respondeu sem hesitar. — Ele será banido da Casa, sua medalha retirada. A mesma punição extrema recebida pela Amber, embora sem sua participação.

— O que mais? — eu inquiri, pensando que excomunhão dificilmente seria suficiente para uma traição.

— O *Canon* prevê morte para a traição a uma Casa — Ethan havia deixado Amber livre, apesar de sua traição, eu imaginei se Peter teria tanta sorte. Como se estivesse lendo minha mente, ele ofereceu. — Obviamente, eu não concordo com a maioria das punições mais arcaicas. Não que ele não mereça.

Eu senti um julgamento nessa opinião. Nós seguimos pela Lake Shore por quilômetros, passando o Píer e a Praia Oak Street, e então Avenida North Beach.

— Chefe — a voz do Luc ecoou pelos nossos fones. — Ele está pegando a saída.



Rua Fullerton. Perto do Lago Norte.

As mãos de Ethan se apertaram no volante. Lago Norte, situado na esquina do Parque Lincoln, que era o local que nós saboreamos nosso episódio anterior com a Celina, sua tentativa em acabar com a vida do Ethan, sua tentativa de controlar as outras Casas de Chicago. Eu entendi a hesitação do Ethan. Ele quase foi esfaqueado, e eu quase cometi vampirocídio. Este havia sido o final na correria das nossas semanas cheias sobrenaturais.

— A marina — Luc disse. — Ele está seguindo para o porto.

— Porto Diversey — eu adicionei. — É atravessando a Cannon saindo do Lago Norte. — Ethan seguiu o carro enquanto fazia algumas curvas à direita, mas parou antes de entrar no estacionamento do porto. — Continue — eu falei para Ethan. — Alcance ele no outro lado do estacionamento. — Ethan concordou.

Nós passamos por uma entrada, e então pegamos uma segunda, as luzes do carro do Peter as únicas coisas se movendo no estacionamento.

— Nós o pegamos — veio o sussurro do Luc. — Linds está no carro, no caso dele tentar correr. Estou a pé. Ele está indo em direção ao lançamento do barco. Estou entrando, mas eu permanecerei no disfarce até a sua autorização.

— Muito bom — eu sussurrei, enquanto Ethan e eu seguíamos para o sul novamente, para o ponto de encontro.

— Se nós conseguirmos encurralá-lo contra o Lago, haverá menos rotas de fuga.

— Faça — Ethan disse. Segundos de silêncio seguiram segundos no qual meu coração bateu forte contra meu peito enquanto Ethan e eu trotávamos em direção ao lançamento.

— Eu estou no carro — Lindsey disse. — Luc está nas árvores ao sul. Ele está aqui, observando o lugar, obviamente esperando alguém. Ele fica checando o relógio.

— Esperando por ela? — Ethan sussurrou.

— Quem se surpreenderia? — eu questionei de volta. Quando nós chegamos perto o bastante para vê-lo — uma figura alta ante do vazio escuro do Lago — eu parei e



estendi uma mão para parar o Ethan.

— Eu primeiro — eu sussurrei. Ele olhou ameaçadoramente por um momento, mas então assentiu com um aceno. — Luc, vamos deixá-lo no meio.

— Sim, sim, Sentinela — eu bufei, e então ajustei meu aperto na katana.

Há três meses eu era uma estudante de pós-graduação diante de uma sala cheia de alunos universitários. E hoje... hoje eu era uma Sentinela para uma Casa de trezentos e vinte vampiros. Uma Casa antiga. Uma Casa honrada. Uma Casa que havia sido traída por um dos seus. Não, eu mentalmente corriji — por outro dos seus.

Peter de repente se virou, katana em mãos e posicionada na frente dele. Atrás dele, a rampa se angulava para a água.

— Quem está aí? — ele gritou.

— Atrás de mim — Ethan rosnou.

— Seus colegas — eu gritei de volta.

Nós andamos pela sombra das árvores até as luzes dos postes que iluminavam o lançamento. Os olhos de Peter se abriram uma brisa de magia flutuando pelo ar enquanto o seu medo subia.

— O que você está fazendo aqui?

— Nós perguntamos a mesma coisa a você, Novato — Ethan deu um passo e ficou ao meu lado, sua katana já solta.

Controle-se, Sullivan, eu mentalmente o adverti. Ele deve ter me escutado, pois a katana caiu uns centímetros.

— Nós sabemos por que você está aqui Peter — eu contei a ele. — Nós sabemos que você mandou o e-mail para os Breckenridges sobre a ameaça vampira, e nós presumimos que você deu a informação anônima para o escritório da ouvidoria. Não é uma tacada muito longa presumir que você esteve passando informações para alguém sobre o nosso calendário social. — Peter molhou os seus lábios. — A questão Peter, é se você vai cooperar ou não.



— Não — Ethan disse. — A questão é, por quê? — As palavras foram ditas suavemente.

O olhar de Peter mudava nervosamente entre eu e o Ethan. — Liege.

— Não — Ethan disse, dando um passo a frente. — Você perdeu o direito de me chamar assim, de chamar qualquer pessoa de Liege. Peter Spencer, você violou o *Canon* e os tratados da Casa Cadogan.

Não somente Peter. Agora Peter Spencer. Peter havia ganhado novamente um sobrenome. Nada bom.

— Você não pode fazer isso — Peter disse, uma risada nervosa em sua voz.

Ethan se moveu novamente com outro passo. Eu segurei o cabo da minha katana com a minha mão direita. — Você violou as responsabilidades com seu Mestre, seus irmãos, e sua Casa, e você quebrou os seus juramentos como um vampiro Novato.

— Eu agi no melhor interesse dos vampiros — Peter disse, pegando novamente sua katana. — Eu agi quando você não o fez.

— Ethan — eu avisei, pegando minha própria espada.

— Você está por este meio...

Ethan alcançou sua mão em direção ao pescoço do Peter. Não, não seu pescoço. Sua medalha. Ethan alcançou o símbolo de quem logo seria o ex-membro da Casa Cadogan. A sua ligação com o resto dos vampiros Cadogan.

— Tudo bem, pare! — Peter disse, dando um passo para trás e saindo do alcance do Ethan. — Pare. — Ele olhou em volta, e então de novo para Ethan. — Você não entende Sullivan. Você não entende o que nós precisamos, o que ela pode nos dar. Nós somos vampiros! — Sua voz subiu, e se expandiu pelo estacionamento vazio, pelo Lago, e então caiu novamente.

— Eles tiram sarro de nós. Eles são mortais, e fracos, mas eles tiram sarro de nós. Eles tirariam os nossos direitos. Mas nós não podemos permitir isso.

— Quem tira sarro de nós? — eu perguntei. — Humanos?



Peter olhou para mim, frustração em seu rosto.

— Metamorfos. Os pretendentes — e então havia a versão vampírica para a animosidade do Nick, eu pensei. Nascida de alguma disputa histórica, e tão arcaica quanto. — Ethan. — Peter disse. — Keene está trazendo os metamorfos para Chicago. Eles estão praticamente no caminho. Você não pode deixar a Casa Cadogan cair. Não para os metamorfos, não para os humanos. Você não pode nos transformar em algum tipo de parque de diversões com espetáculo vampírico nas capas das revistas.

Ele cuspiu um xingamento. — Nós somos melhores que isso. Nós somos imortais. Nós podemos controlar a noite novamente, mas nós temos que agir.

— Quanto dessa paranóia — eu silenciosamente perguntei ao Ethan. — É do Peter, e quanto é a manipulação da Celina?

— Eu não tenho ideia — ele respondeu.

— As Casas precisam ser acordadas — Peter disse. — Nós deixamos os metamorfos escapar da primeira vez. Durante as Limpezas, nós os deixamos evitar as responsabilidades como seres sobrenaturais. Eles são nossos inimigos, Ethan, e nós temos que nos lembrar disso.

— Nós estamos em paz — Ethan disse. — Com os humanos, com os metamorfos.

— Nós estamos em negação — Peter o desafiou. — E chegou a hora de nos prepararmos.

— É por isso que as mensagens foram enviadas? É por isso que os Breckenridges eram alvos? Para despertar uma guerra entre vampiros e metamorfos?

— Eles foram marcados como alvos para lembrar Keene quem somos nós. Do que nós somos capazes. Para lembrá-lo que Chicago é nossa cidade. Nossa cidade, e nós não a liberaremos. Especialmente não para os metamorfos. Os pretendentes.

Como se ele tivesse dado um grito de guerra, ele atacou, katana levantada. Eu murmurei um xingamento e, enquanto Ethan se virava, ergui minha própria espada para atacar. Eu executei um meio giro, girando enquanto eu deslizava a katana para cima. Peter, infelizmente, era mais velho e um lutador mais experiente. Ele se moveu,



e então trouxe a katana horizontalmente para os meus joelhos.

Eu pulei, e pela primeira vez como uma vampira, peguei ar, e emendei um arremesso que me trouxe para o outro lado do Peter.

Alguém poderia ter me avisado que eu podia fazer isso, eu mentalmente disse para o Ethan, e então deslizei minha katana para baixo. Peter encontrou minha espada com a dele, a força do aço vibrante em meu braço. Infelizmente, a vibração acordou a vampira, como uma mão no ombro acordaria alguém do sono. Eu bufei e empurrei-a para dentro, sem vontade de perder o controle desta luta. Eu já havia visto o quão ruim poderia ficar, tendo parado a espada à apenas milímetros da cabeça do Catcher. Peter e eu ressonamos espadas novamente e de novo e de novo enquanto deslizávamos as katanas de lado a lado, eu me movendo para trás na rampa enquanto ele empurrava para frente.

As nervuras do concreto estavam lisas com água e algas, e eu lutei para me manter em pé enquanto nos movíamos. E pior, minha cabeça começou a doer do esforço combinado de lutar contra seus ataques, fazer meus próprios avanços, e tentar manter a vampira quieta.

— Celina ganhará — Peter disse.

E aí estava minha motivação, eu pensei. Com um estouro de energia que teria alegrado tanto o Catcher como a Barbie aeróbica – mas que fazia a vampira um tanto mais curiosa – eu fiz meu caminho para cima da rampa, forçando o Peter a ir para cima e para baixo com cada cortada e impulso da minha espada. Ele se virou para ganhar distância e eu corri para frente, katana no ar. Eu desci a espada, mas ele virou para longe de mim, a katana dele cortando para cima.

— Celina é o nosso futuro — ele cuspiu novamente, e então se virou para mim enquanto a inércia nos forçou contra os pinos e longe um do outro. Eu empurrei por baixo do meu braço direito a espada, mas ele rolou para longe do golpe. Eu soltei minha mão esquerda para longe da espada e me virei, erguendo a katana e a trazendo de volta enquanto eu me virava para encará-lo novamente. Eu não havia acertado o golpe, mas o Peter havia cambaleado para trás diretamente para o Ethan, que o pegou pelo topo da cabeça com o final do cabo de sua katana.

— Celina é notícia velha — Ethan disse, voz sem emoção, enquanto Peter caía no chão.



Enquanto eu abaixava minha espada, o peito pesado com o esforço da luta, Ethan se agachou e estendeu sua mão novamente.

— Você está, por esse meio, excomungado — ele disse. E então arrancou a medalha do pescoço do Peter.

Ethan se levantou novamente, apertou a medalha nos lábios, e então a jogou no lago. Sem comentar, ele tirou o celular do bolso, discou os números, e o ergueu para o ouvido.

— Comunique os Brecks — ele disse. — A ameaça foi contida.



Capítulo 22

Dê uma chance à paz.

Eles discutiram via fone de ouvido na volta a Casa Cadogan, mas eu permaneci quieta, a pressão na minha cabeça forçando meu silêncio. Eu descansei minha cabeça contra o vidro frio da janela do lado do passageiro e ouvi enquanto eles discutiam a luta, o e-mail, eventos no histórico de Peter que podia ter provocado sua deserção para o lado de Celina. A perda de alguém querido. Uma luta com um metamorfo. O poder natural de Celina.

O aguaceiro de chuva começou bem quando Ethan colocou a Mercedes dentro do porão. Malik nos encontrou na porta do porão.

— Eles estão aqui — ele disse. — No escritório. Breckenridges e Mestres.

Ethan assentiu, e nós tomamos as escadas para o primeiro andar.

— Você fez bem — ele disse em voz baixa, enquanto nós virávamos o corredor em direção ao seu escritório.

Eu assenti meu obrigado. Luc nos encontrou no corredor, tendo voltado para a Casa com Lindsey, bem enquanto Ethan entrava em seu escritório.

O quarto estava cheio de vampiros e metamorfos.

Nick, em calças cinza e uma pólo preta justa, estavam com seu pai bem do outro lado da porta. Ele me ignorou, mas lançou um olhar duvidoso pelo escritório.

— Eu não sabia que chupadores de sangue pagavam tão bem.



— Disse o homem que recorreu à extorsão para lidar com seus problemas familiares — Ethan apontou.

Dor de cabeça ou não, eu segurei um sorriso. Quem sabia que ele tinha isso nele?

— Sentem-se, cavalheiros — Ethan disse, estendendo sua mão em direção à mesa de conferencia. Scott, Noah e Morgan já estavam lá. Depois que os Brecks foram até o fim do quarto e sentaram em lugares opostos aos dos vampiros, Ethan tomou sua cadeira na cabeça da mesa. Luc, Malik e eu seguimos, e permanecemos de pé.

— Obrigado a todos por concordarem em se reunir — Ethan disse. — Como Malik, sem dúvida, explicou a vocês, nós identificamos e anulamos a suposta ameaça contra Jamie Breckenridge. — Ele olhou para Papai Breck, cujas feições estavam colocadas em uma carranca. — Um vampiro em nossa Casa pereceu sob a influência de uma sobrenatural, com nada menos do que uma reputação estelar. Ao fazê-lo, ele foi convencido a emitir uma falsa ameaça contra Jamie, enquanto, ao mesmo tempo, nos avisando de uma ameaça dos Breckenridges contra nós. — Ethan pausou, então apertou suas mãos na mesa, entrelaçando seus dedos. — Sua intenção, nós entendemos, era estimular a animosidade entre vampiros e metamorfos.

Eu tive que dar crédito aos Brecks. Eles nem piscaram ao fato de que tinham sido pegos.

— Graças aos esforços de nossa corporação de guardas e nossa Sentinela, nós fomos capazes de deter o vampiro — Ethan continuou. — Ele foi excomungado e está atualmente a caminho da U.K. para ser sentenciado, assim como nós fazemos. Eu quero enfatizar que não há nenhuma indicação que alguém, vampiro ou a Casa Cadogan, pretende seguir com a ameaça contra Jamie. Porém, sendo real ou não, a ameaça foi neutralizada.

— Quem? — Nick perguntou. — Quem fez a ameaça, e quem deu a ordem?

Ethan arqueou uma sobrancelha imperiosa para Nick, que conseguiu, impressionantemente, devolver a ele um olhar igualmente teimoso. — Sullivan, você não pode achar que eu vou simplesmente pegar a sua palavra e ir embora. Não depois do que a minha família tem passado.

— Então talvez — Ethan disse. — Nós podemos alcançar um acordo.



Então, silêncio. — Estou ouvindo.

— A informação a respeito de ambos, o perpetrador e o indivíduo que acreditamos ter emitido a ordem, é muito preciosa para nós — ele cruzou seus dedos juntos na mesa, então olhou para Nick. — Isso significa que, no interesse do bem entre nossas respectivas organizações, nós estamos dispostos a considerar uma trégua. Nós iremos fornecer a informação a você, sobre sua palavra de que essa informação não saia do quarto. Que a informação não será fornecida a outros metamorfos, outros humanos, assessores, oficiais, etc. Nem, é claro, será fornecida para a imprensa, em hipótese alguma.

Nick ladrou uma risada e olhou para longe antes de levantar seu olhar para o de Ethan novamente. — Eu sou um jornalista. Você honestamente espera que eu concorde com isso?

— Eu espero que se você concordar com isso, nós não teremos a necessidade de investigar mais profundamente por que os Breckenridges, Jamie especificamente, estava identificado como alvo nesse incidente em particular. Nós não teremos razão — Ethan disse. — Para investigar mais profundamente por que sua família estava tão ávida para pular em defesa do jovem Jamie.

As narinas de Nick se alargaram. Claramente, mesmo não sabendo os detalhes, algo estava inoportuno com Jamie. — Chantagem, Sullivan?

Ethan sorriu de volta para Nick, com dentes. — Eu aprendo do melhor, Breckenridge.

Houve silêncio no quarto.

— De acordo — Papai Breck disse. — Nos termos que você especificou. — Quando Nick abriu sua boca para falar, Papai Breck o silenciou com um dedo. — Nós vamos fechar isso, Nicholas — ele disse. — Nós vamos fechar isso, e nós vamos fechar isso essa noite. Nós temos vivido pacificamente em Chicago por três gerações, e mesmo que eu ame você, eu não vou permitir seu orgulho como um jornalista trazer isso a um fim. Família ganha essa, não carreira.

Ele retornou seu olhar para Ethan. — Isso está feito.

Ethan assentiu. — Nesse caso, todos nós somos testemunhas dos termos do acordo que atingimos.



Tiveram acenos pelo quarto.

— Antes de terminarmos essa confraternização ridícula — Nick disse, sarcasmo espesso em sua voz. — Podemos ir à carne do problema? Quem mandou o email?

Ethan olhou para ele. — Peter — ele disse. — Um dos nossos guardas da Casa. Em relação ao instigador, nós temos evidências circunstanciais, embora somente circunstanciais a esse ponto, de que o esquema em si foi preparado por Celina.

— Celina? — Nick perguntou, olhos repentinamente arregalados. Eu dei pontos a ele por entender que ter Celina como um inimigo era uma causa para preocupação. — Como?

— Ela foi solta — Ethan terminou suavemente. — E baseado no fato de que ela tem negócios inacabados — ele inclinou sua cabeça na minha direção. — Nós esperamos que ela vá retornar a Chicago. Nós não temos, contudo, nenhuma evidência de que ela porta qualquer má intenção particular em relação à sua família. Você parece ter sido escolhido porque era, digamos, estrategicamente conveniente.

— Com qual evidência você diz que ela está envolvida? — Scott perguntou, sua cabeça inclinada curiosamente para o lado.

— E-mails foram mandados de um endereço que acreditamos ser seu pseudônimo. E Peter confessou o fato — ele adicionou, com naturalidade.

Scott fez um assobio baixo. — Isso não pega bem. Não pega bem, mesmo.

O quarto ficou silencioso. Morgan, surpreendentemente, ficou quieto, mas um olhar em sua direção mostrou uma sombra anormalmente pálida nas suas bochechas. Seus olhos estavam arregalados, seu olhar intenso e centrado na mesa na sua frente, como se ele contemplasse coisas graves. Eu acho que mais crimes praticados pelo seu ex-Mestre, o vampiro que fez você, eram coisas muito graves para contemplar.

— Bem — Papai Breck disse, levantando-se da sua cadeira. — Eu acredito que isso conclui o problema.

Nick interrompeu o silêncio. — Espere, eu quero dizer algo.

Todos nós olhamos na sua direção.



— Chicago tem três Casas — ele disse. — Mais do que qualquer outra cidade nos Estados Unidos. É onde os vampiros anunciaram sua existência para o mundo, e está se tornando o centro de atividade vampíricas nos Estados Unidos. Chicago é o local, o foco, dos vampiros Americanos. Eu sei sobre as Raves. — Nick continuou, e o quarto ficou quieto o bastante para ouvir um alfinete cair. — Talvez vocês tivessem uma desculpa antes. Quando vocês ainda estavam se escondendo, quando vampiros eram mito e tema de filme de terror, talvez fosse apropriado fingir que Raves não eram nada mais do que assunto da imaginação exagerada de algum humano solitário. Mas as coisas mudaram. Essa é a sua cidade. O PG sabe disso. Os vampiros sabem disso. As ninfas sabem disso. As fadas sabem disso. Metamorfofos sabem disso. — Ele quietamente, gravemente, disse, então levantou seus olhos azuis para os meus. Eu não sei exatamente o que vi ali. Eu não tenho certeza se tenho palavras para a emoção. Mas era insondável — um poço de experiência, de vida, de amor e perda. Uma riqueza de história humana, ou talvez história de metamorfo, e um cansaço do mundo resultante, na profundidade dele.

Nick ergueu-se e ficou de pé perante a mesa, mãos nos quadris. — Limpe a sua maldita cidade, ou mais alguém irá limpá-la para vocês.

Com esse pronunciamento, ele empurrou sua cadeira de volta e foi embora. Papai Breck seguiu os vampiros silenciosos até Luc ter levado-os para fora do quarto e a porta estar fechada novamente.

Ethan colocou suas palmas abertas na mesa. — E com isso — ele disse. — Eu acredito que nós trouxeemos essa crise particular à sua solução.

— Eu não tenho certeza de quanta solução nós temos — Scott disse, empurrando sua própria cadeira para trás, se levantando, e retornando-a ao seu lugar na mesa de conferência. — Eu não estava pronto para ir a uma rodada com Trib ou com Tate, mas essas notícias de Celina não são exatamente reconfortantes, também. Quero dizer, bom trabalho em amarrar essa coisa tão rápido, mas eu preferiria que Peter tivesse agido sozinho.

— Embora eu preferisse que Cadogan não servisse como terreno de recrutamento para Celina — Ethan disse sombriamente. — Eu pego o seu ponto maior. Eu também quero propor que fiquemos em contato no evento da informação a respeito do retorno de Celina a Chicago — ou qualquer futuro esquema — venha à tona.

— De acordo — Scott disse.



— De acordo — Noah disse.

Todos nós olhamos para Morgan. Ele ainda olhava distraidamente para a mesa, dor em seus olhos. Talvez ele finalmente tenha levado com o coração a verdade sobre Celina — sobre a devastação que ela aparentemente estava disposta a causar. Aquela não devia ter sido uma pílula fácil de engolir.

— De acordo — ele finalmente e em voz baixa disse.

Ethan ergueu-se e andou até a porta do escritório enquanto o resto dos vampiros fez o mesmo. Ele a abriu despediu-se educadamente de Noah, Scott e Morgan, e quando Luc, Malik e eu sobramos no quarto, nos liberou.

— Eu acredito que tivemos drama o bastante por alguns dias — Ethan disse. — Pegue a noite, aproveite-a. Nós nos falaremos ao anoitecer, amanhã.

Luc, Malik, e eu rimos um para o outro, e sorrimos para Ethan.

— Obrigado, Chefe — Luc disse, e foi para a porta.

— O que ele disse — eu ofereci com um sorriso cauteloso, e o segui para fora.

Eu fui até o canto do corredor antes de Morgan chamar meu nome. Ele estava no saguão, mãos nos bolsos, alguma mistura de raiva e derrota na sua expressão e postura.

— Podemos conversar?

Eu assenti, meu estômago repentinamente se enrolando em antecipação a batalha. Ele abriu a porta, e eu o segui para fora. Névoa subia das ruas, uma brisa fria soprando através do Hyde Park.

— Por que você não me contou? — ele perguntou quando tínhamos alcançado à calçada, sua voz estranhamente alta na quietude da noite. — Sobre a ameaça, a história? Você podia ter vindo até mim com isso. Você podia ter me falado quando nós estávamos na casa dos seus pais.

Eu olhei ao redor, notei que qualquer vampiro perto das janelas da frente seria capaz de ouvir nossa conversa, e peguei seu pulso. Eu o levei pela calçada e através do



portão, então para a esquina, que estava vazia de paparazzi. Talvez eles derreteram na chuva como tantas bruxas bizarras.

— Eu estava agindo como Sentinela — eu disse a ele, quando pareceu que estávamos longe o bastante de vampiros xeretas para providenciar alguma privacidade. — Isso era assunto de Cadogan.

Morgan cruzou seus braços. — Era assunto das Casas. Todos nós tínhamos o direito de saber.

— Direito ou não, essa foi à decisão de Ethan, não a minha.

— Você permanece Sentinela. Você age na maneira que é melhor para sua Casa. E o que é melhor para a sua Casa é a sua determinação, não a de Ethan.

Eu não discordei com o sentimento a princípio, mas não ia admitir isso para Morgan.

— Mesmo que fosse minha decisão para tomar — eu disse. — Era minha decisão, não sua. Eu entendo que essa é uma informação que você gostaria de ter, mas esse não é o meu problema. Eu não permaneço Sentinela para a Casa Navarre.

— Oh, eu acho que todos estamos de acordo com isso, Merit — sua voz caiu com sarcasmo. — É muito óbvio onde está a sua lealdade.

Eu estava cansada de levar pancada pelo time, então eu atingi de volta. — E sua lealdade não estava com Celina?

Um lampejo de carmesim cruzou suas maçãs do rosto.

— Me olhe nos olhos e me diga que seu Mestre não tomou decisões que envolviam assuntos da Casa. E se você soubesse qualquer coisa, sobre o que ela fez ou como completamente desestabilizada ela é, você com certeza não compartilharia isso com o resto de nós.

Ele me olhou furiosamente. — Eu não sabia nada que colocaria qualquer um em perigo. Eu fiz o que achava que era melhor.

— E eu fiz o que achava que era melhor.



— É, consentindo com Ethan.

Eu revirei meus olhos. — Jesus, Morgan. Ele é o Mestre da minha Casa. O que você quer que eu faça? Comece uma rebelião? Se você estivesse tendo essa conversa com um dos seus Novatos sobre desobedecer a suas ordens, você ainda estaria sugerindo um motim?

Morgan balançou sua cabeça. — Isso é completamente diferente.

Era minha vez de bufar em desdém, e eu levantei minhas mãos, alimentada por uma irritação completa com a conversa. — Como é diferente?

Dessa vez, ele respondeu com fúria, em palavras altas e raivosas. — Porque é Ethan, Merit, por isso!

Trovão explodiu na distância, uma explosão de um raio espetacular ziguezagueando seu caminho através do céu.

Eu olhei para ele, senti o tropeção responsável do meu próprio coração, e vi a repentina diminuição das suas pupilas. — Ele é o meu Mestre. E eu sei o que você pensa. Você deixou claro o que pensa — é o que todo mundo pensa, eu adicionei silenciosamente. — Mas ele é meu Mestre, meu chefe, meu empregador. Ponto final.

Morgan balançou sua cabeça, olhou para longe. — Você é ingênua.

Eu fechei meus olhos, coloquei minhas mãos nos meus quadris, e tentei contar até dez para não cometer vampirocídio aqui, na calçada legal que a cidade de Chicago trabalhava tão duro para manter livre de cinzas. — Você acha que eu não sou capaz de julgar por mim mesma se estou ou não tendo um relacionamento com alguém?

Ele se virou para mim novamente, e me encarou com olhos que pulsaram, por um momento, prata nos cantos. — Francamente, Merit, não.

Eu perdi as entrelinhas, o fato de que ele tinha circulado bem de volta para nós, e respondi com sarcasmo, ironia. — O que você quer que eu diga, já que você não vai acreditar no que eu te digo? Que eu estou apaixonada por ele? Que nós vamos nos casar e começar a bombear crianças vampiras?

— Vampiros não podem ter filhos — foi à única coisa que ele disse, e o nivelamento da sua voz — e o fato de que ainda não tinha considerado o impacto da



minha mudança em eu me tornando uma mãe – sugou o vento das minhas velas. Murcha, eu olhei para o chão, e quando outro trovão rolou atrás do Park Hyde, eu coloquei meus braços ao redor de mim mesma.

— O que estamos fazendo, Merit?

Eu pisquei e olhei para ele. — Você estava me insultando porque você acha que eu manejei mal os assuntos da Casa.

A expressão de Morgan não mudou, mas sua voz suavizou. — Não foi isso que eu quis dizer — ele descruzou seus braços, enfiou suas mãos nos seus bolsos. — Eu quero dizer nós. O que estamos fazendo?

Eu descobri que não podia respondê-lo.

Como uma deixa, a chuva começou a cair novamente, começou a derramar em lençóis, uma cortina prateada que refletia a barreira emocional entre nós. A chuva veio forte e rápida, e nos ensopou em segundos.

Eu não tinha uma resposta para sua pergunta, e ele não falou, então ficamos ali, silenciosamente juntos, nossos cabelos emaranhados pela água, gotas de chuva pingando pelos nossos rostos.

Gotas grudaram nos cílios de Morgan, e o brilho da água pareceu acentuar suas já esculpidas maçãs do rosto. Cabelo grudado à sua cabeça, ele parecia, eu pensei, um guerreiro antigo que tinha sido pego em uma tempestade, talvez depois da queda de algum inimigo final em batalha.

Exceto, nesse caso, o último guerreiro de pé parecia... Derrotado.

Minutos passaram enquanto nós ficamos lá, na chuva, silenciosamente encarando um ao outro.

— Eu não sei? — eu finalmente disse, tentando dar às palavras o tom de desculpas.

Morgan fechou seus olhos, e quando os abriu novamente, ele usava uma expressão de resolução cruel. — Você me quer?

Eu engoli, olhei pra ele com olhos que sabia que eram arregalados e pesarosos,



e me odiei por não ser capaz de responder com toda a convicção que eu sabia que ele merecia, “Meu Deus, sim, eu quero você”. Eu abri minha boca para dar uma resposta reconfortante, e fechei-a de novo, decidindo honestamente considerar a pergunta.

Eu queria o que a maioria das pessoas queria – amor, companhia.

Eu queria alguém para tocar. Eu queria alguém para me tocar de volta.

Eu queria alguém para rir, alguém que riria comigo, riria de mim.

Eu queria alguém que olharia e me veria. Não o meu poder, não a minha posição.

Eu queria alguém para dizer meu nome. Para chamar, “Merit,” quando era hora de ir, ou quando chegarmos. Alguém que queria dizer para mais alguém, com orgulho, “Eu estou aqui com ela. Com Merit.”.

Eu queria todas essas coisas. Indivisivelmente.

Mas eu não as queria de Morgan. Não agora. Talvez fosse muito cedo depois da minha conversão para vampiro para tentar um relacionamento, talvez nunca fosse a época certa para nós. Eu não sabia o porquê disso, mas eu sabia que não sentia o tipo de emoções que deveria sentir.

Eu não falharia com ele, mas não podia mentir para ele. Então eu respondi em voz baixa. — Eu quero querer você.

Era a resposta evasiva mais insultante que eu já tinha ouvido, e tinha saído dos meus próprios lábios inconstantes.

— Jesus Cristo, Merit — ele murmurou. — Que jeito de ser confusa. — Ele balançou sua cabeça, chuva caindo pelo seu rosto, e olhou para o chão por o que pareceu uma eternidade. Então ele levantou seu olhar e piscou água dos olhos azuis estreitos.

— Eu mereço uma resposta melhor do que esta. Talvez você não seja a que possa me dar, mas eu mereço uma resposta melhor.

— Por que você iria querer mais de mim? Você nem confia em mim.



— Eu podia ter confiado em você, se você tivesse confiado um pouco em mim.

— Você me chantageou para namorar você.

— Tudo bem, Merit. Tudo bem. Você só chama do que é certo? — ele me deu um último olhar de nojo moderado, então se virou. Eu o deixei ir, assisti ele andar pela calçada e através da chuva até desaparecer dentro da sua névoa.

Eu não sei por quanto tempo fiquei lá, no meio da rua, chuva caindo pelo meu rosto, ponderando o que tinha feito, como eu consegui ferrar o primeiro relacionamento potencialmente real que tinha tido em anos. Mas o que eu podia fazer? Eu não podia fingir emoções que não sentia, e eu não era ingênua o suficiente para negar a conexão entre Ethan e eu, mesmo nós dois lamentando a atração. Ethan tinha me beijado, tinha querido me beijar, e eu tinha permitido. O que quer que eu sinta pelo Morgan, embora o quanto eu gostasse da sua companhia, a força não era a mesma.

Lamentavelmente.

A chuva diminuiu, então se dissipou, névoa nublando a vizinhança. Eu tirei o cabelo molhado dos meus olhos e estava me preparando para voltar a Casa quando ouvi.

Click.

Click.

Click.

Click.

O som de saltos altos no concreto.

Capítulo 23

Atinja-me com seu melhor tiro.

Eu me virei rapidamente, mas não precisei mudar de posição para saber o que estava vindo. Quem estava vindo. O arrepio nos meus braços, as pontadas desconfortáveis na base do meu pescoço, eram avisos o bastante. A cena se desenrolou como em um filme de Bogart. Ela estava glamorosa como nunca, com seu corpo flexível vestida com calças pretas largas e um top preto com mangas e capuz, seu cabelo negro ondulado em leves cachos sobre seus ombros. Porém, enquanto ela poderia ter canalizado Katharine Hepburn esteticamente, eu sabia quem realmente ela era, o centro niilista dela. Ela caminhou em minha direção com uma graça felina, saltos batendo no asfalto molhado, brilhando nas luzes dos postes de luz.

Eu engoli, medo e adrenalina fazendo meu coração pular, batidas rápidas e inconstantes, e peguei a bainha do meu lado.

— Eu poderia te matar antes de você desembainhá-la — ela avisou.

Eu me forcei a manter o queixo erguido, meu corpo flexionado e pronto em caso de ela se mexer. Custou-me cada grama de força que eu tinha para não recuar, não dar um passo para trás, não fugir. Eu não podia.

— Talvez — eu disse, dando a ela um pequeno sorriso. — Talvez não. O que você quer?

Ela inclinou a cabeça para mim, colocando a mão em um lado do corpo, um quadril erguido. Ela tinha o visual de uma supermodelo procurando encrenca, ou um vampiro ligeiramente intrigado. Era praticamente a mesma expressão.

— Você ainda não descobriu, não é? — eu arqueei uma sobrancelha para ela, e



ela riu em resposta, o som baixo e gutural. — Eu não acho que vou te contar. Eu acho que vou deixar você descobrir. Mas eu aproveitarei quando a hora chegar. — Ela de repente ficou em posição de alerta, mãos nos quadris, queixo erguido. Um olhar de controle e confiança. — E a hora vai chegar.

Celina amava falar, tagarelar profecias. Talvez ela me desse algo que eu pudesse usar, algo que daria uma dica dos seus planos maiores, algo que eu pudesse passar ao Ethan e ao Luc, então eu perguntei o seguinte.

— A hora? Para o quê?

— Você tirou Navarre de mim, tudo, todos de mim. Certamente há benefícios em tirar a Casa de um Mestre, já de um membro do PG é raramente feito. Isto não me ganhou nem um pouco de simpatia. Então obrigado, animalzinho de estimação, por isso. Porém, Navarre era minha, argamassa e tijolos, sangue e ossos. Você a tirou de mim, eu tiro de você.

— É por isso que você armou para o Peter? — eu perguntei. — Por que você estava puta que o seu plano de dominar as Casas de Chicago não deu muito certo? Você imaginou que começar uma guerra entre os morfos e os vampiros seria a próxima melhor coisa?

Ela sorriu timidamente. — Ah, eu gosto de você, Merit. Eu gosto da sua... coragem. Mas a guerra não seria apenas entre morfos e vampiros, seria? Foi a Casa Cadogan que ameaçou o menino Breckenridge. A guerra seria entre o Nicholas e o Ethan. Entre o antigo e o novo amante, certo? — Eu quase rosnei para ela. — De qualquer forma — ela disse. — Duas Casas de Chicago não se envolveriam. Sem manchas do escândalo. A Casa Grey. A Casa Navarre.

Celina alcançou com os dedos uma fina corrente de outro em volta do pescoço. A luz da lua fez brilhar o disco de outro que estava pendurado na corrente. Meu estômago apertou. Era a medalha de uma Casa. Um novo e brilhoso pingente para repor aquele tirando dela pelo PG.

— Onde você conseguiu a medalha, Celina? — ela sorriu diabolicamente e esfregou a medalha como se esperasse que um gênio saísse dela.

— Não vamos ser inocentes, Merit. Onde você acha que eu consegui? Ou talvez eu deva perguntar de quem? — de repente eu senti um pouco menos de simpatia pelo novo Mestre da Navarre. Celina pode ter mantido o feitiço dela na Casa dele, mas



maldita fosse se ela conseguisse envenenar a minha.

— Você fez sua jogada, Celina, duas vezes já, e você perdeu. Aprenda sua lição. Fique longe da Casa Cadogan.

— Só da Casa, Merit? Ou do Mestre também?

Eu senti o rubor ao longo das minhas bochechas. Ela piscou para mim, e seus olhos – e sorriso – se tornaram maiores. Ela riu com óbvio deleite.

— Ah, eu não tinha ideia que minha sorte seria tão grande. Você está dormindo com ele, ou somente o desejando? E não vamos fingir que você não está entendendo, Sentinela. Eu quero dizer o que você quer não o que você tem — ela olhou para cima, sua expressão pensativa. — Ou talvez aquele que você perdeu, se eu aprendi algo daquela última ceninha.

— Você está delirando — eu disse, mas com um nó no estômago. Ela tinha estado lá, assistindo a briga entre Morgan e eu. Ele havia armado isso? Ele havia me pedido para ir lá fora para que eu ficasse em um lugar que ela pudesse me encontrar? Celina me olhou de cima a baixo, da cabeça aos pés, uma avaliação. Ela manteve seu glamour contido, mas eu podia sentir gavinhas escapulindo, testando.

— Você não é o tipo dele, eu ouvi dizer. Ethan prefere as loiras — ela ergueu a cabeça para o lado. — Ou ruivas, eu acho. Mas eu acredito que você já sabia de tudo isso. Eu ouvi que você experimentou em primeira mão a sua... proeza? — Ela olhou para mim pensativa, aparentemente esperando uma avaliação honesta. Ela estava certa — eu fui uma testemunha ocular da sua proeza, entrando inadvertidamente enquanto o Ethan prestava serviços a Amber. Mas eu não estava disposta a dividir essa informação com ela.

— Eu não poderia me importar menos com o que ou quem ele prefere.

— Aham. Essa ira virtuosa te mantém quente à noite?

Eu sabia que ela estava brincando comigo. Claro que ela estava brincando comigo. Infelizmente, ela soube pegar a brincadeira certa, a conversa que eu estava cansada de ter, as acusações que eu já estava cheia de me defender contra. Eu podia sentir meu sangue começando a esquentar, a vampira que eu tão cuidadosamente mantive escondido, estava se esgueirando para fora devido a minha preocupação, a adrenalina a acordando do sono. Minha respiração acelerou e eu sabia que meus olhos



havam se tornado pratas. Minhas presas desceram e eu as deixei. Eu não lutaria com ela, eu não era idiota. Mas o Catcher havia me ensinado os benefícios de blefar. Isso claro, se eu conseguisse manter meu vampiro quieto, eu devia isso ao impotente PG para ver o que acontecia se eu jogasse o jogo da Celina.

Eu dei um passo à frente, um passo em direção a ela e passei a ponta da língua pelo dente canino pontiagudo. Comportamento agressivo de vampiro.

— Você quer brincar Celina? Você quer saber o quão forte eu sou? Você quer ver?

Ela me encarou, mágica fluindo a toda força agora, e eu vi os olhos dela se tornarem pratas, como moedas refletindo a luz. Ela deu um passo em minha direção, ainda trinta ou quarenta metros entre nós.

— Você dificilmente vale o tempo dele Sentinela. Por que você valeria o meu?

Eu dei outro passo à frente. — Você veio até aqui Celina. Para me achar.

— Você nunca será tão boa quanto eu.

Aí estava. Uma quebra nessa fachada astuta. Celina, linda, poderosa, egocêntrica até o talo, era insegura. Eu repeti o mantra. — Você veio até aqui Celina. Para me achar.

Ela ficou parada, olhando para mim com olhos semi-abertos, sombras e a luz da lua afinando os ângulos do seu rosto. Ela deu um suspiro, parecendo se acalmar, e sorriu. E então ela retrucou.

— Eu sei quem você é Merit. Eu sei sobre a sua família — ela deu um passo à frente. — Eu sei sobre a sua irmã — eu hesitei, as palavras tão certeiras como um tapa na cara. Outro passo, e dessa vez ela riu. Ela sabia que tinha acertado um golpe. — Sim — ela disse. — O melhor de tudo — eu podia ver o branco dos seus olhos e se as palavras odiosas não eram ameaça o bastante, o ódio no seu olhar era. — Eu sei sobre aquela noite no campus.

— Porque você a planejou — eu lembrei a ela, minha respiração vindo rápida, meu coração começando a explodir novamente.

— Aham — ela disse, batendo uma unha pintada de vermelho contra o peito.



— Eu tinha planos para você, eu admito. Mas eu não era a única com planos.

Meu coração acelerou com a insinuação. — Quem mais tinha planos?

— Sabe, eu esqueci. Mas é uma pena vocês terem extraditado o Peter. Ele tinha tantas conexões interessantes pela cidade, não acha?

Era um truque, eu lembrei a mim mesma. Ela estava por detrás disso. Ela planejou meu ataque, minha morte, para criar alvoroço na cidade.

— Eu sei sobre a Anne Dupree, Celina. Você e o Edward se divertiram tramando e planejando? O George chorou quando você bateu nele até a morte?

O sorriso dela vacilou. — Vaca.

Eu estava começando a não gostar dos vampiros Navarre. Pensando que eles tinham muita arrogância em comum, eu usei a frase que havia utilizado antes com o aparentemente protegido dela. — Me morda Celina.

Ela mostrou as presas para mim. Eu abri o fecho de segurança da minha bairha. Tudo bem é isso aí. — Pode vir menina morta.

Ela rosnou. Eu peguei o cabo da espada com a minha mão direita, meu coração batendo como um tambor dentro do peito. Burra, burra, burra, eu pensei, por cair no jogo da maluca, mas era tarde demais. Movendo tão rapidamente que seu corpo era um borrão preto brilhoso na noite, ela avançou e chutou. Ela chutou com a força de um enorme trem de carga e a inacreditável dor disso chegou aos meus joelhos. Eu caí no chão, sem conseguir respirar, impossibilitada de pensar ou sentir ou reagir a nada a não ser a dor lancinante no meu peito. Um único chute não deveria doer tanto, mas Meu Deus doía. Uma gritante e lacerante dor que me fez imaginar o porquê eu ter duvidado alguma vez de Celina Desaulniers. Uma mão de suporte para manter meu rosto de bater no chão, lágrimas caíam, e eu apertei meu peito com a mão livre, para arrancar a dor, para arrancar o torno que estava tirando o ar dos meus pulmões.

Eu lutei para puxar ar, e uma onda de dor, um tremor mórbido, convulsionou minha espinha. — Ethan fez isso com você.

Eu lutei por ar, eu olhei para cima. Ela estava sobre mim, com as mãos no quadril. Eu estabilizei meus dedos no concreto, tentando achar buracos no plano dela.



— Não.

Ela abaixou-se, colocando a ponta do dedo debaixo do meu queixo, o erguendo. Eu ouvi um rosnado, e percebi que era eu, e um outro tremor mexeu meu corpo, eu percebi que se ela me batesse novamente, eu ficaria totalmente impossibilitada de me defender. Um chute e ela me derrubou, mesmo depois de dois meses de treinamento. Ela pagou meu blefe e tinha me derrubado. Eu poderia ser tão forte quando ela era? Tão rápida? Talvez não. Mas maldita fosse se eu saísse me arrastando como um bicho ferido. Aqui e agora, eu jurei para mim que eu nunca ficaria de joelhos para ela de novo.

Procurando ar, eu me empurrei para levantar, um centímetro lento e devastador por vez, tecido negro despedaçado nos joelhos que eu havia sangrado quando eu caí no chão. Celina me assistiu, um predador aproveitando os últimos suspiros de um animal ferido. Vagarosos e agonizantes segundos depois, eu estava de pé. Inspire. Expire. Eu apertei minhas costelas com minha mão direita, levantando meus olhos para ela. Brilhantes, quase perto de azuis escuro, eles pestanejavam rapidamente com prazer na luz da lua.

— Ele fez isso com você — ela disse. — Causou essa dor. Se você não fosse uma vampira, se ele não tivesse feito você, se ele tivesse te levado ao hospital ao invés de mudar você, converter você para os propósitos dele, você estaria na escola. Você estaria com a Mallory. Tudo seria a mesma coisa.

Eu balancei minha cabeça, mas algo sobre isso parecia certo. Estava certo? No meio de toda a dor, o fato de que ele havia me salvado dela, do assassino que ela largou em cima de mim, não passou pela minha cabeça.

— Confronte ele, Merit. Veja do que você foi feita.

Eu balancei minha cabeça. Insubordinação. Rebelião. Ele era o meu Mestre. Eu não podia lutar com ele, eu não iria lutar com ele. Eu já o desafiei uma vez, na minha primeira semana como vampira e eu falhei. Eu perdi.

— Ele te deixou aqui para eu achar. Os dois deixaram.

Minhas costelas gritavam provavelmente quebradas. Talvez uma hemorragia interna. Um pulmão perfurado?

— Todo esse esforço — ela disse. — Só para respirar. Imagine se isso fosse uma



luta de verdade, Sentinela. Todo o trabalho, o treino, e o que você teve para mostrar?

— Ela inclinou a cabeça, como se tivesse esperando eu responder, mas então ofereceu. — Ele não te preparou para mim, não é?

— Vai se fuder — eu consegui responder, segurando meu lado. Ela arcou uma sobrancelha negra cuidadosamente desenhada.

— Não direcione sua ira para mim, Sentinela, por não ensinar a lição que você precisava. Culpe o Ethan. Seu Mestre. Aquele que supostamente deve gostar de você. Preparar você. Proteger você.

Eu ignorei as palavras, mas balancei a cabeça da mesma forma, tentando pensar, mas estava se tornando cada vez mais difícil. A dor estava borrando as beiradas, forçando a reconciliação entre qualquer humanidade restante e o predador que vivia dentro de mim. Eu não sabia o que aconteceria se eu deixasse o vampiro escapar, mas eu não era forte o suficiente para segura-la, não com a dor. O instinto era muito forte, minhas defesas muito fracas. Eu a reprimi, e ela estava cansada de ser largada em algum canto escuro e profundo da minha mente.

Eu era uma vampira por praticamente dois meses, mas eu tinha conseguido me proteger nos resquícios da minha humanidade. Não mais, a vampira gritou.

— Não lute — Celina disse, um pinga de voyeurismo luxurioso na sua voz. A dor era muito grande, a noite muito longa, minhas inibições muito baixas. Eu parei de lutar. Eu larguei mão. Eu a deixei respirar. Eu a deixei sair. Ela explodiu no meu sangue, o poder do vampiro passando por dentro de mim, e enquanto eu mantinha meus olhos na Celina, prendi meus membros para não deixá-los vacilar do impulso disso, eu me senti desassociada. Eu senti ela se mover pelo meu corpo, esticar e testar cada músculo do meu corpo — e mergulhando dentro de mim.

A Merit desapareceu. O Morgan desapareceu. A Mallory desapareceu. Todo o medo, a dor, o ressentimento de falhar com amigos, amantes e professores, de desapontar aqueles que supostamente eu deveria me importar, de estragar relacionamentos. O desconforto de não saber mais quem eu realmente sou, que papel eu supostamente deveria ter neste mundo — tudo isso desapareceu. Por um momento, no seu lugar, ficou um vácuo. O inegável apelo do nada, a ausência da dor. E então, as sensações que eu não sabia que estava esperando por dois meses. O mundo acelerou, e explodiu em música. A noite cantou — vozes e carros e o cascalho e gritos e risadas. Animais caçando, pessoas falando, brigando, transando. Um corvo voou por cima da minha cabeça.



A noite brilhou – a luz da lua trazendo tudo em um alívio nítido. O mundo era barulhento – sons e cheiros que aparentemente eu havia perdido nesses últimos dois meses, os sentidos de um predador. Eu olhei para a Celina e ela sorriu. Riu vitoriosamente.

— Você perdeu sua humanidade — ela disse. — Você nunca a terá de volta. E você não pode se defender. Você sabe quem é o culpado.

Eu quis ficar em silêncio, não dizer nada, mas eu me ouvi responde-la, perguntar a ela: — Ethan? — Um único aceno e como se sua tarefa estivesse completa, Celina foi embora.

O mundo expirou. Eu olhei de volta e vi, há apenas alguns metros, o brilho na brecha do portão de Cadogan. Ele estava lá. Eu dei um passo, costelas ainda gritando. Eu queria que mais alguém se machucasse. Eu comecei a andar. Nós começamos a andar, o vampiro e eu, de volta para a Casa Cadogan. No portão, os guardas me deixaram passar, mas eu podia ouvir sussurros, podia os ouvir falarem, me reportando para os vampiros lá de dentro. O gramado da frente estava vazio, a porta entreaberta. Eu dei os passos lentamente, um por vez, uma mão nas costelas, a dor diminuindo, a cura estava começando, mas ainda profunda o bastante para trazer lágrimas para os meus olhos.

Lá dentro, a Casa estava silenciosa, os poucos vampiros ficaram petrificados, encarando enquanto eu me movia entre eles, determinada, meus olhos predatórios em forma de fenda contra a aspereza das luzes elétricas.

Merit? Eu ouvi sua voz na minha cabeça.

— Me procure — eu ordenei, e parei no cruzamento entre as escadas, o corredor e os salões. No final do corredor, a porta do escritório dele se abriu. Ele saiu, deu uma olhada em mim e seguiu em frente.

— Você fez isso comigo — eu não sei se ele me ouviu, mas sua expressão não mudou. Ele me alcançou, parou, seus olhos se alargaram e ele procurou os meus.

— Jesus Cristo, Merit. O que aconteceu com você? — minha espada assobiou enquanto eu a desembainhava e quando eu a segurei com ambas as mãos, eu senti o circuito perto. Eu fechei os meus olhos, me deleitando no calor.



— Merit! — Dessa vez, havia uma ordem por trás das palavras. Eu abri meus olhos, quase recuando, querendo instintivamente me curvar à vontade do meu Mestre, meu criador, mas eu lutei contra isso e através dos meus membros tremulantes, eu lutei contra a vontade de me render.

— Não — eu me ouvi dizer, minha voz praticamente um sussurro. Seus olhos se abriram novamente, e então se viraram para algo atrás de mim. Ele balançou a cabeça, e olhou de volta para mim. Sua voz baixa, íntima, insistente. — Saia disso, Merit. Você não tem que lutar comigo.

— Eu tenho — eu ouvi, em uma voz que mal era a minha. — Encontre uma arma — ela o avisou. Nós o avisamos.

Ele ficou parado lá por um longo momento, em silêncio, inerte, antes de acenar. Alguém ofereceu a ele uma espada, uma katana que cintilava na luz. Ele a pegou, espelhando na minha postura – as duas mãos na katana, o corpo protegido.

— Se o único jeito de te tirar disto é te fazer sangrar, então que seja — ele falou.

Era fácil de esquecer que ele já foi um soldado. O paletó Armani bem cuidado, as camisas brancas antigas, e os sapatos lustrosos italianos eram mais um invólucro de um Diretor corporativo do que de um líder de um bando de trezentos e vinte vampiros. Este era o meu erro – esquecer quem ele era. Esquecer que ele era o líder da Casa Cadogan por uma razão, não só pela política, não só pela idade, mas porque ele sabia lutar, sabia como lutar, porque ele sabia como balançar a espada pelo ar. Ele foi um soldado, aprendeu a lutar no meio de uma guerra. Ela me fez esquecer isso. Ele era incrível de ver, ou seria, se eu não estivesse do outro lado recebendo os cortes e talhos e os chutes.

Mas a dor começou a diminuir, e reprimida por tanto tempo, segurada pela minha percepção humana, medos e receios, que ela – a vampira – começou a lutar de volta. E ela era mais rápida. Eu era mais rápida. Meu corpo cortou em direção a ele, e eu ataquei, utilizando a katana em minhas mãos para golpear, para forçá-lo a se mover, para girar, para fazer mover a espada dele de jeitos que pareciam comparativamente mais desajeitados. Eu não sei por quanto tempo lutamos quantos tempos nós perseguimos um ao outro no meio de um círculo de vampiros no primeiro andar da Casa Cadogan, meu cabelo molhado e bagunçado, lágrimas descendo pelo meu rosto, mão e joelhos ensangüentados, costelas quebradas, as mangas da minha camiseta em retalhos devido à meia dúzia de quase acertos.

Os braços dele estavam cortados nas mesmas condições, suas idas e vindas não eram rápidas o bastante para evitar minhas investidas. Onde uma vez ele me deixou jogar, se movendo perto o bastante para me dar à oportunidade de fazer contato antes de escapar novamente, agora ele se virava para salvar sua pele; a expressão em seu rosto – em branco, focado – contava bem essa história. Isto não era uma briga de brincadeira. Isto era um desafio real, a luta que eu queria ter tido com ele meses atrás, a luta que ele tirou sarro. Ele me devia uma luta, uma luta de verdade, em detrimento ao fato de eu não ter pedido para me tornar um vampiro, mas fui obediente à sua autoridade do mesmo jeito porque ele havia pedido para mim. Isso era mais um reconhecimento do que um desafio, eu pensei. Ele era meu Mestre, mas eu prestei meus juramentos e ele me devia uma luta. Uma luta justa, porque eu estive disposta a lutar por ele. De matar por ele. De levar os golpes por ele, se necessário.

— Merit — eu desconsiderei o som do meu nome e continuei lutando, desviando e balançando a espada, sorrindo quando eu balancei a espada na direção dele. — Merit.

Eu bloqueei seu ataque e enquanto ele se reorientava e retomava o balanço, eu olhei para trás de mim, a tempo de ver Mallory, minha amiga, minha irmã, mãos abertas e estendidas, uma órbita de chama azul em sua mão. Ela a lançou e veio em minha direção, eu estava envolta em chamas. As luzes se apagaram.



Capítulo 24

Mu..., mu..., mu..., mu..., mudanças

Um pálido raio dourado de luz. O cheiro de limão e conforto. Então a dor, o frio e a náusea. Ondas disso. Dor que contorcia meu estômago e a febre que queimava minhas bochechas, minha pele estava tão quente que as lágrimas que caíam pela minha face deixavam salgados e frios rastros. Isso é o que eu dificilmente lembro-me da primeira vez que aconteceu. A mudança. Eu estava passando pelo resto dela. Eu soluçava pela dor que me afligia, agarrava meus músculos, rosnava aos ossos. E em um momento no meio da mudança, eu abriria olhos pratas e procuraria pelo alimento que eu sabia, naquele instante, pelo qual eu mataria. E naquele instante, como se ele estivesse observando, esperando, um pulso apareceu na minha frente. Meu corpo tremeu de frio, e eu ouvi um rosnado, meu rosnado, antes de eu tentar me afastar. Havia sussurros. Meu nome. Um encantamento.

— Merit. Fique quita.

O pulso novamente apareceu a minha frente. O pulso de Ethan. Eu olhei para cima, para seus próprios olhos pratas. Ele olhou para mim, um cacho dourado em sua testa, fome em seus olhos. Era oferecido. Espontaneamente. Eu olhei para baixo, encarando os pontos de vermelhidão que devagar, tão devagar, traçavam rastros pelo seu antebraço, em sua pele.

— Merit.

Eu segurei seu braço com a minha mão esquerda, sua mão na minha direita. Seus dedos curvaram ao redor do meu dedão. Apertou forte. Suas pálpebras fecharam-se. Eu levantei seu pulso, coloquei meus lábios em sua pele e senti o seu eco calafrio de prazer. Ouvi o primitivo gemido que acompanhou. Fechei meus olhos.



— Merit.

Eu bebi. O ciclo fechou-se.

Quando eu voltei a mim, eu estava encolhida como uma bola, deitada de lado no frio suave e na escuridão. Eu reconheci o aroma, eu estava na casa de Mallory, no meu antigo quarto. Expulsa de Cadogan seria minha aposta. Eu pisquei, levemente toquei em meu peito, a dor de minhas costelas diminuiu. Mas a escuridão, e os milhões de sons e aromas que o acompanhavam, subitamente estavam confinados, engasgando. Engoli um soluço, e na pesada escuridão ao meu redor, ouvi-me pedindo por luz. Um dourado brilho iluminou o quarto. Eu pisquei, ajustando a luz, e vi Ethan na poltrona em frente à cama, terno passado perfeitamente, pernas cruzadas, sua mão afastando-se da lâmpada que ficava na mesa ao lado da poltrona.

— Melhor?

Minha cabeça girou. Eu cobri minha boca. Com a voz abafada, eu o avisei:

— Eu acho que vou passar mal.

Ele levantou-se num piscar de olhos, botando uma lata de lixo prata de um dos cantos do quarto em minhas mãos. Músculos e estomago contraídos, mas nada saía. Depois de alguns minutos assim, meu estômago ficou dolorido, eu me sentei, descansando um cotovelo na borda da lixeira, que estava entre minhas pernas cruzadas. Eu arrisquei olhar para Ethan. Ele estava silenciosamente em pé na beira da cama, braços cruzados, pernas escoradas, rosto completamente branco. Depois de tirar a rala franja de meu rosto, eu tentei falar.

— Quanto tempo eu fiquei apagada?

— Está quase amanhecendo.

Eu acenei com a cabeça. Ethan mexeu no bolso interior de seu terno, pegou um lenço de mão e o ofereceu para mim. Sem olhar para ele, eu peguei, passei pelos meus olhos, sobrancelhas e deixei-o em minha mão. Quando o quarto parou de girar, eu deixei a lixeira no chão, levantei meus joelhos e os abracei, deixei minha testa cair em direção a eles. Com os olhos fechados, eu escutei a lixeira sendo removida, o ranger da poltrona e o leve som da cidade ao meu redor. Pelo visto o senso predador de audição finalmente surgiu. Eu me concentrei para “desligar” o barulho, tentei diminuí-lo para um nível que ainda me permitiria funcionar. Alguns minutos depois, quando havia



suavizado para um murmúrio, eu abri meus olhos de novo.

— Quando você piorou, nós te trouxemos para cá, para desengargo de consciência.

Claro, eu pensei. Que mais eles poderiam ter feito? Eu tinha sorte por ele não ter me reportado imediatamente para o PG, pedido para eles levarem-me e acabar comigo, como perigo a ele, a Casa e à cidade.

— O que aconteceu? — lágrimas apareceram em meus olhos com a lembrança da dor, e eu balancei minha cabeça contra isso. — Celina. Ela estava do lado de fora da Casa. Ela queria me testar — balancei minha cabeça. — Um chute, Ethan. Um só chute e eu caí. Eu entrei em pânico, não conseguia lutar contra ela.

— Ela te machucou — sua voz era suave. — De novo.

— E de novo intencionalmente. Acho que ela queria que eu a libertasse.

Silêncio, então:

— A libertasse?

Eu olhei para ele, sentado na poltrona, debruçado para frente, cotovelos em seus joelhos, linguagem corporal convidativa.

— Eu não... eu não sou normal — eu finalmente confessei e senti um peso sair de meus ombros. — Algo deu errado quando você me transformou.

Ele me encarou por um minuto sem piscar então disse:

— Explique.

Eu tomei fôlego, enxuguei uma lágrima da minha bochecha e falei para ele. Eu falei que a vampira tinha de algum modo se separado de mim, tinha uma mente e desejo próprio, e tinha muitas vezes tentado tomar posse de mim. Como muitas vezes eu lutei contra ela, tentando contê-la. E como, finalmente, a dor do único chute de Celina, as palavras cuidadosamente escolhidas por ela, à dúvida que ela botou em minha mente, levou a vampira à superfície. Após um momento de silêncio, quando ele não ofereceu resposta alguma, eu adicionei:



— Eu não sei mais o que falar — eu ouvi um som engasgado, olhei para ele com seus cotovelos nos joelhos, cabeça apoiada nas mãos, cabelo louro caído ao redor dele, seus ombros balançando. — Você está rindo?

— Não. Não rindo — ele me assegurou, então ele gargalhou ruidosamente. Confusa, eu o encarei.

— Eu não estou entendendo.

Ele expirou de uma maneira que inflou suas bochechas, então passou seus dedos pelo cabelo.

— Você me atacou. Você atacou seu Mestre, aquele que te transformou. Pode ser porque o vampiro dentro de você era forte o suficiente para existir por conta própria, mas de alguma forma não conseguiu vencer a sua humanidade. Eu nem tenho certeza de como isso é possível, tanto biologicamente falando quanto geneticamente, metafisicamente ou magicamente. — Ele olhou para mim, olhos esmeralda brilhando, e ele falou com uma voz mais baixa. — Nós sabíamos que você seria poderosa, Merit. Mas isto foi uma completa e total surpresa — ele ficou olhando a parede ao meu lado como se estivesse lembrando os acontecimentos. — Você disse que isso já aconteceu antes? Que a vampira se... separou?

Eu concordei timidamente, desejando ter contado a ele, a qualquer pessoa, sobre isso antes de hoje. Quando a luta, a dor e a humilhação poderiam ter sido evitados.

— Desde o começo — eu disse. — Quando você e eu lutamos pela primeira vez, quando a Primeira Fome ocorreu, quando eu conheci Celina, quando eu a persegui, quando eu treinei com Catcher, quando eu lutei com Peter. Mas eu nunca... a deixei se libertar.

Ele balançou a cabeça.

— Isso poderia nos informar de algo, talvez ela, a vampira, estava cansada de ficar reprimida, talvez ela quisesse espairer.

— Eu tive essa sensação.

Ele ficou em silêncio, e temerosamente perguntou. — Como foi?



Eu olhei para ele, encontrando uma expressão de pura curiosidade em seu rosto.

— Foi como... — eu bufei, peguei uma linha solta da colcha, tentando transformar em palavras, então olhei de novo para ele. — Foi como respirar pela primeira vez. Como... absorver o mundo.

Ethan me encarou por um longo tempo em silêncio, então disse suavemente:

— Entendo — ele pareceu considerar aquilo por um longo tempo. — Você disse que Celina a encurralou, talvez tentando conseguir essa reação de você. Como ela saberia?

Eu ofereci minha teoria.

— Quando eu fui ao Red, clube do Morgan, pela primeira vez, quando ela me confrontou, eu pude sentir que ela estava me testando. A mesma coisa que você fez em seu escritório depois que eu te disse sobre o confronto. Talvez ela tenha sentido algo lá? Sentido que a minha química estava diferente?

— Hmmm.

Eu me abracei.

— Acho que sucumbi ao charme dela dessa vez — ela me dominou muito facilmente, ela fez com que eu olhasse para Ethan, o culpasse pela minha dor e confusão. Por mais que eu quisesse culpar Ethan pela minha alienação em relação ao Morgan e Mallory, até eu consigo admitir que essas coisas não tivessem nada a ver com ele. Elas eram sobre mim.

— Quanto mais forte é a mente — Ethan disse. — Menos suscetível é o indivíduo. Você já bloqueou antes dela e de mim. Mas dessa vez, você estava com dor, e você teve alguns contratemplos no seu relacionamento com Mallory. Eu presumo também que seu relacionamento com Morgan não esteja... no seu apogeu.

Eu concordei.

— Glamour pode nos afetar em momentos de fraqueza. Sem querer mudar de assunto, Merit, mas quando você estava apagada, parecia que você estava experimentando uma porção da mudança de novo — ele adicionou. — Os calafrios, as



febres, a dor. — Ethan, claro, sabia como a mudança era. Ele também entendia agora algo que eu finalmente descobri. Que apesar dos três dias que eu passei fazendo a transformação de humana para vampira, não havia sido completa. E eu tinha uma hipótese do porque isso ocorreu.

— Eu não estava passando por aquilo de novo — eu disse a ele. — Esta foi a primeira vez completa, o complemento dela, em todo caso. — O seu olhar rapidamente no meu, uma pergunta nele. — Eu estava drogada na primeira vez que passei pela mudança. Depois que você me mordeu, bebeu de mim, alimentou-me, você me drogou — sua expressão vazia. Eu continuei olhando para ele. — Eu sei que a mudança em outros vampiros foi diferente da minha. Eu não me lembro das coisas que eles se lembram. Eu estava grogue quando você me mandou de volta para a casa de Mallory. Foi porque eu não havia me livrado completamente de qualquer coisa que você me deu. E o que quer que tenha acontecido hoje, eu me lembro mais do que da primeira vez.

Incluindo o fato que eu tomei o sangue dele. Que eu havia, pela primeira vez, tomado sangue direto de outra pessoa. Eu havia tomado o sangue do Ethan, agarrado seu braço como se fosse a âncora que me ligaria a Terra. Eu havia procurado seus olhos pratas enquanto eu bebia, enquanto eu chorava, enquanto tremia de inexplicável prazer, da quente sensação que ainda percorria por mim, que curou as feridas que ele afligiu em mim e apagou a consistente dor do ataque de Celina. Apagou a dor, mas não as memórias.

— Você me drogou — eu repeti, não uma pergunta. Ele respeitava a nós dois o bastante para concordar, não tanto um aceno, mais como um fechar de olhos em resposta, mas era o suficiente. E então ele me encarou por um longo e quieto momento. Dessa vez não era o Mestre da Casa quem me encarava, mas o homem, o vampiro. Não Sullivan, não Liege, só Ethan e Merit.

— Eu não queria que você sentisse Merit — sua voz era suave. — Você havia sido atacada, não havia concordado. Eu não queria que você tivesse que passar por aquilo. Eu não queria que você se lembrasse daquilo.

Eu procurei em seus olhos e vi que era verdade o suficiente, se não completamente.

— Seja o que for — eu disse calmamente. — Você tirou algo de mim. Luc me disse uma vez que a mudança, todos os três dias, era como um trote. Horrível, mas importante. Um tipo de ligação. Algo que eu poderia ter compartilhado com o resto



dos novatos. Eu não tinha isso. E isso colocou uma distância entre nós. — Suas sobranças levantaram, mas ele não negou. — Eu não sou como eles — eu continuei. — E eles sabem disso. Eu estou suficientemente separada deles, Ethan, de meus pais também, a nossa estranha relação, eles não me vêem mais da mesma maneira. — Baixei meus olhos, esfregando minhas mãos nas pernas. — Eles não me conheciam antes e certamente não depois desta noite. Não sou mais humana, mas também não sou como eles. Longe disso. E eu acho que você sabe como é.

Nós quietamente sentamos juntos, olhando para qualquer lugar menos para nós mesmos. Tempo passou, talvez minutos, antes de eu olhar para ele e ele desviar o olhar de novo, culpa em seus olhos. Culpa, eu presumi, por ter me forçado a reviver a experiência, mas também por ter impedido, por mais bem intencionado que tivesse sido, a mudança completa na primeira vez. Mesmo assim, qualquer que tenha sido o motivo, não havia nada a ser feito agora. Qualquer que tenha sido sua motivação estava feito, e nós tínhamos problemas imediatos.

— Então, o que faremos agora?

Ele olhou para cima, olhos verdes instantaneamente alargando. Surpresa talvez, que eu não persistisse com o assunto, que eu deixaria como estava. E o que eu poderia fazer? Culpá-lo por tentar amenizar a transição? Repreende-lo pelo pecado da omissão? Mais importante, me perguntar por que ele fez?

— Sobre isso, eu não tenho ideia — ele finalmente disse, sua voz no tom de Mestre vampiro, o que quer que tenha acontecido entre nós se dissolveu de novo. — Se isso realmente estava relacionado à sua incompleta mudança, e o processo está completo agora, nós lidaremos com sua força, e a avaliaremos. Enquanto a Celina seria um bônus extra em seu jogo. Começar uma guerra entre metamorfos e vampiros, conseguir lucrar no fato de que a Sentinela da Casa Cadogan é biologicamente... instável — ele balançou sua cabeça. — Você não pode dá-la muito crédito por ser organizada, por orquestrar planos. A mulher é uma mestra manipuladora, uma compositora de drama vampiresco. Ela sabe como armar o palco e então soltar o gatilho e deixar o resto de nós continuarmos o jogo a seu favor. Enquanto ela estiver por perto, até que consigamos capturá-la de novo, ela continuará fazendo isso.

Eu concordei.

— E nós não podemos capturá-la até que o PG entenda quem ela é, o que ela é.

— Merit, você deveria conformar-se com o fato de que, como Harold, o resto



deles entende quem e o que ela é. E que eles aceitam esse fato.

Eu concordei e esfreguei meus braços. Ethan suspirou e voltou para a poltrona. Ele sentou-se, cruzou uma perna em cima da outra.

— E por que, nesta hipótese particular, ela te mandou de volta para mim?

— Para te matar? Para que você e Luc me matassem?

— Se você me matasse, eu estaria fora do cenário, um Mestre fora do caminho dela. Seria conveniente para ela se eu não estivesse mais por aqui. Se você não fosse forte o bastante para opor-se a mim, ela deveria ter imaginado que qualquer punição que eu te desse, te deixaria fora do caminho dela.

Mais silêncio enquanto eu evitava perguntar o que ele realmente tinha em mente como punição. Ethan quebrou o silêncio.

— Então, Sentinela, qual a próxima pergunta?

— Identificar os aliados dela — eu finalmente disse. — Ela deve estar em algum lugar, talvez ela tenha alguma conexão financeira ou outra que tenha levado-a de volta a Chicago. Nós temos que descobrir através de quem ela está trabalhando e por que eles estão deixando realizá-lo — eu olhei para ele. — Sangue? Fama? Uma posição em um novo mundo qualquer que ela tem em mente? Ou essas pessoas sempre foram aliadas a ela?

— Você está pensando em Navarre — seu tom era suave, estranhamente gentil, e ele estava certo. Eu estava tendo pensamentos muito desconfortantes sobre o atual Mestre.

— Eu não sei.

— Talvez tenhamos que repensar sua posição.

Eu olhei para ele. — Como assim?

— Até agora, você esteve protegendo a Casa da Casa. Patrulhando o perímetro, trabalhando com os guardas da Casa, estudando o *Canon*. Nós te demos os papéis e as responsabilidades que, historicamente, uma Sentinela tem que ter. Eles são conectados com o castelo, fisicamente protegendo-o, mas também aconselhando o



Mestre, o Segundo, o Guarda Capitão, em questões relacionadas à segurança, manobras políticas — ele balançou sua cabeça. — O mundo é um lugar imensamente diferente agora. Somos governados por um grupo situado a um continente de distância, e interagimos com vampiros a uma distância de milhares de quilômetros. Nós não estamos meramente defendendo nossa própria terra, mas tentando nos estabelecer em um mundo maior. — Ele olhou para mim. — Neste projeto, nós expandimos seu papel, pelo menos socialmente, para incluir uma maior parcela da cidade. Não está claro o que vamos obter com esta estratégia. Apesar de parecer que prevenimos a crise Breckenridge, Nicholas continua sendo uma preocupação. Sua hostilidade é óbvia, e eu não acho que podemos assumir que resolvemos o problema por completo.

— Então, o que você está propondo?

— Eu acredito que precisamos de você nas ruas, em vez de protegendo o perímetro. Pode ser que nossa maior esperança de encurralar os planos insurgentes de Celina seja as táticas de base por nossa parte — ele levantou e foi até a porta. — Tenho que falar com Luc, e nós iremos montar algumas estratégias.

Disso, eu presumi, eles iriam me informar algum dia depois.

— Ethan, o que nós iremos fazer sobre... o que eu fiz?

— Você será punida, não há como evitar isso — ele respondeu rápido demais me deixando desconfortável. Meu estômago apertou.

— Eu sei — eu disse a ele. — Se vale alguma coisa, eu sinto muito.

— Parcialmente sente — ele disse. — E parcialmente está feliz que tenhamos resolvido. Talvez isso vá... clarear o ar. — Se ele quis dizer que iria clarear o ar entre nós, eu duvidava, mas mesmo assim, eu concordei.

— Eu estou fora da Casa Cadogan? — ele demorou um pouco para responder esta pergunta. Mais considerações, talvez, ou mais avaliações políticas. Mais estratégias. Ele esfregou seu pescoço enquanto pensava, mas então balançou sua cabeça, eu não sabia se estava aliviada ou não.

— Você ficará em Cadogan. Passe o dia aqui, volte amanhã à noite. Primeiramente, vá me ver. Mas nós ajustaremos seus deveres, e você treinará, mas não com Catcher dessa vez. Você precisa ser treinada por um vampiro, alguém que



entende o papel de um predador, alguém que possa te ajudar a controlar o seu... vamos chamar de instinto predatório.

— Quem?

Ele piscou.

— Eu, eu acho — foi sua resposta, e então a porta abriu e fechou, e ele havia ido. Eu encarei a porta fechada por um momento.

— Merda — foi tudo que eu pude pensar em falar.

Eu sabia quem era antes da porta se abrir, antes mesmo de ela bater, pelo “brilhoso algodão doce” de seu perfume no corredor. Ela espiou para dentro, cabelo azul fluindo no vão entre a porta e o batente.

— Sua cabeça ainda esta rodando?

— Você ainda está tentando jogar merdas flamejantes azuis em mim?

Ela piscou e abriu a porta, e entrou no quarto, abraçando seus braços. Ela estava vestindo pijamas, uma camisa super curta e uma calça de algodão enorme, unhas pintadas com esmalte branco.

— Desculpe. Estava voltando de Schaumburg. Eu estava realmente indo para Cadogan, quando o Luc me ligou, dizendo que estava no caminho errado.

— Por que você estava indo para Cadogan?

Mallory recostou-se contra o batente da porta. Houve um tempo, alguns dias atrás, em que ela deitaria na cama ao meu lado. Não estávamos mais lá, havíamos perdido aquele fácil senso de conforto.

— Catcher ia se encontrar comigo lá, e íamos falar com Ethan. Catcher tinha algumas... preocupações — não era difícil perceber a hesitação em sua voz.

— Sobre mim. Ele tinha preocupações sobre mim.

Ela levantou uma mão.



— Nós estávamos preocupados com você. Catcher pensou que você estava se segurando durante seus treinos, pensou que havia algo te preocupando — ela soltou a respiração, passou uma mão pelo seu cabelo. — Nós não tínhamos ideia que você era um tipo de super vampira.

— Falando à mulher que consegue atirar bolas de fogo pelas palmas das mãos.

Ela levantou seus olhos, olhou para mim. Eu vi algo lá, dor ou preocupação, mas estava junto como sua própria relutância de ser cãndida comigo. Aquilo fez meu estômago se contorcer desconfortavelmente.

— Isso também não é fácil para mim — ela disse. Eu concordei, deixei meu olhar cair, deixei meu queixo cair no travesseiro que estava no meu colo.

— Eu sei. E eu sei que eu estava me afastando. Desculpe-me.

— Você se afastou — ela concordou, e empurrou a porta. A cama afundou quando ela sentou ao meu lado, sentando-se numa posição com as pernas cruzadas. — E eu te forcei sobre a situação do Morgan. É só que...

— Mallory.

— Não, Merit — ela disse. — Droga, só me deixe terminar isso de uma vez. Eu quero que você tenha coisas boas. E eu pensei que Morgan era uma dessas coisas. Se ele não é, então que seja. Eu só...

— Você acha que eu estou apaixonada pelo Ethan.

— Você está? — uma pergunta justa.

— Eu... não. Não como você pensa. Não como você e Catcher. É estúpido, eu sei. Eu tenho essa coisa, essa ideia. Essa merda de ideal Mr. Darcy⁴², sobre aquele que muda de ideia. Que volta para mim, e numa noite eu olharei e ele estará em frente a mim. E ele me encarará e dirá “Era você. Sempre foi você”.

Ela pausou, então disse tão quietamente, tão gentilmente.

⁴² Protagonista masculino do romance *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen; http://en.wikipedia.org/wiki/Mr._Darcy



— Talvez o tipo de cara que merece seu tempo seja o tipo que esteve desde o princípio. Que te quer desde o começo.

— Eu sei. Quer dizer, intelectualmente, eu entendo. É só que... — admita, eu pensei para mim mesma. Admita e despeje para fora, pelo menos desse jeito não ficará rodando dentro da sua cabeça. — Eu não concordo com ele na maioria das vezes, e ele me deixa louca, mas eu o entendo. Eu sei que o deixo louco também, mas eu sinto que ele... como se ele me entendesse também. Que aprecia algo em mim. Eu sou diferente, Mallory. Eu não sou como o resto deles. E eu não sou mais como você.

Eu olhei para ela, e vi tanto tristeza como aceitação em seus olhos. Eu pensei sobre o que Lindsey disse, e repeti suas palavras.

— Ethan também não é como o resto deles. Por toda a estratégia, a conversa de alianças, ele se contém deles.

— Ele se contém com você também — nem sempre, eu pensei, e essa é a recompensa que me faz voltar. — E você está se contendo de mim, de Morgan.

— Eu sei — eu disse de novo. — Olha, sobre Morgan, têm outras considerações. O que você sabe não é a história inteira. — O que eu sabia também não era a história inteira, mas eu não tinha certeza se estava pronta para falar o resto dela, de contar para Mallory sobre a prolongada relação entre o atual Mestre e o anterior de Navarre. — Isso não importa. Está feito, de qualquer jeito.

— Feito?

— Mais cedo. Antes de ela ter me encontrado. Nós terminamos isso — não que isso importasse de verdade. Ele não confiava em mim, nunca confiou. Talvez sua própria insegurança, talvez os rumores que pareciam me rodear, talvez o senso de que eu nunca fui realmente dele. Mallory interrompeu meus devaneios e estava, como sempre, na mosca.

— Não há nada que nós queremos tanto quanto aquilo que não podemos ter — eu concordei, apesar de não ter certeza se ela estava falando de mim ou de Morgan.

— Eu sei.

O quarto ficou silencioso por um minuto.



— Você parecia morta — ela disse. Eu olhei para ela, vi lágrimas brilhando em seus cílios. E mesmo assim eu não consegui ultrapassar a barreira que havia entre nós. — Eu pensei que havia te matado — ela fungou, distraidamente limpou uma lágrima. — Catcher teve que me segurar. Os vampiros surtaram, eu acho que eles queriam nos matar. Ethan checou seu pulso, disse que estava viva, e ele estava todo ensanguentado. Sangue por todos os lados. Você também, cortes e arranhados em seus braços, suas bochechas. Vocês se bateram muito. Catcher te pegou, e alguém trouxe uma camisa para Ethan e todos entraram no carro. Eu trouxe sua espada — ela apontou para um canto onde estava apoiada em seu punho contra a parede do quarto. Estava na bainha, limpa, provavelmente por Catcher, que teve extremo cuidado com a ensanguentada lâmina. — Ele te carregou para cá.

— Catcher?

Mallory balançou a cabeça.

— Ethan. Ele veio com a gente no carro. Eles, os vampiros, seus vampiros, o seguiram em outro carro.

Meus vampiros. Eu me transformei em algo diferente para ela. Um tipo de coisa diferente.

— Catcher disse que você precisava dormir, que você se curaria de tudo — eu olhei para meus braços, que estavam pálidos e de volta ao normal. Eu havia me curado como ele previu. — Então Ethan te carregou aqui para cima e Catcher tomou conta de mim, eu acho, e Lindsey e Luc, todos esperaram lá embaixo. — Ela olhou para mim. — Você esteve inconsciente todo esse tempo?

Eu olhei de volta para ela, minha melhor amiga, e eu não disse o que havia feito. Que eu havia passado por alguma parte da mudança de novo, e que na bruma disso tudo, a sede por sangue, eu bebi o sangue de outra pessoa. Do Ethan, seu sangue. E foi como uma celebração. Eu não conseguia nem começar a lidar com isso, a processar isso.

— Eu estava apagada — eu disse a ela. Mallory olhou para mim, mas balançou a cabeça em concordância, talvez não acreditando, mas não argumentou. Ela suspirou e debruçou-se, abraçando-me.

— Há uma razão para a chamarem de desesperadamente romântica.



— E não racionalmente romântica?

— Bem definidos pensamentos românticos.

Eu dei uma meia risada e limpei minhas próprias lágrimas. — Isso não faz o menor sentido.

— Não zombe de mim — ela me apertou, e me largou.

— Você jogou uma bola de fogo em mim. Derrubando-me — me fez beber dele, eu pensei, mas não falei em voz alta, não estando preparada para análise freudiana que sucederia a confissão. — Eu tenho o direito de zombar um pouco.

— Não é fogo. É um jeito de transmitir magia. Um tipo de condutor — Mallory suspirou e levantou-se. Eu não tinha notado quão cansada ela parecia. Círculos escuros cercavam seus olhos inchados pelas lágrimas. — Por mais que eu queira continuar esta conversa, o que honestamente não é verdade, o sol está quase nascendo. Nós duas precisamos dormir. — Ela levantou-se, foi até a porta, mão na maçaneta, ficando lá por um momento. — Nós iremos mudar. Isso irá mudar nós duas. Não há garantia que sairemos dessa ainda gostando uma da outra.

Meu estômago se contorceu, mas eu concordei.

— Eu sei.

— Nós faremos o melhor que pudermos.

— É.

— Boa noite, Merit — ela disse, e apagou as luzes, fechando a porta enquanto saía. Eu me deitei, uma mão sob minha cabeça, outra no meu estômago, olhando o teto. Eu não estava particularmente tendo uma boa noite.



Capítulo 25

O rei e eu.

A próxima noite chegou quente e clara. A casa estava quieta quando eu apareci nas escadas, com o bipe e espada nas mãos. Eu havia pegado uma garrafa de suco da geladeira da Mallory, evitando o último pacote de sangue, o tanto que eu bebi ontem à noite ou havia me satisfeito completamente ou estragado meu apetite completamente. Não que tenha sido horrível. Porque não foi horrível. E este era o pensamento que passava de novo e de novo na minha cabeça enquanto eu dirigia em direção ao sul novamente – como tão não horrível tinha sido.

Meu bipe disparou bem na hora que eu parei em frente a Casa. Eu o desprendi, e encontrei a mensagem REUNIÃO NA CASA. PRESENÇA OBRIGATÓRIA. A TODOS! aparecendo no visor. Charmoso. A Casa inteira estava sendo chamada para discutir a minha punição, eu imaginei, dado que a reunião seria feita no salão da Casa, ao invés de outro lugar, não sei, mais íntimo? Como o escritório do Ethan? Com somente eu de participante?

Resmungando, eu estacionei e fechei o carro, pensando que eu não estava vestida exatamente para uma humilhação pública nos meus jeans velhos e camiseta justa preta. Meu uniforme de Cadogan tinha sido esfarrapado, eu usei a melhor roupa que ainda estava na casa da Mallory. Eu tive que parar do lado de fora do portão, sem estar muito preparada para o ataque em massa.

— Que show.

Eu olhei para cima, e encontrei os guardas RDI olhando para mim curiosamente. — Perdão?

— Ontem à noite — o da esquerda disse. — Você causou um pouco de alvoroço.



— Sem intenção — eu secamente disse, mudando meu olhar de volta para a Casa.

Normalmente eu estaria emocionada de conseguir tirar uma conversa dos normalmente silenciosos guardas, mas não sobre este assunto.

— Boa sorte — disse o da direita.

Eu ofereci um sorriso de agradecimento mais sincero que eu pude, dei um suspiro, e fui para a porta. Eu podia ouvir os sons da reunião enquanto eu subia as escadas para o salão do segundo andar. O primeiro andar estava silencioso, mas o eco do ambiente vampírico — conversas, tosses, movimentações — fluíam do salão. As portas foram abertas quando eu as alcancei, uma multidão de vampiros dentro.

Havia noventa e oito que viviam na Casa, eu acredito que pelo menos trinta e dois do grupo estavam aqui. Ethan, mais uma vez no seu paletó negro, estava parado sozinho no curto degrau na frente do salão. Nossos olhares se encontraram e ele ergueu uma mão, silenciando os vampiros. Cabeças se viraram, olhos em mim. Eu engoli, apertei a espada que eu ainda segurava na mão, e entrei no salão. Eu não aguentava olhar para eles, ver se seus olhares eram acusatórios, insultados, temerosos, então eu mantive meus olhos no Ethan, a multidão se partindo ao meu redor enquanto eu andava pelo salão. Eu não negava que, como Mestre, ele precisava lidar comigo. Os vampiros restantes se separaram e eu achei olhos consoladores em Lindsey, que me ofereceu um sorriso de compaixão antes de se virar para olhar o Ethan.

Eu andei para o degrau, ficando de frente para ele, e olhei para cima. Ele olhou de volta para mim por um momento, expressão cuidadosamente em branco, antes de levantar seu olhar para o grupo. Ele sorriu para eles e então se moveu para o lado como se para não bloquear a vista.

— Nós não acabamos de fazer isto? — ele perguntou com um sorriso. Os vampiros sorriram em reconhecimento. Minhas bochechas arderam com o calor. — Eu debati — ele disse a eles. — Em se eu deveria oferecer uma dissertação minuciosa sobre o porquê dos eventos ocorridos na noite passada. Os precursores biológicos e psicológicos. O fato de a Merit me defender de um ataque de um dos nossos. E falando nisso, eu sinto informar-lhes que o Peter não é mais um membro da Casa Cadogan.

Vampiros engasgaram, sussurros passando pela multidão. — Mas o mais



importante — ele disse. — O ataque feito pela Celina Desaulniers que diretamente culminou o incidente aqui. Eu começarei minhas conclusões aconselhando-os que vocês estejam conscientes dos seus ambientes. Enquanto é possível que a Celina tenha escolhido um alvo específico, ela pode querer vingança contra os vampiros Cadogan, os vampiros de Chicago, vampiros que pertencem às Casas em geral. Se você estiver longe da nossa área, tenha cuidado. E se vocês ouvirem qualquer coisa que diz respeito às atividades dela ou seus movimentos, entrem em contato comigo, Malik ou Luc imediatamente. Eu não estou pedindo para que sejam espiões. Eu estou pedindo para que sejam cuidadosos e não desperdiçarem a imortalidade com a qual vocês foram abençoados.

Um ressoar de divergentes “Liege” ecoaram pelo salão.

— E agora para o assunto principal — ele disse, o olhar caindo em mim. Eu tive que me esforçar para manter o choque fora do meu rosto, disto ser tratado em frente a um salão cheio de vampiros que viram o que eu fiz. — Vocês decidirão sozinhos. Ela é a irmã mais nova de vocês e vocês devem chegar as suas próprias conclusões, assim como vocês fariam por qualquer outro membro da Casa. Dito isso, é difícil tomar uma decisão quando vocês raramente têm oportunidade de vê-la. — Tudo bem, eu gostei dessa primeira parte, mas eu não estava empolgada sobre onde isso tudo estava indo. — Foi trazido a minha atenção que seria benéfico fazer uma festa de socialização, para permitir que vocês se conheçam socialmente, para se conhecerem fora dos laços de trabalho e dever.

Lindsey, eu pensei. A traidora. Eu rangi os dentes e dei uma olhada atrás de mim para onde ela estava sorrindo. Ela me deu um aceno com os dedos. Eu fiz uma nota mental de socar ela assim que eu tivesse a oportunidade.

— Para que — Ethan disse, atraindo minha atenção novamente. — A Merit possa apreciar melhor os vampiros que ela jurou proteger, para que ela possa conhecer todos vocês como irmãos e vocês a ela, eu decidi nomeá-la... a encarregada dos eventos sociais da Casa Cadogan. — Eu fechei meus olhos. Era uma punição ridiculamente leve, eu sabia. Mas era também completamente humilhante.

— Claro, que a Helen e a Merit podem trabalhar juntas para planejar as festas que serão agradáveis para todos nós.

Agora isto era cruel. E ele sabia disso também, se o traço de sarcasmo na sua voz era um indicativo disso. Eu abri meus olhos novamente. — Liege — eu disse, acenando a cabeça com a Grande Condescendência.



Ethan levantou uma sobrancelha duvidosamente, cruzou os braços enquanto ele observava a multidão novamente. — Eu sou o primeiro a admitir que isto não seja a mais... satisfatória punição — os vampiros riram. — E eu não estou apto, nesse momento, de revelar detalhes que acredito que mudariam suas opiniões, e vocês chegariam às mesmas conclusões que eu. Mas são poucos que eu confiaria com o dever de servir a Casa como Sentinela. E ela é a única que eu apontaria para essa tarefa. Ela permanecerá nessa posição, e ela permanecerá aqui na Casa Cadogan.

Ele sorriu novamente, e desta vez ele deu aquele charmoso olhar de menino malvado que provavelmente incitava adoração entre os seguidores do sexo feminino.

— E ela fará o possível para garantir que, como eles dizem, não haja festa igual a uma festa de Cadogan.

Eu não pude evitar o bufar de descrença que escapou de mim, mas todos, enamorados como estavam do seu Mestre, gritaram em concordância. Quando os aplausos mais altos se aquietaram, ele anunciou que eles estavam dispensados e depois de um “Liege” em unísono e educado, eles saíram do salão.

— A Constituição proíbe punições cruéis e inusitadas — eu disse a ele, quando ele desceu do pódio.

— O quê? — ele inocentemente perguntou. — Tirar você daquela biblioteca? Eu acho que já estava na hora, Sentinela.

— Agora que eu sou uma vampira de verdade?

— Algo assim — ele distraidamente disse, franzindo as sobrancelhas enquanto puxava o celular do bolso. Ele o abriu e olhou qualquer que fosse a mensagem que estivesse escrita na tela, sua expressão em branco.

— Vamos — foi tudo o que ele disse. Eu obedientemente o segui.

Uma Lindsey perdida no meio da multidão dos vampiros piscou para mim enquanto eu passava.

— Você disse que queria uma festa — ela sussurrou. — E eu te disse que ele te queria.



— Ah, você vai ver o que está te esperando, loirinha — eu avisei, dedo indicador apontado em sua direção e segui Ethan para fora do salão.

Ele não falou, mas abriu caminho pelos vampiros nas escadas do primeiro andar e então para a porta da frente. Curiosa, de katana em mãos, eu o segui para fora no pórtico. Uma limusine estava estacionada em frente ao portão.

— Quem é? — eu perguntei, ficando atrás dele.

— Gabriel — ele disse.

— Gabriel Keene — Chefe do Bando Central Norte Americano. Jeff uma vez se referiu a ele como sendo o Alfa dos alfas.

Quando a porta da limusine abriu e ele colocou as botas na calçada, eu entendi o porquê. Gabriel era alto, de ombros largos, intensamente masculino. Com cabelo grosso castanho claro em camadas que chegavam aos ombros. A sua confiança era óbvia no porte dos seus ombros, no jeito de andar. Ele usava jeans simples e botas de motoqueiro e mesmo na noite quente e úmida da primavera, uma jaqueta de couro fechada. Ele era lindo, de uma maneira quase feroz, olhos âmbar brilhantes, quase poderosos o bastante para hipnotizar. Esse era um homem que já tinha provado tudo o que tinha pra provar e agora estava interessado em agir, em guiar o seu povo, proteger o seu povo.

— Há mais de três mil metamorfos na Central Norte Americana — Ethan sussurrou, olhos no homem, no metamorfo, ante nós. — E ele é o ápice, o alfa, entre eles. Os bandos americanos são autônomos, e então ele é, para todas as razões e circunstâncias, o seu rei. Ele é o equivalente político do Darius. — Eu acenei, e mantive meu olhar em Gabriel.

Outra pessoa emergiu da limusine, uma morena adorável, ela era verdadeiramente e simplesmente adorável. Eu imaginei ser Tonya, a esposa do Gabriel. O movimento de sua mão — ele virou para trás e a alcançou, deixando-a no topo da mão dela, entrelaçando os dedos na barriga aumentada dela, como se estivesse ninando seu filho — confirmava isso.

— Sullivan — Gabriel disse, quando eles caminharam pela calçada, e pararam de frente a nós.

Ethan acenou. — Keene. Esta é Merit. Ela é a Sentinela.

Um sorriso levantou um canto da boca do Gabriel. — Eu sei quem ela é.

Como se apresentando suas vulnerabilidades para minha inspeção, ele se articulou de modo que a Tonya ficasse ao lado dele, não atrás dele. Simbólico, eu pensei, e muito diferente dos vampiros, esta elevação da família. — Esta é Tonya — com os dedos ainda entrelaçados, ele roçou os dedos sobre a barriga dela. — E Connor.

Eu sorri para ela. — É um prazer conhecê-la.

Sua voz era suave e doce, um leve sotaque do sul transparecendo. — Um prazer conhecer você também Merit.

Quando eu olhei de volta para o Gabriel, ele estava me encarando com olhos que eu podia jurar que mudavam de azul para verde, a totalidade da terra e sua existência contida ali. Assim como o do Nick. Eu olhei para eles, no refluxo e fluxo deles, e eu de repente entendi as diferenças entre nós.

Vampiros eram criaturas da noite, do frio, da arquitetura gótica, das ruas vazias e escuras. Os metamorfos eram criaturas da terra, da luz do sol, das savanas chamuscadas pelo sol e grama na altura do joelho. Nós voávamos, eles corriam. Eu não podia, eu era incapaz, de discutir com este tipo de conhecimento.

— Senhor — eu disse, minha voz quase um sussurro, meu olhar ainda nos olhos dele. Ele riu, com gosto, e eu pisquei, o feitiço quebrado. Mas ele aparentemente não havia terminado comigo. Ele se abaixou e sussurrou.

— Não é necessário as formalidades, gatinha. Nós somos praticamente família, você e eu, apesar de todo o drama.

Ele foi para trás de novo, as sobrancelhas juntas e olhou para os meus olhos. Eu tive a sensação que ele estava olhando através de mim, por mim, para algum futuro que não pude discernir. O ar formigou magia fluindo por nós.

— Nós os perdemos sempre, não é? — eu não tinha ideia do que a mensagem oculta era, ou como responder, então eu fiquei quieta, o deixei olhar através de mim. De repente, o ar ficou mais leve e ele se endireitou novamente. — Foda-se. O que nós podemos fazer a não ser fazer, certo? — Gabriel virou para Tonya, apertou sua mão, a questão aparentemente retórica. Quando ele se virou novamente, ele olhou para o



Ethan.

— Nós voltaremos. O Bando está se reunindo e nós planejamos nos encontrar em Chicago. Eu tenho certeza que você já ouviu os rumores, mas por respeito a você e sua gente eu queria adiantar para vocês. Eu entendo também que houve um pouco de drama ultimamente e eu sinto muito por isso.

Ele aguardou até que Ethan acenou cuidadosamente antes de continuar. — E eu gostaria de falar contigo sobre uns preparativos para a nossa conferência, se você tiver tempo — ele virou seu olhar para mim. — Preparativos relacionados à segurança.

Eu praticamente podia ouvir as rodas girando dentro da cabeça do Ethan enquanto ele considerava o quão útil eu poderia ser. — Claro — ele respondeu.

Gabriel acenou, saudando o Ethan, e então olhou para mim novamente. Eu podia ver a avaliação no seu olhar, mas sobre o que eu não sabia. — Eu entrarei em contato — ele disse e então virou. Sua mão no final das costas da Tonya, e então andaram para o carro. Eles entraram, a porta da limusine se fechou novamente e eles se foram.

— O que ele disse?

Eu olhei para o Ethan. Ele olhou para mim, a cabeça pendida para o lado, em óbvia curiosidade. Infelizmente, mesmo se eu quisesse tagarelar para o vampirinho intrometido, os comentários do Gabriel foram muito obtusos, então eu não pude por ele a par das coisas.

— Algo sobre sermos uma família, eu e ele.

Ethan arqueou uma sobrancelha. — Família? Querendo dizer o quê?

Eu dei de ombros. — Eu somente reporto os fatos.

Nós ficamos parados lá em silêncio por um momento, a estrutura da Casa atrás de nós, uma escura noite de verão ante nós. O quer que seja que ele tenha pensado, ele não dividiu. Eu ponderei sobre o comentário do Gabriel, sobre a inevitabilidade da perda. Eu sabia que estava vindo, sabia que esperava por mim, que o demônio de olhos verdes parado ao meu lado provavelmente estava envolvido nisso. Mas, não tendo nada que eu pudesse fazer a respeito disso hoje, eu me desprendi do sentimento e virei para a porta, deixando-o lá atrás de mim.



Uns minutos depois, no meu quarto, eu encontrei algo no piso de madeira. Outro envelope carmesim, o mesmo envelope pesado, idêntico ao outro. Eu o peguei e o abri, e como na primeira vez, tirei um cartão da cor marfim. A frente portava a mesma frase do primeiro cartão:

VOCÊ ESTÁ CONVIDADA.

Mas desta vez, quando eu virei o cartão, havia detalhes sobre a festa:

FONTE BUCKINGHAM. MEIA NOITE

Eu encarei o cartão na minha mão por um minuto, antes de enfiá-lo de volta no envelope e olhar o meu relógio. Era onze e quarenta. Eu peguei minha espada e fui para a porta. Eu resolvi um mistério. Não custava nada ver em quais outros problemas eu poderia me meter.

Fim



Créditos

Tradução:

Beatriz

Kelli

Hay

Michelle

Serena

Helena

Lana

Revisão:

Natalia

Revisão Final:

Thábata

Formatação:

Hay





*A comunidade Traduções After Dark tem por objetivo
a tradução de livros ainda não lançados no Brasil.
Sem fins lucrativos é feita de fãs para fãs !!!
A distribuição desse livro é permitida somente com os devidos créditos!!!*

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>

Blogs:

<http://traducoesafterdark.blogspot.com/>

<http://depoisdoanoitecer.blogspot.com/>

Skoob:

<http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/155912>

"All Creatures of the night get together After Dark"

